

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP

Leandro Ortunes

Religião e Política: O Neofundamentalismo no Brasil

Doutorado em Ciências Sociais

**São Paulo
2019**

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP

Leandro Ortunes

Religião e Política: O Neofundamentalismo no Brasil

Doutorado em Ciências Sociais

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais, sob a orientação da Profa. Dra. Vera Lucia Michalany Chaia.

**São Paulo
2019**

Banca examinadora

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). Código do financiamento 001. Processo nº 88887.152225/2017-00 do Programa PROSUC e processo nº 88881.131935/2016-01 do Programa PDSE.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, convém destacar que este trabalho foi escrito por várias mãos e, sem elas, não seria possível concluí-lo. Amigos presentes em debates, publicações, pesquisas, entrevistas e com diversas sugestões foram fundamentais para que se concretizasse esse projeto. Projeto que, por um instante, pensei que não concluiria após uma rasteira da vida que me deixou afastado por quase um ano. Como nem tudo na vida são flores, aprendi muito com essa fase, levantei-me do chão, sacodi a poeira e dei a volta por cima.

Primeiramente, agradeço minha orientadora Vera Chaia, que proporcionou grande autonomia nas diretrizes da pesquisa e, ao mesmo tempo, sempre esteve presente e pronta para ajudar. Por isso, agradeço imensamente a confiança e o apoio durante toda a minha trajetória no *stricto sensu*, afinal, já são oito anos de caminhada juntos, desde o mestrado, e a cada conversa um aprendizado novo. Obrigado por me incentivar na pesquisa e na candidatura para o período sanduíche na Espanha, que se concretizou de maneira inesperada e certamente mudou minha vida.

Verinha (como te chamamos), sem a existência de um grupo de WhatsApp chamado “Os Chainhas”, e as pessoas que o compõe, este trabalho não teria a mesma essência. Digo isso às minhas parceiras Tathiana Chicarino e Silvana Martinho Gobbi. Foram muitos artigos publicados e congressos que participamos, por isso, agradeço por terem entrado na minha vida, por meio da querida Verinha, e contribuído com todo o conhecimento que vocês têm na área da ciência política. Sou fã de vocês duas e espero que esta parceria continue, pois esse grupo faz parte do meu ápice produtivo no mundo acadêmico.

Agradeço ao meu amigo Beto Ramos, parceiro de longa data, um querido, que sugeriu o título do último capítulo, que esteve comigo em uma pesquisa de campo e que sempre compartilhou suas ideias incríveis e mirabolantes sobre a política, o mundo e os céus. Minha querida Cássia Vanessa Batalha e seu marido Marlos Mateus, vocês são um presente que a Espanha me deu. Embora possa esquecer o conteúdo intelectual que lá aprendi, de vocês e dos nossos papos e aventuras em terras espanholas, jamais esquecerei. Cá, sua participação na elaboração desta pesquisa foi fundamental. Seus comentários, críticas e sugestões foram de um brio o qual não consigo estimar, por isso, só tenho a palavra obrigado para te dizer. Minha amiga Juliana Fragas, você foi fundamental no

momento em que faltavam palavras para escrever aquilo que estava em minha mente. Jamais vou esquecer da nossa maratona de horas juntos na tentativa de finalizar esse trabalho. Nosso papo e suas provocações fizeram o desenvolvimento do texto fluir mais suave e rápido em um momento de quase desespero e de vazio de palavras. Minha amiga Luciana Frateschi Freddi responsável pelo refino desta obra.

Agradeço também as pessoas que contribuíram para minha vida intelectual, sendo algumas delas membros da minha banca de qualificação, como o professor Miguel Chaia e a professora Bruna Dantas. Miguel, sua sugestão de organização do trabalho foi fundamental para melhor recortar a pesquisa. Bruna, o subcapítulo com o título *Da Mensagem da Cruz ao Plano de Poder* é literalmente uma ideia sua e, por isso, nada mais justo do que o dedicar a você. Professora Magali Cunha, que parceria maravilhosa fizemos! Obrigado por apostar em mim e envolver-me nas atividades do MIRE, nos congressos e de promover oportunidades únicas em debates de grande importância. Aos meus alunos, que não consigo aqui apontar todos os nomes, mas quase uma centena de pessoas envolvidas nos três anos de pesquisa pelas ruas de São Paulo e, além disso, minha querida Patrícia Garcia que também esteve presente na pesquisa e nos encontros do MIRE. Que privilégio tê-los ao meu lado nesta jornada. Minha querida diretora acadêmica Samira Fortunato que me acolheu no retorno do período sanduíche e sempre foi compreensiva nos meus períodos de ausência em função do desenvolvimento desta tese.

Por fim, dedico este trabalho aos meus familiares. Primeiramente minha querida esposa Michele, parceira que não tosqueneja, sempre firme ao meu lado, mesmo nas horas mais difíceis que passamos. Se existe algo divino nesta terra, o seu amor por mim certamente faz parte disso. Minha mãe Rute, que me cobrava o fim do doutorado, mesmo sem entender ao certo o que é isso, meu pai e meu irmão que também compreenderam meus momentos de ausência devido à dedicação a este trabalho.

A todos vocês meu muito obrigado!

RESUMO

Nos últimos anos é nítido o aumento da participação de evangélicos na política brasileira, fato que deve ser compreendido como um processo natural e desejável em uma democracia. Contudo, essa adesão de religiosos à política institucional é marcada por uma posição reacionária que, por muitas vezes, choca-se com o princípio de laicidade do Estado brasileiro. Diferente do fundamentalismo clássico vivenciado por alguns protestantes no século XIX, que se fechava em si diante das transformações sociais e do pluralismo de ideias, o processo de desprivatização da religião descrito por José Casanova ou de retorno ao sagrado apresentado por Peter Berger favoreceu o desenvolvimento do neofundamentalismo, que busca por meio das instituições políticas lançar suas pautas em defesa dos valores tradicionais e judaico-cristãos, além de combater ações do governo que se chocam com a fé cristã. Este fenômeno, já apresentado por Ivo Pedro Oro e Magali Cunha, destaca-se durante os governos petistas, principalmente durante o mandato do governo Dilma Rousseff. Portanto, pesquisar sobre a relação entre religião e política no Brasil dos últimos anos é fundamental para compreender as novas formas de atuação política e os possíveis novos conflitos que possam surgir. Esse estudo, além do marco teórico sobre conservadorismo, fundamentalismo e seus desdobramentos considerados *neos* apresenta, também, dados sobre as ações da Frente Parlamentar Evangélica no Congresso entre os anos de 2015 e 2018, bem como os posicionamentos dos líderes evangélicos na mídia em defesa das pautas conservadoras. Além disso, contém os resultados de uma pesquisa desenvolvida por três anos consecutivos, 2016, 2017 e 2018, nas ruas de São Paulo, com o objetivo de mensurar se as ideias neofundamentalistas são assimiladas por parte dos fiéis e verificar o índice de representatividade das lideranças estudadas.

Palavras-chave: Bancada Evangélica; Religião e Política; Neofundamentalismo; Neoconservadorismo; Projetos de lei; Religião e Mídia.

ABSTRACT

In recent years, there has been an increase in the participation of evangelicals in Brazilian politics. A fact that must be understood as native and desirable in a democracy. However, this adherence of religious to institutional politics is marked by a reactionary position and that, many times, clashes with the principle of secularism of the Brazilian State. Unlike the classical fundamentalism experienced by some Protestants in the Nineteenth Century, which closed itself in the face of social transformations and pluralism of ideas, the process of deprivatization of the religion described by José Casanova or return to the sacred presented by Peter Berger favored the development of neo-fundamentalism, which seeks through political institutions to set their standards in defense of traditional and Judeo-Christian values, as well as to combat government actions that clash with the Christian faith. This phenomenon already presented by Ivo Pedro Oro and Magali Cunha, stands out during the PT governments, especially during the presidential term of the Dilma Rousseff administration. Therefore, research on the relationship between religion and politics in Brazil experienced in recent years is fundamental to understand the new forms of political action and possible new conflicts that may arise. This study, in addition to the theoretical framework on conservatism, fundamentalism and its developments as "neos", also presents data on the actions of the Evangelical Parliamentary Front in the congress, between the years of 2015 and 2018, as well as the positions of the evangelical leaders in the media in defense of conservative guidelines. In addition, it contains the results of a survey carried out for three consecutive years, 2016, 2017, and 2018, in the streets of São Paulo, in order to quantify if the neoconservative ideals are assimilated by the believers and verify the representativeness index of the leaderships studied.

Keywords: Evangelical Politicians; Religion and Politics; Neo-fundamentalism; Neo-conservatism; Projects of law; Religion and Media.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1) PENSAMENTO (NEO)CONSERVADOR E (NEO)FUNDAMENTALISTA	18
1.1) CONSERVADORISMO E FUNDAMENTALISMO	18
1.2) O NEOCONSERVADORISMO	27
1.3) O MOVIMENTO NEOCONSERVADOR NO BRASIL	38
1.4) O RETORNO DO NEOCONSERVADORISMO NO BRASIL: DEUS, GAYS E ARMAS.....	50
2) RELIGIÃO NO BRASIL: CENÁRIOS E TRANSFORMAÇÕES	61
2.2) RELIGIÃO E ELEIÇÕES: O NEOFUNDAMENTALISMO NO BRASIL	83
2.3 ASPECTOS ESCATOLÓGICOS DO NEOFUNDAMENTALISMO E REPRESENTAÇÕES NA MÍDIA	95
3) EVANGÉLICOS E A POLÍTICA: FELIZ A NAÇÃO CUJO DEUS É O SENHOR.	110
3.1) MANIFESTAÇÕES DE 2015.....	124
3.2) RELIGIÃO E IMPEACHMENT: ENTRE A PROTEÇÃO E A MISERICÓRDIA DE DEUS.....	139
3.3) ATIVIDADE PARLAMENTAR DA FPE.....	159
3.3.1) PERFIS EM DESTAQUE.....	160
3.3.2) LEIS EM DESTAQUE	166
3.3.2.1) EM DEFESA DO HOMEM.....	166
3.3.2.2) LEI DO BANHEIRO	166
3.3.2.3) EM DEFESA DA IGREJA	167
3.4) O DISCURSO E A JUSTIFICATIVA	170
4) A PRESENÇA DO NEOFUNDAMENTALISMO NA MÍDIA	174
4.1) NEOFUNDAMENTALISMO COMO INFLUENCIADORES DIGITAIS.....	185
4.2) O DISCURSO RELIGIOSO	189
4.2.1) PASTOR SILAS MALAFAIA	189
4.2.2) PASTOR/DEPUTADO MARCO FELICIANO.....	193
5) EVANGÉLICOS EM MARCHA: RETRATOS DE UMA REALIDADE PLURAL E FRAGMENTADA.....	200
5.1) PESQUISA DE CAMPO NA MARCHA PARA JESUS	202
CONSIDERAÇÕES FINAIS	218
REFERÊNCIAS.....	221

INTRODUÇÃO

Em tempos de pluralidade de pensamento e de forte interação entre as culturas, o estranhamento entre grupos sociais é inevitável. Novas formas de vida e valores contrastam com a antiga forma de viver em sociedade. Neste sentido, percebemos que movimentos conservadores tendem a ressurgir em tais momentos, buscando retomar e defender seus valores nas questões religiosas, políticas e sociais. Não raramente, o homem questiona o homem e o seu papel no mundo. Esses pensamentos aumentam quando atravessamos períodos, como os de hoje, em que há uma polarização tão grande e evidente. No mundo dos extremos, radicalismos adquirem relevo. Entretanto, não há nada novo no reino da Dinamarca. Há, sim, um movimento cíclico – o desejo pelo eterno retorno –, vivenciado pela humanidade por meio de acontecimentos sociais, políticos, comportamentais, dentre outros. Talvez, o homem esteja fadado a repetir a história, a voltar ao ponto de partida – a viver civilizadamente primitivo. No âmbito da política, devemos destacar que partidos conservadores não são grupos estáticos e muito menos destinados ao fracasso eleitoral (MAINWARING *et al.*, 1962), mas estão presentes em nossa história de forma latente ou efervescente.

Este estudo intitulado *Religião e política: o neofundamentalismo no Brasil* procura mostrar como movimentos ditos/tidos como progressistas apropriam-se da pauta política, conquistam os direitos das minorias e provocam estresse no conservadorismo, que é latente, forçando-os a reagir. Quando se tem um avanço das pautas progressistas, o conservador aparece, fazendo a crítica e a contraposição. Do mesmo modo, percebemos que a religião, diante destes acontecimentos, desenvolveu uma forma de atuação reacionária compatível com o movimento conservador, porém distante das antigas formas de fundamentalismo.

No caso do Brasil, por vários períodos de nossa história o conservadorismo manifestou-se, contudo, nos últimos anos, principalmente com o avanço de algumas pautas progressistas no país, uma forma diferenciada de conservadorismo se destaca. Desse modo, faz-se necessário conceituar conservadorismo e neoconservadorismo, bem como fundamentalismo e neofundamentalismo. Nisso, aqueles estão fechados, abominam o progressismo, fecham-se na *Bíblia*. Já os “neos”, tentarão impor, por meio da política, as pautas conservadoras sobre as pautas progressistas. Portanto, tendem a “lutar” pela família no que concerne à religião e seus valores tradicionais judaico-cristãos. Uma vez

que o termo “conservador” nos remete a um pensamento muito amplo e abstrato, pretendemos aplicar um termo já utilizado nos meios de comunicação e na academia para descrever um fenômeno semelhante presente nos Estados Unidos: o neoconservadorismo. Este tema foi o objeto do estudo *O terror e a mídia: o neoconservadorismo norte-americano e o islã radical*¹. A partir desta dissertação faremos as aproximações entre o movimento norte-americano e o brasileiro, destacando suas convergências e divergências, na tentativa de justificar a utilização do termo para ambos os movimentos. Sobre neofundamentalismo, partiremos das análises de Ivo Pedro Oro (1993) e Magali Cunha (2017) e dos movimentos que identificamos que se manifestam na década de 90. Importante destacar que consideramos todo movimento neofundamentalista como conservador, mas nem todo neoconservador como fundamentalista. Esse é um ponto fundamental para compreender o uso dos termos ao longo deste trabalho e, por isso, dedicaremos um capítulo exclusivo para essa questão.

Ainda em relação à história do Brasil, os anos de governo petista (2003– 2016) consolidaram pautas progressistas. Houve uma abertura ao debate sobre a questão do aborto, do casamento homoafetivo, do debate sobre as drogas, das cotas raciais – pautas progressistas que promoveram direitos à minoria, historicamente desfavorecidas. Mas, em um determinado ponto, isso estressa a população conservadora, principalmente os evangélicos que, então, engajar-se-ão na política para tentar conter um suposto progressismo e impor a moral tradicional cristã. Tal discurso neoconservador, no Brasil, inicia-se por volta de 1990, quando cresce no país o número de igrejas neopentecostais e, conseqüentemente, uma proporção maior de membros participantes destas.

Houve também alguns projetos de lei específicos que receberam críticas e forte oposição da bancada evangélica, por exemplo, o projeto de lei nº122/2006, de autoria da então senadora Iara Bernardi (PT/SP), que define os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de gênero, sexo, orientação sexual e identidade de gênero. De acordo com alguns religiosos, este projeto, que criminaliza a homofobia, abriria espaço para criminalizar também posicionamentos dentro dos cultos e dos materiais religiosos (CDs, livros e jornais, por exemplo). Os senadores Magno Malta (PR/RJ) e Marcelo Crivella (PRB/RJ) solicitaram uma consulta aos movimentos impactados pelo projeto e a sua devida revisão. Após grandes discussões, o projeto foi votado e arquivado.

¹ Dissertação de mestrado apresentada por Leandro Ortunes, sob a orientação da professora Dr^a. Vera Chaia. ORTUNES, Leandro. O terror e a mídia: o neoconservadorismo norte-americano e o islã radical. Dissertação de mestrado apresentada no programa de pós-graduação em Ciências Sociais, PUC-SP, 2013.

Tivemos também o projeto de lei nº 6583/13, que dispõe sobre o *Estatuto da Família*. Proposta realizada pelo deputado Anderson Ferreira (PR-PE), membro da Igreja Assembleia de Deus. Ao analisar o projeto de lei, logo no segundo artigo, identificamos o problema amplamente debatido no Congresso e nas igrejas:

Art. 2º Para os fins desta Lei, define-se entidade familiar como o núcleo social formado a partir da união entre um homem e uma mulher, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes (PL 6583/2013)².

Eduardo Cunha (PMDB/RJ), membro da Igreja Evangélica Sara Nossa Terra e, posteriormente, membro da Igrejas Assembleia d Deus de vertente neopentecostal, foi um dos nomes em defesa desta definição de entidade familiar. Como presidente da Câmara, elaborou uma comissão parlamentar com o intuito de acelerar a votação deste projeto. Estes pontos que destacamos sintetizam as frentes de atuação do movimento neoconservador que, por muitas vezes, ganha simpatia entre religiosos de várias denominações. Com base nesta breve reflexão sobre o movimento neoconservador evangélico percebemos que, nos últimos anos, há uma nova configuração na participação política do país.

Uma vez que tais discursos estão em constante conflito, este trabalho mostrará como os neoconservadores e neofundamentalistas leem as pautas progressistas. Desse modo, a estrutura da fundamentação teórica perpassará pelo pensamento conservador, como ele surge e como ele retorna nesta nova roupagem de neoconservador; o que é um fundamentalismo e como ele ressurgue como neofundamentalismo, mostrando, ainda, quando existe confluência entre os dois e em qual momento unem-se.

Também trará o momento religioso no Brasil e, com dados estatísticos, apontaremos aspectos e características sobre o crescimento dos evangélicos em nosso país. Para tal, serão explorados dados do Censo de 1872 até 2010 (última ocorrência) e também do índice Datafolha de 1994 e 2016. Nas últimas décadas o campo religioso brasileiro vem sofrendo uma significativa transformação: em 1872, ano dos primeiros registros censitários brasileiros, 99,72% da população brasileira declarava-se católica, número esse que passou para 68,43% em 2009, por exemplo. Por outro lado, os

² Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=597005>. Acesso em 29/06/2019.

evangélicos que representavam 2,6% na década 1940, passaram a representar 20,23% em 2009, sendo seu maior crescimento a partir dos anos 90 (FGV, 2011).

Esse crescimento exponencial dos evangélicos impactou não somente o mapa religioso do país, mas também trouxe impacto na forma de participação política no Brasil. E, neste sentido, esse movimento passa a ter importância para o estudo da ciência política, com o objetivo de compreender e dimensionar o papel que este grupo possui no âmbito da política institucional.

Por este motivo, compreender a atuação dos evangélicos na política brasileira é fundamental para criar novos padrões de relações políticas e não apenas combater a participação desses setores no processo democrático (MACHADO, 2006). Portanto, caberá aqui expor as motivações e a forma de articulação do movimento evangélico no cenário atual. Do mesmo modo, Dantas aponta que

[...] não cabe indagar se as religiões devem ou não envolver-se com a política, mas compreender os múltiplos sentidos, impactos e efeitos da atuação religiosa no cenário público, bem como o tipo de relação existente entre os atores religiosos e políticos. (2011, p. 11).

Outro ponto de interesse para nossa investigação é a inserção midiática destes grupos. Da mesma forma que o movimento neoconservador e neofundamentalista norte-americano utiliza a mídia para divulgar suas ideias, no Brasil, esses grupos ganharam cada vez mais aceitação e espaço na mídia nos últimos anos. Frequentemente, as mídias evangélicas e católicas abordaram temas sobre a questão política, demonstrando uma grande adesão a esse tipo de debate dentro destas instituições. Evidentemente, os discursos não são libertários ou progressistas, mas, sim, conservadores, que tocam em assuntos semelhantes, independentemente da vertente religiosa: família, sexo, drogas e liberdade de culto.

Este movimento religioso pode ser considerado uma adaptação do fundamentalismo histórico, pois também busca resgatar bases sólidas mediante a experiência de um possível caos. Também percebemos uma grande mudança no *modus operandi* da religião institucional do Brasil. Se antes boa parte dos evangélicos eram indiferentes à política, esse cenário se altera drasticamente com o período de redemocratização do país.

Ainda no que tange à religião, serão analisados todos os projetos de leis e decretos legislativos propostos por membros da Frente Parlamentar Evangélica entre 2015 e 2018, a fim de verificarmos quais os temas propostos e a sua relevância para o

cenário político, bem como para diagnosticar o modo de trabalho dessa bancada, o que querem e o que não, o que apoiam e o que vedam. Ao todo foram analisados 1.548 projetos de lei e 64 propostas de emenda à Constituição. A intenção desta investigação também foi de identificar se o discurso religioso e as demandas propostas em púlpitos e nas redes sociais concretizam-se por meio de propostas na esfera política. Por último, tentar entender como o povo evangélico lê as pautas da bancada evangélica e as pautas progressistas.

Foram escolhidos dois personagens, Marco Feliciano e Silas Malafaia; um, pastor político, o outro, pastor midiático: ambos com discursos reacionários para identificarmos, para compreendermos como se projetam na mídia, como constroem um discurso tenebroso, apocalíptico e de que forma isto está na base do pensamento neofundamentalista. Nos pronunciamentos nas mídias é que Feliciano e Malafaia conquistam o público. Depois, descobrir e refletir sobre o quanto esses discursos foram internalizados e assimilados pela base religiosa (entrevistados).

Nossa pesquisa buscará demonstrar a grande importância da mídia nos fenômenos atuais, com um recorte específico em relação à mídia religiosa e que deve ser compreendida devido a sua influência no cenário político brasileiro. Na primeira disputa presidencial de Dilma Rousseff os movimentos religiosos mais conservadores alinharam seus discursos contra a presidenciável. Alguns vídeos tornaram-se clássicos no mundo evangélico e católico, como, por exemplo, o padre José Augusto, que se posiciona na TV Canção Nova contra o governo do PT, demonstrando alinhamento com os discursos de pastores evangélicos. O vídeo do pastor Paschoal Piragine, com mais de 3 milhões de acessos³, também com severas críticas ao PT, declarando que a “mão de Deus” poderia cair sobre o povo brasileiro⁴ se as propostas do partido em questão fossem aprovadas. Neste aspecto, percebemos que é fundamental compreender a relação da religião com a mídia, uma vez que ambas influenciam e disseminam novas tendências:

O fato é que as maiores questões e tendências religiosas que são tão importantes hoje não podem ser plenamente abordadas e compreendidas sem atenção às mídias. Na verdade, tais tendências estão enraizadas nas mídias de importantes formas. As mídias são uma fonte de informação sobre as religiões, sobre as tendências religiosas e sobre as ideias religiosas. (HOOVER, 2014, p. 45-46)

³ Número de acessos somente no canal do *Youtube* oficial da Igreja Batista de Curitiba. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vxGSCxTulKk>. Acesso em 26/06/2019.

⁴ Termo utilizado por evangélicos para descrever um possível castigo divino.

Para testarmos se o que é veiculado na mídia pelos pastores Malafaia e Feliciano é assimilado pela base religiosa entrevistamos 528 pessoas em 2016, 424 em 2017 e 423 em 2018, *in loco*; sempre com as mesmas perguntas-base e algumas variações de acordo com o contexto político do ano. Os entrevistados faziam parte da Marcha para Jesus, na região da Luz e da Pinacoteca, pois é ali, na Marcha, que a religião engaja-se para mostrar quem ela é e, também, onde há maior chance de encontrar o público evangélico.

Diante do exposto, apresentamos agora a estrutura de nosso trabalho que dar-se-á da seguinte forma:

No primeiro capítulo, sob o título *(Neo)conservadorismo e (Neo)fundamentalismo*, dedicaremos uma reflexão teórica sobre os desdobramentos do conservadorismo e do fundamentalismo. Essas formas de pensamento originárias em tempos distintos, sendo o conservadorismo sintetizado por Burke no século XVIII, e o fundamentalismo estadunidense no século XIX, receberam uma nova roupagem ao longo dos anos, distanciando-se em alguns pontos do movimento original. E, na atualidade, tais conceitos confundem-se e criam generalizações. Nossa intenção é apresentar as confluências e discrepâncias entre eles para além da literatura disponível, mas também contextualizando-os com os fatos ocorridos na história política estadunidense e brasileira, principalmente durante o período de Guerra Fria, o momento de efervescência dos movimentos contrários ao comunismo e ao progressismo.

O capítulo 2, intitulado *Religião no Brasil: cenários e transformações*, trará gráficos com os números de religiosos no Brasil entre 1872 e 2010. Nestes estão as evidências do crescimento dos evangélicos e a queda do catolicismo – embora o país permaneça majoritariamente católico. Apresentará os diversos grupos de evangélicos e suas particularidades (protestantes, pentecostais, neopentecostais). E para isso, a tipologia proposta por Freston (1993) nos fornecerá um recorte metodológico importante. Embora a classificação deste autor possa ser questionada hoje devido à dinâmica dos movimentos religiosos, são nos estudos deste que obtivemos melhores detalhes sobre as particularidades de cada grupo evangélico desde a Constituinte até o governo Collor. Embora os evangélicos sejam originados de movimentos pós-Reforma Protestante, os pentecostais e neopentecostais têm comportamentos diferentes em sua cosmovisão, pois promovem práticas voltadas ao mundo sensível aliadas ao transcendente, o que inclui, também, uma revisão sobre o papel e a sua atuação na política institucional. Por isso, é interessante analisar a alteração da Mensagem da Cruz, pregada por protestantes e alguns pentecostais, para o Plano de Poder, projetado pelos neopentecostais: os evangélicos, que

tinham uma visão pietista do mundo, de sofrimento, de redenção que viria com a morte, agora desejam a hegemonia, querem se impor com o Plano de Poder, partindo da premissa de que os evangélicos têm condição de direcionar um país e, para tanto, utilizando-se de princípios bíblicos. O pastor Fernando Guillen, por exemplo, elege sete pontos que a igreja precisa atacar para ganhar a hegemonia. Neste ponto percebemos a concretização do conceito de desprivatização da religião comentado por Casanova (2004). O autor defende que a religião teve um momento político, depois sai desta esfera e fecha-se no âmbito privado da vida das pessoas para, por fim, se desprivatizar e buscar se impor ou, ainda, alterar o jogo político. Habermas (2006), não muito diferente, trata desse movimento como uma mudança do espaço privado para o público.

O capítulo também abordará as eleições de 89, sobre como os evangélicos acabaram favorecendo o candidato Collor (PMDB/PRN), baseando-se em discursos que hoje consideraríamos *fakenews*. Aqui, também mostraremos como Lula (PT) deixou de ser considerado um perigo para igreja e passou a ser um líder messiânico, nas palavras do próprio pastor Marco Feliciano. Neste capítulo, apresentaremos como o discurso do medo, baseado em uma escatologia, junto aos espetáculos midiáticos, será utilizado para fundamentar projetos de lei reacionários ou para desqualificar os projetos em temas que se chocam com a tradição fundamentalista e a moral judaico-cristã. No governo de Dilma Rousseff começa a se tornar mais evidente esse discurso, o estranhamento surge e o movimento conservador retoma as suas forças. A escatologia para convencer que o mundo está em perigo ou próximo do fim foi utilizada constantemente por parte de líderes religiosos neofundamentalistas.

Slogans como “Fora Collor” retornaram como “Fora Dillma”, com as mesmas características. Tentaram aproximar o discurso de Dilma ao discurso de terroristas islâmicos. Foram publicadas revistas temáticas, como aborto, anticristo, mercado de feto, ou seja, todo tipo de terrorismo para assustar e convencer o povo evangélico a não votar em candidatos alinhados à esquerda. Neste ponto percebemos que, diante da fragilidade da reputação do PT e dos escândalos de corrupção, o ativismo evangélico reforçou medos e até mesmo difundiu preconceitos em relação a pautas não tão claras ao cidadão comum.

No terceiro capítulo discutiremos temas relacionados aos evangélicos e política, analisando, pormenorizadamente, as eleições em 2014, dada a sua importância e por ser o ponto inicial de grande mobilização dos movimentos religiosos e conservadores que se engajaram no debate público. Demonstraremos quais são as estratégias, propostas e os posicionamentos do neofundamentalismo na política institucional brasileira.

Comentaremos sobre as manifestações de 2015, incluindo a reedição da Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Diversos protestos reforçaram a ideia de medo em relação à implementação do comunismo e de um plano de domínio das esquerdas sobre a América Latina. Todo esse processo culminaria no processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Por meio do estudo de Reginaldo Prandi e João Luiz Carneiro (2017) sobre o discursos durante o *impeachment*, encontraremos diversos elementos religiosos, inclusive o discurso da proteção divina, pronunciado por Eduardo Cunha, tanto no início como no fim do processo. Ficou evidente que os discursos não apontaram os erros do governo, mas trataram de Deus, da família e da corrupção. Termos genéricos, mas que ecoam ao encontro da família conservadora brasileira.

Depois, será analisada a Frente Parlamentar Evangélica. Quem são e o que almejam, a sua constituição e o modo como se articulava, além dos vários períodos e momentos que teve – desde o informal, em que não era algo expressivo, apenas com evangélicos fazendo orações para, depois, constituir-se como um corpo, com registro de estatuto e um número expressivo de signatários, alcançado 199 parlamentares, ainda que somente 77 sejam evangélicos. Também demonstraremos a concretização das demandas neofundamentalistas em projetos de lei e propostas de emenda à Constituição, apresentadas pela Frente Parlamentar Evangélica. Dentre estes projetos destacaremos alguns que nos chamaram a atenção pelo seu caráter reacionário e particularista consoante a determinados grupos religiosos. Do mesmo modo, destacaremos os deputados que apresentaram maior números de propostas que vão neste sentido.

O quarto capítulo, com o título *A presença do neofundamentalismo na mídia*, será dedicado a apresentar nossa análise sobre como a religião utiliza as mídias contemporâneas de comunicação para divulgar suas ideias e conquistar novos apoiadores de suas demandas que, não necessariamente, precisariam ser evangélicos. Estudos da religião concentravam-se em como a comunicação era utilizada para o proselitismo, agora, com este movimento, percebemos a necessidade da religião se apropriar da linguagem midiática para fins políticos e até mesmo convocar credos diferentes para se unirem em uma batalha contra o possível Mal no mundo. Com o crescimento do uso da *internet* e das redes sociais, a igreja também migrou sua frente de atuação para os sistemas *online*. A internet então se tornou um ambiente fértil para o proselitismo religioso e para a defesa de valores tradicionais comungados por parte da sociedade. Para verificar a recorrência dos temas e identificar os posicionamentos conservadores e neofundamentalistas, analisamos o perfil do *Youtube* dos pastores Silas Malafaia e Marco

Feliciano. Nossa escolha por esses pastores foi justamente devido aos seus posicionamentos e por serem figuras públicas conhecidas no meio evangélico.

Por fim, no quinto capítulo intitulado *Evangélicos em marcha: retratos de uma realidade plural e fragmentada*, será exposto o resultado dos três anos de pesquisa nas ruas de São Paulo, durante a Marcha para Jesus. Com isso, faremos a devida aproximação entre o que pensam os evangélicos e os líderes do neofundamentalismo no Brasil. Questionamos os entrevistados sobre pautas progressistas, sobre a identificação partidária e também sobre a representatividade dos evangélicos na política por meio da Frente Parlamentar Evangélica. Citamos, também, os personagens Malafaia e Feliciano aos entrevistados, com objetivo de identificar se realmente são pastores com grande poder de influência e representatividade sobre os evangélicos. Neste capítulo dedicamos maior apresentação de dados e menor reflexão teórica, pois nossa intenção foi avaliar como o que tratamos nos demais capítulos ecoa na base religiosa.

Os quatro anos de pesquisa e os três anos de entrevistas forneceram-nos um rico material a respeito da transformação da política brasileira e a influência da religião sobre ela. Para além dos estudos teóricos realizados, buscamos construir um trabalho com resultados práticos e facilmente interpretáveis pelos interessados no tema e, assim, difundir conhecimento, algo tão importante nos dias de hoje.

1) PENSAMENTO (NEO)CONSERVADOR E (NEO)FUNDAMENTALISTA

A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar e nessa linguagem emprestada. (Karl Marx em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*)

Por muitas vezes, tipificar movimentos e nomeá-los não é uma tarefa fácil ao pesquisador. Principalmente ao estudarmos movimentos com diversos pontos de afinidade e pequenas nuances em sua formação e sistema de valores. Contudo, se faz necessário buscarmos uma melhor definição aos termos que aqui iremos utilizar, uma vez que, para nós, suas pequenas nuances são as fundamentais para compreendermos melhor nosso próprio objeto de pesquisa. Alguns movimentos apresentados a seguir, são desdobramentos de algo presente em outros países em tempos anteriores e serviram como base para o que aconteceria no Brasil tardiamente. Iniciaremos esta exposição de forma cronológica, partindo do conservadorismo e do fundamentalismo para o neoconservadorismo nos Estados Unidos e no Brasil. Embora os movimentos atuais relacionados ao nosso objeto de pesquisa sejam geralmente rotulados como conservadores ou fundamentalistas, perceberemos ao longo do texto que os mesmos não se aplicam ao que aqui nos dispusemos a pesquisar. Portanto, já de início, demonstraremos brevemente as características e o recorte histórico de tais correntes.

1.1) Conservadorismo e Fundamentalismo

Estão consolidados os termos conservadorismo e fundamentalismo para nomear alguns movimentos de aspectos políticos, morais e religiosos. Por muitas vezes, o uso de tais conceitos em grande escala pelas mídias tradicionais e nas redes sociais sem a devida contextualização provoca um descolamento entre a origem da palavra e seu significado, pois quanto menor é a sua definição, maior é a influência sobre os indivíduos (LACLAU, 2006). Portanto, cabe-nos fazer a devida definição e contextualização de tais termos para melhor compreensão sobre nosso estudo e de nossos objetivos.

Assim como todas as outras linhas de pensamento, o conservadorismo e o fundamentalismo sofreram mutações ao longo do tempo reflexo do próprio contexto

existente. Não pretendemos fazer um estudo exaustivo sobre tais termos e movimentos, uma vez que tal análise demandaria uma profunda revisão da literatura e desviaria o foco e objeto central de nossa pesquisa, mas, nossa intenção neste capítulo é apresentar, brevemente, um recorte histórico que acreditamos ser essencial para melhor compreender as motivações que nos levaram a escolher o uso de alguns termos bem específicos.

Iniciaremos nosso comentário sobre o conservadorismo com a frase de João Pereira Coutinho, autor conservador declarado: “O conservadorismo não existe. Existem conservadorismos, no plural, porque plurais foram as diferentes expressões da ideologia no tempo e espaço.” (COUTINHO, 2014, p. 9). Esse é um fator importante, pois, nenhum dos movimentos que abordaremos são, de fato, homogêneos. Há grandes divergências entre conservadores e sobre a própria nomenclatura do movimento. É evidente que não há dúvidas que o conservadorismo político é uma das três ideologias políticas mais importantes do Ocidente, dividindo espaço com socialismo e liberalismo (NISBET, 1986). É uma ideologia, pois é um conjunto de ideias com conteúdo prescritivo (SILVA, 2010), identificado nas obras de seus principais pensadores. Ao falarmos de seu aspecto estritamente político, o conservadorismo pode ser identificado como um movimento contrário ao avanço das pautas progressistas, geralmente idealizados por grupos de esquerda (SOUZA, 2016). O conservadorismo, por muitas vezes, também é associado a um posicionamento liberal no âmbito econômico e, por isso, adota-se a ideia de *liberal-conservative*, que, na verdade, trata-se de uma adaptação do pensamento conservador às novas estruturas econômicas presentes no mundo.

O conservadorismo clássico é uma linha filosófica que se inicia como uma contraposição às transformações políticas e sociais do século XVIII e XIX. Edmund Burke, autor irlandês, é considerado um dos pilares deste movimento (KIRK, 2014), principalmente por meio de sua obra sobre a Revolução Francesa⁵. Uma das premissas deste tipo de conservadorismo é a incompatibilidade entre liberdade e igualdade (NISBET, 1986) e, portanto, é inevitável sua produção crítica aos fundamentos da Revolução. O movimento conservador parte do pressuposto da existência de uma certa hierarquia social e, portanto, todo movimento que buscou igualar a sociedade acabou apenas sobrecarregando uma das classes e colocando em risco todo arranjo social:

⁵ BURKE, Edmund. Reflexões sobre a Revolução na França. São Paulo: Edipro, 2014.

Creia-me, Senhor, aqueles que tentam nivelar nunca igualam. Em todas as sociedades, consistindo em várias categorias de cidadãos, é preciso que alguma delas predomine. Os niveladores, portanto, somente alteram e pervertem a ordem natural das coisas sobrecarregando o edifício social ao suspender o que a solidez da estrutura requer seja posto no chão (BURKE, 2014, p. 70).

Conservadores clássicos sempre se distanciaram e consideraram como utópico e violento o movimento revolucionário, pois não acreditavam que tais pensamentos beneficiariam a sociedade e, portanto, preferiam um *status quo* (COUTINHO, 2014), justificando ser uma ordem natural e necessária para o funcionamento da sociedade. Para exemplificar essa contraposição do conservadorismo com os revolucionários, podemos citar Burke, ao fazer um pequeno descritivo sobre a vacância do trono inglês: “Os dois princípios de conservação e da correção agiram fortemente nos dois períodos críticos da Restauração e da Revolução, quando a Inglaterra viu-se sem um rei.” (BURKE, 2013, p. 44). O objetivo de Burke nesta obra foi de defender a preservação das instituições políticas britânicas que, na época, lidavam com conflitos da classe trabalhadora devido à reorganização na forma de trabalho e a acentuação do sistema capitalista (SOUZA, 2016). Este é um pensamento constante nas obras de Burke, sempre quando criticava a Revolução Francesa ou a política colonial da coroa, defendia a constituição inglesa (KINZO, 1991). Portanto, sendo preservadas as instituições e os aparatos legais de correção, estaria garantida também a ordem social. Por outro lado, o autor critica duramente a Revolução Francesa, justamente pelos revolucionários abolirem as antigas formas de governo e quebrarem suas estruturas institucionais.

Esses senhores da sociedade não veem na de 1688 mais que o desvio da constituição; e eles tomam o desvio do princípio pelo princípio. Eles pouco se importam com as óbvias consequências de sua doutrina, embora devam ver que ela deixa a autoridade positiva em muito poucas das instituições positivas deste país. (BURKE, 2014, p. 45)

Portanto, a Revolução Francesa, com seu lema Liberdade, Igualdade e Fraternidade, foi a primeira grande motivação que identificamos para a eclosão e organização do pensamento conservador, pois ela realmente estabeleceu algo inovador, transferindo a legitimidade do poder ao povo, provocando a descontinuidade do sistema anterior e promovendo a primeira experiência democrática que se baseou exclusivamente no povo e rompeu com o antigo regime (LACLAU; MOUFFE, 2015). Em uma de suas

obras⁶, Burke fornece indícios sobre a ideia de uma ordem natural das diferenças para a busca pelo aperfeiçoamento da humanidade. Além disso, segundo o autor, se o princípio da mímica, como todos iguais, fosse aplicado aos seres humanos, nenhuma melhoria haveria em nossa espécie. Com isso, os homens, ao apenas copiar um dos outros suas atividades e funções, tornar-se-iam simples animais como quaisquer outros. No entanto, a disputa ambiciosa nos homens e a satisfação pela superioridade é algo que nos aperfeiçoa e, por isso, há grande valor:

Para impedi-lo, Deus infundiu no homem um sentimento de ambição e uma satisfação nascida da contemplação de sua superioridade com relação aos seus semelhantes em algo valioso entre eles. (BURKE, 2013, p. 71)

Nestes pontos, identificamos dois elementos essenciais do pensamento conservador: primeiro, a aceitação das desigualdades de poder e domínio da sociedade; e, segundo, sobre as premissas de que a ambição individual é o que faz a sociedade evoluir, sendo, este último, a base filosófica ao que chamamos de meritocracia atualmente.

Mais tardiamente, nos Estados Unidos, Russel Kirk, no século XX, descreve sobre uma dualidade entre a inclinação para o espírito conservador e o espírito revolucionário, sem levar em conta que o embate dialético destes grupos pode ser o grande motor do progresso humano e do aperfeiçoamento da política (BOBBIO, 2011). Para este, apenas os princípios conservadores são capazes de manter a sociedade e aperfeiçoar o processo civilizatório. Assim como Burke, o autor também defende o princípio que há uma ordem moral duradoura, sendo essa ordem superior ao homem e não o homem a ela (KIRK, 2014). Por isso, não cabe à humanidade e aos revolucionários alterá-la. Desse modo, o autor defende a importância da adesão aos costumes e às tradições que permitiram coesão social e defende limites prudentes sobre o poder e as paixões, uma vez que paixão e poder são fontes de corrupção e da decadência humana (KIRK, 2014).⁷ Kirk destaca que o pensamento conservador não se baseia em um conjunto de dogmas, mas sim, em sentimentos que garantem “o permanente” e se tornam uma forma de vida:

⁶ BURKE, Edmund. *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo*. São Paulo: Unicamp, 2013.

⁷ Burke, por sua vez, em sua obra *Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo* faz um ensaio mais detalhado sobre paixões, sendo elas não necessariamente negativas. Pelo contrário, muitas são consideradas pelo autor paixões de preservação.

A posição chamada conservadora se sustenta em um conjunto de sentimentos, e não em um sistema de dogmas ideológicas. É quase verdade que um conservador pode ser definido como alguém que pensa em si mesmo como tal. O movimento ou o conjunto de opiniões conservador é capaz de acomodar uma diversidade considerável de pontos de vista sobre um bom número de assuntos, não existindo “Atos de Prova” ou “Trinta e Nove Artigos” da fé conservadora. Em essência, o conservador é simplesmente alguém que acha as coisas permanentes mais agradáveis que o “Caos e a Noite Antiga” (2). (KIRK, 2014, pp. 103-104)

Portanto, compreendemos que o conservadorismo clássico é uma forma de pensamento com grande abrangência teórica e sem movimentos práticos claros ou definidos com fins políticos. Ademais, o conservadorismo não deve ser confundido com o tradicionalismo, pois se, por um lado, este último é exclusivamente reativo às mudanças sociais, o conservadorismo é um movimento coerente e reflexivo que se opõe ao movimento liberal moral e progressista (BOTELHO; FERREIRA, 2010), indo além do desejo de manter apenas certa tradição.

Para melhor compreensão da cronologia desta forma de pensamento, o conservadorismo clássico pode ser identificado entre 1789 e 1914. Esse período histórico coincide com o intervalo entre dois grandes acontecimentos na história da humanidade, a Revolução Francesa e a Primeira Guerra Mundial (SOUZA, 2015). Este não foi um tempo de crise moral apenas em seu sentido civilizatório, mas também nas estruturas das relações humanas que a sociedade moderna carregava de seu passado pré-industrial (HOBBSAWM, 1995). A modernidade levou a uma enorme transformação social, tirando as pessoas de um destino traçado para as múltiplas escolhas de forma de vida, principalmente após a Revolução Industrial. (BERGER, 2017).

Da mesma maneira, religiosos neste período preocupavam-se com essas transformações e revoluções, isso devido ao processo de secularização. Vale destacar que a própria palavra *secularização* teve origem no processo jurídico de transferência dos bens da igreja para o poder do Estado (secular) (HABERMAS, 2013) e, como consequência, ocorreu a eliminação da religião da vida pública e o declínio do poder da igreja católica (ARENDDT, 2011). Desse modo, alguns também se articulariam na defesa das antigas formas de compreender sobre o sagrado. E uma vez que as ideologias são como teologias, pois possuem seus dogmas praticamente inquestionáveis (NISBET, 1986), podemos, a partir deste ponto, descrever sobre o fundamentalismo como movimento teológico e buscar afinidades com o conservadorismo como ideologia de organização social.

Assim como o conservadorismo, o termo fundamentalismo é passível de várias interpretações e significados. Atualmente, no Brasil, essa palavra é usada principalmente na mídia ao se falar de algumas figuras evangélicas que defendem o conservadorismo moral e sua imposição por meio da política institucional. Da mesma forma é utilizada de forma pejorativa em protestos realizados por movimentos sociais progressistas que se chocam com uma vertente religiosa no país. Além disso, com os ataques ao World Trade Center em 2001 e com o crescimento do terrorismo, esse termo tornou-se fortemente vinculado ao islamismo praticado de forma violenta. Portanto, está carregado de um aspecto retrógrado e intolerante, mas distancia-se de seu significado original. É importante destacar que, ao longo do tempo, essa palavra incorporou novos movimentos ressignificando seu uso, por isso, para compreender este fenômeno é necessário levar em conta sua complexidade de significados, principalmente diante das diversas aplicações no contexto social, político e religioso atual (ORNELAS, 2002).

O fundamentalismo surgiu entre os séculos XIX e XX dentro de algumas religiões protestantes nos Estados Unidos, isso em um contexto histórico muito particular. Era um período de grande efervescência ideológica, teológica e científica, promovendo profundas transformações no modelo de vida de alguns indivíduos. Os valores do Iluminismo, baseados na racionalidade e na responsabilidade individual contrapunham-se ao fatalismo pregado por algumas seitas protestantes. Os conflitos entre a ciência e religião acentuaram-se neste período. Para demonstrar este ponto, podemos citar, por exemplo, a teoria de Darwin que ganhou espaço na academia e entrou diretamente em choque com o criacionismo bíblico (BONZATTO; ORTUNES, 2015), que parte do pressuposto que: “No princípio, Deus criou os céus e a Terra.” (Gênesis, 1:1, ARC). O impacto foi percebido diretamente na sociedade quando essa teoria foi adotada como ciência e introduzida nos currículos escolares nos Estados Unidos (NUMBERS; STENHOUSE, 2001). No mesmo ano em que Darwin morreu, Nietzsche afirmou que Deus estava morto e vai além ao dizer ainda: “[...] precisamos vencer sua sombra” (NIETZSCHE, 2011, p. 105). Neste mesmo período, Freud classificaria a Teoria da Evolução das Espécies como uma das três feridas narcísicas da humanidade (LOFFREDO, 2006), pois o homem deixava de ser o centro de uma suposta criação e de ser dotado de um valor especial e transcendental se comparado às demais espécies. Ademais, seria o próprio Freud, juntamente com Darwin e Copérnico, o responsável por golpes na visão da centralidade humana em relação ao universo representado como o narcisismo universal dos homens (FREUD, 2014).

Além deste contexto de evolução científica e “desconstrução” sobre o sagrado, na Alemanha, a nova forma de compreender a produção literária dos textos bíblicos, apresentada por Julius Wellhausen (1844-1918), e a teologia liberal, desenvolvida por Rudolf Karl Bultmann (1884-1976), questionavam alguns pontos que fundamentavam a fé cristã para algumas pessoas. Por exemplo, a literalidade e a organização dos textos sagrados foram questionadas por alguns teólogos (VASCONCELLOS, 2008), promovendo novas formas de interpretação dos livros bíblicos. O debate iniciado por Wellhausen e outros autores abriram, de certo modo, espaço para o método histórico-crítico e o liberalismo teológico, fornecendo uma interpretação muito diferente. Estas ideias liberais rapidamente atravessaram o oceano, chegando aos Estados Unidos e conquistando novos pensadores. Em 1909, o professor emérito da Universidade de Harvard, Charles Eliot, chocou religiosos mais conservadores com seu texto *O futuro da religião*, ao afirmar que uma nova religião teria somente como princípio o amor a Deus expresso pelo amor ao próximo (ARMSTRONG, 2001).

No contexto político estadunidense, neste período, as religiões tornaram-se irrelevantes durante as tomadas de decisão na esfera pública (SILVA, 2009), algo que colocaria de lado as principais lideranças religiosas do país. Dentro do aspecto religioso, o Evangelho Social também era um conjunto de ideias e práticas que se chocava contra os valores da antiga tradição cristã (VASCONCELLOS, 2008). Com a ênfase na prática da caridade, esta forma de viver o evangelho distanciava-se da antiga prática de culto e de relação com o sagrado. Alguns estudos apontam que esta linha de pensamento promoveu até mesmo o protagonismo de mulheres nas atividades religiosas entre 1895 até 1930, que dedicaram-se para assistência social até a chegada do *New Deal* (RENDERS, 2014).

Como reação a este cenário e diversos novos movimentos, foi publicado, nos Estados Unidos, um conjunto de textos com o título *The Fundamentals: a Testimony to the Truth*. Foram 90 capítulos distribuídos em 12 volumes, publicados entre 1910 e 1915. Nesta obra há um nítido posicionamento contrário, por parte dos teólogos que os elaboraram, em relação às transformações que ocorriam na sociedade. Podemos destacar alguns pontos de defesa do fundamentalismo protestante, considerados como princípios irrenunciáveis e presentes no documento *The Fundamentals*⁸.

⁸ VASCONCELLOS, Pedro Lima. *Fundamentalismos: matrizes, presenças e inquietações*. São Paulo: Paulinas, 2008.

- Inerrância, infalibilidade, suficiência, inspiração e preservação da Bíblia;
- Sobre Jesus Cristo: nascimento virginal, divindade, expiação vicária, ressurreição corpórea e segunda vinda;
- Premilenismo;
- Historicidade dos milagres;
- Separação dos apóstatas e dos ecumênicos.

Os dois primeiros tópicos anteriormente citados foram muito mais marcantes na mensagem dos fundamentalistas estadunidenses. A pregação sobre a volta de Cristo para o Juízo Final foi levada ao extremo, dando surgimento a diversas novas seitas. Algumas igrejas chegaram a datar este evento, como ocorreu com os Testemunhas de Jeová ao sugerirem que o início do apocalipse seria em 1914⁹. Portanto, de acordo com estes grupos, a Bíblia, a partir daquele momento, deveria ser para o país como um manual de conduta devido a sua infalibilidade. E, com isso, o fundamentalismo cria um corpo de reafirmações e institucionaliza-se. Diante desta pluralidade de pensamento dentro da religião e de novos valores sociais, alguns protestantes lançaram-se em campanhas contra o movimento progressista, buscando retomar o cenário dos tempos antigos baseados nos fundamentos da religião, no livro sagrado, no afastamento do mundo secular, na missão de conversão de fiéis com ênfase no fim dos tempos. Esta foi a primeira fase do fundamentalismo religioso, surgida dentro do protestantismo de forma reacionária à conjuntura moral e religiosa da época.

Neste contexto, em 1925, no Estado do Tennessee, John Washington Butler apresentou uma lei que criminalizava o ensino do evolucionismo nas escolas públicas do Estado. A lei conhecida como Lei Butler foi aprovada no mesmo ano. Como consequência desta lei, o professor de biologia John Scopes foi processado e condenado pela justiça por ensinar Darwin na escola. O caso ficou conhecido como “O processo dos macacos”. A Lei Butler só foi revogada em 1967, sendo durante este período alvo de grande controvérsia. Esse é um clássico exemplo do movimento fundamentalista interferindo na esfera pública.

⁹ Publicado na Revista Torre de Vigia de Sião de 15 de julho 1894, mas recebeu novo significado no livro Poderá Viver Para Sempre no Paraíso na Terra em 1982 (versão inglesa).

Mais tardiamente, nas décadas de 50 e 60, novas questões como a liberdade sexual e a busca pelo *american way of life* ganhavam destaque na mídia, principalmente nos filmes de Hollywood, provocando novo estranhamento entre os religiosos e a sociedade secular-liberal. A contracultura fortemente abraçada pelo movimento *hippie*, contrapondo-se aos conflitos armados que ocorreram durante a Guerra Fria, ganhou força entre jovens, trazendo valores morais liberais e até mesmo valores religiosos baseados em religiões orientais. Algumas pessoas abandonaram o cristianismo e conciliaram-se com o ateísmo, sem ter esperança de qualquer recompensa em uma vida após a morte ou buscaram alguma religião substitutiva no Oriente. Outros, na ciência, encontraram a própria religião (DEMANT, 2004). Uma nova onda de secularismo promoveu uma outra onda fundamentalista. Com isso, percebemos que, após uma experiência progressista vivenciada pela sociedade, o fundamentalismo ressurgiu como uma tentativa de defesa dos antigos valores morais por meio da reafirmação dos princípios religiosos cristãos. Portanto, o fundamentalismo é um fenômeno moderno, que se manifesta como uma reação às influências da globalização e do pluralismo de pensamento, uma vez que estes provocam, em alguns grupos, um sentimento de insegurança e cria um ambiente aparentemente ameaçador (TEIXEIRA, 2008). Podemos complementar esta definição a partir do pensamento de Samuel Huntington ao afirmar que:

Os movimentos fundamentalistas, em especial, são uma maneira de lidar com a experiência do caos, da perda de identidade, de sentido e de estruturas sociais seguras, criadas pela introdução rápida de políticas e padrões sociais modernos, secularismo, cultura científica e desenvolvimento econômico. (HUNTINGTON, 1997, p. 119)

Entendemos que ambos os movimentos são reacionários às transformações sociais e colocam-se em uma situação de desespero e insegurança. Por este motivo, convergem para um destino comum: o passado. O fundamentalismo procurou defender sua forma da prática e da interpretação religiosa, o conservadorismo procurou resgatar as instituições e a organização social que compunham a sociedade antes das grandes revoluções. O conservadorismo e o fundamentalismo constituem, portanto, uma resposta às teorias progressistas que se distanciam da visão tradicional sobre a humanidade, tendo como núcleo central não mais a religião e os costumes tradicionais, mas a racionalidade abrindo espaço para novas formas de vida (SILVA, 2010).

Evidentemente que, enquanto para os conservadores a disputa ideológica entre revolucionar e permanecer fica restrita ao pensamento político e filosófico, a mesma luta

para religiosos possui uma visão cósmica de luta do Bem contra o Mal (ARMSTRONG, 2001). A inserção do inferno platônico, no cristianismo (ARENDR, 2011), fortaleceu ainda mais a ideia de que a religião faz parte desta luta, radicalizando o discurso fundamentalista, principalmente com a experiência da Primeira Guerra Mundial (VASCONCELLOS, 2008). Também não podemos deixar de mencionar que os medos sociais e o extremismo religioso nas eleições no Brasil, em 2014, foram pautados em alguns princípios do fundamentalismo e liderados por alguns grupos neopentecostais literalistas, anti-hermeneutas (VITAL; LOPES; LUI, 2017, p. 119).

Contudo, nesta tese, os termos até aqui apresentados não podem ser aplicados em sua íntegra para nosso objeto de estudo, uma vez que, destoam entre sua origem e dos movimentos que analisaremos adiante. Os grupos religiosos que militam na política atual não buscam apenas o retorno aos fundamentos bíblicos, assim como os grupos conservadores também não desejam apenas a busca pelo passado das antigas estruturas sociais. No entanto, ambos continuam convergindo em algumas demandas que potencializam suas articulações e militância. No intuito de demonstrar uma breve história sobre atuação destes movimentos no século XX, apresentaremos, a seguir, alguns fatos, discursos e símbolos que marcaram nossa história.

1.2) O Neoconservadorismo

Ao longo do tempo, boa parte dos conservadores no mundo ocidental passou a adotar ideias econômicas do livre mercado, incorporando princípios liberais econômicos ao conservadorismo político. Nos Estados Unidos da América, por exemplo, a tradição conservadora liberal uniu o individualismo econômico dos liberais clássicos com uma forma de conservadorismo burkeano, promovendo um comportamento político baseado na tradição e em regras morais religiosas. (VITAL; LOPES; LUI, 2017).

Como citamos anteriormente, o Evangelho Social esteve presente na vida pública norte-americana como uma forma de assistência aos mais fragilizados. Evidentemente, esta forma de prática religiosa não agradou os mais tradicionais e, conseqüentemente, criou um cenário apropriado para o crescimento de um movimento reacionário. Com a implementação do *New Deal* pelo presidente Franklin Roosevelt, esta forma de evangelismo perde força, uma vez que se tornou responsabilidade do Estado prover assistência aos que viviam em péssimas condições de vida após a Grande Depressão. Esta aspiração do plano econômico e social de Roosevelt também despertou uma onda

conservadora contrária ao programa, que buscava a promoção do *welfare state*. Para este grupo, esta ideia de assistência se aproximava às ideias socialistas (MARDONES, 1991). O ataque da Nova Direita ao modelo de bem-estar social também se baseava na afirmativa de que o Estado interferia na ética do mercado em nome de um igualitarismo aparentemente enganador e que, com esse propósito, também interviria na vida privada e na estrutura moral da sociedade (LACLAU; MOUFFE, 2015).

Liberais econômicos contra o *New Deal* inspiravam-se nas teorias do economista austríaco, exilado na Inglaterra, Friedrich Von Hayek, e também nas ideias de Ludwig Von Mises¹⁰. Este período também foi marcado por um pensamento dualista, reflexo da Revolução Russa. Foi habituado a pensar, na moderna economia industrial, em termos opostos binários, entre o capitalismo e o socialismo, porém, como alternativas excludentes, sendo isso uma mera construção intelectual arbitrária (HOBSBAWM, 1995).

Mises, em defesa de uma economia liberal e refutando o comunismo, defende até mesmo o estabelecimento de ditaduras para conter os movimentos revolucionários, afirmando que o fascismo salvou a civilização europeia:

Não se pode negar que o fascismo e movimentos semelhantes, visando ao estabelecimento de ditaduras, estejam cheios das melhores intenções e que sua intervenção, até o momento, salvou a civilização europeia. O mérito que, por isso, o fascismo obteve para si estará inscrito na história. (MISES, 2002 *apud* AUGUSTO, 2016, p. 137).

Neste sentido, percebemos que a antidemocracia é um dos pontos de encontro entre os dois opostos extremistas (esquerda e direita). Estes extremos possuem um forte viés anti-iluminista irracional e com fortes tendências tradicionalistas (BOBBIO, 2011). Os conservadores tradicionais, que surgiram nesta época, além da crítica ao comunismo, também eram contra a própria cultura de massa dos Estados Unidos. É o caso de Kirk Russel e Leo Strauss. No entanto, nesta fase, o conservadorismo foi apenas um movimento intelectual sem aspiração política (MARDONES, 1991). Leo Strauss acreditava que o Liberalismo e o Comunismo objetivavam o mesmo fim: uma sociedade igualitária. O que diferenciava estes dois sistemas era o caminho trilhado, sendo que o primeiro partia de uma sociedade democrática e o segundo por meio de uma revolução. Portanto, o conservadorismo diferenciava-se dos dois sistemas, pois para Strauss a

¹⁰ Friedrich Von Hayek e Ludwig Von Mises serão citados mais adiante, uma vez que o movimento neoconservador no Brasil também retoma os princípios do liberalismo pregado pela escola austríaca.

sociedade igualitária é indesejável e, por isso, era valorizada a heterogeneidade e a tradição (CARVALHO, 2015). Esta heterogeneidade, por sua vez, era uma defesa pela diversidade, mas não no sentido utilizado atualmente. Esta diversidade pregada pelos movimentos conservadores e de direita no espectro político, partia do pressuposto que, uma vez que as pessoas não nascem iguais, também não poderiam ser tratadas como iguais, legitimando a desigualdade em diversos aspectos (PIERUCCI, 1990).

Uma grande mudança no pensamento conservador surgiu durante o período da Guerra Fria. Momento marcado pela disputa ideológica entre capitalismo e socialismo. A famosa “caça às bruxas”, liderada pelo senador, estadunidense, Joseph McCarthy, é um exemplo desta perseguição de ideologias contrárias ao sistema capitalista. Até mesmo a própria produção cinematográfica de Hollywood favoreceu a construção do imaginário negativo sobre a União Soviética e o socialismo¹¹. Em uma disputa de imagens e estereótipos entre os dois lados, o medo do comunismo espalhou-se rapidamente nas chamadas zonas de influência da Guerra Fria. Com o acirramento das disputas ideológicas entre conservadores, liberais e comunistas, novos personagens adeptos ao conservadorismo surgiram, promovendo uma nova roupagem ao movimento.

Na década de 80, nos Estados Unidos, foram criados *think tanks* liberais na intenção de difundir as ideias de livre mercado e conservadorismo moral, neste mesmo período, a grande imprensa abraçou o discurso conservador e, paralelamente a isso, os movimentos fundamentalistas cristãos travavam uma batalha contra comunistas, feministas e *gays* (ARCARY, 2016). O discurso anticomunismo, como uma resposta ao chamado “perigo vermelho”, proveniente da expansão ideológica soviética, foi abraçado tanto por religiosos como não religiosos, mas que possuíam ideias liberais na economia. Mardones (1991) destaca que boa parte dos principais membros deste grupo foram comunistas declarados que se frustraram com a ideologia socialista, tornando-se grandes caçadores de bruxas durante o macarthismo. O caso clássico é o espião soviético Whittaker Chambers que, de membro do Partido Comunista na URSS, passou a fornecer informações para a inteligência estadunidense, recebendo até mesmo Medalha da Liberdade das mãos de Ronald Reagan em 1984. Também podemos citar Irving Kristol, um dos principais articuladores do chamado neoconservadorismo que se intitulava como um liberal que “caiu na real” aproximando-se do movimento conservador¹².

¹¹ Para melhores detalhes sobre o medo do comunismo propagado nos Estados Unidos sugerimos o documentário *The Power of Nightmares*. Direção: Adam Curtis, BBC, 2004.

¹² *The Power of Nightmares*. Direção: Adam Curtis, BBC, 2004.

Assim surge o movimento neoconservador, termo cunhado pelo cientista político Michael Harrington em 1973, e usado de forma pejorativa ao referir-se a um grupo de antigos liberais de esquerda que haviam mudado de posicionamento político (FINGUERUT, 2009). Além disso, o neoconservadorismo partia de um dos princípios conservadores sobre a manutenção das tradições, mas iria além, defendendo a ideia de uma missão estadunidense para com o mundo. Por isso, este movimento seria um wilsonianismo com dentes, pois somava o idealismo de Woodrow Wilson ao poderio militar e hegemônico dos Estados Unidos (MEARSHEIMER, 2005). Esta missão remonta os princípios do *Destino Manifesto*, doutrina que pressupunha que o povo estadunidense tinha uma missão divina de civilizar o mundo, algo bem representado na obra de John Gast em 1872.

Figura 1 Progresso Americano, 1872, de John Gast.



O discurso de Ronald Reagan, na Primeira Conferência Conservadora de Ação Política, em 1974, confirma essa retomada da missão civilizatória presente no pensamento neoconservador:

Não podemos fugir do nosso destino, nem devemos tentar fazê-lo. A liderança do mundo livre foi empurrada para cima de nós dois séculos atrás, em um pequeno salão de Filadélfia¹³. Nos dias seguintes à Segunda Guerra Mundial, quando o poder econômico e o poder da América eram tudo que estava entre o mundo e o retorno à idade das trevas, o Papa Pio XII disse: "O povo americano tem um grande gênio para ações, esplêndido e altruísta. Nas mãos da América, Deus colocou os destinos de uma humanidade aflita. Somos hoje, de fato, a última esperança do homem na Terra.(REAGAN, Tradução nossa)
¹⁴

É neste sentido que podemos perceber a diferença exemplificada por Peter Berger (2017) entre o tradicionalismo e o neotradicionalismo e que, do mesmo modo, podemos aplicar para o conservadorismo e o neoconservadorismo ou para o fundamentalismo e neofundamentalismo. Segundo o autor, para a sociedade antiga, a cosmovisão e o sistema de valores eram dados como certo e algo definitivo, por outro lado, a sociedade moderna enfrenta diversos questionamentos sobre estes valores e crenças antigas. Com isso, enquanto o tradicionalismo aceita sua visão de mundo e não precisa de grandes reflexões para isso, além viver em tolerância com a diferença, o neotradicionalismo buscará defender suas ideias, uma vez que sua convicção não foi imposta, mas decidida. Desta forma os (neo)conservadores e (neo)fundamentalistas¹⁵, que fazem parte de um neotradicionalismo, tornam-se mais agressivos na mesma medida que são vulneráveis. (BERGER, 2017).

Além disso, neste mesmo período, o movimento neoliberal econômico também ganhou força por meio de ações do governo Reagan (1981-1989) e Thatcher (1979-1990). No aspecto econômico, o triunfo da “teologia” neoliberal, na década de 1980, traduziu-se em políticas de privatizações sistemáticas e o capitalismo de livre mercado imposto a governos (HOBSBAWM, 1995). Por este motivo, o neoconservadorismo acredita que o individualismo e não o coletivo deve ser a base do sistema político e a meritocracia tem um papel fundamental para o desempenho social e econômico. Este pensamento e a defesa da tradição moral passaram a ser discursos recorrentes entre estas lideranças (STEINFELS, 2013).

De acordo com Dubiel (1993), por muitas vezes, os meios de comunicação usaram o termo neoconservadorismo para descrever políticas econômicas neoliberais praticadas

¹³ Referência à reunião onde se propôs a independência dos Estados Unidos.

¹⁴ Fonte: <http://reagan2020.us/speeches/City_Upon_A_Hill.asp>. Acesso em: 19/09/2018.

¹⁵ Utilizamos o termo (neo)fundamentalista aqui para preservar a expressão fundamentalista utilizada por Beger no texto em questão. No entanto, percebemos que Berger aponta este princípio aos fundamentalistas do século XX que para nós serão chamados de neofundamentalistas. Portanto, para nosso estudo, o fundamentalismo fica restrito ao movimento do século XIX.

entre as décadas de 80 e 90, especialmente o tatcherismo e o reaganismo. No entanto, o próprio autor alerta que essa utilização é supérflua, sendo apropriada apenas na perspectiva crítico-cultural do neoconservadorismo, que busca distanciar-se, por meio de políticas efetivas, dos posicionamentos sociais democratas ou socialistas da época. O neoconservadorismo vai além disso, pois influenciaria o governo Reagan no âmbito doméstico e no cenário internacional. Por exemplo, Normam Podhoretz teve grande influência nas estratégias do governo, principalmente após a publicação do livro *The Present Danger*. Charles Krauthammer, autor neoconservador, tornou-se conhecido pelo público estadunidense em meados dos anos 80, quando cunhou o termo “Doutrina Reagan” para descrever a estratégia de financiar movimentos anticomunistas ao redor do globo:

A Doutrina Reagan proclama abertamente e sem vergonha o apoio americano para a revolução anti-comunista. Os motivos são a justiça, a necessidade e a tradição democrática. Justiça, disse o presidente em seu programa de rádio de 16 de fevereiro, porque estes revolucionários vão "lutar por um fim contra a tirania". (KRAUTHAMER, 1985, Tradução nossa).¹⁶

Este foi um novo paradigma da política externa estadunidense, pois, se antes ela adotava a “contenção”, seguia, neste período, o modelo antissoviético. Krauthammer, em seu artigo *The Poverty of Realism*¹⁷, de 1986, afirma que os Estados Unidos não deveriam apenas buscar sua própria segurança interna, mas “o sucesso da liberdade”, apoiando a manutenção e a expansão da democracia pelo mundo. Com isso, afirmou que a política estadunidense deveria ser “universal na aspiração, mas prudente na aplicação” (KRAUTHAMMER, 1985).

Portanto, a Revolução Russa trouxe novo significado à suposta divina missão estadunidense e forneceu novo fôlego ao movimento conservador e ao fundamentalismo, que agora uniam-se contra um inimigo comum: o comunismo. E a religião, passou a ter um papel importante na defesa dos valores morais ocidentais e da política neoliberal estadunidense.

¹⁶ KRAUTHAMER, Charles, 1985. Fonte: TIME. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,964873,00.html>>. Acesso em 21/03/2011

¹⁷ Disponível em: <http://connection.ebscohost.com/c/articles/11077930/poverty-realism>. Acesso em 22/10/2018.

Figura 2. Pastor Billy Graham, Ronald Reagan e Nancy Reagan.



Fonte: Billygraham.org ¹⁸

Diante do exposto, percebemos uma confluência de dois movimentos (conservadorismo político-moral e neoliberalismo econômico) para o que chamamos de neoconservadorismo. Embora este ponto seja de grande importância para compreender o neoconservadorismo em sua totalidade, algo que pretendemos aprofundar neste trabalho é sobre o papel da religião neste cenário. A defesa da religião pelo neoconservadorismo baseia-se no princípio de que a humanidade ao afastar-se de uma grande ortodoxia religiosa, entraria em um sério conflito com transtornos e perda de equilíbrio (NISBET, 1986). Até a década de 70, não havia grandes estudos sobre a relação dos evangélicos e a política conservadora estadunidense. No entanto, as cruzadas evangelísticas já contribuíam na luta contra o comunismo entre as décadas de 1950 e 1960. Paralelamente a isso, a própria igreja protestante também buscava garantir a livre iniciativa (TURNER, 2008).

Em 1979, o movimento da “Maioria Moral” contava com 300 mil membros, o que representava 60 milhões de evangélicos e cerca de 25% do eleitorado (FINGUERUT, 2009). O movimento deu origem à Nova Direita Cristã que teve grande influência no

¹⁸ Disponível em: <https://billygraham.org/gallery/photo-gallery-nancy-reagan-1921-2016/>. Acesso em 05/10/2018.

Partido Republicano e na sociedade. O renascimento religioso nas cidades universitárias contribuiu para a difusão do pensamento conservador. Oradores como Billy Graham e Paul Tillich eram convocados por estudantes, deixando confusas as universidades que defendiam a razão como soberana (NISBET, 1986). Aspectos da vida privada, como a questão sexual e o aborto, passaram a ser debatidas pelo Estado. E o neoconservadorismo sabia o papel da religião no estabelecimento de princípios considerados como fundamentais para manutenção da sociedade, conforme podemos observar nesta entrevista concedida por Irving Kristol:

Penso que a ideia de que uma sociedade puramente secular pudesse enfrentar todas as terríveis patologias que afetam nossa sociedade se mostrou errada e foi isso que me tornou culturalmente um neoconservador. Quero dizer que realmente a religião tem um papel a cumprir atualmente na redenção do país, e o liberalismo não está preparado para dar um papel à religião. O conservadorismo sim, mas ele não sabe como fazer isso. (KRISTOL, 2004, Tradução nossa)¹⁹

Diante desta questão exposta por Kristol, percebemos que Ronald Reagan foi um grande articulador no uso da religião para fins políticos, defendendo princípios cristãos (fundamentalistas) em seus pronunciamentos políticos. Como podemos observar na 41ª Convenção Anual da Associação Nacional Evangélica:

O aborto não diz respeito apenas ao feto, diz respeito a cada um de nós. O poeta inglês, John Donne, escreveu: "... a morte de qualquer homem me diminui, porque eu me envolvo com a humanidade e, portanto, nunca conheço a quem o sino toca; ele cobra por você". Não podemos diminuir o valor de uma categoria da vida humana - o não-nascido - sem diminuir o valor de toda a vida humana. Vimos uma prova trágica desse truísmo no ano passado, quando os tribunais de Indiana permitiram a morte por fome de "Baby Doe" em Bloomington, porque a criança tinha Síndrome de Down²⁰ (...) A verdadeira questão hoje não é quando a vida humana começa, mas, qual é o valor da vida humana? O abortista que reagrupa os braços e as pernas de um bebê para garantir que todas as suas partes tenham sido arrancadas do corpo de sua mãe dificilmente pode duvidar se é um ser humano. A verdadeira questão para ele e para todos nós é se essa minúscula vida humana tem o direito dado por Deus

¹⁹ *The Power of Nightmares* (O Poder dos Pesadelos), BBC, por Adam Curtis, 2004.

²⁰ Baby Doe (Doe pode ser traduzido por "um qualquer" ou "o sem identidade") foi um bebê que nasceu em 1982, em Bloomington, no estado de Indiana, com malformações múltiplas. Os pais negaram em assinar um termo autorizando a realização de uma cirurgia corretiva, mesmo que tinham 50% de chances para salvar a vida da criança. Os pais solicitaram que fosse suspensa a alimentação e os demais tratamentos. A equipe médica solicitou à Justiça autorização para realizar a cirurgia, suspendendo, temporariamente o pátrio poder. A Justiça negou esta autorização em primeira instância. A promotoria apelou e a Suprema Corte do Estado de Indiana negou-se a apreciar o caso. Foi feita a tentativa de apelar para a Suprema Corte dos Estados Unidos. No entanto, o bebê, aos seis dias de vida, morreu, sem que fossem feitas outras tentativas. O advogado da família alegou que a mãe esteve sempre ao lado do bebê. Afirmou que "não foi um caso de abandono, mas sim de amor". (BIOÉTICA, UFRGS, 1994). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bioetica/babydoe.htm>. Acesso em 19/09/2018.

de ser protegido pela lei - o mesmo direito que temos. (REAGAN, 1983, Tradução nossa)²¹

Figura 3 Reagan falando na Associação Nacional dos Evangélicos (1983)



Fonte: U.S. National Archives and Records Administration.

O uso da religião como instrumento de manutenção da sociedade não é exclusivo do movimento neoconservador, pois, Burke já partia desta ideia ao afirmar que a religião é necessária para que o povo abandone a luxúria e egoísmo e assim possa constituir um poder legítimo de acordo com uma lei imutável (BURKE, 1991). José Maria Mardones, ao descrever sobre o movimento neoconservador, mais precisamente nos Estados Unidos e na Europa, comenta que uma coisa é clara para eles: a religião não deixou de ser relevante na sociedade moderna, pelo contrário, ela tem um papel-chave diante da crise da modernidade. O movimento neoconservador reivindica que a religião tem capacidade de trazer nova saúde ao sistema político sendo ela também um instrumento de ação comunitária e solidária (MARDONES, 1991). Neste ponto, o autor não faz distinção dos segmentos religiosos que compõem o movimento neoconservador.

Tanto para os neoconservadores, como para a Direita Cristã, a década de 1980 foi um período de consolidação de seus ideais. A chegada de Ronald Reagan à presidência

²¹ Disponível em: <https://humanlifereview.com/abortion-and-the-conscience-of-the-nation-ronald-reagan-the-10th-anniversary-of-the-supreme-court-decision-in-roe-v-wade-is-a-good-time-for-us-to-pause-and-reflect-our-nationwide-policy-of-abortion-o/>. Acesso em 19/04/2018

dos Estados Unidos sinalizou a possibilidade de colocar em prática algumas das principais propostas dos movimentos cristãos (FINGUERUT, 2009). Na mesma conferência de Reagan que citamos anteriormente, é abordado um dos temas de grande importância para os grupos religiosos como a Maioria Moral e a Direita Cristã: a questão do aborto:

Pela primeira vez, o Congresso está debatendo abertamente e com seriedade as questões da oração e do aborto e isso é um progresso enorme. Repito: a América está no meio de um despertar espiritual e de uma renovação moral. E com a sua máxima bíblica, eu digo hoje: Sim, deixe que a justiça corra como um rio que sua correnteza nunca falha. (REAGAN, 1983, Tradução nossa)²²

A luta anticomunismo também estava presente nos sermões dos pastores tele-evangelistas, como Oral Roberts e Billy Graham ²³. Sendo, nas palavras de Roberts, o cristianismo e o comunismo como algo inconciliável (MILLS, 2015). Neste movimento, identificamos que o fundamentalismo durante a Era Reagan já se distanciava do fundamentalismo em sua origem. Novas questões sociais promoveram novas reações nos religiosos e a missão de salvar o mundo no campo político também se aplicou no campo religioso.

Com esta confluência entre neoconservadorismo e fundamentalismo na luta contra o comunismo, os discursos alinharam-se na perspectiva de que os movimentos de esquerda eram responsáveis pela degeneração da sociedade. Portanto, para alguns religiosos, comunismo não era mais apenas uma ideologia política e econômica, mas também era um movimento pró-atéismo (MILLS, 2015), que pregava a imoralidade e a promiscuidade.

O pastor Pat Robertson, em seu canal *Christian Broadcasting Network*, com transmissão para 11,4 milhões de lares a cada semana²⁴, difundia fortemente seu movimento pró-família. Do mesmo modo, o pastor James Robison, em suas pregações veiculadas pela TV, defendia uma batalha do mesmo modo que os neoconservadores. Seu discurso no encontro de Assuntos Nacionais em 1980, na cidade de Dallas, contando com a presença de Ronald Reagan, sintetiza esta luta travada pela religião protestante com o movimento progressista:

²² Disponível em: <<http://www.americanrhetoric.com/speeches/ronaldreaganevilempire.htm>>. Acesso em 01/02/2011

²³ Disponível em: <https://billygraham.org/?s=Communism>

²⁴ Disponível em: The New York Times. 19 de Agosto de 1984. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1984/08/19/us/tv-evangelists-assume-larger-convention-role.html>. Acesso em 10/09/2018.

Se os justos, os pró-família, os morais, os bíblicos, os piedosos, os que trabalham duro e os decentes deste país ficarem fora da política, quem nesta terra vai viver para fazer política sobre o que eu e você vivemos e lutamos para sobreviver?²⁵ Eu estou cheio e cansado de ouvir sobre todos os radicais, e pervertidos, e liberais e esquerdistas, e comunistas saindo do armário! É hora do povo de Deus sair do armário, sair das Igrejas, e mudar a América. Temos que fazer isso! (ROBISON, s.d., Tradução nossa)²⁶

Nitidamente, percebemos o pensamento dualístico e conceitualmente arbitrário no discurso do pastor. O embate entre “nós” e “eles” promove uma luta simbólica e classifica os grupos. Nas palavras do pastor, de um lado estão os justos, que são pró-família, adeptos moralidade cristã e trabalhadores honestos, e de outro lado estão os radicais, e pervertidos, e liberais e esquerdistas, e comunistas. É desta forma que o fundamentalismo fragmenta uma sociedade, levando-a a um conflito permanente ou uma coerção totalitária (BERGER, 2017). Além disso, este chamado, com uma construção retórica sobre os grupos, é o que mantém a coesão entre eles. É na luta da classificação e na luta da tentativa de impor o recorte da realidade que são dadas as aproximações reais. Como se recorta a realidade é que são dadas as aproximações reais (BOURDIEU, 2004).

Diante do exposto neste capítulo, identificamos três movimentos dentro do protestantismo que merecem uma devida distinção: o protestantismo histórico do século XVI, o fundamentalismo protestante do século XX e o fundamentalismo pós-Segunda Guerra. Finguerut (2009) faz uma distinção entre os protestantes tradicionais e os evangélicos, sendo o primeiro grupo aquele composto pelos que buscam a salvação individual e vivem bem diante da modernidade secular, e os do segundo aqueles que necessitam de uma ressignificação constante de sua fé, portanto, há uma missão coletiva de salvar o mundo. No entanto, podemos ir além desta definição ao dizer que já na década de 80 estas categorias não eram bem definidas na base religiosa, assim como também não ocorre base religiosa atual, pois dentro do protestantismo encontramos movimentos fundamentalistas isolacionistas e os de missão que incorporavam messianismos de aspecto político, econômico e moral.

Diante desta questão, o termo “neofundamentalismo”, apresentado por Oro (1996), torna-se mais apropriado, pois está relacionado ao grupo protestante-evangélico que emerge das necessidades por uma experiência mais profunda do sagrado e também devido à insegurança relacionada ao desencantamento da modernidade ou pela falta de

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IH1e0xxRRbk>. Acesso em 10/09/2018.

²⁶ Disponível em: <https://billmoyers.com/content/battle-bible>. Acesso em 10/09/2018.

experiência religiosa (ORO, 1996). Dentro deste grupo, alguns religiosos buscam retomar uma forma de vida antiga, baseada nos valores patriarcais da família e de alguns fundamentos bíblicos, semelhantemente ao fundamentalismo estadunidense no início do século XX. No entanto, sua diferença está em seu engajamento dentro da esfera pública por meio da política, porque o neofundamentalismo ultrapassa as demandas e atos fundamentalistas e encabeça uma nova forma de defesa da fé e da difusão de seus valores. “Assim o neofundamentalismo representa a tentativa de fazer reviver uma comunidade de sentimentos religiosos e políticos no tempo do individualismo exacerbado. E o faz usando a mídia e os instrumentos de pressão política.” (ORO, 1996, p. 91). Utilizar a mídia e a política como forma de transformação social e apologética é uma característica marcante do neofundamentalismo. Portanto, utilizaremos o termo neofundamentalismo para distanciar nosso objeto de outras tradições religiosas dentro do protestantismo.

Para concluir este item, podemos sintetizar afirmando que o movimento neoconservador e neofundamentalista são frutos das transformações sociais após a Segunda Guerra Mundial. O avanço do socialismo, das pautas progressistas e da modernidade secular foram elementos essenciais para sua efervescência, promovendo uma sensação de insegurança. E, por este motivo, retornar as formas antigas de vida social e religiosa seria uma maneira de resgatar a segurança perdida. Ao contrário dos conservadores e fundamentalistas, que mantinham um isolamento cabendo cada indivíduo retornar ou não aos princípios defendidos, os neos (conservadores e fundamentalistas) acreditam que possuem uma missão especial, a de salvar o mundo e, portanto, a instrumentalização da política forneceria uma chance de concretizarem seus projetos de imposição sobre como deve ser a vida privada e a vida pública.

1.3) O Movimento Neoconservador no Brasil

Como citamos anteriormente, os movimentos conservadores e fundamentalistas tendem a emergir em momentos de estranhamento diante de novas formas de organização social ou com a quebra de certas tradições, sejam elas religiosas ou seculares. No Brasil, o conservadorismo esteve presente em toda nossa história, de forma latente ou ativa. Próximo ao movimento da independência do Brasil, já é possível sentir uma busca para mediar o liberalismo revolucionário e a tendência conservadora, sendo que, o próprio liberalismo político brasileiro adaptou-se ao contexto econômico da produção escravocrata, fechando os olhos para a mesma (MERCADANTE, 1980).

Nos séculos XVIII e XIX, o debate sobre a formação do Estado Brasileiro, a cultura e as instituições do país foram regidos por pensadores conservadores com grande destaque na academia brasileira (BOTELHO; FERREIRA, 2010). Alberto Torres e Oliveira Viana são alguns exemplos deste grupo. Evidentemente, a produção literária do pensamento conservador no Brasil, no período destes autores, estava influenciada pelo conservadorismo europeu (BOTELHO; FERREIRA, 2010), mas a mesma já lidava também com problemas próprios de nossa história que se diferenciavam do nosso contexto histórico e social em relação aos da Europa. Portanto, para estes autores, a articulação sociológica e a defesa de certos padrões antigos da sociedade e das instituições políticas eram as condições para a estabilidade política (BUENO, 2016). Mercadante (1980) destaca um dos pilares do conservadorismo clássico europeu presentes no Brasil: a contrarrevolução. Como descrevemos anteriormente, as grandes revoluções promoveram também movimentos conservadores e, nesta mesma lógica, o autor cita a ideia conservadora de Firmino Rodrigues da Silva, jornalista e senador do Império, que afirmava que o pensamento conservador surge um dia depois das revoluções para firmá-lhes as conquistas.

Sem adentrarmos profundamente nesta literatura, podemos dizer que o pensamento conservador deste período preocupava-se com a manutenção do Estado e da ordem social e seguia sob a mesma lógica de um pensamento clássico abordado anteriormente.

Se com o início da Primeira República houve um grande destaque das ideias liberais no contexto político e econômico, os anos de 1920 e 1930 foram marcados pelo surgimento de várias vertentes com pensamento antiliberal (KAYSEL, 2015). Lamounier (1977) aponta que no Brasil já havia um pensamento protofascista configurado muito antes de 1910, sendo esta mesma visão inseparável da formação da ideologia de Estado a que se contrapunha justamente o pensamento liberal da época.

O Poder Estatal é necessário não somente para erradicar os males do passado, cuja força de inércia só pode ser superada por uma cirurgia enérgica, como também para manter sob controle o próprio processo de mudança, assegurando a sobrevivência do que porventura exista de bom. Para "preservar-lhes as boas qualidades", como disse Oliveira Vianna, "extirpando-lhes" as más. (LAMOUNIER, 1977, p. 390).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, outros movimentos reacionários surgem, e embora por algumas vezes chamados de conservadores, já não se limitavam

apenas às características primordiais desta forma de pensamento e, portanto, também vão ao encontro ao que descrevemos sobre o neoconservadorismo.

Kaysel (2015) comenta que, neste período, entidades Ipes-Ibad exerceram grande influência na formação do pensamento anticomunista promovido no Brasil. Santomauro (2015) destaca que já na década de 1950, os Estados Unidos marcavam presença na luta contra o comunismo em solo brasileiro. De acordo com o relatório do embaixador dos Estados Unidos no Brasil, William Wieland, escrito em abril de 1953, a *United States Information Service* (USIS) deveria assumir o protagonismo no exercício de influência sobre a política externa brasileira. Ao realizar uma propaganda ofensiva, seria possível retomar o alinhamento brasileiro e garantir os interesses do governo estadunidense:

É indispensável que os USIS sejam imponderados para não terem mais uma posição passiva, defensiva no Brasil, assumindo a ofensiva da propaganda. É urgente, o objetivo principal deve ser colocar a opinião pública brasileira de volta para onde estava quando clamava por assumir a aliança com os EUA durante a Segunda Guerra Mundial. Quando isto for atingido, os objetivos dos USIS poderão ser cumpridos e as metas da política dos EUA, facilitadas. (WIELAND, 1953 *apud* SANTOMAURO, 2015, p. 143)

Três meses após esta nota, foi criada a *The United States Information Agency* (USIA) que teve grande papel na disseminação de “notícias” sobre o comunismo. Evidentemente, o objetivo desta agência era o de reprimir qualquer movimento pró-esquerda e comunista por meio da opinião pública. Os panfletos abaixo foram assinados por uma instituição chamada *Lei e Policia Serviço de Contra Propaganda* vinculada à USIA. Segundo o autor, este material era destinado aos operários, criticando a forma de trabalho, liberdade política e o desrespeito aos valores religiosos no comunismo.

Figura 4 Capa de Panfletagem Lei e Policia



Fonte: (SANTOMAURO, 2015, p. 203-204)

Entre 21 e 28 de maio de 1956, o Departamento de Imprensa da USIA publicou no jornal *O Globo* uma série de reportagens com o tema *A morte vem de Moscou* novamente com o objetivo de criticar a forma de governo desenvolvido na URSS.

Figura 5 Capa jornal o Globo (1956)



Fonte: (SANTOMAURO, 2015, p. 187)

No período da Guerra Fria, a política externa brasileira, iniciada por Jânio Quadros (1961), buscava pragmaticamente acordos políticos e comerciais entre diversos países, partindo da premissa de que o alinhamento exclusivo com Washington não garantiria ganhos reais ao país (PINHEIRO, 2015). Em sequência, o governo de João Goulart deu continuidade à política externa independente e tomou algumas medidas polêmicas para a época. Internamente, a proposta de reforma agrária contribuiu para a polarização do debate dentro do governo. Diante da resistência para esta medida, o governo passou a pressionar o Congresso juntamente com os movimentos sociais.

Agosto de 1961 marcou o início de diversas articulações que visavam a retirar Jango do poder. O que unia estas articulações era o discurso de um “inimigo comum”: as esquerdas (MENDES, 2005). Diante da possível “comunização” do país, como alegavam alguns grupos da época, iniciou-se um processo de embate entre grupos de direita que buscavam implementar um projeto político de acordo com seus interesses.

Isolado politicamente, passou a realizar comícios em praça pública, na tentativa de resgatar sua base de apoio. Em 13 de Março de 1964, o Comício da Central do Brasil marcou o começo do confronto final e de sua derrubada do poder (CHAIA, 2011). Neste evento, João Goulart anunciou a desapropriação de terras localizadas às margens de rodovias, ferrovias e obras públicas (GRYNSZPAN, s.d.)²⁷. O evento mobilizou 150 mil pessoas (CARVALHO, 2014). Enquanto ocorria o comício, alguns apartamentos na zona sul do Rio de Janeiro mantinham as luzes acesas e exibiam lençóis brancos nas janelas, como uma demonstração explícita de oposição da classe média carioca ao comício realizado na Central do Brasil (GORENDER, 2014). Mesmo diante das reformas anunciadas, setores da esquerda ainda consideravam que Jango não estava cumprindo o prometido e, além disso, setores do Congresso Nacional também demonstravam um descontentamento com a atuação do presidente (MENDES, 2005).

Mendonça (2010) relembra a batalha discursiva dos deputados federais em 1964. Deputados da esquerda e da direita polarizavam em seus discursos. Os pronunciamentos, em 1964, estavam em torno da instabilidade política do momento, marcados por diversas

²⁷ GRYNSZPAN, Mario. CPDOC FGV – A questão agrária no governo Jango. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/A_questao_agraria_no_gover_no_Jango. Acesso em 13/05/2016.

manifestações de diversos setores. Mendonça destaca que os discursos também poderiam ser considerados como reações diante do contexto e acontecimentos do período:

Reação ao "Comício da Central do Brasil", reação em razão da "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", reação ao "Protesto dos Marinheiros", reação aos acontecimentos promovidos pelas centrais sindicais, reação em torno dos decretos presidenciais, como o do congelamento dos aluguéis e o da reforma agrária da SUPRA (MENDONÇA, 2010, p. 173).

Na plenária de 17 de março de 1964, encontramos um ambiente tenso no *Diário da Câmara Federal*, que registrou as reações dos deputados ao comício realizado. Podemos exemplificar o caso por meio do debate entre os deputados Nei Ortiz Borges (PTB/RS) e Laerte Vieira (UDN/SC). Laerte considerou o comício uma afronta ao Estado de direito devido à ação subversiva do Presidente:

Dizia eu senhor presidente e senhores deputados que o comício foi subversivo, pois nele se pregou, inclusive, o fechamento do Congresso Nacional, nós temos os documentos, a gravação e o povo brasileiro é testemunha deste fato. (DIÁRIO DO CONGRESSO FEDERAL, 1964, p. 1563)

Borges rebate este argumento ao dizer que a manifestação foi legítima, uma vez que se tratou de uma reunião espontânea do povo.

Disseram os democratas da direita, hoje representados pelo deputado Laerte Vieira assombrar a tribuna para dizer coisa tão sem nexos, tão sem significado. Por que atentar contra a constituição, quando o povo se reúne? (DIÁRIO DO CONGRESSO FEDERAL, 1964, p. 1567)

Os deputados Correa da Costa (UND/MT) e Ary Pitombo (PTB/AL), assim como outros, também discursam utilizando os termos direita, esquerda, comunistas e reacionários para criticar ou defender o governo de Jango. O tom de uma possível ameaça comunista é presente em boa parte dos discursos dos que faziam oposição ao presidente. Nesta mesma sessão, podemos citar o pronunciamento do deputado Padre Vidigal (PSD/MG), no dia 17 de março de 1964. Neste pronunciamento, percebemos que, assim como nos Estados Unidos, a religião temia a instalação de um regime comunista, que, por sua vez, é incompatível, segundo o movimento fundamentalista, com o pensamento cristão:

Sr. Presidente! Srs. Deputados! No dia 9 de fevereiro dêste ano, o Exmo. Sr. Dom Oscar de Oliveira, dd. Arcebispo de Mariana, dirigiu uma Carta Pastoral

sobre o Comunismo, Religião e Pátria ao Revmo. Clero Diocesano, às Religiosas, a Ação Católica, às Associações Religiosas e aos fiéis em geral. Esta carta fez com que as palavras do Primaz da Igreja em Minas Gerais repercutissem agradavelmente, no Brasil inteiro, como se fôsse uma clarinada que despertasse o povo para a luta sem tréguas, contra os maiores inimigos da democracia que é de essência evangélica, contra os mais perigosos inimigos de nossa Pátria, pois desejam cubanizá-la, contra os mais rancorosos inimigos de Deus os quais procuram expulsar o Santo Nome d'Ele, das páginas da História, criando o Instituto de Ateísmo Científico e até cursos por correspondência para divulgar o ateísmo [...] “O comunismo é uma religião anti-religião. Tem a sua bíblia que é o Capital Marx. Marx e Lenine são para o comunismo o que Pedro e Paulo são para nós católicos” (DIÁRIO DO CONGRESSO FEDERAL, 1964, pp. 1554, 1558)²⁸

Reflexo deste clima, de debates acirrados e da conjuntura nacional e internacional, foram as manifestações populares de oposição. Assim, como o primeiro movimento foi durante o próprio comício de Jango, no momento em que pessoas estendiam lençóis nas janelas, outros grupos foram para a rua, em um explícito protesto contra o Governo.

No dia 19 de março de 1964, foi realizada a *Marcha da Família com Deus*, um episódio marcante das manifestações populares. Alguns cartazes presentes nesta marcha com as expressões “Verde amarelo, nem foice nem martelo” ou “Queremos um governo Cristão” revelam a preocupação destes grupos com a possibilidade da instauração de um regime comunista no Brasil e com a defesa dos valores cristãos.

Figura 6: Marcha da Família com Deus pela Liberdade



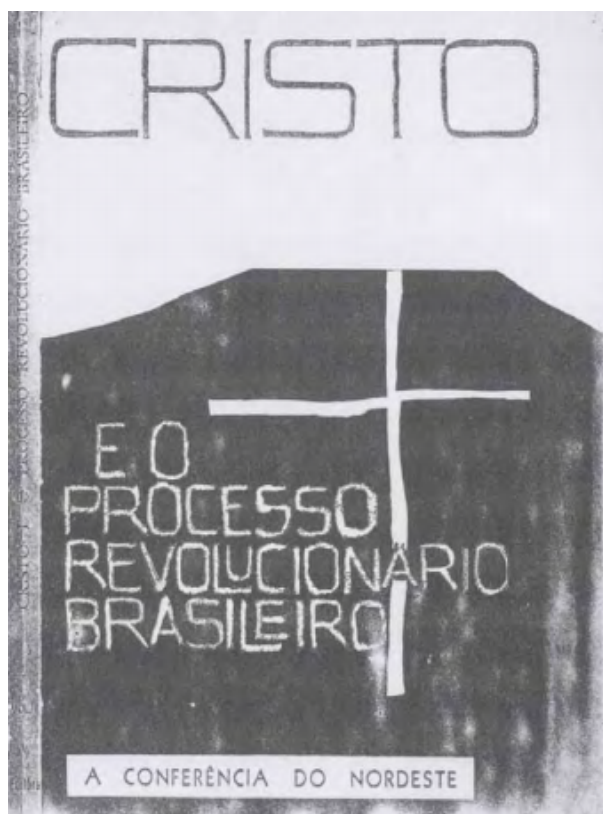
Fonte: FolhaPress (s.d.)

²⁸ Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD17MAR1964.pdf#page=>. Acesso em 19/09/2018.

A *Marcha da Família, com Deus e pela Liberdade*, que combatia o comunismo e defendia um civismo baseado no tripé Deus, Família e Propriedade; primeiramente, foi realizada em São Paulo, com a participação de aproximadamente meio milhão de pessoas (GORENDER, 2014) e depois o movimento espalhou-se para outros Estados e cidades brasileiras. Neste mesmo período, vale destacar que, a partir de 1960, a relação entre Igreja e Estado alterou-se e o grande objetivo da Igreja Católica era o de solucionar os problemas sociais e não mais manter-se no poder ao lado dos privilegiados. As injustiças sociais transformaram-se numa preocupação constante, por parte da Igreja, que se tornava mais crítica e mais atuante. Esse objetivo foi expresso pelas encíclicas *Mater et Magistral* (1960), *Pacem in Terris* (1963) e a *Populorum Progressio* (1967), o Concílio Ecumênico Vaticano II, iniciado no Pontificado do Papa João XXIII e concluído com o Papa Paulo VI, no ano de 1966. O desenvolvimento da Teologia da Libertação, que foi um movimento síntese revolucionário anticapitalista entre cristãos, entrou em confronto com o Governo a partir de denúncias ao sistema político e econômico vigentes na época e a partir do questionamento sobre a injustiça, a desigualdade, a opressão e a violação aos direitos humanos. A Igreja Católica, que por muitas vezes foi caracterizada em ser uma instituição alienada, estava ligada aos interesses das classes dominantes e na manutenção do *status quo* e transformou-se em uma Igreja voltada aos problemas sociais, buscando a sua libertação da humanidade em seu sentido mais amplo, que envolve o plano espiritual, econômico, social e político (CHAIA; MARTINHO; ORTUNES, 2019). Portanto, a Teologia da Libertação também passou a ser uma ameaça para os católicos mais conservadores.

Do mesmo modo, alguns protestantes também se alinhavam ao movimento iniciado pela Teologia da Libertação. Souza (2011) relembra a importância da presença dos presbiterianos durante uma conferência no Recife, em 1962, organizado pela Confederação Evangélica do Brasil (CEB).

Figura 7 Capa – boletim a Conferência do Nordeste “Cristo e o processo revolucionário brasileiro”



Fonte: (SOUZA, 2011, p. 264)

A Conferência do Nordeste, que tinha como objetivo discutir a realidade social brasileira, levando em conta os diversos problemas enfrentados pela sociedade, foi um espaço que conseguiu promover um diálogo entre pastores protestantes e intelectuais como, por exemplo, Celso Furtado, Gilberto Freyre, Paul Singer e Juarez Rubem Brandão Lopes (ALMEIDA, 2016). Neste episódio, estavam presentes quatorze diferentes denominações protestantes, como batistas, congregacionais, presbiterianos, episcopais, luteranos, pentecostais reformados, metodistas livres. Além disso, contou com a presença de representantes de cinco igrejas dos Estados Unidos, México e Uruguai como observadores (BURITY, 2011). Com temas ligados ao movimento campestre, à questão agrária, à miséria rural e às reformas urbanas, este evento acentuou as divergências entre os grupos protestantes progressistas e conservadores. A ideia de aproximar a missão da igreja brasileira não agradou alguns setores (ALMEIDA, 2016), promovendo uma onda de exclusões eclesiais. Dentre estas exclusões, podemos citar Rubem Alves que, na época, era pastor presbiteriano no interior de Minas Gerais e sofreu diversas punições do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana e, mais tardiamente, denunciado como subversivo aos militares durante a instalação da ditadura no país (ALMEIDA, 2016).

Ao falarmos de presbiterianos, Araújo (2010) comenta que a Igreja Presbiteriana do Brasil teve participação direta no golpe militar, apoiando o novo regime e até mesmo por meio de seus juristas, elaborando atos institucionais. De acordo com o autor em sua pesquisa, foram as igrejas presbiterianas, dentre as igrejas evangélicas, as mais comprometidas com o golpe. Para Rubem Alves (1982), este clima de perseguição por parte da igreja não era uma novidade uma vez que, mesmo antes do militarismo instaurado, a comunidade eclesial já era um ambiente de intolerância e inquisidor.

No meio católico também havia vozes contrárias ao movimento neoconservador religioso que ganhava espaço neste momento. Por exemplo, o discurso do deputado Padre Vidigal, apresentado anteriormente, destoa da visão de Dom Angélico sobre o período do governo Jango. Lanza (2001) mostra o posicionamento de Dom Angélico contrário e explícito ao golpe e à ideologia que propagava o medo contra o poder soviético. Em entrevista ao autor, Dom Angélico comenta que não avaliava o Governo de João Goulart como comunista e nem de inspiração marxista, e afirmava que “o movimento militar não veio para libertar o Brasil do perigo comunista coisa nenhuma, mas veio para conservar privilégios daqueles que sempre dominaram econômica e politicamente este país” (LANZA, 2001, p. 6).

O apoio ao golpe por parte das igrejas evangélicas foi progressivo (BINDE *et al.* 2017). Parte deste apoio estava pautado em construções teológicas sobre a luta entre o bem e o mal. Havia um medo da influência das esquerdas consideradas demoníacas dentro das igrejas protestantes. Por isso, o ambiente inquisitório internamente tornou-se compatível com o regime militar. Outra parte do apoio estava em interesses por cargos políticos, como no caso dos batistas. Silva (2014) comenta que este grupo não só legitimava a ditadura, mas também colaborava com as instâncias governamentais e fazia um jogo de barganhas por cargos e postos políticos em nível federal, estadual e municipal.

Mesmo com a instalação da ditadura militar, o predomínio do discurso do medo e a batalha contra o comunismo ainda estava presente em diversos setores da sociedade. Portanto, protestantes alinhavam-se a um discurso messiânico de salvar o país deste mal que assolava o mundo. O messianismo deste período estava impregnado da teologia estadunidense do período da Guerra Fria (ALONSO, 2014) e, conseqüentemente, misturava elementos do fundamentalismo contextualizados ao ambiente da Guerra Fria. Portanto, o imaginário evangélico compreendia os movimentos progressistas como parte da batalha espiritual, sendo o comunismo o mal que deveria ser combatido pelas forças do bem espelhados no governo militar.

A preocupação com o comunismo também estava presente no contexto educacional. A título de exemplo, o sistema de ensino em vigência era visto como um problema para a juventude, sendo ele fonte de degeneração e rebeldia. Foram diversos os embates políticos que buscavam reestruturar o ensino no Brasil. A preocupação de alguns professores e políticos conservadores era sobre o perigo das teorias que circulavam dentro das universidades. Katya Braghini (2015), em sua obra *Juventude e Pensamento Conservador no Brasil*, aponta diversas publicações com esta temática nos jornais de grande circulação da época. Como ilustração, podemos citar parcialmente o texto do professor Alfredo Gomes, publicado em 1968, na revista da Editora do Brasil S/A:

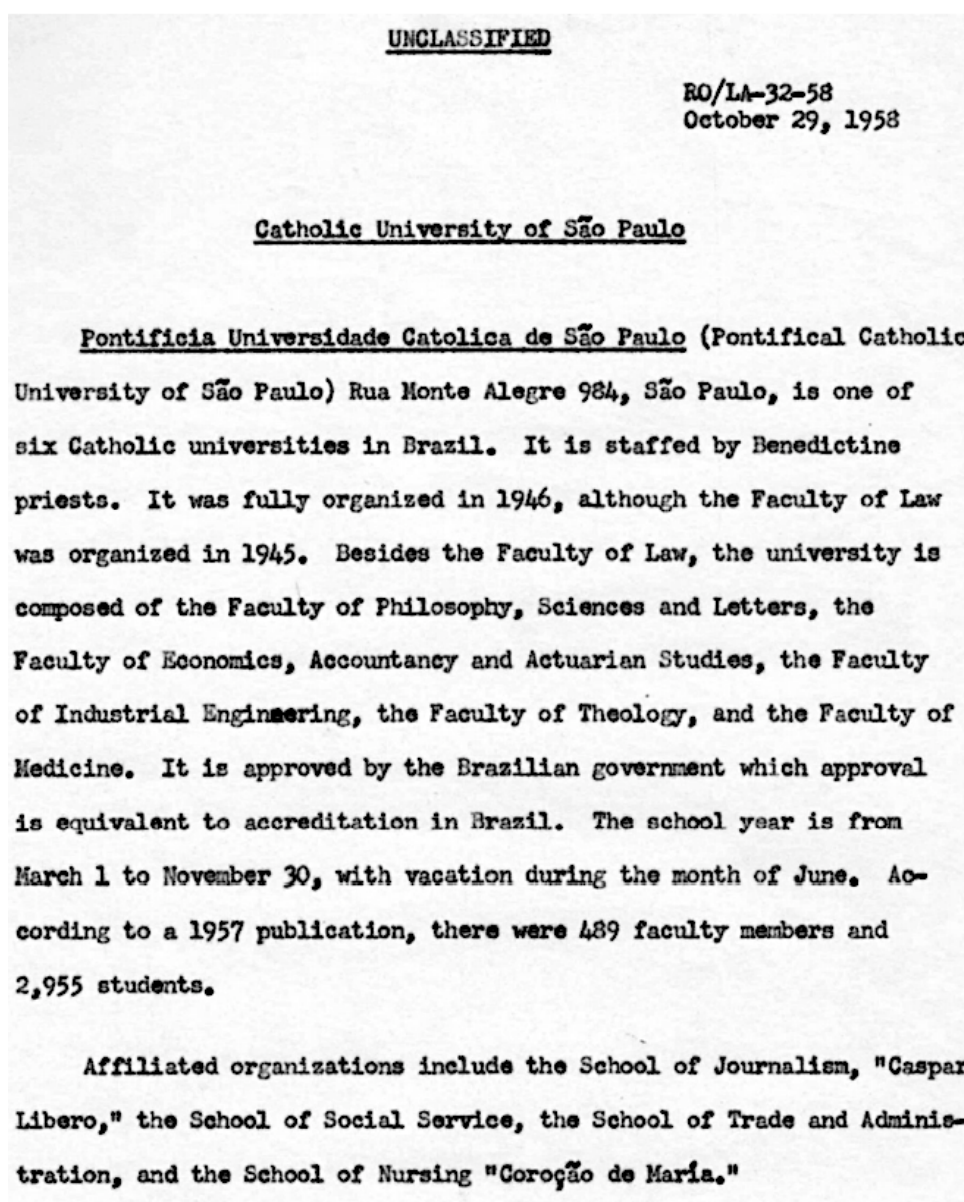
São aproveitadores que transferem para a juventude o próprio inconformismo manipulando reações, desencadeando estímulos que provocam e alimentam uma agressividade crescente. E não poucos desses exploradores da juventude estão conscientizados, mentalizados, nilitizados, fazendo ressurgir “consciente ou inconscientemente o mesmo movimento que deram a substância os livros de Turgueniev (“Terras Virgens” e “Pais e Filhos”) de Tchernychevski (“O que fazer?”). Movimento que foi “um estado de espírito” da “inteligência” criando “grupos de revolucionários realistas pensantes” cujos objetivos eram destruir tudo o que fosse possível de destruição, pois só o que fosse bom resistiria aos seus golpes, acabando-se a “velharia inútil”. O lema era “golpear à direita e à esquerda”. Dele surgiu a vasta “organização secreta” de “jovens” louvados e exaltados por Bakunine, que buscava roubos e recursos para execução dos seus atos de terrorismo no século XIX. Fora eles, elogiados pelo “paladino da pré-revolução”, o anarquista e discípulo de Proudhon, por Lavrov, seguidor de Marx, e por Tkatchov, acólito de Babeuf e de Blanqui, que levaram aos “Dez dias que abalaram o mundo” e continuam a perturbá-lo. (EBSA *apud* BRAGHINI, 2015, p. 168)

Diante deste texto, percebemos nitidamente a crítica aos autores anarquistas e marxistas. Mesmo sem grandes explicações sobre as abordagens que tais obras nos trazem, todas foram consideradas como motivadoras da perturbação da ordem. Além disso, segundo Gomes, “professores aproveitadores” alimentavam a agressividade nos alunos. Nestes moldes, Braghini apresenta o texto do jornalista Gustavo Corção:

Em 1966, o jornalista Gustavo Corção escreveu, em um artigo no jornal *Diário de Notícias*, que qualquer país suportava “uma dose razoável de tolice”. Para o autor, “tolice” era o fato de uma parcela da juventude brasileira, à época, estar apegada ao ideal de uma radical transformação social do país por meio de uma revolução socialista. Nesse texto, uma parcela dos estudantes brasileiros foi nomeada como “anormal”. Isso, porque uma minoria “triste”, “feia”, “burra”, todos “idiotas sugestionáveis”, tinha sido, corrompida por uma paixão irracional, fruto de uma “ureia de teor marxista” que tornou a juventude “o problema número 1 do Brasil”. (EBSA *apud* BRAGHINI, 2015, p. 97)

Textos, como os apresentados, retratam que o neoconservadorismo destes autores parte da hipótese de que as obras marxistas formavam uma fundamentação teórica responsável por alimentar a raiva dos estudantes. De acordo com Santomauro (2015), esta preocupação com os estudantes e sua relação com o comunismo já era observada antes mesmo do ano de 1964. Em um memorando da *United States Information Agency* (USIA), encontramos uma descrição sobre o monitoramento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e o possível foco comunista entre latino-americanos.

Figura 8 Relatório da USIA na América Latina resumia histórico de possíveis focos de comunistas entre estudantes latino-americanos em 1958. Nesse caso, uma descrição da PUC-SP.



Fonte: (SANTOMAURO, 2015, p. 196)

Até este ponto, identificamos três grandes pilares de atuação do movimento neoconservador na década de 60: a política, a religião e a educação. No mesmo período, estas frentes também eram defendidas por Leo Strauss e foram retomadas por Irving Kristol na década de 80, nos Estados Unidos. Adiante, perceberemos que estes três pilares tornaram-se novamente a base para o pensamento neoconservador em 2014, no Brasil.

1.4) O Retorno do Neoconservadorismo no Brasil: Deus, gays e armas

Conforme Magali Cunha (2017), podemos identificar uma nova face do conservadorismo religioso ou do neoconservadorismo, que emergiu como reação às transformações socioculturais que o Brasil experimentou, especialmente nos governos petistas, com o aumento do debate de propostas de políticas públicas voltadas para os direitos humanos e de gênero. Já descrevemos diversos aspectos do neoconservadorismo nos Estados Unidos e sua diferença com o conservadorismo clássico; aqui no Brasil, do mesmo modo, o neoconservadorismo surge a partir de tal estranhamento das mudanças dentro da sociedade e ampara-se na construção de uma batalha cultural na tentativa de resgatar certos valores considerados como tradicionais. A busca por hegemonia das ideias conservadoras na sociedade brasileira é um processo que abarca várias dimensões e áreas da vida social (DEMIER, 2016), as quais pretendemos apresentar adiante.

Para nós, o neoconservadorismo descola-se do pensamento de direita clássico, pois sua agenda volta-se quase que, exclusivamente, para questões morais, conforme comenta Renato Janine Ribeiro (2015): “O que distingue a extrema-direita hoje no Brasil é quase que mais uma agenda de costumes do que uma agenda política. A extrema-direita está se distinguindo do restante por um ódio cabal aos direitos humanos”²⁹. E, neste ódio cabal, enquadram-se diversas pautas, como por exemplo, a redução da menor idade penal e o direito às armas. O discurso de extrema direita conseguiu colar na imagem dos Direitos Humanos a ideia de que os tais direitos não são aplicados ao “cidadão de bem”, sendo eles reservados apenas para criminosos e marginais da sociedade. A frase “Direitos Humanos para Humanos Direitos” ou o termo “Direito dos Manos” foram altamente propagados na sociedade com o objetivo de deslegitimar as pautas da comissão e até mesmo os direitos em si. Sem nenhuma grande reflexão sobre os fundamentos dos

²⁹ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/roldao-arruda/extrema-direita-avanca-com-odio-aos-direitos-humanos-diz-filosofo/>. Acesso em: 16/04/2016

Direitos Humanos, critica-se aquilo que muitos não conhecem. Em uma pesquisa realizada em 2017, na Marcha para Jesus, por Esther Solano, Marcio Moretto Ribeiro e Pablo Ortellado,³⁰ identifica-se que esta visão sobre Direitos Humanos também é compartilhada por evangélicos. Dentre os 484 entrevistados, 66% acreditam que os Direitos Humanos atrapalham o combate ao crime:

Gráfico 1 Os Direitos Humanos atrapalham o combate ao crime?



Fonte: (SOLANO; MORETTO; ORTELLADO, 2017)

Este discurso, em tom belicoso, fomenta o embate contra as pautas identitárias ao ponto de criar também rótulos desconexos aos movimentos sociais e à esquerda, como por exemplo: Ditadura Gay, Ativismo Gay e Esquerdopata (promovendo a conotação de doença). Nesta batalha ressurgiu, por exemplo, o combate ao comunismo de forma anacrônica (DEMIER, 2016), mas que se disseminou rapidamente por meio das redes sociais.

A dualidade entre esquerda e direita foi o pano de fundo para que a nova direita e o neoconservadorismo ganhassem espaço no cenário público, principalmente por meio de sua articulação nas redes sociais e seus desdobramentos nas manifestações. Evidentemente, esta nova polarização, por muitas vezes, acaba reduzindo os embates políticos, como veremos adiante. Importante destacar que a posição ideológica dos

³⁰ Disponível em: https://rawgit.com/pesquisaR/resultados/79fdcd5/marcha.html?fbclid=IwAR0LPPvJPL-MeIqUL-rLNf8JgNXVOv6khPiJ_t-0B15QrMlo6IpvuIcF3-I. Acesso em 15/04/2018.

partidos, por ser uma linguagem simples, fornece um atalho para decisão do alinhamento ideológico do eleitor. Essa dualidade torna-se uma forma de simplificação dos programas políticos que cada partido pretende desenvolver, sem que necessariamente o eleitor tenha conhecimento dos programas (SINGER, 1994). E, diante desta simplificação, fica fácil criar estigmas sociais em relação ao partido ao qual se faz oposição.

Alguns autores contemporâneos, em diversas publicações, comentam sobre os problemas e os perigos do pensamento “esquerdista” no Brasil, defendendo um posicionamento conservador. Por exemplo, para Denis Rosenfield (2014), a esquerda (socialista) ainda está viva. No entanto, utiliza de subterfúgios para o convencimento, sendo que seu principal ideal ainda permanece o mesmo:

O socialismo do século XXI, ao contrário, é repleto de subterfúgios e malícias. Com a derrocada do comunismo, que sucumbiu às próprias contradições e violências, as novas esquerdas passam a falar em “socialismo” ou até em “sociedade solidária”, mascarando seu verdadeiro projeto político: a luta contra o direito de propriedade, a liberdade de escolha, o Estado de Direito e a democracia representativa. Em poucas palavras: a destruição do capitalismo. (ROSENFELD, 2014, p. 88)

O autor João Pereira Coutinho desqualifica a esquerda a partir do plano estético, defendendo a ideia de que a própria palavra *esquerda*, em sua raiz, é carregada de um negativismo histórico, filosófico e teológico:

Mesmo que a esquerda se tivesse sentado à direita, há um patrimônio linguístico, cultural e até visual que a identifica com o desafio à ordem estabelecida – a ordem que a direita presumivelmente defende. Basta estudar como a arte ocidental representou os lados direito e esquerdo ao longo de sua história, uma tarefa hercúlea de James Hall [...]. Em todas culturas, explica Hall, persiste o dualismo esquerda/direita, e a regra é uniforme: a esquerda perde no plano moral. Para as tribos Maori, por exemplo, a direita é o “lado da vida” (ou da força), enquanto a esquerda é “lado da morte” (ou da fraqueza). Na sua República, Platão não hesita em conceder eternidade para os justos convidando-os a ascender pelo lado direito. O mesmo acontece no dia do “Juízo Final” do cristianismo. (COUTINHO, 2014, p. 44)

Olavo de Carvalho, influenciador digital que ganhou destaque diante desta polarização, afirma que as pautas progressistas desenvolvidas nos governos petistas fazem parte de uma expansão das ideias socialistas e que estão relacionadas à decadência moral da sociedade:

É preciso ser um cego, um idiota ou completo alienado da realidade para não notar que, na história dos últimos séculos e, sobretudo das últimas décadas, a expansão dos ideais sociais e da revolta contra a sociedade injusta vem junto com o rebaixamento do padrão moral dos indivíduos e com a consequente multiplicação do número de seus crimes. (CARVALHO, 2013, p. 198)

Evidentemente, estes posicionamentos, contrários ao comunismo e à esquerda brasileira, alimentam o imaginário coletivo dos setores conservadores e religiosos da sociedade. O crescente volume de livros, matérias e conteúdos nas redes sociais reforçaram o sentimento de que o país corre perigo de um possível golpe comunista e que também está em constante decadência moral.

A educação novamente passou a ser alvo de um policiamento contra as teorias de esquerda. Como discutimos no primeiro capítulo, a educação sempre é vista com desconfiança em períodos de efervescência do pensamento conservador. O movimento *Escola Sem Partido* é um exemplo deste retorno do combate ao marxismo nas escolas. Assim como nas publicações em 1968, que mencionamos anteriormente, este movimento, que ganhou destaque em 2014, busca, através de um projeto de lei defendido por Miguel Nagib, estabelecer um limite tênue entre a educação e formação de opinião dos estudantes. Segundo a liderança deste grupo, os alunos são alvos de uma doutrinação ideológica que é extremamente prejudicial ao progresso pessoal e, conseqüentemente, ao progresso do próprio país. Embora nos princípios defendidos pela *Escola Sem Partido* não mencione explicitamente o combate à esquerda, demonstrando ser um movimento que é contra todo e qualquer posicionamento ideológico, percebemos, por meio de algumas publicações que, na realidade, a ênfase recai sobre os medos do passado e da luta contra o comunismo. Nitidamente comprovamos esse fato nos textos encontrados no site *escolasempartido.org.br*, como por exemplo: *A praga marxista se espalha pelo mundo e o Marxismo: ideologia oficial da escola pública de Santa Catarina*³¹.

Por outro lado, não encontramos qualquer texto que combata uma possível “doutrinação liberal” ou “conservadora”. Ou seja, os vestígios da Guerra Fria que permaneceram “adormecidos” no período de redemocratização do país, agora, retornaram fortemente, após o crescimento dos movimentos sociais e, principalmente, frente aos anos de Governo do Partido dos Trabalhadores (PT) considerado “comunista” para alguns grupos conservadores.

³¹ Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/o-papel-do-governo-categoria/490-marxismo-ideologia-oficial-da-escola-publica-de-santa-catarina>. Acesso em 08/07/2015.

Além do combate à esquerda, o movimento neoconservador também utiliza um discurso muito particular para deslegitimar as pautas presentes no espectro da esquerda. Assim como Pierucci (1990) comenta, durante a década de 1980, os movimentos de direita destacavam o direito à diferença apropriando-se de um lema dos movimentos de esquerda. Do mesmo modo, ocorre hoje. A valorização da diversidade pregada pela esquerda foi alterada pelos que buscavam contrapor-se ao direito à igualdade das minorias e mulheres. Com isso, cria-se uma apropriação do discurso com uma alteração no sentido. Por exemplo, Jair Bolsonaro, ao comentar, em entrevista, sobre a pauta da Comissão de Direitos Humanos, presidida por Marco Feliciano, afirma:

A agenda [da comissão] antes era outra, de uma minoria que não tinha nada a ver. Hoje, representamos as verdadeiras minorias. Acredito no Feliciano, de coração. Até parece que ele é meu irmão de muito tempo.³²

Marco Feliciano caminha no mesmo sentido ao destacar, implicitamente, o direito à diferença de gênero. Para o deputado, a busca pela igualdade é um dos motivos da destruição da família.

As feministas lutam pelo direito delas, o que é legítimo, o que a democracia permite, mas o que vem por trás de tudo isso, de maneira subliminar, é o que me assusta, porque quando você estimula uma mulher ter os mesmos direitos do homem, ela querendo trabalhar, a sua parcela como ser mãe começa a ficar anulada, e pra que ela não seja mãe, só há uma maneira que se conhece: ou ela não se casa, ou mantém um casamento, um relacionamento com uma pessoa do mesmo sexo, e que vão gozar dos prazeres de uma união e não vão ter filhos. Eu vejo de uma maneira sutil atingir a família; quando você estimula as pessoas a liberarem os seus instintos e conviverem com pessoas do mesmo sexo, você destrói a família (VITAL; LOPES, 2012, p. 155).

Portanto, o discurso contrapõe-se, isso porque há a valorização da diversidade, não no sentido de emancipação e conquista de direitos, mas sim, a diversidade que mantém o *status quo* e as relações de domínio tradicionais. Com base nisso, o neoconservadorismo promove o enfretamento contra o público LGBT, feministas e praticamente todo o movimento que tem por lema a busca da igualdade social e da defesa dos direitos básicos do cidadão, como por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Sobre a luta contra a esquerda e contra o movimento LGBT, demonstraremos diversos exemplos

³² Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/03/sou-um-soldado-do-feliciano-afirma-deputado-jair-bolsonaro.html>. Acesso em 26/03/2018.

ao logo de nosso trabalho, pois também, tais frentes são alvos de combate ao neofundamentalismo, uma vez que resvalam na moralidade e nos princípios religiosos. Portanto, apresentaremos a seguir o outro campo de batalha do neoconservadorismo: o *Estatuto do Desarmamento*.

Como já mencionamos, assim como Habermas (2006) afirma que o comportamento eleitoral nos Estados Unidos já foi orientado por valores conflitantes - Deus, *gays* e armas; aqui no Brasil evidenciamos que os temas Deus e *gays* estão presentes no debate público. E, do mesmo modo, podemos citar a questão das armas que entraram em alta no Brasil, consolidando a pauta do neoconservadorismo. O debate promovido, principalmente, pela Bancada da Bala, na flexibilização da posse ou porte de arma é algo marcante no neoconservadorismo dos últimos anos. Como exemplifica Ciocari (2016), nas eleições de 2014, o deputado mais votado no Rio Grande do Sul foi Luis Carlos Heinze, um claro defensor da formação de milícias rurais para exterminar indígenas, em exercício de uma candidatura de rótulo aos negros, índios e às comunidades quilombolas como “tudo o que não presta”³³. A autora ainda traz o exemplo do delegado Waldir Soares (PSDB) que, com o maior número de votos em Goiás (276.625), utilizava como seus *slogans* “Tolerância Zero” e “45 do calibre e ‘zero-zero’ da algema para o bandido”, associando seu número de campanha (4500) com “45 do calibre e 00 da algema”.

Evidentemente, os altos índices de criminalidade vivenciados no país criam um cenário propício para que discursos como estes possam fazer sentido para grande parte da população brasileira. Com isso, o pensamento neoconservador justifica a posse de armas como um meio para a redução da criminalidade. Diante da ineficiência do Estado em promover segurança, o cidadão seria o responsável por garantir sua própria integridade assim como sua propriedade.

Embora possa parecer algo antagônico, a relação entre armas e Bíblia foi assimilada de modo a ser desejável por parte de líderes evangélicos. A busca pela justificativa do uso de armas em legítima defesa ganhou aparato teológico. Por exemplo, o deputado Peninha (PMDB/SC), um político atuante nas pautas da bancada da bala. Defensor da revogação do *Estatuto do Desarmamento*, apresentou o Projeto de Lei número 3722 de 2012, na intenção de criar nova disciplina, mais flexível, sobre aquisição,

³³ Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/02/mantenho-o-que-eu-disse-diz-deputado-luis-carlos-heinze-sobre-questao-da-terra-no-estado-4417626.html>>. Acesso em: 08/09/2016

posse, porte e circulação de armas. Mesmo o deputado não sendo signatário da FPE, em sua rede social, replicou um *meme* que tenta justificar biblicamente o uso de armas.

Figura 9 Post Deputado Rogério Peninha no Facebook



MENDONÇA, Rogério Peninha. Desamparado pela lei dos homens. Amparados pela lei de Deus. 20/04/2015. Facebook³⁴.

Outro fato que se tornou emblemático foi a foto postada no *Facebook* por Olavo de Carvalho. Nela encontra-se o próprio Olavo e o padre Paulo Ricardo, ambos, armados com a frase: “prontos para o *hangout*”.

³⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/deputadopeninha/photos/desamparados-pela-lei-dos-homens-amparados-pela-lei-de-deussigamos-em-frente/1019631891382079/>. Acesso em 14/05/2016.

Figura 10 Post de Olavo de Carvalho sobre o Hangout com Padre Paulo Ricardo.



CARVALHO, Olavo. Prontos para o hangout. 09/04/2015. Facebook³⁵

Padre Paulo Ricardo ficou famoso nas redes sociais devido aos seus vídeos com mensagens políticas, antimarxistas e anticomunista. O mesmo demonstrou total alinhamento entre suas ideias conservadoras com as de Olavo de Carvalho, chegando ao ponto de fazerem *hangouts* juntos, nos Estados Unidos.

Uma vez que o neoconservadorismo no Brasil espelha-se fortemente no ideal norte-americano, esses argumentos estão inspirados na Segunda Emenda à *Constituição* dos Estados Unidos, de 1791, que garante o direito da população de manter e portar armas. Há também outro lado sobre a defesa do armamento do cidadão. Ciocarri (2016) apresenta que há uma relação entre a formação da bancada da bala e o financiamento de campanhas por parte da indústria das armas, conforme podemos observar abaixo:

³⁵ Post original deletado, recuperado em: <http://apologistasdafecatolica.blogspot.com/2015/04/padre-paulo-ricardo-aparece-em-foto-com.html>. Acesso em 13/05/2019.

Tabela 1 Financiamento da Indústria de Armas no Democratas (DEM)

Candidato	Cargo Disputado	Estado	Valor
Efraim Filho	Deputado Federal	Paraíba	R\$ 50 mil
Alberto Fraga	Deputado Federal	Distrito Federal	R\$ 80 mil
Onyx Lorenzoni	Deputado Federal	Rio Grande do Sul	R\$ 100 mil
Misael Varela	Deputado Federal	Minas Gerais	R\$ 80 mil

Fonte: (CIOCCARI, 2016, p. 136-137)

O pensamento armamentista é potencializado pelo interesse financeiro da indústria que a produz, que se beneficiaria com a flexibilização da comercialização de armas. Soma-se, então, o fetiche pelo armamento dos neoconservadores ao interesse econômico das empresas deste ramo.

Mas o financiamento não se limita apenas a este setor. Alguns grupos específicos, que representam as novas direitas no Brasil, recebem apoio internacional de outras instituições. Por exemplo, a Atlasnetwork.org³⁶, organização internacional que promove *thinks tanks* de viés liberal, patrocina, somente na América Latina, 85 projetos. No Brasil, possui convênio com os grupos Instituto Liberal de São Paulo, Instituto Ludwig von Mises Brasil, Instituto Millenium, *etc.* Uma breve análise destes grupos e nota-se seu combate às ideias de esquerda, algo que é natural na política. Contudo, alguns grupos ultrapassam a lógica liberal econômica e se apegam aos temas neoconservadores. No caso do Instituto Millenium, a ênfase do grupo é na defesa do modelo liberal como forma de alcançar uma sociedade melhor. O Instituto Liberal de São Paulo toca em assuntos em relação ao público LGBT, mas interessante os vinculam à necessidade deste público armar-se em sua própria defesa. Portanto, não defende valores conservadores no aspecto moral, mas faz uso destas pautas para atacar a esquerda, defender o movimento armamentista e contrapor-se aos movimentos sociais. Conforme podemos observar nos seguintes textos publicados no *site* oficial:

Não é a primeira vez que a classe LGBT se revolta com os grupos que dizem “defender os gays” mas, ao mesmo tempo, apoiam ditadores homofóbicos como Fidel Castro em Cuba e assassinos sanguinários como Che Guevara. Aos poucos, gays e trans estão percebendo que eles não defendem gays coisa alguma, apenas querem usar a causa para se elegerem.³⁷

³⁶ Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/>. Acesso em 26/03/2019.

³⁷ Disponível em: <http://www.ilisp.org/artigos/transexual-acusa-esquerda-de-usar-lgbt-de-massa-de-manobra-politica-assista/>. Acesso em 26/03/2019.

O maior erro que o movimento LGBT já cometeu na sua história foi se politizar. O meio político é o verdadeiro destruidor de lares, tem o poder de colocar grandes amigos uns contra os outros por mera discordância, e pior, colocar uma sociedade inteira contra si mesma.³⁸

Já o *think tank* Ludwig von Mises Brasil deixa claro sua posição conservadora nos costumes e seu enfretamento contra os movimentos sociais. Sobre o casamento homoafetivo, um texto no *site*, assinado por Catarina Rochamonte, assevera: “O casamento se resume a um objetivo: criar filhos. Sem esse objetivo, o matrimônio perde sua razão”³⁹ e sobre o feminismo também busca deslegitimar partindo da seguinte ideia:

As pautas do feminismo atual são as pautas da esquerda progressista, e esse movimento tende a querer impor de cima para baixo leis que, em vez de limitar o poder — que o nós liberais, libertários ou conservadores defendemos —, querem exatamente ampliá-lo. Querem exatamente ampliá-lo (ROCHAMONTE, 2018, n.p.)

A inversão de discurso também se faz presente no grupo Movimento Brasil Livre e curiosamente esta forma discursiva é utilizada até mesmo para justificar a não declaração das fontes de financiamento do grupo. Em entrevista à revista Fórum, o MBL afirma que “O MBL é o movimento político mais perseguido do Brasil. E, portanto, como entidade privada, não tornamos público o balanço financeiro, em respeito à privacidade e integridade de nossos colaboradores, membros e doadores”⁴⁰. O MBL coloca-se em posição de perseguido e não de perseguidor, algo muito presente no pensamento neoconservador e neofundamentalista.

Um ponto interessante é que os grupos de direita articulam-se fortemente em busca de uma liberdade pouco definida. Algo que fornece margem para diversas interpretações, uma delas é que estaríamos presos, por isso, tais movimentos buscariam, assim, libertar-nos. A prisão oculta defendida por esses grupos dá-se por meio das pautas progressistas, pelo governo do Partido dos Trabalhadores (PT) e pela suposta hegemonia da esquerda na educação, cultura e política. E, por isso, dizem não haver partido de direita no Brasil, e afirmam existir uma hegemonia do pensamento de esquerda na economia e

³⁸Disponível em: <http://www.ilisp.org/artigos/por-que-o-movimento-lgbt-apoia-aqueles-que-mais-os-perseguiram-na-historia/>. Acesso em 26/03/2019.

³⁹ Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=881>. Acesso em 26/03/2019.

⁴⁰Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/renovacao-liberal-el-pais-revela-esquema-de-financiamento-do-mbl/>. Acesso em 26/03/2019.

nas artes. Por isso, seriam eles os grupos capazes de promover a verdadeira liberdade ao cidadão. E neste discurso libertário instalam-se outras pautas da extrema direita que são, na verdade, reacionárias às conquistas de classes minoritárias ao alterarem minimamente o *status quo*. Michael Löwy aponta justamente que esse plano neoliberal, juntamente com a globalização, alimenta os grupos reacionários:

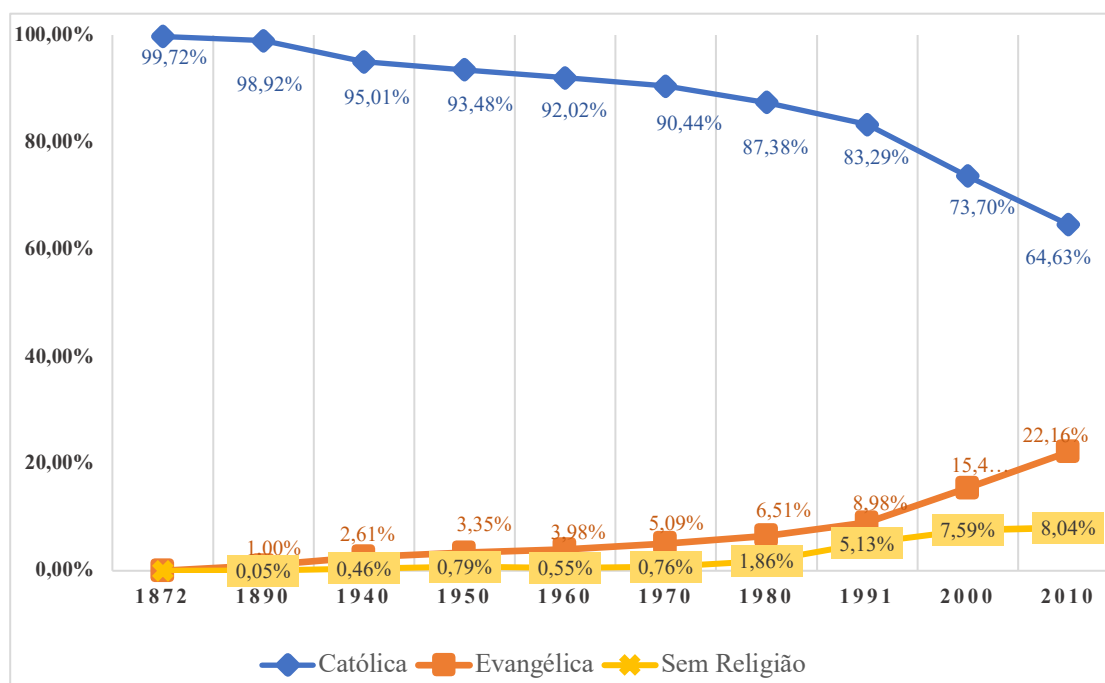
Como explicar esse sucesso crescente da extrema-direita? O primeiro elemento de explicação é o processo de globalização capitalista neoliberal — também um poderoso processo de homogeneização cultural forçada — que produz e reproduz, em escala europeia e planetária, os identity panics [pânicos de identidade], a obsessiva procura por fontes e raízes que leva a formas chauvinistas de religião, formas religiosas de nacionalismo, além de alimentar conflitos étnicos e confessionais. (LÖWY, 2015, pp. 656-657)

É interessante pensar que o próprio liberalismo cria os pânicos de identidade, posteriormente formam um palco de disputa simbólica para movimentos conservadores e reacionários defenderem a “liberdade dos indivíduos”, desde que seja benéfica aos próprios conservadores e reacionários. O movimento neoconservador, por meio de sua articulação nas redes sociais e nas manifestações, direcionou boa parte do debate das novas direitas brasileiras, inclusive criando afinidades com o pensamento cristão e fornecendo subsídios de ideias ao neofundamentalismo.

2) RELIGIÃO NO BRASIL: CENÁRIOS E TRANSFORMAÇÕES

O Brasil foi declarado como um Estado laico após o decreto n.º 119-A, em 1890, que proibia a intervenção estatal na questão religiosa e assegurava a plena liberdade de culto, separando o Estado da Igreja Católica. Este princípio foi incorporado na *Constituição* de 1891, tornando o Brasil um Estado laico em seu aspecto legal, porém, com uma prática arraigada nos princípios católicos. Ao longo dos anos, o campo religioso brasileiro sofreu uma transformação considerável. Se analisarmos as séries históricas sobre religião e população disponíveis pelo IBGE, que se inicia em 1872 e termina em 2010, percebemos uma nítida queda do número de pessoas que se declaram católicas, passando de 99,72% em 1872 para 64,63% em 2010. Por outro lado, o número da população evangélica vem crescendo, principalmente após a década de 90.

Gráfico 2 Religiões no Brasil entre 1872 e 2010

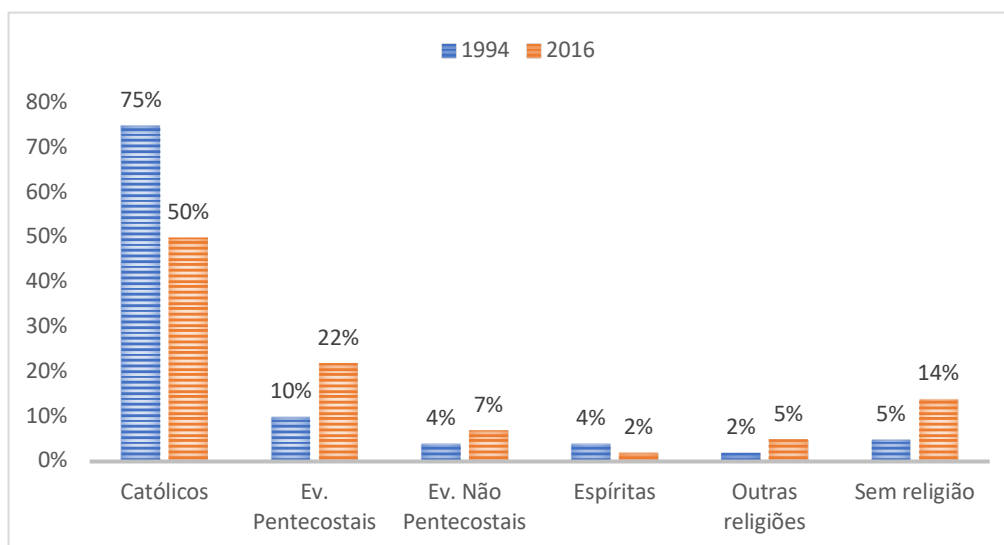


Fonte: Próprio autor. Elaborado com micro dados IBGE.

Do mesmo modo, o Datafolha (2016) também aponta que o Brasil sofreu grandes alterações no campo religioso ao comparar o ano de 1994 e 2016. Comprovando uma tendência do Brasil em ser um país predominantemente católico, desde sua colonização,

a pesquisa marca índices que mostram, cada vez mais, a disputa de espaço com as novas religiões, principalmente a evangélica.

Gráfico 3 Religiões no Brasil: Comparativo entre 1994 e 2016



Fonte: Elaborado pelo próprio autor com dados DataFolha (2016)⁴¹

Tal transformação chamou atenção de diversos autores que se dedicaram a compreender as motivações que alavancaram o crescimento evangélico no Brasil, principalmente o pentecostalismo, como por exemplo: Paul Freston (1993, 1994, 1995), Ivo Oro (1996), Antônio Flávio Pierucci (1990) Ricardo Mariano (2004) e Mendonça (2010). Para um breve detalhamento histórico, devemos destacar que, a partir da segunda metade do século XIX, as condições políticas e sociais permitiram maior tolerância às novas religiões e criaram um ambiente fértil para o proselitismo religioso por parte dos evangélicos (MENDONÇA, 2008).

No século XIX, chegaram aqui as primeiras igrejas evangélicas consideradas como protestantes históricas (MENDONÇA, 1990), (FREESTON, 1994), (ALVES, 1972), como os luteranos (1824), metodistas (1867), presbiterianos (1862) e batistas (1871)⁴². Também podem ser consideradas como protestantismo clássico os que vieram para o Brasil por ondas migratórias e não necessariamente por missões proselitistas. Com ênfase nos pilares da reforma protestante, *sola fide*, *sola gratia* e *sola scriptura* a salvação para

⁴¹ Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/12/1845231-44-dos-evangelicos-sao-ex-catolicos.shtml>. Acesso em 20/12/2018.

⁴² Os anos mencionados se referem a fundação da igreja (Luteranos, presbiterianos e batistas) ou chegada dos missionários (metodistas) de acordo com site oficial das instituições religiosas citadas.

este grupo é um esforço individual (WEBER, 2004) levando os indivíduos a um comportamento ascético. Os primeiros concentraram-se no Sul do país, de acordo com Brandão (2004), estes evangélicos não se preocuparam muito com proselitismo para além das fronteiras de seus grupos étnicos, italianos, alemães, ingleses *etc.* e descendentes, tornando sua religião um elemento importante em sua comunidade etnocultural.

No início do século XX, outro movimento chega ao Brasil, conhecido como Pentecostalismo. Muitos estudos foram realizados para compreender este grupo tão complexo e com diversos desdobramentos. Embora seja um fenômeno que tenha surgido nos Estados Unidos muito próximo do período de efervescência do fundamentalismo, o pentecostalismo brasileiro, assim como o latino-americano, é muito peculiar, algo emergente a partir das configurações políticas e sociais da região:

En sentido estricto, el pentecostalismo se originó en los Estados Unidos a comienzos del siglo XX, con raíces en el metodismo americanizado y en la cristiandad afroamericana. Por tanto, desde el principio, fue al mismo tiempo típicamente americano y transnacional. Es importante reconocer que el pentecostalismo actual latinoamericano ni es una importación extranjera ni una variante local de una corriente religiosa transnacional, como parecían sugerir engañosamente las primeras interpretaciones, sino un producto auténticamente latinoamericano. En realidad, me atrevería a decir que es tan latinoamericana como la teología de la liberación (CASANOVA, 2004, p. 79)

De modo geral, conforme Mariano (2013), os pentecostalismos expandiram-se nas classes socialmente mais vulneráveis da população. Prandi e Pierucci (1994) apontam que, no ano de 1994, 33,3% dos pentecostais tinham renda familiar mensal de até dois salários mínimos, os que viviam de trabalhos informais, chegavam a 27,2%, enquanto a taxa nacional no período era de 19,1%. Para os autores:

São indicadores inequívocos de condições sociais que contribuem muito para tornar homens e mulheres incapazes de organizar a própria vida, obrigando-os a buscar lideranças e instituições que se disponham a fazer isto por eles, quer como uma dádiva, com o que estiveram por tanto tempo familiarizados na sociedade brasileira tradicional, quer como aprendizado de uma disciplina de si que os capacite a melhorar de vida. (PIERUCCI; PRANDI, 1994, p. 38)

Atualmente, percebemos que este cenário não sofreu alterações consideráveis, pois, de acordo com o Datafolha (2016), aponta-se que 56% dos pentecostais (incluindo-se os neopentecostais) possuem renda de até dois salários mínimos. Evidentemente, a pobreza não é fator único de promoção dos pentecostalismos no país, pois a busca pela cura física e o sucesso financeiro de não pobres também é constante nestas igrejas,

ultrapassando a lógica de classes sociais. Por isso, também há igrejas pentecostais que privilegiam a busca de adeptos da classe média, como a *Igreja Evangélica da Graça, Renascer em Cristo* e *Sara Nossa Terra* (CUNHA, 2017). Contudo, a baixa renda de boa parte deste público é um fato que abre margem para a teologia da prosperidade, surgida como resposta a esta parcela da população desassistida pelo Estado e em condições de vida precárias. Sobre essa nova teologia, iremos abordar melhor mais adiante.

Para compreendermos a genealogia do pentecostalismo brasileiro, nos basearemos nas ondas sugeridas por Freston (1993). Evidentemente que o enquadramento realizado pelo autor não mais pode ser aplicado na atualidade do movimento evangélico, principalmente devido à imbricação entre as teologias destes grupos. No entanto, para uma análise histórica, é na pesquisa de Freston que encontramos a melhor forma metodológica e esquematizada de estudo deste movimento. É importante destacar que os termos apresentados adiante estão mais relacionadas à ordem cronológica dos movimentos e às características da fé que se destacam entre elas do que a uma tipologia.

Freston (1993) aponta para três ondas do movimento pentecostal no Brasil, que chegou no início do século XX. A primeira onda está ligada ao pentecostalismo norte-americano, que buscava as “ações de cura” e as experiências espirituais semelhantes ao ocorrido no *Azusa Street Revival*. Um grupo de cristãos afro-americanos reuniu-se no primeiro culto na Missão da Rua Azusa, em 1906. As reuniões eram marcadas por experiências religiosas ligadas ao dom de falar línguas estranhas, sendo isso considerado um sinal importante de consagração, evento este remetido ao livro de *Atos*, cuja descrição é sobre o dia em que ocorreram quedas de línguas de fogo do céu, curas, falas em línguas e outros sinais e prodígios. Este fenômeno atraiu milhares de pessoas e tornou-se um marco na origem do neopentecostalismo (KGATLA, 2016). Este movimento disseminou-se por outras regiões dos Estados Unidos e alcançou alguns países da Europa, como a Suíça e Noruega.

Desta primeira onda, destacamos as igrejas Assembleias de Deus (AD) e a Congregação Cristã do Brasil (CCB). Entre CBB e AD há importantes particularidades que pretendemos abordar adiante. A Congregação Cristã no Brasil, fundada pelo italiano Luigi Francescon, em 1910, possui uma teologia peculiar quando comparada às demais igrejas evangélicas, embora defenda em seu corpo doutrinário alguns dos dogmas do cristianismo – como o ritual do batismo como processo de santificação, da participação da ceia em simbolismo à morte de Cristo, dos encontros em cultos dominicais e da mensagem sobre a volta do Messias – outros elementos teológicos a tornam mais sectária

em relação aos outros movimentos evangélicos. Além disso, um fato importante destacar em nosso estudo, é o distanciamento da participação política por parte dos seus membros. Conforme Foerster (2006), esse apoliticismo da CCB está sacramentado no texto *Ensinamentos da reunião realizada em março de 1948*. Nele, o autor destaca o seguinte trecho:

Nas Congregações não são admissíveis partidos de espécie alguma; cada um é livre, cumprindo o seu dever de votar, que é uma determinação da lei. Todavia nós, remidos pelo Sangue do Concerto Eterno, nunca devemos votar em partido que negue a existência de Deus e a sua moral. Quem ocupar cargos no ministério não deve aceitar encargos políticos. Não se deve permitir que candidatos a cargos políticos venham fazer propaganda ou visitar as Casas de Oração com esta finalidade. (CCB, 2002, p. 21 *apud* FOERSTER, 2006, p. 122).

Por sua vez, a AD foi fundada em 1911 e tornou-se, desde 1950, a maior denominação evangélica no Brasil (ALENCAR, 2015). Atualmente, representam cerca 5,7% do total de evangélicos no país. Há diversas ramificações do movimento assembleiano diferenciadas entre ministérios. Também há grandes divergências entre as assembleias e até mesmo dentro dos próprios ministérios, sendo a teologia da prosperidade algo recente na história e restrita a alguns círculos de assembleianos, geralmente, liderados por um pastor notável e de grande prestígio entre seus seguidores, dos quais podemos destacar Silas Malafaia e Marco Feliciano. Destacamos que a maior parte dos membros da igreja Assembleia de Deus pertence à classe D (FGV, 2011), ponto importante para o desdobramento de novas teologias que veremos adiante. Ao contrário da CBB, nos dias atuais, as igrejas Assembleias de Deus são atuantes na esfera política e não proíbem ou desestimulam a participação no debate político.

A segunda onda chega em meados da década de 50, no período pós-Segunda Guerra, e com grandes transformações. A Igreja do *Evangelho Quadrangular*, fundada na Califórnia, é a primeira, em 1951, fruto de uma missão estadunidense. Em 1955, é fundada por um brasileiro, Manoel de Mello, a Igreja Pentecostal *O Brasil para Cristo*. Por fim, em 1962, foi fundada a Igreja Pentecostal *Deus é Amor*, pelo brasileiro Davi Miranda. Estas igrejas também compartilham das experiências religiosas da primeira onda, mas possuem ênfase especial na questão da cura física e espiritual. A dualidade entre o bem e as forças malignas é acentuada em sua teologia, tornando estas igrejas as mais sectárias em relação ao mundo secular. Um ponto interessante das igrejas *O Brasil para Cristo* e *Deus é Amor* é sua inserção no rádio como meio de evangelização, algo

inspirado em pastores norte-americanos. As denominações pentecostais, neste período, incentivavam o isolamento intramundano e proibiam qualquer tipo de participação no espaço público dada sua preocupação com a vida ascética dos fiéis (DANTAS, 2011).

Por último, a terceira onda pentecostal é também conhecida como neopentecostalismo. O uso do prefixo *neo* é criticado por Siepierski (1997), uma vez que, para o autor, a terceira onda não é uma continuidade das demais e, portanto, não é um desdobramento, mas sim uma ruptura. Por isso, o autor sugere o termo pós-pentecostalismo. Porém, para nós, as imbricações teológicas que permeiam os grupos pentecostais nos aspectos teológicos e na prática religiosa não apontam para uma total ruptura. Ademais, é presente o diálogo e o trânsito religioso entre esses grupos. Portanto, não partimos da ideia de rupturas, mas sim, de desdobramentos, adaptações e ressignificações. E uma vez que o termo neopentecostalismo já está consagrado no meio acadêmico, não nos cabe neste estudo fazer uma revisão sobre esta tipologia.

No Brasil, a partir da década de 90, as denominações pentecostais ramificaram-se consideravelmente procurando novos espaços e criaram uma mensagem específica para determinados grupos sociais (MARTINO, 2016). Esta onda também é adepta de boa parte das práticas e rituais das ondas anteriores, mas destaca-se pela teologia da prosperidade. A confissão positiva e a mensagem sobre o direito de usufruir das bênçãos divinas materiais neste mundo foi ao encontro dos excluídos da sociedade (CUNHA, 2017). Este movimento impactou o cenário de evangelização no país, pois a forte presença na mídia, por meio de programas de TV e rádio das igrejas (Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Mundial, Igreja Internacional da Graça, etc.), contribuíram para o crescimento no número de evangélicos, como podemos notar no gráfico dois, com 10%, em 1994, passando para 22%, em 2016. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é uma das principais igrejas deste movimento, dividindo espaço com novas igrejas da mesma linha teológica como a Igreja Mundial e a Igreja Plenitude do Trono de Deus.

Em suma, a chegada dos missionários estadunidenses protestantes e pentecostais no Brasil, que se identificavam como *evangelicals*, iniciou um processo de evangelização mais acelerado, por exemplo, por meio das cruzadas evangelísticas da década de 70, como a cruzada Billy Graham, em 1974, realizada no Maracanã. Além disso, o surgimento dos televangelistas brasileiros, como o programa *Fé para hoje*, que estreou em 1962, também contribuiu para o crescimento do povo evangélico, solidificando a nomenclatura “evangélicos” (CUNHA, 2007) e designando grupos cristãos não católicos ou ortodoxos, que enfatizavam as missões de proselitismo em levar a Bíblia como seu livro de fé e

prática. A partir dos anos 90, o pentecostalismo inicia novos rumos, impactando de certo modo todos os demais movimentos religiosos no país. Com a liberdade religiosa, que quebrou o monopólio das grandes religiões universais e o pluralismo religioso na sociedade moderna, as igrejas passaram a competir pela atenção de seus fiéis por meio do convencimento e não mais por uma coerção (BERGER, 2017), e as formas de convencimento alteraram-se ao longo do tempo, as quais destacaremos no próximo ponto.

Para finalizar, destacamos alguns dos pontos principais das últimas transformações do campo religioso brasileiro, descritos por Cunha (2017). Em primeiro lugar, o fortalecimento do ramo pentecostal promoveu diversas igrejas autônomas ou autóctones, o que transformou o cenário do cristianismo ao provocar um crescimento explosivo da população evangélica e uma forte queda do número de católicos. Em segundo ponto, Cunha chama atenção sobre a ampliação da presença das igrejas evangélicas, majoritariamente pentecostais, nas mídias tradicionais e nas mídias digitais, uma vez que diversos programas de TV de pastores evangélicos são ofertados diariamente, juntamente com grande variedade de *sites*, *blogs* e canais no *Youtube* para o mesmo fim. Em terceiro lugar, nos últimos anos ocorreu uma maior ocupação de espaço dos evangélicos na política partidária, consolidando até mesmo o surgimento da bancada evangélica (Frente Parlamentar Evangélica) com seus projetos por mais espaços de poder na esfera pública. Por fim, o quarto ponto refere-se ao crescimento do mercado da religião e o avanço do *marketing* religioso. Estes pontos, apresentados pela autora, nos fornecem elementos importantes para compreender o novo lugar da religião evangélica na vida pública do país.

2.1) Da mensagem da Cruz ao plano de poder

Neste tópico, gostaríamos de apresentar as novas transformações que ocorreram no movimento evangélico nos últimos anos, principalmente dentro do neopentecostalismo. Decidimos descrever melhor sobre esse tema em um tópico separado sobre as ondas pentecostais, pois compreendemos que estas transformações já não estão mais restritas aos grupos que as formularam. Elementos que destacaremos a seguir impactaram até mesmo as igrejas protestantes históricas, como exemplo, a Igreja Batista da Lagoinha, fundada em 1957, e que ao longo do tempo absorveu elementos midiáticos e teologias próximas ao pentecostalismo e neopentecostalismo, mas, mesmo assim, é considerada como protestante. Portanto, o que será descrito adiante não se enquadra em

categorias fechadas como já apresentado, pois, a ressignificação do ato religioso permeou quase todos os grupos evangélicos, desde protestantes até os próprios neopentecostais. Com isso, fica difícil afirmar que somente os neopentecostais ou que somente protestantes alteraram a sua cosmovisão e sua *práxis*, mas é fácil identificar elementos que transpuseram a antiga teologia para uma nova teologia ou pelo menos da antiga teologia para uma nova missão a ser cumprida no mundo. Dentre estes elementos, discutiremos sobre a transposição da mensagem da cruz para a teologia da prosperidade e da religião na esfera privada para a esfera pública.

De certo modo, os movimentos de evangelização no Brasil possuíam uma mensagem cristocêntrica. Diversos teólogos, dos quais podemos destacar Bryan Chapell, abordam em seus livros essa preocupação de construir uma hermenêutica focada na mensagem da cruz de Cristo nos sermões de cultos evangélicos. Os discursos sobre salvação da alma e sobre o arrependimento dos pecados faziam parte da liturgia evangélica, tanto protestante quanto pentecostal. Mesmo diante das divergências em alguns pontos teológicos e litúrgicos entre protestantes, pentecostais e neopentecostais, todos confluem para a missão do evangelho em levar ao mundo a mensagem da cruz de Cristo. O arrepender-se dos pecados, afastar-se do “mundo” e sofrer pela fé eram elementos fundamentais para vida cristã. Além disso, Magali Cunha (2017) destaca que a configuração identitária dos evangélicos tem fortes traços conservadores. A professora complementa que, independentemente das peculiaridades dos grupos que formam o povo evangélico, os mesmos são historicamente reconhecidos por uma leitura predominantemente fundamentalista (literalista) da *Bíblia*; uma ênfase na piedade pessoal e na busca da salvação da alma; pelas posturas de negação das manifestações culturais do país; pelo posicionamento anticatólico e antiecumênico (CUNHA, 2017). Contudo, a vertente pentecostal mais recente, iniciada entre as décadas de 80 e 90, foi responsável pelas principais transformações teológicas, axiológicas, estéticas e até mesmo comportamentais tanto no movimento pentecostal (MARIANO, 1999) quanto no protestantismo.

Não é possível encontrar um marco divisor de águas para essa transformação mencionada, mas, por meio dos diversos estudos mais recentes publicados que vão neste sentido, como os de Magali Cunha, Ari Pedro Oro, Ivo Pedro Oro, Ricardo Mariano, José Casanova dentre outros, podemos dizer que este processo se inicia na década de 90 e acentua-se durante os governos petistas diante dos avanços de pautas progressistas. Sobre a década de 90, destacamos que foi o período que iniciou-se a abertura comercial no Brasil

durante o governo Collor. Após anos de protecionismo e barreiras tarifárias nas importações, o país inseriu-se em uma política externa, promovendo reformas importantes para o comércio. André Averbug (1999), economista do BNDES-Pnud, comenta que neste período o Brasil passou a importar novos produtos sem similares, aquecendo a economia de mercado. Diante desta política, novos elementos culturais, reflexos do processo de globalização também impactaram na forma como a sociedade passou a exercer e desejar o consumo de serviços e bens.

Ao final da década de 90, a estabilidade econômica e a implantação do plano real permitiram maior poder de compra e, conseqüentemente, novos mercados instalaram-se no país. Impulsionados pela comunicação, bens de consumo modernos e ricas campanhas publicitárias se espalharam por todo país. A reformulação do *marketing*, com novas formas publicitárias, foi amplamente difundida nos meios de comunicação, principalmente na TV. A somatória entre mídia e consumo acentuou o conceito de espetacularização, que é uma característica marcante em um momento que alguns autores nomeiam como pós-modernidade: “Há uma estética pós-moderna que celebra a diferença, a efemeridade, o espetáculo, a moda e a mercadificação das formas culturais.” (HARVEY, 2007, p. 148). Evidentemente que esta transformação econômica beneficia apenas parte da sociedade, criando novos marginalizados que não conseguem estabelecer o mínimo padrão de consumo esperado de um sistema de mercado capitalista. Esta margem exclusiva criou um ambiente fértil para a mensagem sobre o direito de reinar com Deus e de desfrutar sua riqueza (CUNHA, 2017). É justamente neste período que as igrejas neopentecostais, com discursos específicos, iniciaram sua expansão. Deste grupo, destacamos a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), mas também há outros grupos importantes, como a Igreja Internacional da Graça de Deus, liderada pelo missionário R. R. Soares, e a Igreja Renascer em Cristo, liderada por Estavam e Sonia Hernandes. Diferentemente do asceticismo dos protestantes, a mensagem deste grupo era que o sucesso financeiro terreno é possível e desejável, com a possibilidade de desfrutar de bens materiais e de vida confortável aos moldes do *american way of life*:

De acordo com essa doutrina, por meio da confissão positiva o fiel terá acesso a tudo de bom que a vida pode oferecer (saúde perfeita, harmonia conjugal, riqueza material, poder para subjugar o Demônio etc.), e a relação entre o cristão e Deus se mantém nos termos da reciprocidade: para receber a graça do Senhor ele deve “viver de acordo com a fé”, entregar regularmente o dízimo e fazer suas ofertas. A mensagem da Prosperidade liberta os fiéis das exigências ascéticas determinadas pelo protestantismo histórico e pelas denominações pentecostais tradicionais, e não apenas legitima como estimula uma vida aqui e agora de plenitude. (LIMA, 2007, p. 144)

Essa mensagem é fundamental para o fortalecimento do trabalho e do mercado de consumo. Por este motivo, os neopentecostais possuem afinidades com a nova sociedade consumista, e até mesmo apropriaram-se das ferramentas de *marketing* e da publicidade para ampliar seu proselitismo. Seus novos discursos midiáticos na TV são, sem dúvidas, uma forma explícita deste alinhamento. Se antes, a religião utilizava a mídia para um proselitismo baseado na conversão e no arrependimento, hoje, o neopentecostalismo utiliza-se deste meio para ir muito além. O neopentecostalismo passou a desenvolver uma nova imbricação com o sistema capitalista, ajustando sua teologia para de acordo com as necessidades da economia de mercado.

Para compreendermos este processo histórico de imbricação entre religião e economia, primeiramente, podemos citar Max Weber, que analisa as afinidades eletivas entre o aspecto econômico capitalista e a religião protestante. Weber apresenta o discurso de Benjamin Franklin, que enfatiza a necessidade de trabalho e do acúmulo de capital como valores sociais e religiosos:

Lembra-te que tempo é dinheiro; aquele que com seu trabalho pode ganhar dez xelins ao dia e vagabundeia metade do dia, ou fica deitado em seu quarto, não deve, mesmo que gaste apenas seis pences para se divertir, contabilizar só essa despesa; na verdade gastou, ou melhor, jogou fora, cinco xelins a mais. Lembra-te que crédito é dinheiro. Se alguém me deixa ficar com seu dinheiro depois da data do vencimento, está me entregando os juros ou tudo quanto nesse intervalo de tempo ele tiver rendido para mim. Isso atinge uma soma considerável se a pessoa tem bom crédito e dele faz bom uso. (WEBER, 2004, p. 42)

Até hoje a expressão “tempo é dinheiro” faz-se presente em nossa sociedade. O trabalho que, anteriormente, estava alinhado à raiz do termo *tripalium*, com a ética protestante, passa a receber uma nova roupagem positiva, desejada e admirada.

Assim, a riqueza seria eticamente má apenas na medida em que venha a ser uma tentação para um gozo da vida no ócio e no pecado, e sua aquisição seria ruim só quando obtida com o propósito posterior de uma vida folgada e despreocupada. Mas, o desempenho do próprio dever na vocação, não é só permissível moralmente, como realmente recomendada. A parábola do servo que foi rejeitado pelo senhor, por não ter feito frutificar o talento que lhe fora confiado, parece afirmá-lo claramente. (WEBER, 2004, p. 77)

As afinidades eletivas entre a religião protestante e o capitalismo são nítidas e válidas para o estudo da relação economia e religião. No entanto, este sistema econômico, rapidamente ao longo do tempo, ganhou novas formas e novos elementos, diferenciando-se do capitalismo primitivo descrito por Weber e sobrepondo a própria ética religiosa. De

acordo com Walter Benjamin⁴³ o próprio capitalismo transformou-se em uma religião. Tal ideia está presente no texto *Capitalismo como Religião*:

Não obstante, três traços desta estrutura religiosa do capitalismo já são reconhecíveis no presente. Primeiro, o capitalismo é uma religião puramente cultural, talvez a mais extrema que jamais tenha existido. Nada há nele senão uma relação imediata com o significado do culto; ele não conhece nenhum dogma especial nem teologia. O utilitarismo ganha, sob esse ponto de vista, sua coloração religiosa. Um segundo traço do capitalismo interliga-se com esta concreção do culto: a duração permanente do culto. O capitalismo é a celebração de um culto sans rève et sans merci [sem sonho e sem piedade]. Não há nele nenhum "dia de semana", nenhum dia que não seja de festa no sentido terrível do desdobramento de toda pompa sagrada, da tensão extrema do adorador. Em terceiro, este culto é culpabilizador [*verschuldend*]. O capitalismo é provavelmente o primeiro caso de um culto não expiatório, mas sim culpabilizador [*verschuldenden*]. Nisto, este sistema religioso está sob a queda de um movimento monstruoso. Uma consciência de culpa [*Schuldbewusstsein*] monstruosa, que não se sabe expiada, agarra-se ao culto, não para expiar nele esta culpa, mas sim para fazê-la universal, martelá-la na consciência e, finalmente e sobretudo, para implicar o próprio Deus nesta culpa [*Schuld*], para que enfim ele mesmo se interesse pela expiação. (BENJAMIN, 2011, n.p.)

Diante do exposto, percebemos que para Walter Benjamin o capitalismo é uma religião cultural, sem dogmas ou teologia e possui um culto permanente que pode ser interpretado como o ritual de consumo e de trabalho, além de ter um *ethos* culpabilizador – *verschuldend* – de dívida.

O autor compactua com a ideia de que o capitalismo passou a ser uma força dominante que, sem dúvida, influencia drasticamente o *ethos* da sociedade. Contudo, sabemos que o sistema capitalista não contempla toda a sociedade da mesma forma, gerando exclusões e acúmulo de capital. Diante deste cenário, a religião foi considerada muitas vezes uma forma de anestesia ao sistema, conforme Marx: “A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração.” (MARX, 2010, p. 145). No entanto, com o surgimento de novas teologias, principalmente a teologia da prosperidade, algumas denominações evangélicas reconfiguraram esse papel da religião na sociedade. Se antes era uma forma de ópio, anestésico ou alucinógeno para o povo em relação a sua situação de classe, nos últimos anos passou a ser uma motivadora para o ingresso dos fiéis no sistema de mercado.

É certo que, no mundo da adesão pentecostal, as pessoas costumam afirmar terem buscado a religião para o alívio de suas aflições. É certo também que, nos últimos tempos, a sociedade brasileira tem sido exposta a uma série de ameaças e carências de toda ordem e que a aposta nos instrumentos racionais

⁴³ BENJAMIN, Walter. *Kapitalismus als Religion [Fragment]. Capitalismo como religião, fragmento*. In: Revista Garrafa, n.23, Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

de intervenção política para a transformação do país perdeu a força. Mas por que uma grande parte dos pobres deste país tem procurado soluções para os males que os atingem especificamente na Teologia da Prosperidade? Como esses sujeitos sociais representam sua experiência de fé? (LIMA, 2007, p. 133)

As indagações realizadas por Lima vão ao encontro do debate proposto neste tópico, pois atualmente uma linha religiosa passa a desempenhar um papel dentro do capitalismo, papel extremamente diferente de outras confissões. Além deste fato, a confissão positiva proclamada pela Igreja Universal, e também por outras igrejas neopentecostais, enfatiza o ganho de dinheiro através do despertar de habilidades do trabalho. Um fenômeno semelhante ao que Weber já identificou nos discursos de Benjamin Franklin:

Na ordem econômica moderna, o ganho de dinheiro – contanto que se dê de forma legal – é o resultado e a expressão da habilidade na profissão, e essa habilidade é fácil reconhecer na passagem citada como em todos os seus escritos sem exceção constitui o verdadeiro alfa e ômega da moral de Franklin. (WEBER, 2004, p. 47)

No caso da IURD, a própria igreja tornou-se uma grande instituição midiática, isso por meio de concessões de canais de TV e rádios, e também com a criação de editoras, gravadoras e produtoras cinematográficas direcionadas ao público evangélico. Com esta estrutura midiática, a IURD marca presença nas regiões mais remotas do país. Na mesma intenção, outras instituições neopentecostais também seguiram um trajeto semelhante ao da IURD, como a Igreja Internacional da Graça, a Igreja Mundial e a Igreja Plenitude do Trono. Esta nova configuração de comunicação permitiu o alcance da teologia da prosperidade em regiões periféricas do país. Comunidades antes desatendidas pelo Estado passaram a ter, no discurso destas igrejas, seu amparo motivacional para a busca de uma vida aos moldes do capitalismo atual. Assim, o neopentecostalismo, com todos os seus matizes, apresenta a vocalização de um *ethos* popular cultivado silenciosamente durante décadas de desamparo político e legal por parte do Estado e da sociedade brasileira (BRUNATELLI; LAHUERDA, 2014).

A confissão positiva proclamada pelas igrejas neopentecostais, principalmente pela IURD, Internacional da Graça, Igreja Mundial e Plenitude, além de enfatizar o ganho de dinheiro por meio do despertar de habilidades de trabalho, o sacrifício do dízimo em uma forma de “voto a Deus”, é algo marcante em sua teologia.

Porém, há também outra diferença entre esta ética protestante descrita por Weber e o neopentecostalismo. O conceito de trabalho altera-se drasticamente nas igrejas

neopentecostais. Ao contrário da ênfase no trabalho manual e produtivo sintetizado no discurso de Benjamin Franklin, alguns neopentecostais, principalmente a IURD, enfatizam o empreendedorismo como instrumento para alcançar uma nova realidade econômica. Neste sentido, concordamos com o estudo realizado por Diana Nogueira de Lima, que identifica uma ênfase no espírito empreendedor presente nos cultos e nas reuniões entre empresários promovidos pela IURD:

Os valores estimulados pelo sistema moral da Igreja Universal do Reino de Deus – "vitória", "mudança de vida", "prosperidade" – e repetidos em sua pedagogia voltada para o trabalho empreendedor – "batalhar", "empresário", "colocar um diferencial no seu produto" – estão em oposição não somente ao desemprego, mas também ao emprego, ali unanimemente avaliado como algo que "já chega", pois é fonte de "vidinha, de miséria, de humilhação". Não são, portanto, valores diferentes daqueles caros à ética profissional postulada pelo mercado pós-social que se instala nos anos 90 do século XX [...]. Segundo os dados demográficos, a grande maioria dos fiéis da Igreja está na base da pirâmide social brasileira. Esses sujeitos sociais não têm normalmente acesso a escolas de business, não estão inseridos nas grandes empresas ou, se estão, não ocupam posições passíveis de participação nos lucros, não têm investimentos ou coisa que o valha. Mas são atingidos pelos meios de comunicação e, portanto, integram o circuito social de difusão e discussão dos elementos mais abrangentes da ideologia individualista bem como dos significados hedonistas específicos que constituem esse ethos econômico que equaciona linearmente "trabalho" e "sucesso" [...] (LIMA, 2007, p. 147)

A ética do trabalho e sucesso apresentada por Lima é um dos elementos da espetacularização da religião neopentecostal que, por meio de imagens, discursos, eventos e cultos, ressignificam a vida de muitos na sociedade. Evidentemente, este sucesso é medido pelo consumo e a capacidade de acumular bens materiais. Além disso, destacamos que o empreendedorismo em si já é uma forma contemporânea de espetáculo e incentivada pelo próprio mercado, uma vez que vivemos em tempos de precarização do trabalho assalariado. O empreendedorismo é uma forma de criar uma nova relação de trabalho, no entanto, não menos alienadora quanto o próprio trabalho assalariado, pois, da mesma forma, desperta o desejo e a contemplação dos espetáculos atuais propagados pelo sistema capitalista.

Com isso, diante da motivação econômica por meio do trabalho, seja ele assalariado ou empreendedor, há um deslocamento da antiga forma da mensagem da cruz para uma nova mensagem da cruz. Se antes, afastamento do mundo e o apego ao versículo “*o amor ao dinheiro é raiz de todos os males*” (1 Timóteo 6:10, ARC) era muito marcante na vida dos evangélicos, com o movimento neopentecostal isso altera-se, pois, mesmo

defendendo a existência do paraíso eterno, passaram a não renunciar o que a vida terrena lhes oferece até que chegue a promessa do “Reino de Deus” (DANTAS, 2011). Portanto, este movimento claramente abandonou a velha “mensagem da cruz”, segundo a qual pregava que o sofrimento na Terra será retribuído, após a morte, com uma “morada celeste” preparada por Cristo. É o que comenta Bruna Dantas ao pesquisar sobre este fenômeno:

Os novos crentes desejam fazer conquistas, usufruir dos prazeres desta vida, aproveitar as oportunidades de sucesso, acumular riquezas materiais e alcançar a felicidade aqui e agora, não se dispondo a postergar suas gratificações para a vida pós-morte. (DANTAS, 2011, p. 29).

Para ilustrar estes dois tipos de mensagem, destacaremos dois trechos de músicas evangélicas. Lembramos que são considerados hinos as canções institucionalizadas por meio dos livros de músicas sacras e tradicionais. A primeira, de 1913, registrada no livro *Harpa Cristã*, é muito utilizada pelas igrejas da Assembleia de Deus e extremamente conhecida e compartilhada entre protestantes e (neo)pentecostais.

Eu aqui com Jesus. A vergonha da cruz quero sempre levar e sofrer. Cristo vem me buscar e com ele no lar uma parte da glória hei de ter. Sim, eu amo a mensagem da cruz até morrer eu a vou proclamar. Levarei eu também minha cruz até por uma coroa trocar. (HARPA CRISTÃ, H.291)

Outro exemplo é o hino presente no *Cantor Cristão*, muito empregado entre Batistas e Presbiterianos, elaborado entre os anos de 1843-1901, e também presente na *Harpa Cristã*.

Oh quão cego eu andei e perdido vaguei. Longe, longe do meu Salvador. Mas do céu ele desceu e seu sangue verteu pra salvar um tão pobre pecador. Foi na cruz, foi na cruz onde um dia eu vi meus pecados castigados em Jesus. Foi ali, pela fé, que meus olhos abri e agora me alegro em sua luz (CANTOR CRISTÃO, H.396)

Por meio destes cânticos, percebemos nitidamente a visão da mensagem da cruz como uma forma de penitência ao que chamam de “o sacrifício de Cristo na cruz”. Em contraposição, podemos citar o discurso do bispo Edir Macedo realizado em um culto:

Quem é que tem interesse que você seja rico? Quem? Ninguém! Zero, Não! Nós queremos, A Igreja Universal quer. Porque quanto mais dinheiro você tiver, mais oferta você vai dar. É ou não é? Então agente quer que você seja

rico, Deus quer que você seja rico! Mas o diabo quer que você seja pobre!
(MACEDO, 2016)⁴⁴

Do mesmo modo, o missionário R. R. Soares, da Igreja Internacional da Graça, consagrou o termo “determinar” como uma forma de influenciar o sagrado para aquisição de bênçãos na Terra:

Nesse tempo, diversas pessoas têm sido abençoadas, pois aprenderam a determinar e descobriram que a bênção não é esmola, mas, sim, o pão dos filhos. E a mesa desse banquete já foi preparada: "Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos"(Sl 23.5a) Então faça como muitos leitores que se casaram de uma vida de derrota e resolveram tomar posse da bênção. Dê o passo inicial, o qual chamo de determinação, assuma sua posição em Cristo e alcance a vitória. Que você tenha uma vida de sucesso é a minha oração! (R. R. SOARES, 1997, Contracapa).

Poderíamos citar diversos outros exemplos de mensagens ou músicas de confissão positiva e com aspectos da teologia da prosperidade, mas que não nos cabe nesta pesquisa. Chamamos atenção para o fato de que essas mensagens nasceram no mundo neopentecostal e também permeiam alguns evangélicos de outras matrizes. Mesmo diante das diversas particularidades do neopentecostalismo, as experiências religiosas são compartilhadas entre os demais, formando um círculo que acolhe os pentecostais de modo geral promovendo inúmeras alternativas de afiliação, como sendo a múltipla religião verdadeira e a tradutora única, em nossos dias, da vontade de Deus e do Cristianismo (BRANDÃO, 2004). Mas as transformações do mundo evangélico não se limitaram ao abandono da antiga mensagem da cruz, pois também criou uma nova forma de encarar seu dever para com o espaço público. A teologia da prosperidade ampliou a força e projeção do neopentecostalismo brasileiro que, por sua vez, lançou-se em novos desafios.

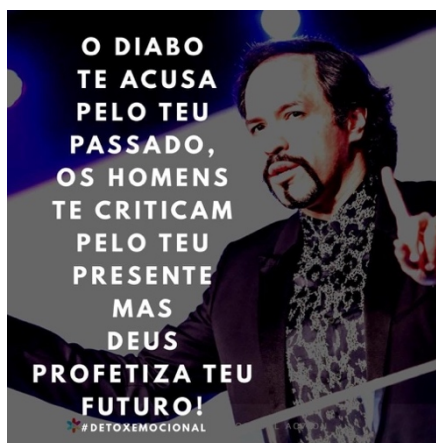
O empoderamento por meio da fé ultrapassou os limites da conquista de uma morada no céu e de uma vida farta na terra, promovendo a busca pela hegemonia do pensamento neofundamentalista por meio das instituições públicas e privadas. Esse plano de poder almeja a imposição de valores morais e a defesa dos interesses da religião.

⁴⁴ Transcrição literal de áudio obtido no *Youtube*. Pregação realizada no principal templo da instituição, conhecido como Templo de Salomão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BA6Ry4efOg>. Acesso em 15/05/2017.

Destacaremos alguns líderes evangélicos que, nitidamente, possuem este discurso e que atuam na busca de mais poder e influência da igreja sobre a esfera pública.

O primeiro exemplo destas ações é a ideia que se transformou em livro com o título *Sete Montes* (2009), escrito pelo Apóstolo Fernando Guillen. O nome do livro, em si, já faz menção a um tema apocalíptico, pois este termo faz-se presente nos textos de *Apocalipse*. Guillen fez diversas palestras em igrejas e promove grandes eventos divulgando sua mensagem. É um personagem que mistura a figura do *coaching* com a de pastor. Mensagens motivacionais alinhadas à fé cristã, eis o tema principal deste autor, que é sobre a possível transformação da vida do crente se ele se apropriar das promessas divinas e mudar sua forma de ver o mundo. Segundo o mesmo, o crente deve mudar sua visão pessimista e voltado à pobreza enxergar-se como filho de Deus e, portanto, possuidor do direito de estar no topo ou acima dos demais, pois é desejo divino que seus filhos sejam líderes e não servís.

Figura 11 Post Perfil Oficial Fernando Guillen



GUILLEN, Fernando. O Diabo te acusa pelo teu passado [...]. 15/02/2019. Facebook⁴⁵

Das diversas palestras disponíveis na *internet*, nos chamou a atenção sua pregação no 14º Congresso de Resgate da Nação, realizado no Recife, em 2013. Fernando Guillen inicia sua mensagem dizendo que o povo de Deus deve estar sempre em primeiro lugar ou no topo do mundo. Até então, uma mensagem não muito diferente da realizada por

⁴⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/fernandoguillen.com.br/photos/a.754478314585152/2315732121793089/?type=3&theater>. Acesso em 17/05/2019.

líderes religiosos, inclusive por John Winthrop e Ronald Reagan, em *Shining City Upon A Hill*.⁴⁶

A diferença na mensagem de Guillen é que há um direcionamento muito mais detalhado do caminho que o “povo de Deus” deverá fazer para conquistar esta terra prometida. O primeiro passo para tanto seria remover o inimigo das posições legais que ele tem ocupado no governo, nos últimos anos.

O que Deus estava falando para Abraão e para nós como igreja, é que nós tomaríamos aqui a herança, que nós possuiríamos o território, e que nós removeríamos o inimigo deste território. Isso implica em não apenas tomar posse, isso implica uma ação ofensiva, implica uma ação de conquista. Deus estava falando para Abraão e seus descendentes: a sua decência vai remover o inimigo das posições legais que ele tem assumido (sic.) (GUILLEN, 2013).⁴⁷

O vínculo da palavra “inimigo” com o governo do PT torna-se iminente levando-se em conta o ano em que a mensagem é proferida, 2013. E, neste mesmo dia, o autor resume sua ideia presente em livro. Para ele, a igreja deveria remover os inimigos de sete áreas e depois conquistá-las:

Quando o pai diz a Abraão que sua descendência vai tomar posse, a sua descendência vai tomar a promessa, a tua descendência vai remover o inimigo, ele estava falando da implicância que nós temos de remover o inimigo das artes, da educação, da economia, da mídia, da família, do governo e da religião (sic.) (GUILLEN, 2013)⁴⁸.

O apóstolo ainda solicita que os fiéis repitam por diversas vezes as áreas estratégicas deste plano de poder. Somente após a igreja conquistar estes sete pontos é que o Brasil poderá transformar-se em uma nação justa e próspera.

Esse tema nos levou a conhecer melhor o livro do autor. Assim como um guia de autoajuda, o livro aborda os desafios que há nestes sete montes (economia, mídia, família, governo e religião) e depois apresenta, em tópicos, as estratégias que devem ser tomadas para tal conquista. Estes temas estão diretamente ligados ao pensamento neoconservador e neofundamentalista. Sabendo da grande importância estratégica destas áreas para uma nação, estes movimentos buscam influenciar essas áreas com objetivo de difundir suas ideias. O que nos chama a atenção é que Guillen sistematiza e aponta abertamente esta

⁴⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vm3jEfxRRc4>. Acesso em 01/03/2018

⁴⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QdMB5w6r0VQ>. Acesso em 01/03/2018

⁴⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QdMB5w6r0VQ>. Acesso em 01/03/2018

estratégia de dominação cultural. Para nosso estudo, destacaremos os aspectos econômicos, políticos e midiáticos abordados pelo autor.

Na economia, o autor critica os sistemas econômicos já conhecidos e atribui à desigualdade social a falta de Deus e de verdade. Segundo o pastor, as nações mais pobres são as que mais adoram ídolos e estão longe de Deus e da verdade. Para ele, a Índia é um exemplo de nação com grande desigualdade devida sua falta de fé no Deus cristão. Como estratégia, o autor define que deverá ser aplicada uma economia cristã, em que o trabalho passe a novamente ser um dom de Deus. A profecia do apóstolo diz que haverá um ano de formação de grandes empreendedores e empresas surgirão devido ao espírito divino da criação ser manifestado, e recursos sobrenaturais serão transferidos para a igreja e acabará com a pobreza e dificuldade financeira. Neste último ponto, não fica claro qual é o tipo e de qual pobreza ele fala, se é a pobreza dos membros ou da instituição, mas é interessante perceber que no plano econômico ainda se faz presente na busca pelo dinheiro e o estímulo do empreendedorismo (GUILLEN, 2009).

No âmbito político, a falta de autogoverno (controle próprio) e o pecado desviaram o caminho da humanidade planejado por Deus. Não há críticas direcionadas neste item, tão pouco fatos concretos, mas fica evidente que se defende um governo cristão, pois, como ponto estratégico, o autor defende uma constituição formada com base no livro de *Êxodo* 19 e 20, assim como em *Deuteronômio* 20. Livros que apresentam as leis judaicas, mais precisamente a lei dos Dez Mandamentos. Ainda de acordo o apóstolo: “Somente a Bíblia pode ser o nosso guia em determinar o que é correto. As experiências da história e os desejos dos homens são de pouca consequência, se não têm ou não refletem o sistema de governo civil delineado pela Escritura” (GUILLEN, 2009, p. 163).

Em relação à mídia, o principal argumento é o de que o cristianismo sempre a utilizou para sua comunicação, isso desde as cartas paulinas até os televangelistas estadunidenses. Contudo, Satanás, sabendo do grande alcance deste instrumento, apropriou-se dos meios de comunicação que atualmente estabelecem uma agenda mundial. Ainda segundo o autor, a produção cinematográfica não está sujeita a nenhuma regulamentação dirigida por cristãos que possa barrar conteúdos sexuais e violentos, mas toda a regulamentação está nas mãos de marxistas, homossexuais e feministas. Portanto, seu recado para o leitor é: “Precisamos imitar o Senhor e tomar nossas armas de guerra.” (GUILLEN, 2009, p. 147).

O projeto de poder de Fernando Guillen continua sendo disseminado em suas palestras mais recentes. Embora percebamos que o autor tenha dedicado maior tempo aos

programas de *coaching*, ainda há uma parte de sua produção voltada ao público evangélico.

O pastor e deputado Marco Feliciano, também em seu livro, apresenta suas razões para entrar na vida pública e o seu projeto como parlamentar na obra intitulada *Porque Me Tornei Parlamentar*. Sua inspiração na figura de Martin Luther King é clara, bem como sua frente de luta: as pautas LGBTs. De acordo com o autor, o mito de que o crente não se envolve com política é algo provocado pelos setores seculares, com o objetivo de afastá-los de qualquer debate político. Porém, a proposta de mudança vem com o lema “irmão vota em irmão” (FELICIANO, 2018). Até mesmo o escândalo da CPI das Ambulâncias ou o Escândalo das Sanguessugas, que envolveram evangélicos, seriam um orquestração do Planalto por temer o crescimento da bancada evangélica. Em comparação com Fernando Guillen, Feliciano não traz um plano estratégico tão amplo de atuação política, mas demonstra, sim, uma forma reativa aos projetos de leis que podem ser votados na Câmara e que, segundo ele, ferem os princípios cristãos. Conforme o deputado, sua primeira ação para romper este processo foi criar uma equipe para “vasculhar” projetos que seriam contrários aos seus princípios cristãos. E, após meses analisando os projetos, encontraram 1.300 PLs que limitariam a liberdade religiosa e/ou colocariam em risco os valores judaico-cristãos. Não há comprovação deste número, mas é neste ponto que se define a linha de atuação do pastor e, em suas próprias palavras: “A batalha estava só começando.” (FELICIANO, 2018, p. 38). E por este motivo, seu primeiro PL é o de número 309/2011, que dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas do país. No entanto, não observamos no PL uma tentativa de evangelização dentro das escolas, uma vez que o PL prevê o ensino facultativo, que deve apresentar de forma igual as grandes religiões e por um profissional licenciado em área de conhecimento adequado e que excluisse a formação em teologia.

No restante de sua obra, o tema é sempre o mesmo sobre o perfil e pauta da comunidade LGBT. O pastor dedica um capítulo todo sobre “verdades não ditas sobre os homossexuais” (FELICIANO, 2018, p. 83). Nele, o pastor apresenta diversas estatísticas de estudos, sem referências bibliográficas, para que possam ser validadas, sobre o “perigo” e a “promiscuidade” que representam essa comunidade. Também há um capítulo que comenta sobre o Marxismo que, segundo ele, enraizou-se nas escolas, meios de comunicação e nas artes. Neste ponto, a ideia do pastor vai de encontro ao que Guillen define como “sete montes”. Os argumentos de Feliciano contra Marx não se sustentam em um debate teórico, mas sim, em artigos de *internet*, inclusive ele indica a pesquisa em

sites sobre Marxismo Cultural, e outros autores anônimos, como a citação que podemos ver abaixo, em seu comentário sobre quem era Marx:

OS QUATRO PARÁGRAFOS ABAIXO SÃO DE UM ESCRITOR ANÔNIMO: “• Viu 4 de seus 7 filhos morrerem ainda bebês pela vida insalubre e miserável que sua vagabundice impôs à família, viu duas de suas três filhas sobreviventes se suicidarem, traiu a mulher que o sustentou por anos a fio com a melhor amiga dela, e ainda deu o bebê nascido desta relação para o amigo rico Engels criar. Morreu pobre, intelectualmente debilitado e com um abscesso no pulmão. Somente 11 pessoas incluindo Engels foram ao seu enterro. (FELICIANO, 2018, p. 62).

Em resumo, o livro, de forma pouco estruturada em suas ideias, deixa nítido que a proposta do pastor é contrapor-se aos avanços de pautas progressistas. Feliciano também define quem são seus inimigos e alerta ao “povo de Deus” sobre eles:

Foram estes que enfrentei. Foram estes radicais, que no Brasil se alimentam de dinheiro público, recebido de partidos de esquerda, como PSOL, PCdoB e PT, que numa perseguição avassaladora, devastaram minha privacidade, tocaram na minha família, depredaram igrejas, atrapalharam cultos e cometeram crimes. Foram dezenas de manifestações contra mim. Em todos os lugares do Brasil e em muitos países do mundo. Isto mostra o poder de articulação destes movimentos que assustam e apavoram a todos que cruzam seu caminho e se colocam contra os privilégios que buscam. Apoiados pela mídia esquerdista, instigados por famosos esquerdopatas e financiados pelos cofres públicos, eles se colocam acima do bem e do mal. (FELICIANO, 2018, p. 81).

Feliciano e Guillen atuam juntos como palestrantes e pregadores no MIR (Movimento Internacional da Restauração). O MIR promove eventos com milhares de evangélicos das mais diferentes denominações e com mensagens de líderes notórios.

Além destes autores, em 2008, Edir Macedo, juntamente com o bispo Carlos Oliveira⁴⁹, publicaram o livro com título *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a Política*. A repercussão na mídia sobre seu lançamento foi imediata, principalmente, pela nitidez da mensagem do livro já exposta em seu título, um projeto de poder elaborado para que evangélicos alcançassem uma representação política significativa no Brasil. De fato, a IURD é uma das instituições que se preocupa e insere-se no jogo político. As articulações sobre o apoio a determinado candidato é algo previamente planejado, como constatou Flávio Conrado:

⁴⁹ Bispo responsável pelas relações institucionais e públicas do grupo Record e IURD.

É muito bem dividido o número de igrejas em relação à votação de determinados candidatos. Os candidatos recebem um número 'x' de igrejas para votar neles. Eles já sabem mais ou menos quantos votos vão ter. (...) a gente acredita em 20% de fidelidade só. Se uma igreja tem mil membros a gente só conta com 200. (...) Aprendemos que é mais ou menos esse o percentual. (CONRADO, 2001 *apud* DANTAS, 2011, p. 31)

No livro, por meio do exemplo dos movimentos sociais que estão centrados em uma bandeira ou causa (MACEDO, OLIVEIRA, 2008), os autores convocam os fiéis a refletirem sobre seu papel no mundo a partir de justificativas baseadas no livro de *Gênesis* e até mesmo no livro *A Política*, de Aristóteles. No entanto, os autores advertem que o livro não pode ser encarado como uma incitação a um sistema teocrático, uma vez que o Estado brasileiro é laico, por isso, os bispos buscaram apresentar o potencial dos evangélicos em fazer a diferença na política com ideias inovadoras e promissoras (MACEDO; OLIVEIRA, 2008). Neste aspecto, percebemos a preocupação dos autores em determinar para os fiéis o limite da participação evangélica na esfera política.

A “Fé Inteligente” é um termo utilizado no texto para descrever um equilíbrio necessário entre a Fé e a Razão. E, neste sentido, a fé faz-se por meio da crença em Deus e a Razão é fundamental para discutir-se sobre assuntos do Estado. Segundo os autores: “Quanto mais pessoas estiverem envolvidas discutindo e participando dos assuntos relacionados à cidade e ao Estado, melhor para todos” (MACEDO; OLIVEIRA, 2008, p. 95). Até este ponto pode-se dizer que os bispos empregam a defesa da razão e sobre a fé dizem: “Esse grande projeto de nação elaborado por Deus depende de maior envolvimento nessas questões; do contrário, o plano de poder e de nação elaborado por Deus continuará sendo postergado.” (MACEDO; OLIVEIRA, 2008, p. 95).

Assim como Guillen, Macedo e Oliveira também identificam áreas estratégicas para atuação. Ao comentar sobre três formas de poder que podem exercer influência nos rumos de um Estado - o poder econômico, ideológico e político – os autores defendem que o poder político é o mais abrangente e eficaz, mas que demanda maior articulação e planejamento. Por isso, a racionalidade é fundamental para que os evangélicos alcancem tal poder. No livro, também encontramos estratégias sobre “Produto Político”, ou seja, sobre o candidato que deve possuir características marcantes em seus discursos, tom de voz e imagem. Trata-se de um pequeno texto sobre o *marketing* político que finaliza novamente na justificativa de um plano para o cumprimento dos propósitos divinos sobre o Estado.

Após diversas explicações de passagens bíblicas e citações a autores consagrados pelas ciências sociais, tais como Maquiavel, Hobbes e Locke, são nas considerações finais que encontramos um elemento-chave sobre o pensamento dos bispos da IURD.

O resultado final de uma eleição é reflexo do exercício do poder genuíno que pertence ao povo, que o delega a quem que represente seus interesses. Quando se trata dos votos dos evangélicos, estamos diante de dois interesses: o interesse dos próprios cristãos e ter representantes genuínos e o interesse de Deus de que Seu projeto de nação conclua. [...] O Brasil tem uma população de aproximadamente 40 milhões de evangélicos. Terminamos aqui chamando a atenção deles para que não deixem que essa potencialidade seja desperdiçada. (MACEDO, OLIVEIRA, 2008, pp. 122-123)

Nitidamente, há um chamado aos crentes para participarem no debate na esfera pública. Mesmo diante dos constantes alertas de cautela no decorrer do texto, os autores sempre destacam a necessidade do “povo de Deus” em fazer parte dos propósitos divinos. Portanto, o livro *O Plano de Poder* busca apresentar qual poder deve ser usado por evangélicos para a consolidação das suas promessas que, segundo os autores, deve ser o poder político, pois é o mais abrangente e efetivo.

Neste capítulo, esquadrihamos três fases do movimento evangélico brasileiro: a mensagem da Cruz, a Teologia da Prosperidade e o Neofundamentalismo. Evidentemente, não foram todas as denominações evangélicas que passaram por essas transformações, mas procuramos, aqui, demonstrar que o neofundamentalismo emerge de uma base comum dos protestantes: a mensagem da Cruz. No entanto, os que se envolveram com a teologia da prosperidade, a segunda fase deste movimento, tiveram maior predisposição também para envolver-se com a política e dar forma ao neofundamentalismo. Nestes quatro autores, percebemos que o neofundamentalismo não se restringe a defender sua fé por meio das instituições políticas, mas também busca influenciar a vida privada do cidadão brasileiro. Embora suas ideias de dominação ainda sejam muito abstratas, é interessante notar que há uma articulação visível, mesmo que teórica, entre os principais líderes deste movimento. Portanto, negar o plano de poder dos evangélicos é negar a própria origem do neofundamentalismo, que coloca o fiel como centro do universo como primazia da criação. O fiel que é destinado a ser “cabeça e não cauda” deve, segundo esses autores, assumir sua posição estratégica de direcionamento da sociedade, seus projetos e valores.

2.2) Religião e Eleições: O neofundamentalismo no Brasil

O mundo contemporâneo é tão intensamente religioso como qualquer outro na história (BERGER, 2017). As principais religiões sobreviveram ao processo de secularização e criaram poderosos movimentos de renovação. Uma das formas de renovação da religião foi, justamente, redefinir seu papel na esfera pública e no debate político. Se por um lado, o neoconservadorismo é um movimento político que se apropria da religião para conquistar seus objetivos, o neofundamentalismo faz o caminho inverso, pois é um movimento religioso que busca apropriar-se da política.

Diversos autores dedicaram-se a compreender o deslocamento da religião da vida privada para o espaço público, como Habermas (2006), Burity (2001), Dantas (2011), Zabatiere (2008), Machado (2006), dentre outros, os quais nos fornecem uma grande reflexão sobre este movimento, nomeados por alguns de desprivatização da religião (In: MARTINO, 2016; CASANOVA, 1994) que vão ao encontro das demais perspectivas. Portanto, concordamos e é inegável que houve um deslocamento da prática religiosa e dos valores das relações intra-eclesiais para o debate político. Esse é outro ponto de transformação do movimento evangélico que queremos destacar. Do mesmo modo que a mensagem da cruz, de modo pietista, perdeu espaço para a cruz promotora de sucesso terreno, a esperança de um “mundo melhor” chamado de “reino dos céus”, que só se concretizaria após a morte ou o juízo final, agora, foi trocado pela ideia de que é plenamente possível estabelecer um “reino” de paz e justiça por meio da política institucional. Para nós, essa transformação passa de uma era de estranhamento e desencantamento para uma era da militância e do reavivamento da fé.

Antes de nos aprofundarmos especificamente nas implicações deste movimento na política brasileira, pretendemos apresentar algumas discussões sobre essa transição e o contexto em que ela surge. Para compreendermos tais transformações, devemos partir do princípio que a separação entre Igreja e Estado não anulou a participação da religião em pautas estritamente políticas e, por isso, quando citamos sobre a separação entre Igreja e Estado, é diferente de refletir sobre separação entre religião e política, pois, geralmente, a separação entre Igreja e Estado é vista como a exclusão de todas as formas religiosas da esfera pública (MOUFFE, 1997). Do mesmo modo, a ideia de laicidade, conforme Mariano (2011), recobre especificamente a regulação política, jurídica e institucional das relações entre religião e política, ou seja, da Igreja e do Estado. Com isso, a laicidade limita-se à neutralidade confessional das instituições do Estado, garantindo autonomia

dos poderes políticos e religiosos, promovendo a tolerância religiosa e as liberdades de consciência, de ter religião e de participar de um culto ou de simplesmente não ter religião. Portanto, a laicidade e a separação entre Igreja e Estado não anularam o papel que a religião desempenha na sociedade. Em um Estado constitucional fundamentado em uma moral secular, o embate entre crentes e não crentes com visões de mundo antagônicas, também se dará na esfera política (HABERMAS, 2013).

Fato é que esta separação foi fundamental para o processo de privatização da religião, assim como o processo de desencantamento e racionalização. A privatização da religião também concedeu sua “legalidade própria” à liberdade de formatar conteúdos de consciência, o que faz com que a liberdade de expressão religiosa seja constitucionalmente garantida e protegida pelo Estado, desde que esteja dentro dos limites da lei (PIERUCCI, 2008), (BURITY, 2001). Com isso, consagram-se algumas linhas normativas da episteme liberal descrita por Burity (2001) sobre a relação entre as ações da religião e do Estado moderno:

- I) Que assuntos e convicções religiosas se restrinjam à esfera privada dos grupos religiosos, mesmo que suas práticas sejam consideradas exóticas ou repulsivas pelos demais membros da sociedade de não crentes;
- II) A neutralidade do Estado diante das disputas religiosas sobre as verdades transcendentais;
- III) A separação da Igreja e Estado e a garantia da liberdade de culto e independência das autoridades civis e políticas em relação à autoridade eclesiástica.

Uma vez que o Estado deve garantir as liberdades religiosas e também assegurar o laicismo de suas ações, conseqüentemente, promoveu, na contrapartida, uma pluralidade de ideais e criou um terreno fértil para chegada de novas religiões e de novas tendências de estilo de vida, até mesmo não religiosas. Com o fim da hegemonia absoluta do catolicismo como religião oficial do país, surgiu a necessidade da criação de “artefatos” religiosos, ampliando, assim, a pluralidade de crenças, as possibilidades de escolha de cada indivíduo e a liberdade de culto (DANTAS, 2013). Portanto, o processo de privatização da religião favoreceu o processo de pluralismo na sociedade. Neste sentido, para Berger (2017), pluralismo é uma situação social na qual pessoas de

diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas e interagem. Além disso, para o autor, esse é um termo de longa data na história e na filosofia, mas ressalta que não é um fenômeno preso na mente de um pensador, mas um fato empírico experimentado por pessoas comuns. Contudo, enquanto Berger destaca o pacifismo na convivência plural, preferimos abordar as tensões destes grupos.

Uma vez que, em certa medida, o Estado torna-se neutro em algumas verdades tidas como absolutas pela religião, surge um caminho natural para a relativização dos valores morais que eram tidos como corretos em períodos de maior poder da igreja sobre a vida privada dos cidadãos. Para Dantas (2013), o processo de secularização corresponde à passagem da supremacia de uma única cosmovisão sobre a fé e seus aspectos morais para a pluralização simbólica, somados à multiplicidade ética e o livre exercício da fé. Em contrapartida a este cenário, Berger (2017) associa que: “O relativismo enfraquece o consenso moral sem o qual nenhuma sociedade pode sobreviver” (BERGER, 2017, p. 44). Compreendemos, a partir daí, que é no enfraquecimento que a religião busca se tornar novamente um agente de coesão social impondo valores. Por isso, como comenta Burity (2001), esta relação entre religião e política, de um lado, e o deslocamento da fronteira público/privado, de outro, não significam necessariamente um “passo à frente”, ou algo positivo, até porque o processo tem dado lugar a retrocessos, com o acirramento da intolerância.

Compreendemos que em uma sociedade com valores plurais, que não proporciona uma realidade única aos indivíduos e com a perda da autoevidência, a religião pode fornecer uma ressignificação da existência e uma referência de valores a serem compartilhados (BERGER; LUCKMANN, 2012). Neste sentido, o êxito de um grupo religioso, em uma sociedade plural e secular, depende de sua capacidade de fornecer identidade coletiva distintiva, por muitas vezes, orientando a conduta moral do cidadão (MARIANO, 2016). É justamente deste ponto que nosso objetivo de pesquisa apropriase desta não-verdade única para difundir e impor a sua verdade. Além disso, do mesmo modo que Dantas (2011), defendemos que a hierarquia eclesiástica não admite uma fé sem autoridade, uma religião sem moralidade, uma crença sem obediência. A religião evangélica aceita a laicidade jurídica, mas não a simbólica; endossa-se a “autonomia temporal”, mas não “a autonomia espiritual”; (DANTAS, 2011) e, por isso, a defesa destes valores simbólicos e morais permeados por um sentimento espiritual passou a ser premissa deste movimento. Por este motivo, por meio na defesa da hierarquia e da autonomia espiritual, o reacionarismo religioso busca evitar aquilo que Berger (2017)

chamou de Contaminação Cognitiva, cenário no qual as pessoas influenciam-se e interagem mesmo com certas diferenças e, conseqüentemente, vão influenciar umas às outras. Logo, temos um movimento de residência pela Contaminação Cognitiva secular e uma promoção da Contaminação Cognitiva religiosa.

A partir do momento que a religião se envolve nesse movimento de promover um sentido de vida e impor sua verdade, de certo modo, também passa a romper a esfera da religião privada e a lançar-se no espaço público. Podemos dizer que esse é um processo natural das religiões universais e de missão quando as mesmas, numericamente, ampliam sua rede de fiéis em determinada sociedade. Surge, então, o processo de desprivatização da religião, uma vez que esta provoca um desafio nas esferas seculares do Estado. Neste processo, algumas religiões não se limitam a cuidar das almas individuais, mas levantam questões sobre a conexão da moralidade pública com a privada. Em consequência disso, a religião também passa pelo processo de politização (CASANOVA, 1994). No Brasil, este processo de desprivatização pode ser identificado com a efervescência do neofundamentalismo. E prefixo “neo” é aplicado devido ao aumento de visibilidade de lideranças conservadoras que se apresentaram como representantes dos novos tempos dentro de um cenário de fortalecimento de posturas conservadoras na esfera pública brasileira, principalmente no contexto das eleições (CUNHA, 2017).

O neofundamentalismo abandonou a apatia política dos grupos evangélicos mais antigos e partiu em busca de maior influência na esfera pública. Como a política não é somente um campo de disputa por propostas técnicas (MIGUEL, 2004), fatores ligados ao sentimento religioso ampliaram o debate por defesa de valores dentro da agenda pública. Diante da influência exercida por algumas lideranças, desenvolve-se uma nova frente de militância na defesa dos valores religiosos, principalmente, os valores de cunho moral. O reflexo disso é que, no decorrer do tempo, percebamos um nítido aumento do clamor popular para que lideranças políticas defendam tais propostas (BRUNATELLI, LAHUERDA, 2014) como uma solução para os problemas sociais e políticos atuais.

Para Oro, o neofundamentalismo surge a partir das necessidades de massa por uma experiência direta do sagrado e por uma insegurança devido aos tempos de falta desta experiência, isso agravado pelo “estresse do fim do século” (ORO, 1996, p. 89). O abandono do sagrado, reflexo do processo de secularização, abriu caminho para o ressurgimento da busca pelo divino como forma de ressignificar a vida e estabelecer a ordem daquilo que consideram como a “ordem natural das coisas”. Com isso, alguns

religiosos buscam retomar uma forma de vida antiga, baseada nos valores patriarcais da família e dos fundamentos bíblicos. Neste ponto, este grupo é semelhante ao fundamentalismo estadunidense no início do século XX. No entanto, sua diferença está no engajamento deste movimento dentro da esfera política, assim, o neofundamentalismo ultrapassa as demandas e os atos fundamentalistas e encabeça uma nova forma de defesa da fé e da difusão de seus valores. “O neofundamentalismo representa a tentativa de fazer reviver uma comunidade de sentimentos religiosos e políticos no tempo do individualismo exacerbado. E o faz usando a mídia e os instrumentos de pressão política” (ORO, 1996, p. 91).

Os embates presentes nas relações entre o Estado e as religiões, mais precisamente entre os líderes religiosos, podem apresentar resultados diferentes de acordo com fatos históricos, tendências eleitorais e formas de governo (CIPRIANI, 2012). No Brasil, por exemplo, embora a força política dos segmentos evangélicos tenha começado a se manifestar em meados da década de 1980, no período de redemocratização da sociedade brasileira, durante as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte (DANTAS, 2011), a religião passou a buscar mais espaço no debate público com o avanço de pautas progressistas dos últimos governos petistas. A disputa pelo “voto evangélico” acontece no Brasil pelo menos desde as eleições de Fernando Collor de Melo (VITAL; LOPES; LUI, 2017).

Desde o período da democratização, o Partido dos Trabalhadores geralmente era visto pelas igrejas evangélicas como algo ligado ao diabo e ao comunismo. A imagem da guerra fria e das campanhas contrárias ao comunismo promovida pelas igrejas evangélicas estadunidenses permearam o imaginário cristão brasileiro durante a ditadura e também no processo de redemocratização. Como já exposto anteriormente, o neoconservadorismo de Reagan e a Direita Cristã promoveram uma longa batalha de discursos contra qualquer tipo de manifestação considerada de esquerda e/ou ligada à União Soviética. E, uma vez que, o processo de evangelização do país acentua-se com a chegada de missionários estadunidenses, é evidente que esta mesma visão se cristalizaria nas lideranças evangélicas brasileiras. O boato que Lula fecharia as igrejas em caso de ser eleito espalhou-se e demandou diversos esclarecimentos do PT ao longo do tempo⁵⁰. Foi um período em que a religião articulava-se no ato de não votar. Desde as eleições de 1989, Lula era demonizado pelas lideranças evangélicas e, paralelamente a isso, a IURD

⁵⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/campinas/cm1810200003.htm>. Acesso em 22/01/2015.

e as igrejas Assembleias de Deus articulavam-se no antipetismo e aderiam à campanha de Fernando Collor (CRUZ, 2009).

Pierucci e Mariano (1992) descrevem que, em 1989, o rechaço à candidatura de Lula e a opção e adesão à campanha de Fernando Collor foram promovidos pelo receio das lideranças evangélicas em relação aos possíveis cenários com a eleição de Lula. O primeiro cenário possível seria a implantação do Comunismo que, por sua vez, tornaria o Brasil em um Estado ateu, e o segundo seria a retomada da hegemonia da Igreja Católica, principalmente devido sua ligação, mesmo que frágil, com PT por meio da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base. Os mesmos autores também identificaram por meio de questionários, durante as eleições de 1994, que os evangélicos votavam menos em FHC e menos ainda em Lula. O que mantinha os melhores desempenhos, entre todos, era Quércia. Entre os evangélicos históricos, a preferência era por Quércia, com boa aceitação de Esperidião Amin (PPR), e baixíssima indicação por Fernando Henrique. Por outro lado, entre os pentecostais, a grande marca foi a baixa taxa de voto em Lula, a mais baixa entre todos os grupos religiosos (PIERUCCI; PRANDI, 1994). Ainda de acordo com os autores, a candidatura de Lula mostrou-se mais próxima dos católicos das comunidades eclesiais de base, dos afrobrasileiros e dos eleitores que se declaram sem religião e mais distantes dos católicos carismáticos e dos pentecostais (PIERUCCI; PRANDI, 1994). Além disso, assim como em 1989, em 1994, ainda havia o boato sobre o fechamento das igrejas, caso Lula fosse eleito, levando o mesmo a se posicionar sobre a defesa da liberdade religiosa na Folha de S. Paulo⁵¹.

O interessante deste ponto é que Lula mais tardiamente, nas eleições de 2002, conseguiu articular-se entre as lideranças evangélicas. Ganhou apoio da IURD e até mesmo dos personagens que aqui estudaremos, como Marco Feliciano. A eleição de Lula, em 2002, promoveu uma dicotomia entre evangélicos, pois, mesmo diante do apoio de algumas lideranças, o PT ainda enfrentava resistência por parte dos religiosos. Não nos cabe aqui fazer um estudo exaustivo sobre essa mudança de apoio por parte das igrejas evangélicas à candidatura de Lula, mas Cruz (2009), Campos (2002) e Chaia (2004) comentam que as articulações iniciaram durante o segundo mandato de FHC, reflexo do descontentamento dos evangélicos com o até então governo. Cruz (2009) destaca que as articulações iniciaram-se especificamente com a IURD, por meio do bispo Carlos Rodrigues (PL/RJ), em 1998. Fruto desta aliança entre PT/PL e IURD é a escolha de

⁵¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/17/brasil/25.html>. Acesso em 27/01/2015.

José Alencar como vice de Lula. Este clima de alinhamento e tensão com o PT potencializou uma nova face do conservadorismo religioso no país:

Nos anos 2000 observa-se uma nova face do conservadorismo religioso, um neoconservadorismo, que emerge como reação a transformações socioculturais que o Brasil tem experimentado, em especial a partir dos anos 2002, com a abertura e a potencialização de políticas voltadas para direitos humanos e gênero. O prefixo "neo" se deve à visibilidade mais intensa de lideranças evangélicas que se apresentam como pertencentes aos novos tempos, em que a religião tem como aliados o mercado, as mídias e as tecnologias, mas que se revelam defensoras de posturas de um conservadorismo explícito. (CUNHA, 2015, p. 8)

Embora alguns autores citem o papel decisivo dos evangélicos na eleição de Lula, partimos do pressuposto que este ponto é algo questionável, pois, neste período, a economia brasileira dava sinais de fragilidades. Embora os evangélicos possam ter alcançado maior poder político neste período e também votado em Lula, devemos levar em conta que não necessariamente foi por um motivo exclusivamente religioso, mas também econômico. Conforme Baquero (1994, p. 76): “as oscilações no campo político e flutuações no campo econômico se constituem na base de uma cultura política que se estrutura fundamentalmente influenciada por fatores conjunturais”. No mesmo sentido, para Singer (2004), o eleitor decide seu voto a partir de predisposições de longo prazo e estímulos de curto prazo. No curto prazo, o econômico influencia muito na questão do voto. No longo prazo, identificação partidária e ideológica. Portanto, se por um lado, nas eleições de 1994, o Plano Real foi o ponto decisivo de influência no comportamento político do povo brasileiro e levou FHC à Presidência da República, o desemprego e as crises nos sistemas público de saúde e de segurança abriram espaço para sua queda.

Aproveitando deste cenário, o PT reinventou-se, assim como Lula também reformulou seus discursos e seus posicionamentos. Por meio de mensagens na mídia para acalmar o mercado, e também religiosos, o candidato tornava-se o “Lulinha paz e amor” e o PT em uma “esquerda light”. Ficou claro ao eleitor sobre o laicismo do PT na garantia das liberdades religiosas e sobre as políticas de bem estar social defendidas por Lula. Com isso, o eleitor decidiu seu voto a partir de vários fatores, tais como as informações fornecidas pela mídia sobre esse novo PT, sua própria identificação partidária e também devido a empatia com o candidato (CHAIA, 2014).

Mesmo diante deste alinhamento, encontramos, no trabalho de Dantas (2011), diversos indícios de que o governo Lula, em seu segundo mandato, era alvo de críticas e despertava desconfiança em líderes políticos-evangélicos. As críticas tangiam a questão

do aborto, um tema muito sensível na esfera da religião cristã. Por exemplo, em entrevista para a autora, o deputado João Campos (PSDB/GO), em 17/06/2009, afirma que:

Nesse governo do Presidente Lula, nós tivemos um grau de dificuldade maior, porque esse é um governo abortista, que defende o aborto claramente, de forma aberta, sem nenhum constrangimento, quer o presidente da república, quer o ministro da saúde, Temporão. (DANTAS, 2011, p. 180)

Ainda em entrevista para autora, em 2008, a deputada Jusmari Oliveira (PR/BA) também faz o seguinte comentário em relação ao aborto: “Além do mais, nós temos que ter esse cuidado de demonstrar que nós não estamos agindo com fundamentalismo, nós não estamos agindo para defender a nossa religião, mas sim para defender princípios que são da vida” (DANTAS, 2011, p. 207). Do mesmo modo, o Deputado Pedro Ribeiro (PMDB/CE) em entrevista também realizada em 2008 diz que:

As principais [discussões da bancada evangélica] são a vigilância em torno dessa gama enorme de projetos que pretendem instituir o aborto, porque o governo Lula, no que pese ser um governo bem sucedido na economia e em uma série de coisas – mudou o perfil da nação – é um governo abortista, é um governo assassino, é um governo que pretende instituir o aborto na nação (DANTAS, 2011, p. 207).

Mesmo diante destas críticas latentes ao governo petista, a boa articulação de Lula aliada à estabilidade econômica sobrepôs-se, em partes, a estes assuntos que são sensíveis à religião.

A disputa pelo voto evangélico, em 2010, foi nítida. Marina Silva (PV), José Serra (PSDB) e Dilma (PT) articulavam-se de todas as formas para a conquista de uma fatia deste eleitorado. Lembrando que em 2010, os evangélicos no Brasil já alcançavam 22% da população. Serra negociou o apoio da Assembleia de Deus (convenção geral), por meio do pastor José Wellington, que declarou seu voto em Serra em um culto matinal⁵² e esteve presente em um evento com mais de 10 mil evangélicos na igreja assembleia de Deus em Camboriú⁵³. O presidenciável também contava com o apoio de Silas Malafaia⁵⁴. Valdemiro Santiago, da igreja Mundial, também declarou seu voto em 2010⁵⁵. São três lideranças estratégicas dentro do povo evangélico. Todos considerados neopentecostais e

⁵² Disponível em: <http://adalagoas.com.br/noticias/2126/pastor-jose-wellington-apoia-serra-para-presidente>. Acesso 22/02/2016

⁵³ Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/05/durante-evento-evangelico-serra-pede-oracoes-para-enfrentar-batalhas.html>. Acesso em 24/02/2019.

⁵⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=btRx5LbqTEY>. Acesso em 22/02/2016.

⁵⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=Gsa2eWP-YvQ>. Acesso 22/02/2016

com grande números de fiéis. Mas, a ligação explícita de Serra com a maçonaria⁵⁶ e boatos que o candidato seria satanista também promoveram receio dos evangélicos em votar no tucano. A mensagem das lideranças na indicação do voto não teve grande impacto neste pleito.

Marina Silva, embora seja a única evangélica do pleito presidencial de 2010, teve dificuldades em articular-se com as igrejas às quais pertencia. Sua posição ambígua e imprecisa sobre as pautas conservadoras colocaram em cheque sua credibilidade com os evangélicos. Para Malafaia, Marina era pior que um “ímpio”, pois era uma cristã dissimulada⁵⁷. Marina defendia um plebiscito sobre a legalização do aborto e legalização do uso da maconha, algo que foi interpretado por algumas lideranças evangélicas como uma fragilidade da candidata, principalmente por se cristã declarada.

Dilma Rousseff ganhou apoio da IURD e buscou aproximação das igrejas Assembleias de Deus. Como consequência, Dilma conseguiu o apoio de outras lideranças evangélicas importantes no pleito eleitoral de 2010. É o caso do deputado Marco Feliciano, que em um evento realizado em uma igreja evangélica, em 2009, defendeu a candidatura de Dilma e inclusive utilizou uma camiseta com a frase “Sou Cristão e voto em Dilma”.

Figura 12 Frame de vídeo divulgado no Youtube⁵⁸



O deputado conta que estavam fazendo com Dilma o mesmo que fizeram a Lula no passado. O deputado confessa ter dito mentiras sobre o fechamento de igrejas caso

⁵⁶ Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=s-uEpT2YS0Y>. Acesso 22/02/2016

⁵⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gCo_0vsVC8E. Acesso 22/02/2016.

⁵⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ESvrL-In4mk> . Acesso em 22/02/2016.

Lula fosse eleito em eleições anteriores. Contudo, Feliciano descreveu sua atual percepção sobre Lula:

A história de Luís Inácio Lula da Silva nestes oito últimos anos tocaram o mundo todo. A figura dele não é mais vista como presidente, mas como uma figura messiânica. Não como alguém comparado ao Cristo, nada disso, mas como alguém que desperta esperança no coração do povo (sic.) (FELICIANO, 2009)⁵⁹

Duas outras importantes lideranças, Edir Macedo e Silas Malafia, divergiram sobre o apoio à candidata. O bispo Edir Macedo, em seu *blog*, defendeu Dilma das mentiras divulgadas por alguns evangélicos⁶⁰ e também criticou Silas por ter apoiado Serra:

Veja o que aconteceu com o pastor Silas Malafaia, que iniciou a campanha política apoiando a candidata Marina Silva e, depois, usando o argumento frágil de que o partido dela, o PV, apoiava o aborto, mudou de lado e, para justificar que não apoiaria a candidata Dilma, acusou o PT de ser a favor do aborto e apoiar o casamento de homossexuais. Pronto, o caminho estava aberto para, sabe-se lá com que interesse, apoiar o candidato Serra. Como não há nada escondido que não seja revelado, veio a declaração do próprio Serra, em vários meios de comunicação, de que é favorável ao casamento de homossexuais. E não para por aí não. Explodiu como uma bomba a , Monica Serra, que ficaram indignadas com a hipocrisia do casal de que, como cristãos, são radicalmente contra o aborto. Inclusive, a Sra. Monica chegou a dizer que se Dilma vencesse, ela iria matar as criancinhas. Revoltadas, as alunas disseram que em uma aula, muito tempo atrás, a Sra. Monica declarou que havia feito aborto, com o consentimento de seu marido José Serra. Agora ficam as perguntas: O que fez o pastor Malafaia mudar de lado? Ele vai continuar apoiando o Serra? (MACEDO, 2010)⁶¹

Malafaia rebatia o bispo em vídeo no *youtube*. Para o pastor, o bispo havia sido comprado por meio de anúncios do governo veiculados na rede Record:

Você não pode botar a mão na Bíblia e dizer que não foi comprado porque a sua emissora recebe milhões do governo. Você foi comprado para defender Dilma. E a tua emissora é uma emissora chapa-branca, com um jornalismo tendencioso, e não é independente como as outras. [...] Você, Macedo, tem gasto bilhões, díizimo e ofertas do povo de Deus, que você tem injetado na sua TV para promover prostituição, adultério, homossexualismo, sensualidade, assassinato, roubo. A sua TV é um lixo moral (sic.) (MALAFAIA, 2010)⁶²

⁵⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ESvrL-In4mk> . Acesso em 22/02/2016.

⁶⁰ Disponível em: <https://blogs.universal.org/bispomacedo/2010/09/28/dilma-e-vitima-de-mentiras-espalhadas-pela-internet/>. Acesso em 22/02/2016.

⁶¹ Disponível em: <https://blogs.universal.org/bispomacedo/2010/10/16/cuidado-com-o-profeta-velho/>. Acesso em 22/01/2016.

⁶² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LcEVzRGliCE>. Acesso em 22/02/2016.

Obviamente o apoio de parte dos evangélicos à candidatura de Dilma envolveu a negociação de pautas conservadoras. A elaboração de uma carta-compromisso esteve em cena em 2010. Lideranças interessadas neste termo como Magno Malta, Marco Feliciano e Marcelo Crivella buscavam firmar um compromisso que Dilma não aceitaria ou promulgaria leis ou decretos que envolvessem os temas sensíveis à religião evangélica, como o aborto e o casamento homoafetivo. Foi então que, já em campanha para o segundo turno e em meio as novas polêmicas envolvendo Dilma e o PT, sobre um possível governo comunista favorável ao aborto e ao fim da família tradicional, a candidata firma um compromisso público em outubro de 2010 com a seguinte fala:

Dirijo-me mais uma vez a vocês, com o carinho e o respeito que merecem os que sonham com um Brasil cada vez mais perto da premissa do Evangelho de desejar ao próximo o que queremos para nós mesmos. É com esta convicção que resolvi pôr um fim definitivo à campanha de calúnias e boatos espalhados por meus adversários eleitorais. Para não permitir que prevaleça a mentira como arma em busca de votos, em nome da verdade quero reafirmar:

1. Defendo a convivência entre as diferentes religiões e a liberdade religiosa, assegurada pela Constituição Federal;
2. Sou pessoalmente contra o aborto e defendo a manutenção da legislação atual sobre o assunto;
3. Eleita presidente da República, não tomarei a iniciativa de propor alterações de pontos que tratem da legislação do aborto e de outros temas concernentes à família e à livre expressão de qualquer religião no País.
4. O PNDH3 é uma ampla carta de intenções, que incorporou itens do programa anterior. Está sendo revisto e, se eleita, não pretendo promover nenhuma iniciativa que afronte a família;
5. Com relação ao PLC 122, caso aprovado no Senado, onde tramita atualmente, será sancionado em meu futuro governo nos artigos que não violem a liberdade de crença, culto e expressão e demais garantias constitucionais individuais existentes no Brasil;
6. Se Deus quiser e o povo brasileiro me der, a oportunidade de presidir o país, pretendo editar leis e desenvolver programas que tenham a família como foco principal, a exemplo do Bolsa Família, Minha Casa, Minha Vida e tantos outros que resgatam a cidadania e a dignidade humana.

Com estes esclarecimentos, espero contar com vocês para deter a sórdida campanha de calúnias contra mim orquestrada. Não podemos permitir que a mentira se converta em fonte de benefícios eleitorais para aqueles que não têm escrúpulos de manipular a fé e a religião tão respeitada por todos nós. Minha campanha é pela vida, pela paz, pela justiça social, pelo respeito, pela prosperidade e pela convivência entre todas as pessoas. (ROUSSEUFF, 2010)

63

Nas eleições de 2014, o aspecto religioso fez-se novamente presente nas campanhas dos presidentiáveis, para nós, a mais acirrada de todas em relação ao sentimento religioso. Em 13 de julho do mesmo ano, foi inaugurado, no município de São

⁶³ Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/10/texto-carta-de-dilma-sobre-aborto-e-liberdade-religiosa-1.html>. Acesso em: 13/06/2017

Paulo, o Templo de Salomão da IURD. Neste evento foram reproduzidos alguns símbolos e ritos do judaísmo dos tempos bíblicos do antigo testamento, sob interpretação da IURD. Um templo que, com seu desenho arquitetônico, chama a atenção dos que passam ao ser redor. Mas, neste momento, faz-se apropriado ressaltar a presença de políticos durante o evento.

Na foto abaixo, amplamente divulgada nos meios de comunicação, temos o então governador de São Paulo: Geraldo Alckmin (PSDB), o vice-presidente Michel Temer (PMDB), a presidenta Dilma Rousseff (PT) e o prefeito do município Fernando Haddad (PT/SP). Obviamente, a presença de um político em um evento como esse pode gerar duas situações no público evangélico: a repulsa pela mistura dos elementos entre o sagrado e o profano ou de simpatia e proximidade pelo respeito demonstrado a Deus pelo político. Ao falarmos da IURD, partimos do ponto da segunda hipótese, pois é uma igreja altamente engajada na vida política, constantemente indicando candidatos e elegendo deputados, vereadores e prefeitos em diversas regiões pelo país, principalmente pelo partido PRB.

Figura 13 Inauguração do Templo de Salomão



Fonte: R7 Online⁶⁴

⁶⁴ Disponível em: <http://recordtv.r7.com/jornal-da-record/videos/dilma-rousseff-prestigia-cerimonia-de-inauguracao-do-templo-de-salomao-06102018>. Acesso em 13/06/2017

Silas Malafaia e Marco Feliciano fizeram intensa campanha contra Dilma, inclusive Marco Feliciano cita que foi traído pelo PT e por Dilma ao sancionar a Lei N° 12.845, de 1º de agosto de 2013. A lei que dispõe sobre o atendimento obrigatório e integral de pessoas em situação de violência sexual foi considerada pelo deputado uma forma de legalização do aborto. Sobre as eleições de 2014, dedicaremos um estudo mais detalhado adiante, mas, com base no analisado até este momento, pudemos considerar que o envolvimento dos evangélicos na política sempre partiu de premissas morais, mais precisamente sobre o aborto e a homoafetividade. No próximo tópico, nos dedicaremos a compreender sobre o papel do fenômeno religioso e sua cosmovisão na disputa eleitoral de 2014.

2.3 Aspectos escatológicos do neofundamentalismo e representações na mídia⁶⁵

De modo geral, as religiões tendem a ressignificar sua forma de atuação de acordo com o contexto de sua época. Obviamente, este é um fenômeno que ocorre de várias formas e intensidades para cada tipo de religião. Max Weber já alertava sobre esta característica ao descrever sobre a psicologia das religiões mundiais:

Frequentemente a geração seguinte reinterpreta essas anunciações e promessas de modo fundamental, ajustando as revelações às necessidades da comunidade religiosa. Quando isso ocorre, então, é comum que as doutrinas religiosas se ajustem às necessidades religiosas. Outras esferas de interesse só poderiam ter uma influência secundária; com frequência, porém, tal influência é muito óbvia e, por vezes, decisiva. (WEBER, 2010, p. 312).

Com o movimento da secularização, a religião buscou adaptar-se novamente, tendo o intuito de resistir a este processo e na tentativa de conquistar seus fiéis por outras formas próprias ao hodierno. Neste cenário, o Cristianismo e o Islamismo possuem uma característica marcante na adaptação de sua teologia e mensagem para o contexto da época: o pensamento Escatológico, que é o estudo sobre os fins dos tempos, final do mundo ou juízo final. Trata-se de uma linha de pensamento extremamente ambígua, pois ao mesmo tempo em que o fim é desejado, uma vez que haveria redenção e nova vida após o fim do mundo, para que isso acontecesse, diversos fatos negativos como guerras,

⁶⁵ O termo escatologia utilizado neste texto se refere ao conjunto de doutrinas sobre o final do mundo, palavra derivada do grego *éskhatos*, diferentemente do termo com a mesma escrita em português, mas de origem *skatós* no grego, que vai no sentido da coprologia, área do estudo sobre excrementos humanos (fezes).

pragas, fome e catástrofes seriam sinais da chegada do fim. Portanto, o fiel deseja e teme este evento teológico. No protestantismo, diversas linhas de pensamento buscam dar significado ao livro do *Apocalipse*, onde se apresenta o fim das coisas. O nome deste livro, que significa revelação, descreve um ambiente de terror e esperança, perseguição e salvação, que, por sua vez, é interpretado de diversas maneiras pelos crentes em um fim apocalíptico. Mesmo diante destas formas de interpretação sobre o *Apocalipse*, é praticamente consenso entre protestantes evangélicos que para que isso aconteça e, por o Bem vencer o Mal, é necessária uma batalha na Terra envolvendo grande perseguição aos fiéis. Neste ponto, insere-se o contexto político na escatologia, pois o livro do *Apocalipse* faz alusão a um governo de Satanás (APOCALÍPSE, 13) que marcaria as últimas fases da vida na Terra. Portanto, é indissociável, por parte de alguns evangélicos, o governo secular e o período escatológico. A tensão dos *fins dos tempos* reacende-se principalmente em períodos decisivos da esfera política, como a votação de algum projeto de lei que impacte na crença e prática religiosa, assim como os períodos pré-eleitorais também são exemplos claros de momentos de grande apreensão dos religiosos. Uma vez que a mente humana abomina a incerteza, principalmente, no que diz respeito ao que se espera na vida (BERGER, 1994), a religião atua neste campo simbólico em busca de fornecer segurança psicológica e espiritual diante de um iminente fim do mundo. Temos, então, o medo do incerto e o medo do fim como motor do discurso religioso em busca da dominação dos fiéis.

Sabemos que há várias formas de poder do homem sobre o homem: “O poder político é apenas uma delas” (BOBBIO, 2000, p. 161), mas devemos alertar que o poder religioso também possui grande capacidade de direcionamento e domesticação da sociedade, sendo ele por muitas vezes um grande subsídio para o poder político. Já em Hobbes temos reflexões sobre o potencial da religião no exercício do poder por meio do medo (HOBBS, 2000). O medo é uma forma recorrente de legitimar autoridade, uma vez que o líder religioso é visto pelos fiéis como um agente ligado ao transcendente e que possui certo grau de influência nos poderes mágicos da religião:

Compreende-se que, na realidade, a obediência é determinada pelos motivos bastante fortes do medo e da esperança – medo da vingança dos poderes mágicos do detentor do poder, esperança de recompensa neste mundo ou no outro – e, além de tudo isso, pelos mais variados interesses (WEBER, 2010, p. 56).

Boa parte destes medos são interpretações de uma realidade articulada com o sagrado, com fantasias e inseguranças. “Quero lembrar que medo é uma das fontes de

fantasia e da invenção, e que grande parte dele provém das mesmas fontes do mistério e do sagrado” (KEHL, 2007, p. 91). As religiões, por muitas vezes, alimentam-se da confusão entre a causa real de um evento e seu antecedente na experiência, cabendo a própria religião buscar interpretações sobre o fenômeno em questão (LIMONGI, 2007). De certo modo, as religiões também podem assumir uma função de instrumento de legitimação do poder dos dominantes e para a domesticação dos dominados (BOURDIEU, 2011), promovendo uma ordem da existência e de sentido no modelo de organização da sociedade. De acordo com Glassner (2003), os medos geralmente estão concentrados em fatos que não deveriam provocar o medo, sendo ele fabricado e tendo a imprensa como sua grande difusora. É o caso de doenças raras que aparecem no mundo, as tensões da virada do milênio e profecias que datam algum evento catastrófico. Contudo, o medo, quando instalado, favorece jogos de interesses de diversos setores, ou seja, o medo passa a ser uma estratégia de poder para um grupo que deseja ser dominante.

No âmbito religioso, os medos diversificam-se, mas todos possuem relações com o sagrado, com a batalha espiritual e com os indícios sobre o *Armagedom* ou do juízo final. Por este motivo, o processo de demonização do “outro” é uma das formas de atuação do neofundamentalismo, pois cria justamente o clima de batalha e promove a insegurança dos fiéis frente ao processo de secularização e da retração do nível de importância do sagrado na vida da sociedade (ORO, 1996). Portanto, assim como o medo pode ser fabricado e produzido por um sistema político para estimular a obediência dos cidadãos em determinadas sociedades (CHAIA, 2004), a escatologia pode ser utilizada pela religião com os mesmos objetivos. Uma vez que “o demônio” também se faz presente na política e conforme abordamos no capítulo 2.1, a tomada pelo poder é algo necessário para o neofundamentalismo.

No caso da IURD, além da diabolização da política, a igreja defende a tese de que é vítima de perseguição religiosa. Com isso, cria um ambiente de comoção junto aos fiéis sobre a necessidade de fortalecer-se politicamente. Embora esses discursos sejam baseados em argumentações desprovidas de uma coerência lógica, acabam promovendo maior coesão entre os fiéis da igreja que é, então, considerada por eles, “a mais discriminada, marginalizada e perseguida do país” (DANTAS, 2011, p. 36). Neste sentimento produzido de discriminação, elegem-se inimigos como a Igreja Católica, Rede Globo e os comunistas, sendo, tudo isso, segundo eles, parte das estratégias malignas de dominação.

Ainda de acordo com Bourdieu (1989), o próprio campo religioso é um espaço de luta pela imposição da definição legítima, e não somente sobre o que é religioso, mas também das diversas maneiras de desempenhar ações religiosas. Por isso, nos diversos grupos religiosos, sempre haverá pessoas que são distintas, religiosamente e hierarquicamente, das demais. Algumas com o poder sagrado de sobrepor-se às outras. Essa elite religiosa, consagrada, goza de privilégios e de legitimidade para impor normas e regras de conduta aos demais, que são apenas seguidores. Conforme Pierucci (2002), eles podem dizer aos seus seguidores o que é certo e o que é errado, o que é bom e o que é mau, o que é obrigatório e aquilo que é apenas conveniente, regulamentando com mandamentos e preceitos as práticas rituais e as ações morais.

Interessante perceber que as estratégias para gerar comoção e medo e vinculá-las aos princípios escatológicos, geralmente, dão-se por meio do espetáculo. No caso da IURD, os cultos com exorcismos ocorrem a todo o momento e são veiculados pela TV, *internet* e rádio. Nestes encontros, apresenta-se a batalha entre os filhos de Deus e o Diabo, isso da maneira mais teatral possível e envolvendo diversos temas que extrapolam o âmbito da fé. Por exemplo, em alguns cultos com manifestações consideradas pelos pastores como demoníacas, é possível encontrar discursos afirmando que o Diabo está na Rede Globo ou na Igreja Mundial de Deus. Temos, então, uma nítida disputa pelo campo econômico e midiático (Rede Record *versus* TV Globo) e pelo campo religioso simbólico (Mundial *versus* Universal).

Esses movimentos acreditam que o acirramento desta batalha espiritual é reflexo do princípio do fim. No entanto, ao invés de alegrarem-se com a possível chegada do fim do mundo e a sua partida para a “morada celeste”, colocam-se como resistência às intervenções do Diabo, buscando um martírio simbólico e promovendo o medo como meio de dominação sobre o que é, de fato, religioso. O uso do espetáculo para promover a cultura do medo em relação ao apocalipse vai além das representações nos cultos e alçaram também os meios de comunicação. Já na década de 70, a produção cinematográfica evangélica promovia os filmes sobre o fim do mundo, como exemplo, a trilogia da década sobre *A Grande Tormenta* (1978) e mais recentemente os filmes *Deixados para Trás* (2000) e *O Fim da Colheita* (1998). Os filmes apresentam um cenário de grande perseguição contra aos cristãos que se recusaram a participar da política do anticristo, sendo eles mortos pela guilhotina por defenderem os princípios cristãos. Os filmes são repletos de tramas, conspirações e, nitidamente, buscam estimular o medo nos espectadores.

No caso da IURD, ela produziu sua própria série em 2017, chamada *Apocalipse*. A série que foi amplamente divulgada pela Rede Record, também dramatizou um possível governo do anticristo e um ambiente de grande tribulação para os cristãos que permaneceram na terra e não foram levados aos céus pelo arrebatamento.⁶⁶ A dramatização desta teologia é realizada por meio do espetáculo e com um só objetivo: a conversão. O espetáculo, por si só, já é um meio de instrumentalização. Debord já alertava que os espetáculos, nos meios de comunicação, transmitem uma linguagem unilateral e isenta de qualquer neutralidade:

Se o espetáculo, tomado sob o aspecto restrito dos “meios de comunicação de massa”, que são sua manifestação superficial mais esmagadora, dá a impressão de invadir a sociedade como simples instrumentação, tal instrumentação nada tem de neutra: ela convém automovimento total da sociedade [...] é porque essa “comunicação” é essencialmente unilateral. (DEBORD, 1997, p. 20-21)

Evidentemente, na citação acima, Debord aborda sobre os meios de comunicação em massa e não religiosos, ainda que, por muitas vezes, professam a neutralidade política, possuem uma linha de pensamento bem definida. Por outro lado, em nosso estudo, compreendemos que a religião não esconde sua forma de instrumentalização e não se veste de imparcialidade. Sua mensagem é nítida diante de seu espectador, sendo que o espetáculo potencializa seus argumentos, inclusive para promover o discurso do medo. Diante do exposto, pretendemos, a seguir, demonstrar alguns exemplos da promoção do medo por meio da mídia religiosa durante os períodos eleitorais.

Logo na primeira disputa presidencial de Dilma Rousseff, em 2010, alguns movimentos religiosos mais conservadores alinharam seus discursos contra a presidenciável, principalmente diante de um possível avanço de pautas progressistas. Como exemplo disso, alguns vídeos com pronunciamentos reacionários foram divulgados em grande escala nas redes sociais evangélicas e católicas e, dentre estes, destacamos o vídeo do padre José Augusto posicionando-se, na TV Canção Nova, contra o governo do PT⁶⁷, demonstrando um alinhamento aos discursos de pastores evangélicos. Também

⁶⁶ O Arrebatamento é um ponto da escatologia que prevê que antes da grande tribulação os crentes fiéis serão levados ao céu por Jesus Cristo. Somente os infiéis ou os crentes que não estiverem santificados permaneceram na terra para serem tentados pelo Diabo durante seu governo.

⁶⁷ Disponível em:

https://www.youtube.com/results?search_query=padre+jos%C3%A9+augusto+falando+do+pt. Acesso em 10/11/2016.

temos o vídeo do pastor Paschoal Piragine, com mais de três milhões de acessos⁶⁸, tecendo severas críticas ao PT e declarando que a “mão de Deus” poderia cair sobre o povo brasileiro⁶⁹, caso as propostas do partido em questão fossem aprovadas. Destacando que o termo a “mão de Deus cair sobre o povo” é utilizada para descrever um castigo divino por uma desobediência do povo. Em todos estes pronunciamentos, percebemos o discurso do medo diante de um cenário de incerteza. O transcendente é sempre utilizado como forma de legitimar esse posicionamento e torná-lo, praticamente, inquestionável.

Nas eleições de 2014, algo semelhante acontece, e diversos grupos ganharam notoriedade na defesa de movimentos de “direita”, antipartidários, antipetistas dentre outros e se alinham aos valores do moralismo religioso cristão. Todos estes grupos articularam-se nas redes sociais e travaram vários debates. Entretanto, a formação destes grupos de mobilização, isso independentemente de qual vertente política-ideológica ou religiosa pautaram-se em temas apresentados pela grande mídia, fato que nos remete ao pensamento de Bourdieu:

Um dos móveis das lutas políticas, a nível das trocas cotidianas ou na escala global, é a capacidade de impor princípios de visão de mundo, óculos tais que as pessoas vejam o mundo segundo certas visões (os jovens os velhos, os estrangeiros e os franceses.) ao impor essas divisões, formam-se grupos, que se mobilizam e que, ao fazer isso, podem chegar a convencer de que existem, a fazer pressão e a obter vantagens, nessas lutas hoje, a televisão desempenha um papel determinante. (BOURDIEU, 1997, p. 28)

Estas divisões de mundo, produzidas através dos meios de comunicação juntamente com o pensamento conservador, retomaram alguns termos antigos como comunismo e ditadura, e ambos foram utilizados em grande escala nas redes sociais, demonstrando a criação de um perigo iminente caso o governo do PT permanecesse no poder. Além de tais palavras, algumas imagens também estiveram presentes nas redes sociais e até mesmo como adesivos para automóveis, como exemplo, o *banner* “fora Collor” adaptado para “fora Dilma”, preservando-se a repetição de duas letras L do nome Collor na estrutura gráfica do material do movimento fora Dilma, (embora o correto seja com apenas uma letra L).

⁶⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=Paschoal+Piragine++PT. Acesso em 10/11/2016.

⁶⁹ Termo utilizado por evangélicos para descrever um possível castigo divino.

Figura 14 – Comparativo entre capa do livro “Fora Collor” e o adesivo “fora Dilma”



Fonte: Livro “Fora Collor o fenômeno em decomposição” (1993) e adesivo “fora Dilma” (2014). Destaca-se que os LL em verde e amarelo são utilizados de forma adequada quando referenciados ao nome do presidente Collor. O recurso visual foi forçado para Dilma, uma vez que seu nome é escrito apenas com um L em sua grafia.

Este jogo de palavras e imagens, na verdade, tornou-se símbolo propagador de alguns sentimentos mais profundos na psique humana. Tais símbolos e discursos fomentaram o que chamamos de “cultura do medo”.

Em 2015, também se tornou evidente uma nova configuração na participação política por parte da sociedade civil. Os vários protestos ocorridos, em junho de 2013, abriram uma perspectiva sobre como a população pode pressionar, de certa forma, o Governo. Com isso, e frente ao descontentamento de parte da população brasileira com o governo de Dilma Rousseff, algumas manifestações também foram articuladas; porém, com demandas nitidamente conservadoras, basearam-se na construção de um inimigo comum. Temas como o combate ao comunismo, apelo à intervenção militar, afirmação da heterossexualidade e a defesa da religião cristã estiveram presentes em todas as pautas das manifestações em 2015, cujos aspectos abordaremos mais adiante. Evidentemente, todos estes eventos foram potencializados por meio da mídia e emergiram massivamente durante a disputa do segundo mandato de Dilma Rousseff. É neste sentido que percebemos o grande papel da mídia no direcionamento do debate político popular. Giovanni Sartori comenta sobre esta capacidade de influência da mídia:

Realmente não há dúvida de que os noticiários da televisão dão ao espectador a sensação que aquilo que se vê é verdadeiro, e que os eventos são vistos por ele tais acontecem. Mas na realidade não é assim. A televisão pode mentir, e falsificar a verdade, exatamente como qualquer outro instrumento de comunicação. (SARTORI, 2001, p. 84)

Neste sentido, o conceito de *agenda setting* também se torna apropriado. O direcionamento do debate pode ser realizado por meio de saliências nos temas públicos que refletem na sociedade e voltam a refletir na agenda da mídia:

Os efeitos do agendamento na comunicação de massa têm implicações significativas além das imagens criadas na cabeça das pessoas. No domínio original e tradicional do agendamento a saliência dos temas públicos, há considerável evidência de que a mudança na saliência destes temas é frequentemente a base da opinião pública sobre o comportamento geral de um líder público que está em um cargo. (MCCOMBS, 2004, p. 205)

As percepções de Sartori sobre o *homo videns* e o agendamento descrito por Maxwell McCombs são de grande importância para identificarmos as construções e direcionamentos ideológicos e políticos realizados pela mídia de massa e seus impactos na sociedade civil. Portanto, partimos do pressuposto que também devemos analisar a mídia neste sentido, porque é “[...]produtora de conhecimento e geradora de construções sociais que trabalham com a ideia do medo [...]” (CHAIA, 2004, p. 31).

Em nossa análise, percebemos que alguns líderes religiosos utilizam-se destas saliências, as da grande mídia, para fundamentar seus discursos e promover suas intenções na esfera política, mas construíram um cenário sombrio e apocalíptico diante delas. Por exemplo, temos a transcrição de um vídeo do pastor Silas Malafaia, inicialmente divulgado em seu canal no *Youtube*. Nele, Malafaia utiliza-se do discurso de Dilma Rousseff na ONU para alertar o seu público sobre outro tipo de perigo: o terrorismo.

Olá, minha gente, primeiro quero dizer que esse vídeo tem cenas chocantes. Peço que não permitam crianças assistirem, porque são cenas muito fortes. E quero, eu quero aqui, fazer algumas considerações que podem decidir a nossa eleição para presidente do Brasil. Preste atenção no que eu vou falar. Em 2012, a presidente Dilma esteve na abertura da ONU [...] e na ocasião ela dá uma palavra, dizendo que no mundo há uma islamofobia. Preste atenção na palavra da Dilma [sic.] (MALAFAIA, 2014)⁷⁰

Após este discurso, é inserido um trecho da fala de Dilma, criticando as intervenções militares ocidentais e a islamofobia que se acentuou depois dos atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos. Ao encerrar a fala de Dilma, Malafaia retoma a fala com os seguintes argumentos:

⁷⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=Malafaia+Estado+Islamico>. Acesso em 10/11/2016.

Eu mostrei pra vocês, em 2012, a Dilma fala e defende o pessoal da fé islâmica. Em 2014, não tem uma palavra pra falar da cristofobia, que é real e verdadeira no mundo [...] lamento a omissão da fala da presidente Dilma, com os assassinatos em massa de cristãos em 2013, que morreram 115 mil e agora um grupo terrorista facínora que tá cometendo massacres, a presidente diz que tem que haver diálogo. Prepare aí seu estômago, não deixa criança assistir isso não. Vocês vão ver os terroristas assassinos de cristãos, tá. Matando mulheres, adolescentes, homens, crianças, crucificando aldeias. Vocês vão ver a maldade deles contra cristãos. Essas cenas que vocês vão ver agora, é assassinato de cristão. Preste atenção, preste bastante atenção. Veja isso aí, é essa gente que a presidente quer diálogo [sic.] (MALAFAIA, 2014)⁷¹

Após esse discurso, são transmitidas cenas violentas de assassinatos, supostamente cometidos pelo grupo terrorista Estado Islâmico. No entanto, não há nenhuma fonte que garanta a legitimidade das imagens e a autoria das mortes. De qualquer forma, diante de imagens tão cruéis e chocantes, pouco resta de interpretação ao fiel espectador, uma vez que a fala de um pastor, por muitas vezes, não necessita de grandes argumentos concretos ou científicos. Por este motivo, o jogo de imagens de terror aliado à retórica do pastor, formam um verdadeiro espetáculo do medo com objetivos políticos.

Figura 15 Post de Silas Malafaia contra Dilma Rousseff



MALAFAIA, Silas. Os cristãos são maioria no Brasil. 27/09/2014. Facebook⁷²

⁷¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=Malafaia+Estado+Islamico>. Acesso em 10/11/2016.

⁷² Disponível em: <https://www.facebook.com/SilasMalafaia/videos/396040584290630/>. Acesso em 15/11/2016.

Por fim, podemos também analisar um material impresso distribuído em algumas igrejas evangélicas no município do Rio de Janeiro⁷³. Com a capa fazendo alusão à revista *Veja*, o tema apocalíptico destaca-se ao mencionar um possível plano do anticristo e de uma nova ordem mundial contra à igreja. No verso da revista, encontramos os candidatos para as eleições de 2014, indicados como uma possível solução para combater esse cenário apocalíptico.

Figura 16: Capa e verso da Revista divulgada na capital do Rio de Janeiro⁷⁴.



O candidato Ezequiel Teixeira (PTN) é pastor e fundador da igreja Projeto Vida Nova, casado com Marcia Teixeira, que foi vereadora no Rio de Janeiro e tendo a sua campanha retratada no documentário *Vocação do Poder*⁷⁵.

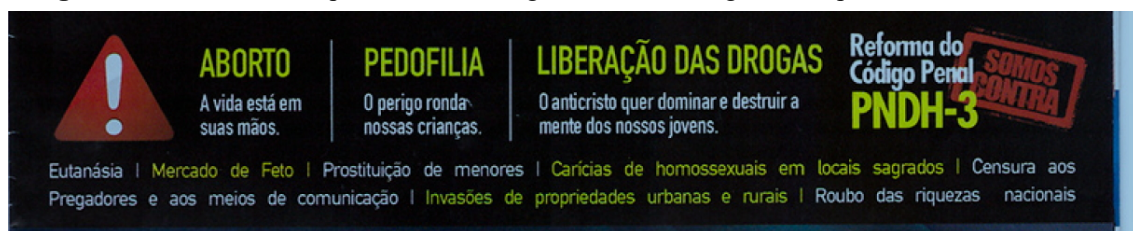
⁷³ A revista foi denunciada pela *Carta Capital* e pode ser visualizada na íntegra. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/politica/material-pro-marina-chama-dilma-e-lgbts-de-anticristo-7393.html>. Acesso em 15/11/2016.

⁷⁴ A revista foi denunciada pela *Carta Capital* e pode ser visualizada na íntegra. Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/politica/material-pro-marina-chama-dilma-e-lgbts-de-anticristo-7393.html>. Acesso em 15/11/2016.

⁷⁵ ESCOREL, Eduardo; JOFFILY, José. *Vocação do Poder* 12 (Brazil) 2005 · Documentário · 1h 50m.

No rodapé da capa é possível encontrar pequenos trechos com o conteúdo das matérias da revista, e todas fazem parte de uma grande construção do medo, mesmo que não façam parte da realidade dos fiéis. As matérias são apresentadas de forma sensacionalista e sem referenciais reais. Políticas públicas e movimentos sociais são retratados como ações satânicas e, por isso, os fiéis não devem confiar o seu voto aos políticos que não fazem parte do grupo evangélico.

Figura 17: Recorte do rodapé da revista divulgada Revista divulgada na capital do Rio de Janeiro.



Magali Cunha (2017) resgata um exemplo muito importante. O livro chamado *A Estratégia*, publicado por uma editora ligada a Silas Malafaia, apresenta um plano de transformação da sociedade, supostamente traçado pela comunidade LGBT.

Figura 18 Capa do livro *A Estratégia*



(CUNHA, 2017, p. 157)

De acordo com as informações do livro, a comunidade homoafetiva não busca somente seus direitos, mas também a imposição de certas regras sociais que são contrárias aos princípios bíblicos. Para algumas lideranças religiosas, os movimentos LGBTs são vinculados ao texto bíblico de Sodoma e Gomorra. Esse texto presente no livro de Genesis (Gn, 19) conta sobre duas cidades destruídas devido aos seus pecados, dentre os quais, alguns interpretam como a homoafetividade e, por isso, não é raro ouvir a palavra sodomia ser associada a este movimento. Conseqüentemente, o clima de perseguição e embate é muito presente diante desta não compreensão sobre o público LGBT e de uma interpretação bíblica.

Figura 19 Post Marco Feliciano



FELICIANO, Marco. Os Ativistas LGBTs estão ganhando a enquete. 11/04/2015. Facebook⁷⁶

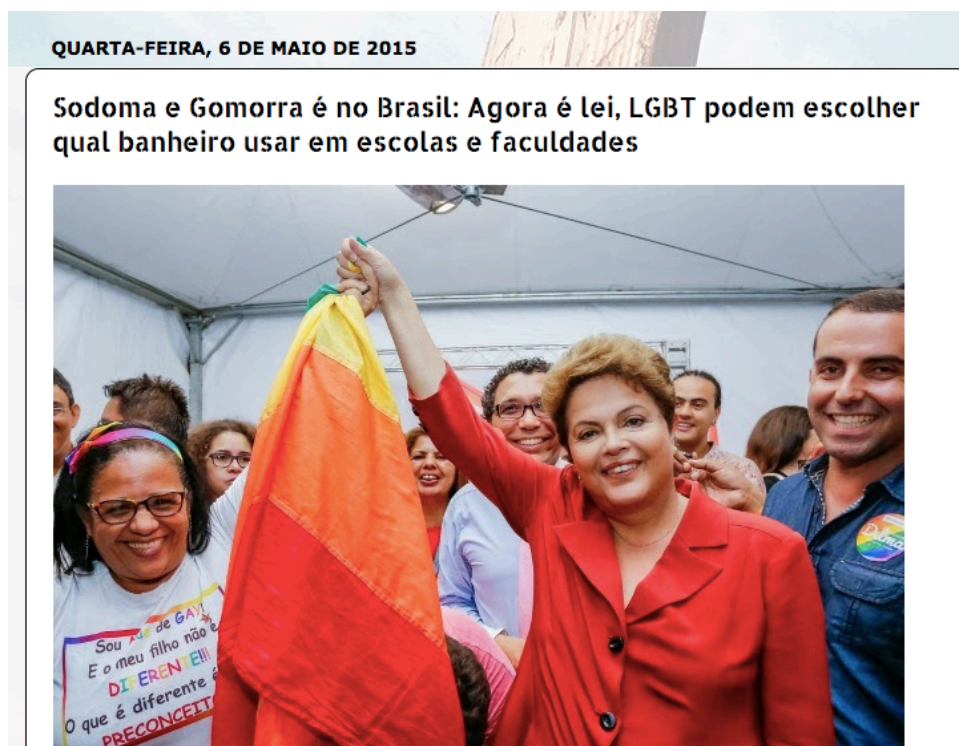
⁷⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/PastorMarcoFeliciano/photos/basw.AbqxtlUWGum>. Acesso em 05/05/2018.

Figura 20 Post Marco Feliciano



FELICIANO, Marco. Compartilhamento de Matéria da Web. 06/10/2015. Facebook⁷⁷

Figura 21 Reportagem em Blog Gospel sobre a Resolução nº 12, de 16 de Janeiro de 2015



Fonte: Oseias46 Blogspot⁷⁸

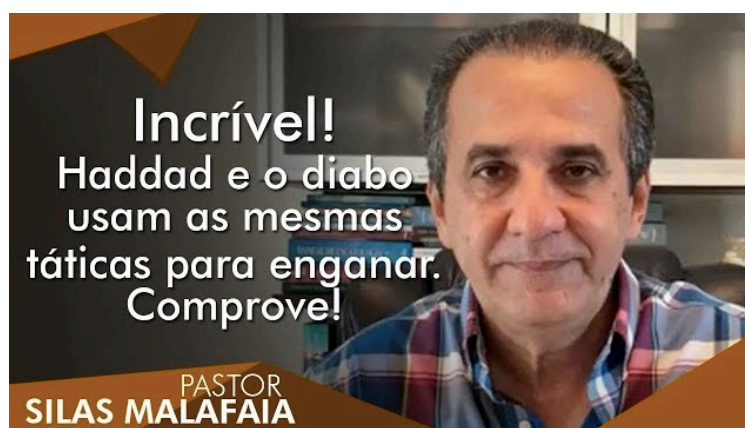
⁷⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/PastorMarcoFeliciano/posts/732611723545516>. Acesso em 13/07/2019.

⁷⁸ Disponível em: <https://oseias46a.blogspot.com/2015/05/sodoma-e-gomorra-e-no-brasil-agora-e.html>. Acesso em 01/06/2018.

Em consequência destas interpretações, do mesmo modo que Sodoma foi destruída, é fácil vincular a crescente aparição do movimento LGBT ao fim do mundo.

Estes são alguns exemplos de informações que promovem o medo, divulgadas por líderes religiosos no período pré-eleitoral de 2014 e no ano de 2015. Com a mesma lógica e utilizando-se do espetáculo, esses líderes buscam direcionar os votos de seus fiéis e/ou promover seus próprios candidatos. A tática do medo nas eleições não é algo novo, sendo objeto de estudo de diversos autores (EISENBERG, 2005), (CHAIA, 2004) e (DELUMEAU, 2009). Entretanto, ao se falar de medo e religião, os elementos envolvidos no discurso transcendem a realidade, tornando-os até mais efetivos, uma vez que são investidos do ato de fé e crença em alguém que possui os poderes mágicos da religião (WEBER, 2010). Portanto, compreendemos que, se por um lado o conservadorismo secular rejeita a pluralidade a as novas formas de vida, mas fundamenta tão rejeição na defesa de um *status quo*, o neofundamentalismo vai no mesmo sentido, mas fundamenta seu posicionamento com base no transcendente e no alerta do perigo da desobediência aos princípios considerados como divinos e imutáveis.

Figura 22 Capa de vídeo no Youtube



Fonte: MALAFAIA, Silas. Incrível! Haddad e o diabo usam as mesmas táticas para enganar. Comprove! 25/10/2018. Youtube⁷⁹

Em 2014 e 2015, no espectro político, as redes sociais promoveram batalhas virtuais que buscaram impor-se como verdade, desqualificando discursos e pessoas diante de notícias e *memes*. Neste sentido, o deputado Victório Galli (PSC/MT), membro da Frente Parlamentar Evangélica, também se posicionou contra as pautas progressistas e,

⁷⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o3GO1N4uT4A>. Acesso em 01/06/2019.

ao mesmo tempo, inseriu assuntos não condizentes com a realidade brasileira, fazendo da Bancada Evangélica a grande protetora do povo brasileiro.

Figura 23 Post Victório Galli com meme sobre a Bancada Evangélica



Fonte: GALLI, Victório. Incluo muitos deputados católicos que andam com a bancada evangélica. Que Deus nos proteja. 04/03/2018. Facebook⁸⁰

No caso deste deputado, apresentaremos mais adiante sobre seus projetos na câmara, mas já adiantamos aqui, que este é o parlamentar com maior número de projetos de leis, sendo que a maioria deles está direcionado ao combate das pautas identitárias. Os temas propostos por ele são formas de combate aos mesmos pontos presentes na revista distribuída pelo pastor Ezequiel que demonstramos anteriormente.

Esse *meme* representa para nós a lógica de atuação do neofundamentalismo. Em seus discursos midiáticos, promove a sensação de insegurança em seus fiéis e, ao mesmo tempo, fornece a solução para que o pior não aconteça. Mesmo o apocalipse sendo inevitável, de acordo com a doutrina religiosa, parece ser possível adiá-lo ou, pelo menos, deve-se confrontar as forças malignas do final. Então, a religião, diante do discurso sobre o fim do mundo, acaba materializando os conceitos de céu e inferno ou Deus e o Diabo. Rotulando personagens, elaborando planos conspiracionistas e legitimando a guerra contra aquilo que é estranho a ela. E, se esse combate depende da inserção na política, certamente a religião também levará essa luta simbólica à esfera pública.

⁸⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/VictorioGalliOficial/posts/1609434325821444>. Acesso em 01/06/2019.

3) **Evangélicos e a Política: Feliz a nação cujo Deus é o Senhor.**

“Feliz a nação cujo Deus é o senhor” (Salmos 33,12) diz um trecho do livro dos *Salmos*, muito utilizado para justificar prosperidade ou ausência dela em algum país. Não é difícil encontrar posicionamentos no mundo cristão presentes na mídia que vinculam a pobreza de determinado povo à sua matriz religiosa. Mais adiante apresentaremos um discurso do pastor Marco Feliciano que vai neste sentido, mas também podemos citar o pastor Pat Robertson – já citado em nosso trabalho – que, em 2010, em uma entrevista, afirmou que o Haiti tinha um pacto com o Diabo, por isso, tantas desgraças e guerras estavam presentes naquela região⁸¹. Retomando o *Salmo* de Davi, ele passou a ser uma forma de *slogan* eleitoral com chancela divina e, por isso, é utilizado em diversos discursos políticos, incluindo-se o discurso de Dilma Rousseff, durante a campanha presidencial de 2014. É com essa frase que a presidenciável inicia seu discurso para cerca de sete mil evangélicos no Brás, em São Paulo. E diante desta eleição, acalorada por sentimentos conservadores e religiosos, apresentaremos alguns dos fatos deste período neste capítulo.

Nos capítulos anteriores, buscamos demonstrar as transformações da relação entre religião e política alterada nos últimos anos, no Brasil, principalmente após o processo de redemocratização. Evangélicos, que antes eram apáticos à participação política, passaram a encontrar nela uma forma de consolidar um projeto de hegemonia e de defesa dos valores da religião cristã. O avanço da atuação de líderes religiosos na esfera política é uma consequência do sistema democrático, que deve garantir a participação de todos os membros da sociedade que desejam colaborar no processo decisório político. No entanto, algumas particularidades deste movimento provocam, inevitavelmente, um choque de valores e um combate aos atos considerados como “mundanos” pelos evangélicos; e o que antes se restringia à vida privada dos cidadãos, agora, também passa para esfera pública, e as eleições deixam de ser um processo secular menos importante para a vida cristã, tornando-se uma forma de defender a própria fé e extirpar o “mal” no mundo.

Antes de descrevermos sobre a presença dos evangélicos na disputa eleitoral de 2014, vale destacar o cenário que antecede este período. Escândalos de corrupção envolvendo o PT já desgastavam o partido desde 2006 com o caso Mensalão, caso

⁸¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S5nraknWoes>. Acesso em 01/06/2019.

amplamente explorado pela mídia impactando negativamente a imagem do partido a partir do neologismo criado por Roberto Jefferson (PTB/RJ) (“Mensalão”). Em 2013, diversas manifestações no país também demonstravam uma insatisfação geral com a classe política brasileira. Iniciadas em junho de 2013, com uma pauta bem definida, protestos contra o aumento das passagens no transporte público desdobraram-se em outras reivindicações, envolvendo ações contra a Copa do Mundo, antipetistas e pró-família em 2014. Tais movimentos são legítimos em um sistema democrático e abriram margem para outros grupos também se manifestarem. Com o enfraquecimento do Movimento Passe Livre e a intensificação do descontentamento popular para com o governo petista, grupos de direita começaram a se articular e as manifestações, antes partidárias, tornaram-se antipartidárias (SECCO, 2013), principalmente antipetistas, fazendo com que as eleições de 2014 fossem marcadas pela dura oposição à candidata Dilma Rousseff.

No ano de 2014, principalmente às vésperas das eleições, as redes sociais formaram um campo fértil para esta polarização entre esquerda e direita (CHAIA; BRUGNAGO, 2014). Movidos muitas vezes por sentimentos cobertos de paixão ou ódio, internautas se alinharam aos comentários promovidos pelas páginas de Facebook ou Twitter, estendendo-se desde os anarquistas até aos conservadores liberais. Uma polarização natural do ser humano, conforme comenta Norberto Bobbio:

A tendência a se alinhar nas situações em que há dois lados em luta é um comportamento natural, muito mais natural que o de se colocar acima ou abaixo da batalha, como se constata habitualmente nas partidas de futebol. O alinhar-se preenche a necessidade de identificação, a formação de um “nós”: nós de direita, vocês de esquerda, ou vice-versa. Os de esquerda são todos jacobinos, os de direita são todos reacionários. Não há nada mais simplificador do que tal modo de se colocar aqui ou ali. E, ao mesmo tempo, não há nada mais confuso do que as razões que levam alguém a escolher um lado em vez de outro. (BOBBIO, 2011, p. 11)

Devemos destacar que, segundo Michael Löwy (2015), o crescimento da extrema direita e do movimento neoconservador neste período foi favorecido pela própria pauta da esquerda, que negligenciou as questões socioculturais do levante da extrema direita no país:

A esquerda como um todo, com apenas algumas exceções, tem severamente subestimado esse perigo. Não viu a “onda marrom” vindo e, portanto, não viu a necessidade de tomar a iniciativa de uma mobilização antifascista. Para algumas correntes da esquerda que veem a extrema-direita como nada mais do que um efeito colateral da crise e do desemprego, são essas as causas que devem ser atacadas, e não o fenômeno fascista propriamente dito. Tal

raciocínio tipicamente economicista desarmou a esquerda diante da ofensiva ideológica racista, xenofóbica e nacionalista da extrema-direita. (LÖWY, 2015, p. 658)

No ano eleitoral, um movimento conservador, inspirado pelas manifestações de junho de 2013, iniciou uma série de articulações através das redes sociais, culminando em uma nova *Marcha da Família com Deus pela liberdade*. Apropriando-se do título da manifestação de 1964, esta solicitava a intervenção militar, a saída do PT do poder e o fim do comunismo. Na própria página do evento foram inseridas diversas imagens da primeira *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*:

Figura 24 Capa do convite no Facebook para Marcha da Família com Deus II



Fonte: Comunidade Família com Deus pela liberdade. 06/02/2014. Facebook⁸²

A principal manifestação aconteceu em São Paulo, em 22 de março de 2014, com cerca de mil participantes, segundo a Polícia Militar. Com a convocação partindo do *Facebook*, o evento tinha 2,1 mil confirmações na rede social. Em entrevista para o portal *GI*, a empresária Cristina Peviani, de 51 anos, uma das organizadoras do movimento, afirmou que a nova marcha reuniu cerca de 3 mil participantes e cumpriu o objetivo de “lembrar que existe família conservadora no Brasil”⁸³.

⁸² Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/familia.com.deus.pela.liberdade/posts/?ref=page_internal. Acesso em 01/06/2019.

⁸³ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/03/manifestantes-se-reunem-para-nova-versao-da-marcha-da-familia-em-sp.html>. Acesso em 04/12/2017.

Figura 25 Marcha da Família com Deus em 2014 – Praça da República – SP



Fonte: Fotos da Marcha da Família. 22/03/2014. Uol Notícias⁸⁴.

Um fato deste movimento que deve ser destacado é o apelo para a intervenção militar. Este ponto difere-se, e muito, dos movimentos conservadores que surgem pelo mundo:

O tema da luta contra a corrupção não é específico da extrema-direita, mas tem sido demagogicamente manipulado, com certo sucesso, por setores conservadores, na Europa e, sobretudo, no Brasil. No Brasil é uma velha tradição, desde os anos 1940, dos conservadores: levanta-se a bandeira do combate à corrupção para justificar o poder das oligarquias tradicionais e, segundo o caso, legitimar golpes militares. (LÖWY, 2015, p. 662)

Em novos tempos de instabilidade política ou incertezas sobre o futuro, cria-se um ambiente propício para que antigos medos retornem ao presente. Além de “antigos medos”, “antigas soluções” podem ser evocadas na tentativa de criar um ambiente seguro.

Mesmo diante do apelo nas redes sociais e das repercussões na mídia, percebemos que este movimento não alcançou grande adesão se comparado as manifestações de junho de 2013. Mas este grupo não pode ser ignorado em uma análise sobre o conservadorismo brasileiro, pois seria ele um tipo ideal, que sintetiza os conflitos vivenciados por pessoas ligadas ao pensamento conservador diante da pluralidade e da relatividade dos valores da atualidade. Percebemos nitidamente a tentativa de um resgate e de uma nova roupagem para o movimento de 1964, emprestando os mesmos nomes e recriando algo que já esteve presente no passado:

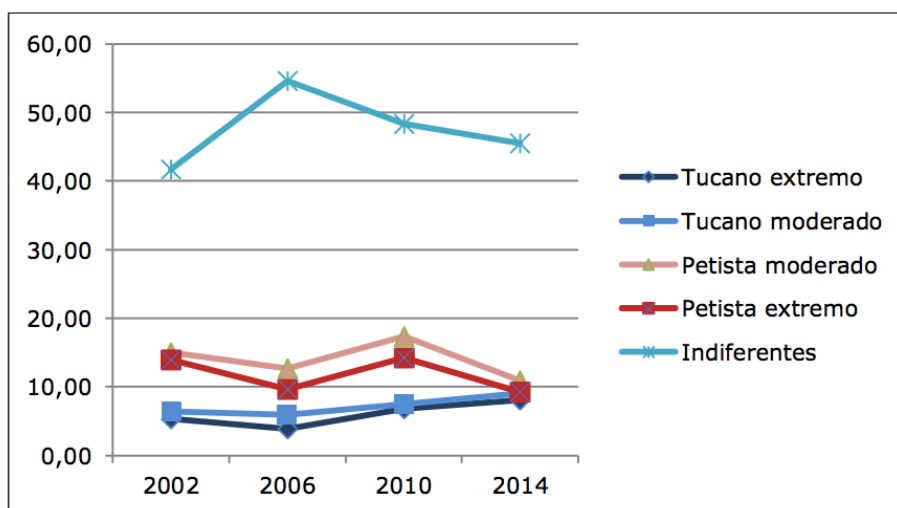
A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os

⁸⁴ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/album/2014/03/22/marchas-pro-e-contra-intervencao-militar.htm?mode=list>. Acesso em 04/12/2017.

espíritos do passado, tomando-lhes emprestados os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar-se nessa linguagem emprestada. (MARX, 2008, p. 7)

Borges e Vidigal (2018) buscaram compreender os sentimentos de preferência partidária e antipartidária presentes no Brasil desde 2002. Por meio de uma série de questões de identificação e rejeição, os autores classificaram os entrevistados como eleitor extremo para os que se identificam muito com o partido, eleitor moderado para os que se identificam pouco e indiferentes para os que não possuem uma nítida identificação com as pautas partidárias. Na polarização entre PT e PSDB, o resultado da pesquisa apresentou uma queda no petismo entre 2010 e 2014 e um crescimento do tucanato no mesmo período.

Gráfico 4 Evolução da identificação partidária ao longo dos anos 2002, 2006, 2010 e 2014: indiferentes e partidários extremos e moderados do PT e do PSDB (%)



Fonte: ESEB 2002, 2006, 2010 e 2014 *apud* BORGES; VIDIGAL, 2018, p. 65.

A queda do petismo é uma consequência do governo Dilma que sofria com os escândalos de corrupção atribuídos ao PT, promovendo um cenário de desconfiança com o eleitorado brasileiro. Como demonstramos no capítulo anterior, Dilma buscava aproximar-se das religiões evangélicas, mas, neste momento, tinha novos adversários, como o candidato pastor Everaldo e o pastor Marco Feliciano, que na eleição anterior apoiou a candidata. Some-se a isso o avanço de algumas pautas progressistas divulgado pela mídia. Eis alguns dos motivos que levaram Dilma a perder o apoio de lideranças evangélicas. Embora outras motivações tenham contribuído com o rompimento de parte dos líderes evangélicos com Dilma, destacamos a justificativa do deputado Marco

Feliciano para esse rompimento. Após Dilma sancionar a *Portaria 415 de 2014*⁸⁵ que inclui o procedimento de interrupção da gestação/antecipação terapêutica do parto previstas em lei na tabela de procedimentos do SUS, o deputado compreendeu que Dilma estava legalizando o aborto de todas as formas e, ainda mais, remunerando quem o fizesse. Conforme podemos observar em um discurso do deputado durante a campanha eleitoral de 2014:

Olá, pessoal! Eu sou o Marco Feliciano, deputado federal pelo estado de São Paulo e candidato à reeleição agora, em 2014, como deputado federal pelo Estado de São Paulo também [...]. Eu estou aqui hoje para fazer uma denúncia. A denúncia é sobre o que o governo tem feito para aproximar evangélicos da presidenta Dilma. Saiu a poucos dias atrás na imprensa, que o PT criou um comitê evangélico pra aproximar as grandes lideranças evangélicas da presidenta Dilma. Eu queria aqui dizer, pra você não ser enganado de novo, fizeram a mesma coisa em 2010, eu Marco Feliciano fui um daqueles [...] que acabou caindo no conto do vigário, no caso, no conto da presidenta e do PT. Eu emprestei minha imagem pra eles em 2010. Subi em palanques pedindo votos pra presidenta Dilma, porque naquele momento ela havia assinado um documento dizendo que o **aborto** não seria aprovado durante o mandato dela. Ela mentiu, o **aborto** foi aprovado através do projeto da profilaxia na gravidez. E a poucos dias atrás o ministério da saúde baixou a portaria 415 onde o **aborto** seria remunerado, ou seja, todos os hospitais receberiam quatrocentos reais pra que o **aborto** fosse efetuado. Graças a bancada evangélica, uma ação coletiva feita dentro da câmara dos deputados, conseguimos fazer com o que o ministério da saúde voltasse atrás, toda via, o projeto chamado cavalo de troia que é o projeto de profilaxia na gravidez foi sancionado pela presidenta e já está em vigor. Os evangélicos que estão dando apoio a presidenta Dilma é a mesma turma que liderou contra mim quando eu assumi a comissão de direitos humanos. São evangélicos chamados evangélicos **progressistas**. Eles têm uma liderança aí que só Jesus na causa. Eu conheço esse pessoal, eles não comungam do nosso pensamento. Eles acham que pessoas que primam pela **família**, pessoas que são contra a liberação das **drogas**, pessoas que são contra o **aborto**, eles os chama de **retrocesso**. Não são o governo, não pessoas do governo, que os chamam de **retrocesso**, são esses evangélicos **esquerdistas** [...] Eu apelo não só para aos evangélicos, mas a todos cristãos de bem, e até as pessoas que mesmo não sendo cristãs são **pessoas de família** precisamos mudar e a mudança é **não votar na presidenta Dilma, não votar no PT**. Muito obrigado a todos, que Deus abençoe vocês em nome de Jesus [sic.] (FELICIANO, 2014, grifo nosso)⁸⁶

⁸⁵ Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2014/prt0415_21_05_2014.html. Acesso em 24/02/2016.

⁸⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ys2Ncnp858M> Acesso em 10/11/2016.

Figura 26 Post de Marco Feliciano no Facebook com vídeo sobre aproximação entre Evangélicos e Dilma

Marco Feliciano
9 de agosto

A aproximação do PT-DILMA com os evangélicos é a maior cilada da história. Evangélicos tem memória curta? Assistam, curtam e propaguem!

Curtir · Comentar · Compartilhar

12.665 pessoas curtiram Principais comentários · isso.

45.114 compartilhamentos

Andre Lamare Na biblia temos varios politicos, Jose foi Governador, mas nao se corrompeu, o que vale e o caracter de cada um, graças a DEUS que temos evangelicos na politica, eles defendem muitos direitos nossos.
Curtir · Responder · 3 · 9 de agosto às 15:48

Ozeas Leão Tem muito crente que não concorda com o crente na política e fica votando em, macumbeiro, feitiçeiro, idôlatra, ladrão, falsificador, mentirosos e assim vai... eu voto em evangélico.
Curtir · Responder · 658 · 9 de agosto às 15:17

54 Respostas · 5 h

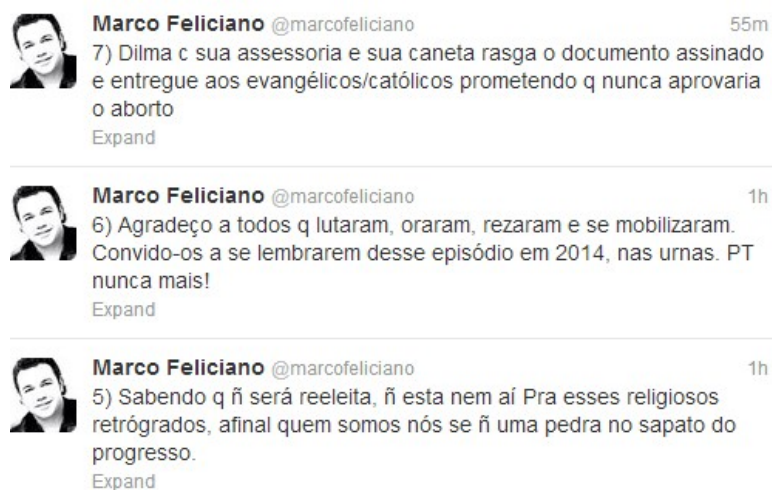
Escreva um comentário...

Fonte: FELICIANO, Marco. Aproximação do PT-DILMA com evangélicos é a maior cilada da história. Evangélicos tem memória curta? Assistam, curtam e propaguem! 09/08/2014. Facebook⁸⁷.

No *Twitter*, o deputado comenta sobre essa decisão e relembra sobre a carta-compromisso celebrada por Dilma nas eleições de 2010. É impossível afirmar se esse é o real e único motivo do rompimento entre o deputado e o PT, mas sabemos que este discurso é muito mais acessível e sensível ao eleitorado evangélico conservador.

⁸⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/PastorMarcoFeliciano/post/1609434325821444>. Acesso em 01/02/2015

Figura 27 Twitter de Marco Feliciano, em 2 de agosto de 2013, sobre o compromisso de Dilma com os evangélicos em relação ao aborto.



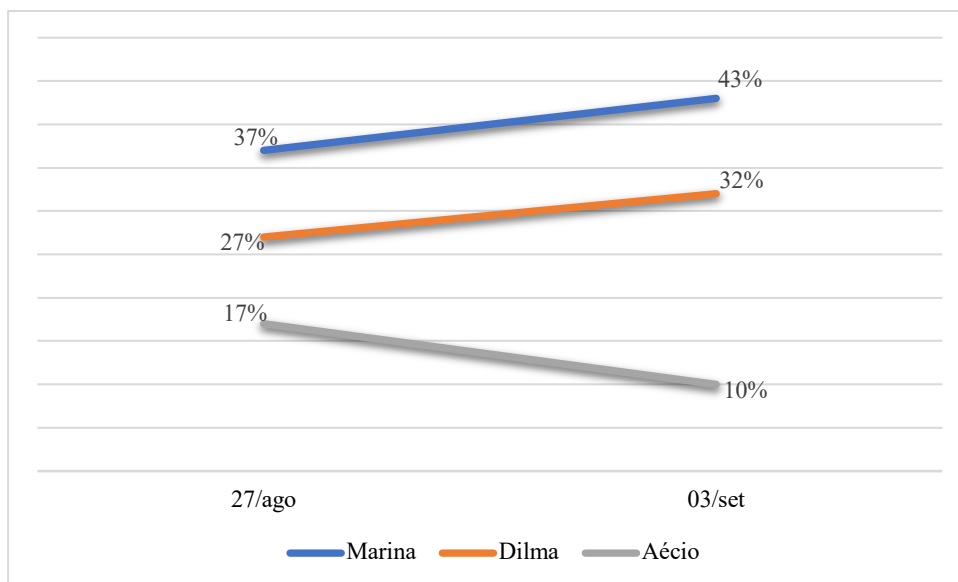
Fonte: Compilado de Twitter de Marco Feliciano. 02/08/2013. Twitter⁸⁸

No início da disputa eleitoral, Pastor Everaldo (PSC) foi a primeira candidatura confessional evangélica à presidência no Brasil. Segundo pesquisa do Datafolha em junho de 2014⁸⁹, o pastor esteve em empate técnico com Eduardo Campos, chegando a ser apresentado na mídia como o possível definidor da campanha eleitoral de 2014 (VITAL; LOPES; LUI, 2017).

Dilma, Aécio, Eduardo Campos e Pastor Everaldo estavam entre os possíveis eleitos até que o acidente aéreo, que levou à morte o candidato Eduardo Campos, alterou esse cenário. Marina Silva assumiu a candidatura e uma comoção nacional pela morte do candidato impulsionou as intenções de voto em Marina a partir do mês de agosto de 2014. Entre os evangélicos, Marina destacava-se entre todos os candidatos, alcançando 43% das intenções de votos (IBOPE, 2014).

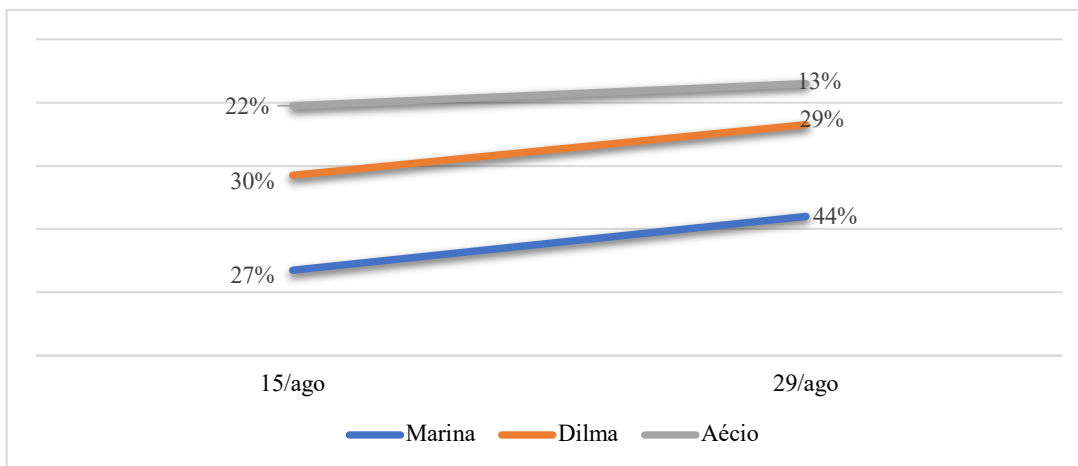
⁸⁸ Disponível em: <https://twitter.com/marcofeliciano>. Acesso em 02/07/2014.

⁸⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/171083-empatado-com-campos-pastor-everaldo-defende-estado-minimo.shtml>. Acesso em 01/06/2017.

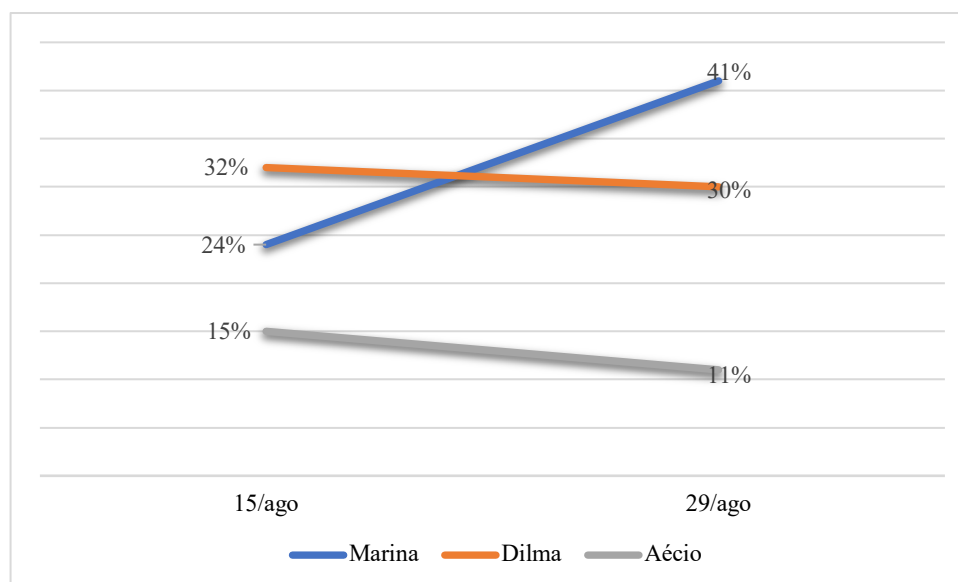
Gráfico 5 Intenções de Voto - Evangélicos 1º Turno

Fonte: IBOPE (2014) BR-01097/2014

Em outra análise, diferenciando evangélicos pentecostais e não pentecostais, também havia similaridade no comportamento do eleitorado.

Gráfico 6 Intenção de votos evangélicos – Não Pentecostais

Fonte: DATAFOLHA (2014) BR-00438/2014

Gráfico 7 Intenção de votos evangélicos - Pentecostais

Fonte: DATAFOLHA (2014) BR-00438/2014

Contudo, essa disparada nas intenções de voto em Marina pelos evangélicos e também por eleitores não evangélicos não se sustentou ao longo da campanha. As incertezas sobre a identidade religiosa evangélica de Marina resultaram em um grande problema para a mesma (VITAL; LOPES; LUI, 2017). O eleitorado de base do partido Rede começou a se descolar de seu nome, temendo que seu possível governo pudesse ser tomado pelo fundamentalismo. Por outro lado, os evangélicos mais conservadores passaram a desconfiar do discurso progressista, identificando a candidata como “de esquerda”. Malafaia, assim como em 2010, voltou a afirmar que Marina era pior que um “ímpio”, pois era uma cristã dissimulada⁹⁰. Marina manteve sua posição referente ao plebiscito sobre a legalização do aborto e do uso da maconha, algo que novamente foi interpretado por algumas lideranças evangélicas, principalmente por Silas Malafaia, como um erro da candidata.

⁹⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gCo_0vsVC8E. Acesso 22/02/2016.

Figura 28 Twitter de Silas Malafaia



Fonte: MALAFAIA, Silas. Compilados de Twitter. 29 e 30/08/2014. Twitter⁹¹

A estratégia de Malafaia era a de reduzir a simpatia dos evangélicos em relação à candidata. De modo geral, identificar-se como participante de um grupo religioso, demanda na vida prática individual ou coletiva, adotar comportamentos que demonstrarão e comprovarão seu vínculo com o grupo (MARTINO, 2016), ou seja, de acordo com esse princípio, o crente deve manter condutas adequadas ao grupo para ser considerado como tal. Aquele que se diz crente, mas não pratica os valores defendidos pela liderança, não deve ser considerado como um. Malafaia busca alterar o jogo “cristão vota em cristão” ao deslegitimar a fé de Marina.

Além disso, conforme comenta Vera Chaia em entrevista à BBC⁹², a inconsistência do plano de governo da candidata, o fim da comoção nacional pela morte de Campos e os constantes ataques do PT e PSDB foram decisivos para a queda de Marina. No mesmo sentido, Borba *et al.* (2018) apresentam um estudo sobre a propaganda negativa nas eleições de 2014. Foram analisados os comerciais negativos veiculados pelos meios de comunicação. A partir deste estudo, e de acordo com a tabela elaborado pelos autores, logo abaixo, podemos perceber que Marina Silva foi alvo de todas as campanhas negativas dos principais candidatos de 2014.

⁹¹ Disponível em: <https://twitter.com/PastorMalafaia?>. Acesso em 01/06/2018.

⁹² Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141003_marina_queda_ru. Acesso em 01/06/2018.

Tabela 2 Os condicionantes da aceitação e da rejeição à propaganda negativa na eleição presidencial - Campanha Negativa.

Autor	Dilma	Dilma	Dilma	Aécio	Aécio
Alvo	Marina	Marina	Marina	Marina (e Dilma)	Dilma
Tema	Regras de exploração do Pré-Sal	CPMF	Programa de Governo	Trajatória Política	Porto em Cuba
Foco negativo no alvo	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Foco positivo no emissor	Não	Não	Não	Sim	Sim
Conteúdo	Político	Integrado	Integrado	Integrado	Político
Exposição de evidências	Não	Sim	Não	Não	Sim
Orador Dominante	Sim	Não	Não	Não	Sim

Fonte: BORBA *et al.*, 2018, p. 225.

A campanha do Pastor Everaldo, rotulado como um possível governo conservador na moral e liberal econômico, enfatizava um governo não só para os evangélicos, mas para todos, quando defendia a família e a vida. Isso porque a articulação de seu discurso podia, às vezes, ter bases bíblicas, ainda que predominantemente marcado por valores tradicionais (VITAL; LOPES; LUI, 2017). Nas próprias palavras do candidato:

Eu sou um liberal do ponto de vista econômico, e conservador do ponto de vista da moral, da ética e dos bons costumes. Isso é praticado na Europa, nos Estados Unidos, em vários países do chamado primeiro mundo. E não tenho nenhum problema de assumir esta responsabilidade no Brasil, de defender a meritocracia, o livre mercado, a livre concorrência, e defender com clareza os valores da família (EVERALDO, 2014)⁹³

Dilma demonstrou grande tentativa de articulação política com o eleitorado evangélico. O lançamento da página no *Facebook* intitulada *Evangélicos com Dilma* e o evento *Mulheres com Dilma* que ocorreu na igreja Assembleia de Deus são exemplos desta busca pela aproximação dos dois lados. O que se destaca para nossa pesquisa é a conquista do apoio de parte da igreja Assembleia de Deus do ministério de Madureira. Em um culto realizado com o título *Encontro com Mulheres*, Dilma foi convidada a discursar. No mesmo evento estavam presentes o então governador do Distrito Federal Agnelo Queiroz (PT/DF) e o deputado Eduardo Cunha (PMDB/RJ), entre outros.

O discurso de Dilma, com trinta e três minutos, é carregado de simbolismo religioso; a pós-produção deste pronunciamento traz um tom emocionante, com a exímia

⁹³ Fonte: Blog do Everaldo. Data da Matéria: 02 de Setembro de 2014. Disponível em <http://www.blogdoeveraldo.com.br/brasil/item/936-debate-do-sbt-nosso-prop%C3%B3sito-%C3%A9-defender-a-fam%C3%ADlia-brasileira>. Acesso em 02 de Setembro de 2014

seleção das falas e da trilha sonora⁹⁴. Dilma, em seu discurso, destacou a importância da igreja na sociedade, principalmente, em relação à assistência social aos mais pobres⁹⁵.

Na Bíblia está escrito que a oração de um justo muito pode em seus efeitos. Eu vou pedir a vocês, por isso mesmo, que quando vocês voltarem aos seus Estados e municípios, não se esqueçam de orar por mim. Eu estarei contando muito com isso. Quero dizer também para vocês, que todos os dirigentes deste país, dependem do voto do povo e da graça de Deus. Eu também. Por isso, muito obrigada por tudo e feliz a nação cujo Deus é o senhor. Obrigada. [sic.] (ROUSSEFF, 2014)⁹⁶

Figura 29 Frame de vídeo do discurso de Dilma na Igreja Assembleia de Deus



Fonte: Canal Muda Mais. 08/08/2014. Youtube ⁹⁷

Dilma encerra seu discurso com a mesma frase que o iniciou: “Feliz a nação cujo Deus é o senhor” (Sl 33,12). No entanto, estava clara a diminuição do apoio de evangélicos ao PT e à campanha para a reeleição de Dilma Rousseff. Pastor Everaldo, candidato à presidência, afirmava que o PSC e vários outros parlamentares evangélicos haviam rompido com a presidenta já no primeiro ano de seu primeiro mandato (VITAL; LOPES; LUI, 2017). Foram marcantes os episódios envolvendo o material didático de combate à homofobia nas escolas, conhecido como “Kit Gay”. A pastora e assessora parlamentar Damares Alves fez intensa campanha contra o material em diversas igrejas evangélicas. Em vídeo de uma palestra amplamente divulgada na internet⁹⁸, Damares apresenta diversos materiais e recursos imagéticos com conteúdo erótico, que, no entanto, não faziam parte do projeto apresentado por Fernando Haddad no Ministério da Educação. O discurso da pastora neste evento foi analisado pela professora Magali Cunha,

⁹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2n5gRrClqDQ>. Acesso em 22/01/2019.

⁹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2n5gRrClqDQ>. Acesso em 22/01/2019.

⁹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2n5gRrClqDQ>. Acesso em 22/01/2019.

⁹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2n5gRrClqDQ&t=2s>. Acesso em 22/01/2019.

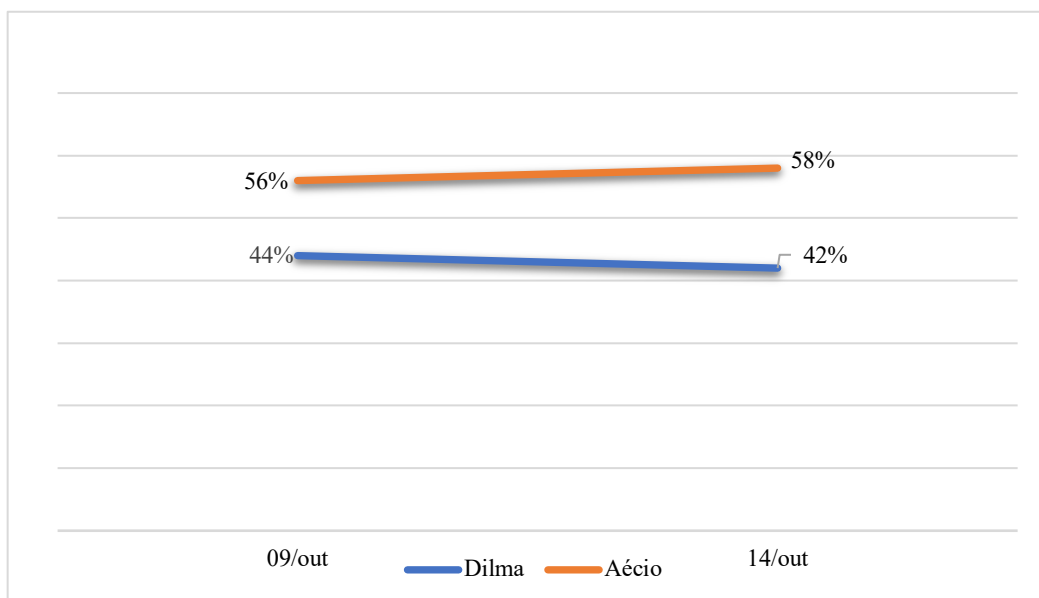
⁹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NauhvD1JZaw>. Acesso em 22/01/2019.

pesquisadora da área de comunicação e religião⁹⁹, e foram identificadas diversas incoerências e distorções entre o discurso e a realidade do projeto. Segundo a professora:

Ao se assistir integralmente a palestra de 1h13m, porém, percebe-se que a seleção de materiais da qual a advogada faz uso são extratos adaptados artificial e forçosamente a sua pauta de abordagens. Os extratos são apresentados como se fossem a íntegra das cartilhas e livros e a explicação oferecida traz, além de elementos críticos genéricos e imprecisos, inverdades e manipulação explícita de dados para dar veracidade às abordagens. Damares Alves tenta apagar tais generalismos, imprecisões e manipulações com justificativas como "tenho muita coisa para mostrar, tenho que passar rápido"; certamente, ao se apresentar num culto evangélico, dificilmente haveria contraposição, tal o caráter de verdade atribuído à sua palavra (CUNHA, 2013, n.p.)¹⁰⁰

Mesmo diante de grande oposição, Dilma marca uma boa posição na quantidade de votos do primeiro turno, 41,59% contra 33,55% de Aécio Neves e 21,32% de Marina Silva. Nas intenções de votos dos evangélicos no segundo turno, Aécio liderava com quatro pontos à frente de Dilma. No cenário geral, a mesma pesquisa indicava a liderança de Dilma com 53% das intenções de voto contra 47% de Aécio.

Gráfico 8 Intenções de Voto - Evangélicos 2º Turno



Fonte: DATAFOLHA (2014) BR-01068/2014

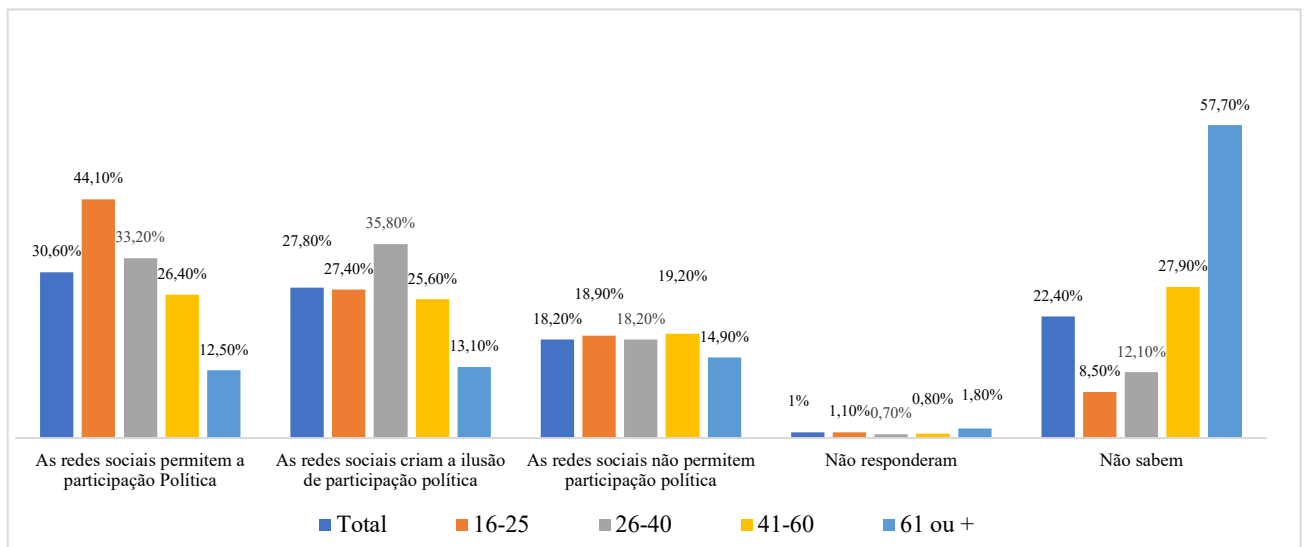
⁹⁹ Disponível em: <http://portal.metodista.br/fateo/noticias/midia-religiao-e-politica-professora-da-fateo-analisa-palestra-de-assessora-parlamentar>. Acesso em: 13/06/2016.

¹⁰⁰ Disponível em: <http://portal.metodista.br/fateo/noticias/midia-religiao-e-politica-professora-da-fateo-analisa-palestra-de-assessora-parlamentar>. Acesso em: 13/06/2016.

Com estes dados, percebemos que os evangélicos rejeitaram mais a candidatura de Dilma, mas não o suficiente para ser algo decisivo nas eleições, o que porventura não impediu a reeleição de Dilma. A candidata foi eleita com 51,54% dos votos e, evidentemente, diante de disputa tão acirrada, a não aceitação do resultado seria algo marcante, principalmente por parte do PSDB, representado pelo candidato Aécio Neves. Mas não somente isso a presidenta eleita enfrentaria: a própria desaprovação da Bancada Evangélica e as novas direitas emergentes colocariam Dilma diante de grande oposição no Governo.

3.1) Manifestações de 2015

Não podemos descrever sobre as manifestações de 2015 sem antes comentar sobre o papel da *internet* no debate público. Segundo o IBGE (2010), mais da metade da população brasileira está conectada à *internet*, sendo que o Nordeste lidera em acesso por meio de *smartphones*, ultrapassando a quantidade de acesso por computador. Dentre o total de entrevistados, os jovens têm maior predominância. Portanto, podemos considerar o Brasil inserido em uma sociedade *online* e o consumo dos conteúdos digitais são os mais variáveis o possível, sendo o conteúdo político um deles. No ano de 2015, a Latinobarômetro, organização sem fins lucrativos, sediada no Chile, realizou uma pesquisa no Brasil com 1.250 pessoas. Através de seus resultados, percebemos que a população, principalmente os mais jovens, entre 16 e 25 anos, acredita que as redes sociais permitem efetivamente a participação política do cidadão:

Gráfico 9 Redes Sociais e Participação Política

FONTE: O autor (2019) elaborado com dados da Latinobarômetro

Estes dados apontam que o engajamento nas redes sociais também passou a ser um ato de participação política, e com desdobramentos reais. Por isso, com o surgimento das redes e a ampliação de seu uso para fins políticos por meio de movimentos sociais, transformaram significativamente o modo de ser fazer política e a forma de articulação dos novos movimentos sociais (CASTELLS, 2012).

No espectro político, as redes sociais oferecem todo tipo de alinhamento ideológico e, reflexo disso, são as batalhas virtuais traçadas por diversos grupos que buscam impor-se como verdade e desqualificar os demais diante de notícias e *memes*. Mas a vitória desta disputa não depende apenas de dados concretos ou da elaboração de uma teoria aos moldes da ciência, pois as mídias e as redes sociais são lugares com uma linguagem própria, e isso demanda que o receptor da mensagem mobilize-se para decodificar, interpretar e interagir com o mundo, e por consequência, tornar a própria mídia como espaço de ação política (OLIVEIRA *et al.*, 2016). Nem sempre os meios de comunicação transmitem a diversidade ou a construção da imagem da política por diversos ângulos. Pelo contrário, as ações dos meios de comunicação projetam determinados enfoques e interpretações sobre a política e sobre o político (CANEL; SANDERS, 2005). Além disso, as redes possuem uma lógica de programação (algoritmos) que pode distorcer a realidade por meio de filtros que buscam atender e alimentar somente um lado da realidade para o usuário *web*. Esta ferramenta, inicialmente

pensada para o *marketing* de bens e serviços, hoje é aplicada a outros tipos de conteúdo, como páginas sobre política e portais de notícias, tornando o uso dos algoritmos prejudiciais na construção da visão de mundo do indivíduo e promovendo a polarização no debate político. Portanto, a hegemonia de uma ideia que permanece na rede depende mais dos fatores tecnológicos que a tornam viral do que, de fato, de uma explicação coesa sobre a realidade. Isso permite também a propagação das *Fakenews* em grande escala. De acordo com Delmazo e Valente (2018), as *Fakenews* são artigos com notícias intencionalmente falsas, aptos a serem verificados como tal, e que podem enganar os leitores. Embora uma *Fakenews* possa ser desmentida por meio de uma verificação em outras fontes de informação, isso geralmente não é realizado pelo leitor, principalmente pelo fato da atenção do leitor estar focada somente no título da matéria (DEWEY, 2016 apud DELMAZO; VALENTE, 2018). Por isso, basta um título apropriado para que a notícia torne-se viral. E ao falarmos de manifestação favoráveis ao *impeachment*, devemos lembrar da importância destas notícias na construção simbólica sobre o possível perigo dos governos de esquerda no país.

As manifestações contra o governo Dilma ocorreram em diversas regiões do país. Inspirados nas manifestações de junho de 2013, grupos articularam-se nas redes sociais e conquistaram a adesão de muitas pessoas. Débora Messenberg (2017), em um estudo sobre a nova direita, coletou informações sobre 18.923 postagens no *Facebook* de 10¹⁰¹ páginas que se destacavam pelo pensamento reacionário no ano de 2015. A autora conseguiu reunir os campos semânticos mais presentes nas postagens deste período, conforme podemos observar abaixo:

¹⁰¹ Movimento Brasil Livre (MBL), 4.996 postagens; Vem Pra Rua, 1.723 postagens; Fernando Holiday, 1.159 postagens; Kim Kataguirí, 1.051 postagens; Olavo de Carvalho, 2.175 postagens; Reinaldo Azevedo, 1.882 postagens; Felipe Moura Brasil, 1.563 postagens, Rachel Sheherazade, 548 postagens; Marco Feliciano, 2.178 postagens; e Jair Bolsonaro, 318 postagens.

Tabela 3 Campos semânticos em postagens do Facebook

Campos semânticos		
Antipetismo	Conservadorismo moral	Princípios neoliberais
Ideias-força	Ideias-força	Ideias-força
<i>Impeachment</i> (Fora PT, Fora Dilma, Fora Lula)	Família tradicional	Estado mínimo
Corrupção	Resgate da fé cristã	Eficiência do mercado (privatização)
Crise econômica	Patriotismo	Livre iniciativa (empreendedorismo)
Bolivarianismo	Anticomunismo	Meritocracia
	Combate à criminalidade / aumento da violência	Corte de políticas sociais
	Oposição às cotas raciais	

Fonte: (MESSEMBERG, 2017, p. 633)

Podemos observar que os três eixos apontados no estudo (antipetismo, conservadorismo e neoliberalismo) são compatíveis com o pensamento neoconservador. E o neofundamentalismo também se faz presente naturalmente, uma vez que a família tradicional e o resgate da fé cristã são temas frequentes nos discursos analisados pela autora. Essas ideias saíram das redes e manifestaram-se nos movimentos em massa contra o governo do PT e na defesa dos valores tradicionais da sociedade.

As manifestações foram marcadas por um discurso reacionário contra as pautas progressistas apresentadas no governo do PT e ao combate à corrupção. O dia 15 de março foi um marco destes movimentos, após a formação de diversos protestos que tiveram sua origem em pequenos grupos da nova direita sob as bandeiras da anticorrupção e contra o comunismo e o bolivarianismo (DEMIER, 2016). Sobre a questão do bolivarianismo, tema presente no estudo de Messenberg (2017), vale destacar que desde 1999, quando o presidente venezuelano Hugo Chávez declarou, por meio de nova *Constituição*, o país como uma “República Bolivariana”, os demais governos de esquerda na América Latina começaram a ser rotulados de forma pejorativa como bolivarianos também. Como destaca a autora, passaram por isso as presidências de Rafael Correa, no Equador e a de Evo Morales, na Bolívia. No Brasil, embora os governos de Lula e Dilma nunca tenham aderido formalmente ao projeto chavista, foram frequentes as acusações de que o governo petista estaria “transformando o Brasil numa Venezuela”.

Essa sensação de perigo em relação ao bolivarianismo se agravava conforme a crise política e econômica aprofundava-se nos dois países. Evidentemente, nenhuma

reflexão crítica ponderava tal comparação desajustada entre Brasil e Venezuela. Os grupos de direita MBL e MEB utilizaram constantemente esta temática na tentativa de demonstrar que havia um plano ou uma agenda esquerdista em toda América Latina, liderada pelo Foro de São Paulo, com objetivos claros de um golpe bolivariano.

Por exemplo, a página do MEB, em 2015, fez algumas publicações na tentativa de convencimento de que haveria um plano de “Sovietização” da América Latina por meio do Foro de São Paulo. Segundo alguns movimentos de extrema direita, o projeto de “Pátria Grande” provocaria o fim das identidades nacionais, inclusive a da própria religião.

Figura 30 Postagens do MLB e MEB

MBL - Movimento Brasil Livre
26 de junho de 2015 · 🌐

"Esto es Ecuador, no es Venezuela"

Sonho do [Foro de São Paulo](#), a América Latina está, de fato, se unindo. Mas contra o socialismo.

Essa semana foi a vez do Equador se voltar contra outro presidente membro do [Foro de São Paulo](#), Rafael Correa. As reclamações são as mesmas de todos os vizinhos: desastre econômico, falta de liberdade, muita intervenção estatal, etc. ... [Ver mais](#)



MBL - Movimento Brasil Livre
21 de junho de 2015 · 🌐

Fernando Holiday e o Movimento Brasil Livre - São Paulo estiveram ontem no consulado da Venezuela fazendo um ato pela liberdade dos presos políticos e contra o Foro de São Paulo. Durante o ato, dois venezuelanos se juntaram a nós e deram ainda mais detalhes sobre o regime de Maduro e as ações do Foro de São Paulo por lá. Esse é Tomas, que hoje mora no Brasil.

Faça parte da luta contra o Foro de São Paulo, ajude o MBL. Precisamos de doações <http://bit.ly/1G7yIIB>



421 19 comentários 79 compartilhamentos 6,7 mil visualizações

Movimento Endireita Brasil compartilhou um vídeo.
13 de julho de 2015 · 🌐

PÁTRIA GRANDE: O FIM DO BRASIL?



291.426 visualizações

Canal da Direita
13 de julho de 2015 · 🌐

PÁTRIA GRANDE: O FIM DO BRASIL?

Idealizada em 1974 pelo globalista Clube de Roma, a Pátria Grande, cujo nome foi a única lembrança remanescente do ideário de Simón Bolívar, é um imenso bloco soviético controlado por repúblicas socialistas e comunistas.

Movimento Endireita Brasil compartilhou uma foto.
9 de julho de 2015 · 🌐



Canal da Direita
9 de julho de 2015 · 🌐

É o fim da picada!

Recentemente publicamos um exemplo de como a esquerda utiliza-se da subversão para tomar as estruturas para si (veja aqui <https://goo.gl/LZ42dm>).

Esta foto, no entanto, é a sumidade da subversão: o presidente da Bolívia e capacho do Foro de São Paulo, o cocaleiro Evo Morales, presentando o Papa Francisco com um crucifixo em forma de foice e martelo, notório símbolo comunista e cujo movimento político-ideológico é inimigo do cristianismo.

Caso você ainda não tenha assistido como se dá o processo subversivo, que pode ser freado e até revertido, recomendamos que reserve apenas uma horinha e assista a palestra que segue:

FONTE: O autor (2019) extração de páginas do Facebook. Diversas datas.

O movimento MBL, que se articulou para além das redes sociais, também propagou informações sobre o perigo do Brasil transformar-se em uma Venezuela, chegando ao ponto de promover manifestações em frente ao consulado venezuelano, em

São Paulo. Além disso, cita o Equador como exemplo de revolta frente aos planos de dominação do socialismo, que eles defendiam existir.

A jornalista Rachel Sheherazade, em pronunciamento à rádio *Jovem Pan*, por diversas vezes, posicionou-se, de forma reacionária, contra as esquerdas. Em relação ao projeto anticorrupção proposto por Dilma, em março de 2015¹⁰², Sheherazade comenta que:

A história se repete e as mentiras também. Não vai funcionar um projeto anticorrupção que emana de um partido umbilicalmente ligado a corrupção. Obviamente o projeto já nascerá corrompido. Em artigo no Diário do Comércio, intitulado Queda de Braço, o escritor e filósofo Olavo de Carvalho, defende a cassação do registro do PT e o *impeachment* da presidente. Para o colunista o partido é ilegal, pois é filado a uma organização estrangeira: o foro de São Paulo. Uma entidade estratégica das esquerdas da América Latina, fundada pelo ditador Fidel Castro e cujas resoluções são cumpridas à risca pelo Partido dos Trabalhadores. (SHEHERAZADE, 2015)¹⁰³

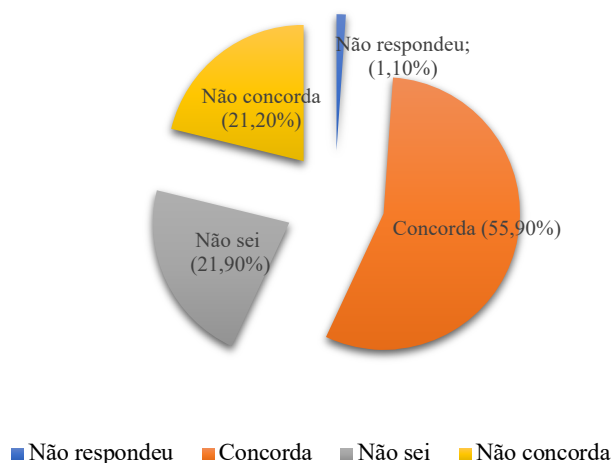
Novamente, percebemos que há um discurso alinhado entre as novas direitas conservadoras, citando Olavo de Carvalho como referência e apresentando o Foro de São Paulo como uma instituição internacional de grande poder. Com isso, esses movimentos buscavam deslegitimar qualquer movimento de esquerda, vinculando-os como detentores de um plano único, centralizado e com objetivos de dominação. De certo modo, criaram um novo objeto de grande ódio do público, sendo que essa ainda é a maneira mais segura de dominação midiática e social. Conforme Laclau (2006), o que as multidões furiosas exigem é uma ou mais cabeças e, por isso, o ódio desempenha um papel central.

Embora esse seja um discurso promovido pelas redes sociais, certamente poderia haver dúvidas sobre a sua real adesão, uma vez que por muitas vezes não saberemos sobre os desdobramentos destes pronunciamentos na vida prática (MARTINO, 2016). Contudo, uma pesquisa realizada no dia 12 de abril de 2015, desenvolvida pela professora Esther Solano e pelo professor Pablo Ortellado¹⁰⁴, demonstra que as ideias promovidas pelas redes sociais alcançaram os presentes na manifestação que ocorreu na avenida Paulista. Na ocasião, foram entrevistadas 571 pessoas, maiores de 16 anos. Algumas frases recorrentes no debate popular foram apresentadas para os entrevistados na intenção de saber se os participantes desta manifestação concordavam com o que seria exposto. A frase sobre o bolivarianismo teve o seguinte resultado:

¹⁰² Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/03/dilma-encaminha-ao-congresso-nacional-pacote-anticorrupcao.html>. Acesso em 01/07/2016.

¹⁰³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zYLMF2jmXwM>. 12m40s. Acesso em 01/07/2016.

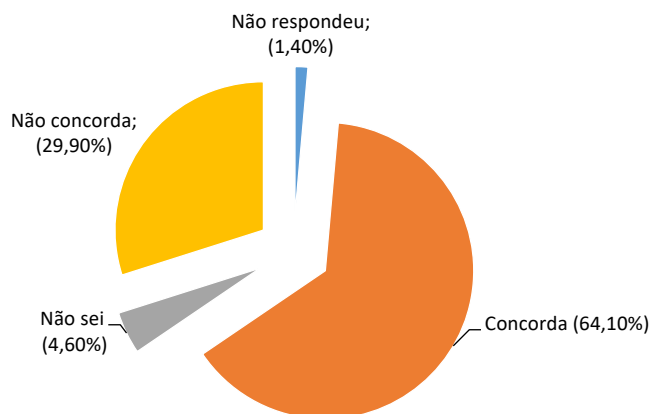
¹⁰⁴ Disponível em: <http://www.lage.ib.usp.br/manif/> Acesso em 01/07/2016.

Gráfico 10 Questão: O Foro de São Paulo quer criar uma ditadura bolivariana no Brasil?

Fonte: (ORTELLADO; SOLANO, 2015)

Uma vez que 55,90% dos participantes acreditavam haver um plano bolivariano de dominação, podemos dizer que, de certo modo, o discurso veiculado nas redes sociais foi absorvido por aqueles que se identificavam com os promotores das manifestações pró-*impeachment*. Assim como na campanha anterior ao Golpe de 1964, um dos temas de centralidade era a luta contra o comunismo, do mesmo modo em 2015, pessoas foram convocadas por esta nova direita que prega um anticomunismo de maneira anacrônica (DEMIER, 2016). Na mesma pesquisa, também foi identificado que esse discurso foi absorvido pelos presentes na manifestação. Entre os entrevistados, 64,10% deles acreditavam que o PT tinha planos de implementar um regime comunista.

Gráfico 11 Questão: O PT quer implantar um regime comunista no Brasil?



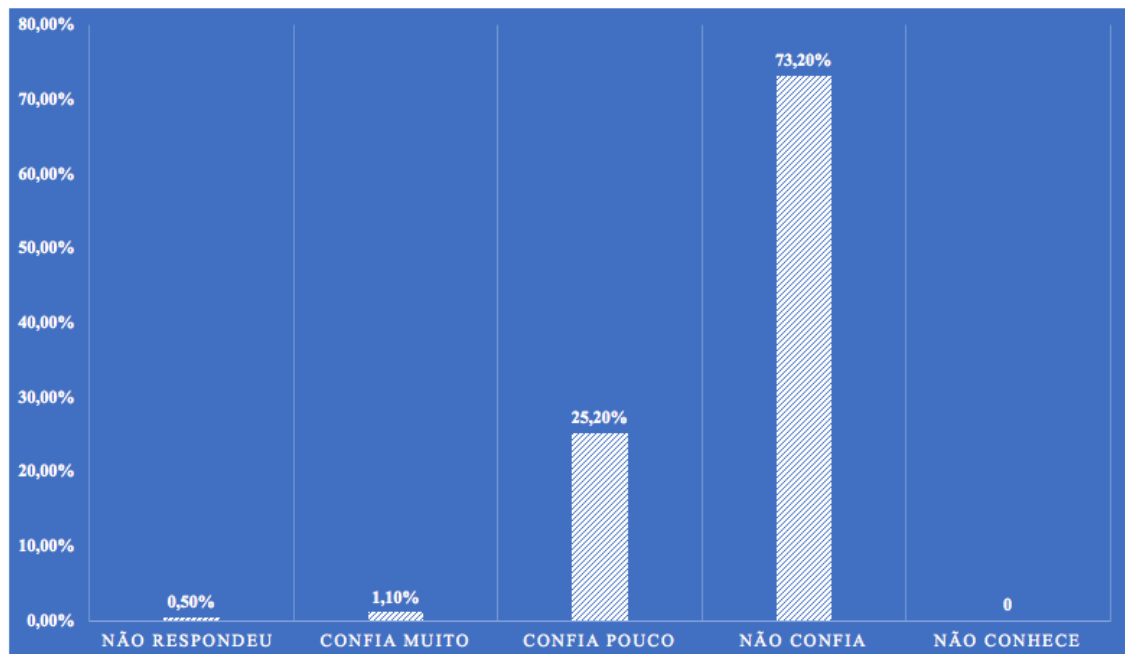
Fonte: (ORTELLADO; SOLANO, 2015)

Outro ponto de grande relevância na pesquisa é que ela aponta que 47,30% dos entrevistados tinham o *Facebook* como maior fonte de informação. A pesquisa não aponta quais foram as principais páginas dentro do *Facebook* através das quais essas pessoas obtinham informações, mas, por estarem em uma manifestação articulada pelas redes sociais e promovida por páginas conservadoras e reacionárias, podemos concluir que estavam ligados aos movimentos que citamos anteriormente (MLB e MEB) ou, ainda, as suas ramificações.

É claro que o calor das emoções despertadas em um evento como esse pode provocar uma adesão maior do que na realidade representam, pois partimos da ideia de Laclau ao afirmar que “[...] as multidões têm o efeito de diminuir a inteligência média de seus membros, como resultado das mentes inferiores que estabelecem o nível em que todos devem se submeter e também na maior sugestibilidade dos membros da multidão” (LACLAU, 2006, p. 71). Portanto, devemos levar em conta que esse resultado também pode não condizer com a realidade dos indivíduos em sua vida cotidiana, mas em um momento onde as palavras antipetismo e anticomunismo marcavam a manifestação, a sugestibilidade pode ter potencializado as respostas reacionárias.

Além disso, 73% dos entrevistados também afirmaram não confiar nos partidos políticos. Com isso surge o discurso apartidário, proferido e defendido por pessoas que se autodeclararam “cidadãos de bem” (DEMIER, 2016).

Gráfico 12 Confiança nos Partidos Políticos



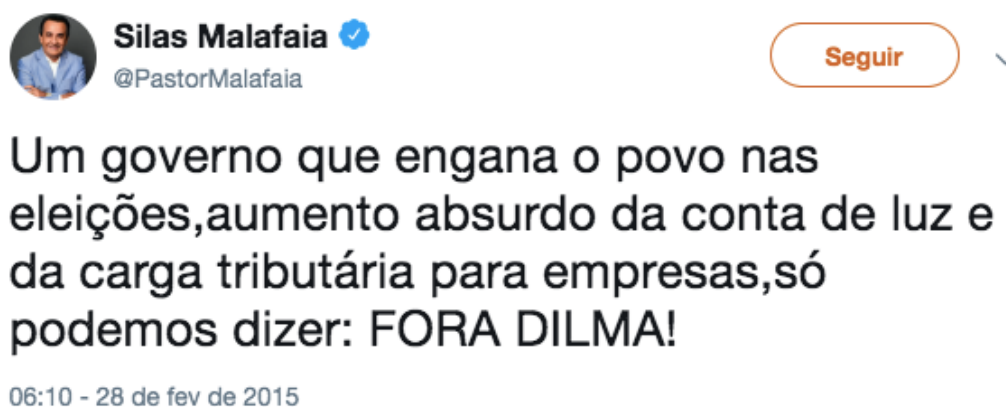
Fonte: (ORTELLADO; SOLANO, 2015)

Mesmo diante desta não identificação partidária, devemos destacar que o antipartidarismo é algo confuso em um discurso que não se sustenta (ARCARY, 2016). A pesquisa aponta que os entrevistados possuem maior preferência por posicionamentos conservadores e maior nível de confiança no PSDB (11%) e nos políticos Geraldo Alckmin (29,10%) e José Serra (23,80%). Por este motivo, já encontramos uma implícita preferência partidária entre os manifestantes. Além dos entrevistados ocultarem o espectro de preferência política, o uso generalista dos termos direita e esquerda nas manifestações e nas redes sociais, torna o estudo sobre a direita no Brasil um problema (PIERUCCI, 1987). Evidentemente a realidade é bem mais matizada do que este esquema de apenas dois lados (BOBBIO, 2011), mas a esquerda não se intimida em ser chamada de esquerda, pois há maior grau de identificação sobre as ideologias desta linha de pensamento, por outro lado, os que se identificam como direita se escondem ou não vinculam seu pensamento à ideologia alguma, pois “enquanto a esquerda se exhibe como

esquerda, sobretudo os da esquerda radical, assumindo com ares às vezes provocativos nome e orientação, os homens de direita que se declaram de direita, que ‘se assumem, são bem raros.’ (PIERUCCI, 1987, p. 36). Diante desta não identificação partidária e ideológica, surge a ideologia “o Brasil é meu partido”, portanto, a concepção de que os partidos não são necessários, abrindo-se margens para discursos perigosos (ARCARY, 2016).

A pesquisa em questão não abordou sobre a religião dos entrevistados, mas, desde fevereiro, Silas Malafaia já demonstrava apoio ao movimento Fora Dilma.

Figura 31 Twitter de Silas Malafaia



Fonte: MALAFAIA, Silas. Um governo que engana o povo nas eleições, aumento obscuro da conta de luz e da carga tributária para empresas [...]. 28/02/2015. Twitter¹⁰⁵

O pastor também apoiava as manifestações que ocorriam no país, inclusive defendia a ideia de que cristãos deveriam participar, pois isso era um direito do cidadão, conforme podemos observar em seu pronunciamento:

Não podemos abrir mão da nossa cidadania. Não podemos ser alienados sociais. Vai sim lá protestar se você quer pra pedir *impeachment*. E não é só por corrupção não, esses esquerdopatas querem destruir valores de família e erotizar . Vai lá pra protestar. Eu sou a favor, dia 13 de março, é direito é cidadania, é legal, não é pecado. Você pode ir protestar. Deus tenha misericórdia do Brasil. Deus nos livre do caos. Deus abençoe você e sua família. (MALAFAIA, 2015)¹⁰⁶

¹⁰⁵ Disponível em: <https://twitter.com/pastormalafaia/status/571673742033752064>. Acesso em 17/08/2018.

¹⁰⁶ Disponível em: https://youtu.be/rnDeD0E5_dk. Acesso em 17/08/2018.

Se, por um lado, o discurso do movimento anti-Dilma era o da luta contra o comunismo e contra a corrupção, as lideranças evangélicas tiveram, além desses outras motivações para se alinharem e abraçar o movimento *pró-impeachment*. O neofundamentalismo buscou a todo momento deslegitimar as mídias tradicionais, principalmente a TV Globo. Considerada como lixo moral, a rede de televisão era constantemente criticada por lideranças evangélicas que diretamente a vinculavam ao governo petista. Portanto, para eles, era o governo que patrocinava a TV que mais feria os valores da família cristã. Marco Feliciano e Silas Malafaia são os que mais divulgaram, nas redes sociais, comentários críticos à emissora. Em março de 2015, as atrizes Nathalia Timberg e Fernanda Montenegro protagonizaram o “beijo gay” na novela *Babilônia*. Diante deste episódio, o neofundamentalismo conseguiu elementos para articular-se e ganhar maior apoio. A FPE, representada por João Campos, emitiu uma carta de repúdio ao episódio da novela.

Figura 32 Post de João Campos no Facebook sobre o beijo gay



CAMPOS, João. Frente Evangélica do Congresso divulga nota de repúdio gay na novela. 19/03/2015. Facebook¹⁰⁷

¹⁰⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/posts/856525937737128>. Acesso em 06/03/2019.

Segundo a carta, a intenção da Rede Globo era afrontar os cristãos e impor os seus valores à sociedade:

A referida telenovela, assim como outras anteriormente exibidas pela Rede Globo, tem clara intenção de afrontar os cristãos em suas convicções e princípios, querendo trazer, de forma impositiva, para quase toda a sociedade brasileira o modismo denominado por eles de ‘outra forma de amar’, contrariando os costumes, usos e tradições (FPE, 2015)¹⁰⁸

Em junho do mesmo ano, na Parada Gay, a performance de Viviany Belebón, crucificada com os dizeres “Basta homofobia”, provocou nova indignação nas lideranças evangélicas. E neste momento que foi possível identificar a relação estabelecida pela Bancada Evangélica entre LGBTs, TV Globo e Governo. Segundo o neofundamentalismo, a Rede Globo tem papel na disseminação da ideologia de gênero e da busca pelo fim da família tradicional. Para eles, a Rede Globo contava com o apoio do Governo Federal.

Figura 33 Foto da manifestação contra a Parada Gay e outras manifestações



Fonte: Uol Fotografia ¹⁰⁹

¹⁰⁸ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2015/03/21/interna_politica,629829/o-beijo-da-indignacao.shtml. Acesso em 06/03/2019.

¹⁰⁹ Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/35722-protesto-dos-deputados-da-bancada-evangelica>. Acesso em 06/03/2019.

Foi com base nestes temas que a Bancada Evangélica e o movimento neofundamentalista buscou influenciar a opinião pública em relação ao processo de *impeachment*. É um perfeito alinhamento dos religiosos com a direita que prima por diagnosticar a crise geral do presente como uma crise, em primeiro lugar, cultural, uma crise de valores e de moralidade (PIERUCCI, 1987).

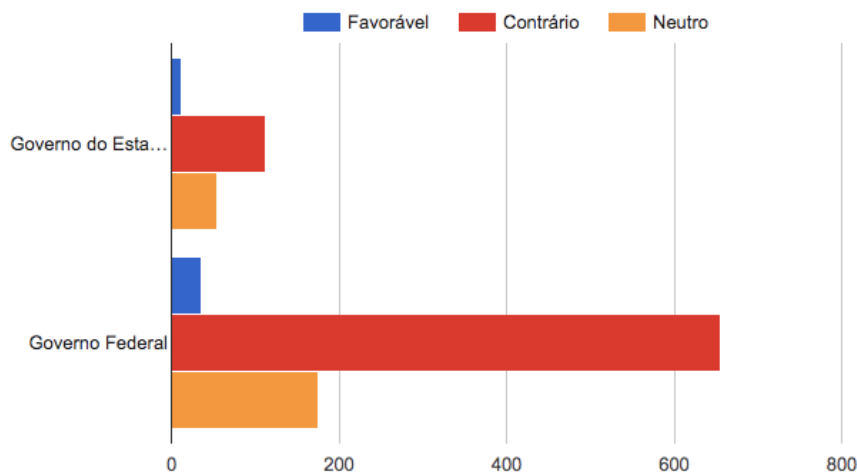
Ao contrário do que muitos neofundamentalistas afirmavam, a saber, de que a Rede Globo e os meios de comunicação tradicionais estavam alinhados à esquerda, na verdade alguns meios de comunicação, incluindo a rede Globo, foram fundamentais na ampliação da polarização política e também na construção negativa da imagem do governo petista e conseqüentemente à esquerda. João Feres, coordenador do laboratório de estudos de mídia e esfera pública da UERJ, afirma em entrevista ao documentário *Pode Tudo: Discurso de ódio e antipetismo*¹¹⁰:

Eu acho que o ódio ao PT não tem outra origem a não ser a própria mídia. Eu acho que a maneira que a mídia cobre o PT induz ao ódio. Porque ela coloca o PT como uma canalhice de ladrões como se todos os petistas fossem corruptos, sem caráter. Então estas narrativas estão todas presentes na mídia o tempo todo (FERES, 2015)¹¹¹.

Em uma análise comparativa das notícias negativas entre 6 de junho e 25 de outubro, vésperas da eleição, o Manchetômetro da UERJ apontou grande discrepância na cobertura negativa entre o Governo Federal (PT) e o Estadual de São Paulo (PSDB), mesmo o Estado passando pela pior crise hídrica da sua história, além dos casos de corrupção envolvendo os cartéis do metrô do Estado.

¹¹⁰ Visconti, Harumi. *Pode Tudo: Discurso de ódio e antipetismo*. Documentário, 38min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zYLMF2jmXwM>. Acesso em 06/03/2019.

¹¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zYLMF2jmXwM> 14m50s. Acesso em 06/03/2019.

Gráfico 13 Cobertura Negativa FSP e OESP.

Fonte: Manchetometro¹¹²

Portanto, o agendamento que se faz por meio das saliências de temas (MCCOMBS, 2004) teve a capacidade de direcionar a atenção do público aos problemas de corrupção contra o PT e praticamente esvaziar o nível de atenção aos outros escândalos de má gestão e corrupção dos governos tucanos. Esses destaques de temas citados por João Feres (2015) proporcionam a polarização extremada, levando o debate por meio de discurso de ódio nas redes e manifestando-se nos protestos de rua. Em entrevista para o documentário *Pode Tudo: Discurso de Ódio e Anti-Petismo*, produzido por Harumi Visconti (2015), Vera Guimarães, *ombudsman da Folha de S. Paulo*, comenta sobre os acirramentos e discursos de ódio que chegaram ao jornal e a exclusão de muitos comentários de usuários:

Discurso de ódio neste nível é algo novo. E ele só existe hoje devido a facilidade de comunicação. Todo mundo hoje tem voz, ou acha que tem voz. Ele é novo não, veja o esporte. Veja palmeirense, corintiano e são-paulino se matando por causa da polarização. Os seres humanos estão acostumados a polarizar. Você se junta a sua tribo e por uma questão de sobrevivência você ataca tudo o que não for sua tribo, pois o que vem de fora me ameaça (GUIMARÃES, 2015)¹¹³

¹¹² Disponível em: <http://www.manchetometro.com.br/index.php/category/analises/>. Acesso em 06/03/2019.

¹¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zYLMF2jmXwM> 14m50s. Acesso em 06/03/2019.

Além desses fatores muito ligados ao caráter ideológico e moral, em 2015, os índices econômicos começaram, abruptamente, a dar sinais de crise, e a inflação e o desemprego assolavam os trabalhadores, que perderiam seu poder de compra com a desvalorização da moeda. Neste cenário de crise econômica a nova direita ganhou mais força (DEMIER, 2016). Criou-se um ambiente favorável para acreditar que a culpa da crise era a corrupção do PT ao longo dos anos de governo. Esse discurso simplista fornece um atalho de interpretação para o cidadão, pois não depende de nenhum conhecimento prévio da ciência econômica para compreender quais foram os fatores que promoveram a crise. Diante disso, o discurso anticorrupção abriu espaço para manifestação de caráter autoritário, solicitando intervenção militar, defesa da tortura e limitação das liberdades (DEMIER, 2016).

Embora os partidos políticos, em certas circunstâncias, possam fazer parte de uma cristalização da burocracia e, conseqüentemente, frear os movimentos sociais de massa, em outros momentos podem se tornar um instrumento de expansão e aprofundamento das lutas democráticas (LACLAU; MOUFFE, 2015). Em relação aos movimentos despertados em 2015, os partidos políticos contrários ao PT desempenharam a segunda situação, aprofundando as lutas democráticas e articulando-se para a culminação do processo de *impeachment*.

3.2) Religião e impeachment: entre a proteção e a misericórdia de Deus

“Está aberta a sessão. Sob a proteção de Deus e em nome do povo brasileiro iniciamos nossos trabalhos”: é com essa frase, proferida pelo deputado Eduardo Cunha, que tem início a admissibilidade do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, em abril de 2016, conforme destaca Ronaldo Almeida (2017) em seu artigo *Os deuses do parlamento*. Evidentemente, não sabemos, de fato, as motivações do deputado ao dizer esta frase em um momento tão decisivo para política do país, mas, decerto, sabemos que em um país predominantemente religioso e cristão tal frase ecoa como um pedido ou declaração de benção ao processo e, portanto, uma legitimidade do sagrado sobre o trâmite do mundo secular.

Eduardo Cunha, presidente da Câmara dos Deputados no período e membro da igreja Sara Nossa Terra, conforme descrito no capítulo dois, foi uma liderança política de grande importância para o PMDB e com grande apoio dos evangélicos para consolidar

seu projeto. Sua aceitação ao pedido de *impeachment* deu-se após 27 arquivamentos de outros pedidos¹¹⁴. Sobre essa mudança no posicionamento do deputado, podemos considerar diversos elementos, dentre os quais destacamos a possível retaliação ao PT, pois o despacho do deputado autorizando o processo ocorreu horas após a bancada do PT, na Câmara, anunciar a votação pela continuidade do processo de cassação de Cunha no Conselho de Ética. No entanto, a justificativa de Cunha foi que este pedido continha requisitos mínimos para abertura, pois indicava seis decretos assinados por Dilma que estariam em desacordo com a *Lei de Diretrizes Orçamentárias*¹¹⁵.

Embora o processo protocolado por Hélio Bicudo, Miguel Reale Jr. e Janaína Paschoal estivesse vinculado diretamente a um crime de responsabilidade fiscal, chamado de “pedaladas fiscais”¹¹⁶, este fato passou longe dos discursos dos deputados durante a votação do impedimento da presidenta. Da mesma forma que Eduardo Cunha, os demais discursos dos parlamentares procuravam ir ao encontro do que, supostamente, pensavam os seus eleitores (ALMEIDA, 2017). Para compreender esta questão vale destacar aspectos do cenário anterior ao ano em que ocorreu o processo de *impeachment*.

As manifestações iniciadas no dia 13 de março foram articuladas por diversos grupos que se rotulam como grupos de direita e conservadores, como o MBL, o Vem Pra Rua e o Revoltados Online. O dia 15 de março, dia da primeira grande manifestação, tornou-se um marco. O instituto Datafolha esteve presente para identificar as motivações que levaram a adesão ao ato por meio de entrevistas no local.

¹¹⁴ Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/498527-OPOSICAO-ENTREGA-A-CUNHA-NOVO-PEDIDO-DE-IMPEACHMENT-DE-DILMA.html>. Acesso em 07/10/2018.

¹¹⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/eduardo-cunha-informa-que-autorizou-processo-de-impeachment-de-dilma.html>

¹¹⁶ Prática que usa os Bancos Públicos (Banco do Brasil e Caixa Econômica) para assumir dívidas de pagamentos que deveriam ser realizados pelo Tesouro Nacional. Com isso, os bancos realizam os depósitos e pagamentos antes de receberem a verba do tesouro, aliviando as contas do Tesouro e comprometendo a liquidez dos bancos.

Tabela 4 Motivos da participação das manifestações de 15/03/2015.

	15/03/2015
Contra corrupção	47
Pelo impeachment da presidente Dilma	27
Contra o PT	20
Contra os políticos	14
Por mais segurança	6
Outros motivos	57

Fonte: (Datafolha, 2015)

Diante deste resultado, percebemos que os motivos de participar dos atos vão ao encontro dos discursos dos movimentos reacionários e também das notícias veiculadas na grande mídia.

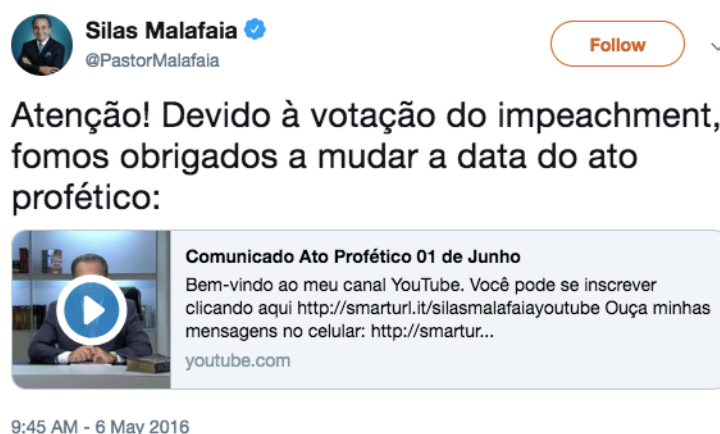
Em um *hangout* entre Allan dos Santos, Marco Feliciano e Jair Bolsonaro, já é possível identificar a articulação da Frente Parlamentar Evangélica no processo do *impeachment*. Ao comentarem sobre a atuação decisiva de Eduardo Cunha, Marco Feliciano afirma:

Cunha pode ter um milhão de defeitos, mas tem uma coisa que ele tem que é inteligência. Pra mim é um gênio, um gênio da política, se usasse pro bem só, seria quase um messias, mas messias aqui só tem um: Jair Messias Bolsonaro. Pra quem não sabe Bolsonaro é nosso Messias aí. (FELICIANO, 2015)¹¹⁷

Malafaia, que fez campanha intensiva contra o PT (como observamos no capítulo dois), manteve sua postura durante as manifestações *pró-impeachment*. Além de constantes críticas ao governo Dilma, por meio de seu canal no *Youtube*, o pastor também convocou algumas lideranças de igrejas e o povo evangélico para um grande ato profético em Brasília, que seria uma forma de se posicionarem contra o Governo, além de buscar demonstrar o seu poder sobre a opinião pública dos fiéis. Ato que teve sua data alterada devido ser a mesma na qual ocorreria a votação do impedimento.

¹¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qPNQLx9S2EU>. Aos 10m59s. Acesso em 10/11/2018.

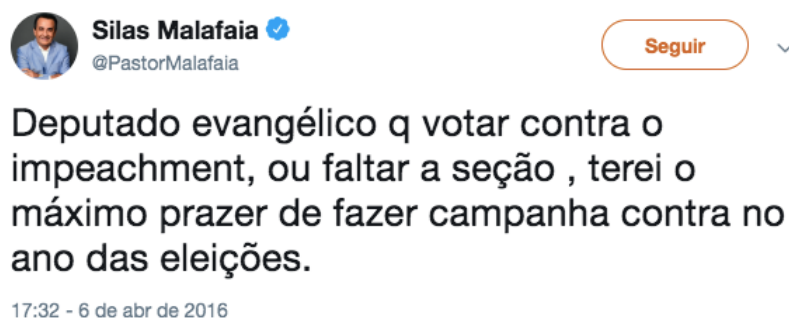
Figura 34 Divulgação de evento pelo Twitter por Silas Malafaia



Fonte: MALAFAIA, Silas. Atenção! Devido à votação do impeachment fomos obrigados a mudar a data do ato profético. 06/05/2016. Twitter¹¹⁸

Com muito entusiasmo, Malafaia convoca seus seguidores para esse grande culto com o objetivo de demonstrar o poderio do eleitorado evangélico. No mesmo período, o pastor tuita em direção aos deputados evangélicos que não estivessem em acordo com a retirada de Dilma da presidência:

Figura 35 Ameaça de Silas Malafaia no Twitter



Fonte: MALAFAIA, Silas. Deputado evangélico q votar contra o impeachment, ou faltar na seção, terei o máximo prazer de fazer campanha contra no ano das eleições. 06/04/2016. Twitter¹¹⁹

Este mesmo pronunciamento pode ser encontrado em seu canal, onde intimida prejudicar futuras campanhas de deputados evangélicos que se oponham ao processo:

¹¹⁸ Disponível em: <https://twitter.com/pastormalafaia/status/728626822511005698>. Acesso em 09/06/2018.

¹¹⁹ Disponível em: <https://twitter.com/pastormalafaia/status/717872584960917506> Acesso em 09/06/2018.

Deputado evangélico contra o *impeachment*, que fugir do plenário e não aparecer no dia da votação ou que for contra o *impeachment*. Podem se preparar, lá no seu Estado eu vou ter o prazer de fazer campanha contra você, e vou ter o prazer de fazer alguém te derrotar. Eu não vou deixar passar essa. [...] Eu vou denunciar em programa de televisão, redes sociais, deputado evangélico que faltar ou que votar contra o *impeachment*, pode contar comigo que eu vou ser uma muralha no seu Estado contra você. (MALAFAIA, 2016)¹²⁰

Com esta frase, percebemos que o pastor busca intimidar outras lideranças evangélicas que se opusessem a destituição de Dilma da presidência. Levando em consideração que as igrejas diretamente ligadas a Silas Malafaia (Igreja Vitória em Cristo) estão localizadas em nove Estados brasileiros, somando um total de 112¹²¹ lugares de culto, é evidente que o pastor pode exercer influência em determinadas regiões, principalmente no Estado de Rio de Janeiro, onde se concentram a maior parte das igrejas, com um total de 91 templos.

No dia da votação, vale a pena destacar que, embora o processo aberto fosse baseado pelo argumento das “pedaladas fiscais”, os crimes de responsabilidade fiscal que fundamentaram o encaminhamento do processo foram citados apenas 18 vezes; por outro lado, famílias e filhos(as), 270 vezes; e a palavra Deus, 75 vezes – utilizada, inclusive, pelo então presidente da Câmara, o deputado federal Eduardo Cunha (PMDB-RJ), ao abrir e fechar a reunião (VITAL; LOPES; LUI, 2017).

As justificativas dos deputados durante a declaração do voto pouco contemplam essa temática. Os autores Prandi e Carneiro (2017) analisaram os discursos durante a assembleia e constataram similaridades nas justificativas e, com isso, foi possível classificar o tema base para a decisão do voto e os indicadores (expressões) que levaram ao enquadramento deste tema. O resultado obtido foi o seguinte:

Tabela 5 Frequências das Justificativas dos Deputados ao votar

Ordem das frequências	Justificativa (item)	Indicadores (termos e expressões citados)	Número de deputados	%
1	Pela base eleitoral do deputado	Por minha cidade, meu estado, minha região, pelo povo de minha cidade (também cada local com o nome declarado)	321	62,8
2	Pelo Brasil	Pelo Brasil, pelo país, pela pátria	195	38,2
3	Pela família e parentes do deputado	Por minha família, por meu pai, minha mãe, meu(s) irmão(s), meu(s) filho(s) e filha(s), meu(s) neto(s)	136	26,6
4	Pela democracia	Pela democracia, pelo Estado democrático	91	17,8

¹²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nuCto5SCjoM>. Acesso em 10/09/2018.

¹²¹ Disponível em: <https://www.advec.org/enderecos/>. Dados extraídos em 14/11/2018.

5	Em nome do povo brasileiro	Pelo povo, pelo povo brasileiro, em nome do nosso povo, por todos os brasileiros	81	15,9
6	Pela esperança e pelas novas gerações	Pelo futuro do país, em nome das novas gerações	70	13,7
7	Pela legalidade, votos em Dilma, contra o golpe	Pela legalidade, pelos milhões de votos que elegeram a presidente, contra o golpe	67	13,1
8	Contra a corrupção e ladroagem	Contra a corrupção e os corruptos, contra a ladroagem, os ladrões do patrimônio nacional, contra os bandidos	66	12,9
9	Pela Constituição	Pela Constituição, pela Carta Magna	65	12,7
10	Em nome do partido do deputado	Por meu partido	53	10,4
11	Em nome de Deus	Em nome de Deus, por Deus, sob a proteção de Deus	46	9,0
12	Pela instituição da família, pela família brasileira	Pela família, pela família que o PT quis destruir, pela família brasileira	36	7,0
13	Em nome de personagens históricos e políticos	Em nome de Ulysses Guimarães, por Teotônio Vilela, pela memória de Marighela, por Zumbi dos Palmares, entre outros	36	7,0
14	Pelos marginalizados sociais	Pelos pobres, pelos movimentos sociais, pelos desempregados	35	6,8
15	Pela ética no governo, pela Lava Jato	Pela operação Lava Jato, pelo juiz Moro, pela ética no governo, por um governo ético, pela república de Curitiba	34	6,7
16	Contra o mau governo da presidente	Contra as pedaladas fiscais, a política de recessão, a inflação, as falências de empresas, a crise econômica; contra a incompetência, improbidade administrativa, o rombo nos cofres, o crime de responsabilidade fiscal, o mau governo	33	6,5
17	Pelos trabalhadores do Brasil	Em nome dos trabalhadores, pelos empregados	33	6,1
18	Contra Lula e contra o PT	Pelo fim do governo do PT, contra a continuação de Lula e sua corja, fora Lula, fora PT	23	4,5
19	Pela categoria profissional do deputado	Pelos advogados, corretores de imóveis, médicos, entre outras categorias profissionais citadas	23	4,5
20	Pela voz das ruas	Pela voz das ruas, pelos que foram à rua para protestar, pelas manifestações de rua, pelo MBL, pelos "Revoltados Online"	23	4,1
21	Pela retomada do desenvolvimento	Pela retomada do crescimento econômico, pelo desenvolvimento, pela retomada da economia	21	4,1
22	Pelo bom governo do PT e da presidente	Pelas políticas públicas, pelo aumento efetivo de postos de trabalho, pela Minha Casa Minha Vida, bolsa família, Fies	15	15
23	Pela igreja e fiéis da religião do deputado	Em nome da minha igreja (denominação específica), pelos evangélicos, pelos carismáticos, pelo povo de Israel, pelos neopentecostais	14	2,7
24	Pela liberdade e justiça	Pela justiça, pela liberdade	14	2,7
25	Porque não há golpe	Com a consciência de que não está havendo nenhum golpe, porque não há golpe	7	1,4
26	Pelos que sofreram com a ditadura	Em nome dos que sofreram pela ditadura, os torturados	7	1,4

Fonte: (PRANDI; CARNEIRO, 2017, p. 9)

Entre estes discursos, evidentemente, as palavras utilizadas são extremamente abstratas e ecoam, de certo modo, uma forma generalista e imprecisa. Portanto, torna-se fácil ao cidadão vincular um crime de responsabilidade fiscal ao ato de corrupção e, do mesmo modo, promover uma generalização desta corrupção a todos os que são identificados como esquerda ou progressistas. Neste sentido, a corrupção se transforma em um *slogan* com uma enorme capacidade de mobilização social, principalmente após a espetacularização do desdobramento da operação Lava Jato. Com isso, temos por certo que a corrupção é um filtro pelo qual a política é percebida pela maioria da população (GALLEGO, 2016). Ademais, destacamos que 46 deputados (9%) declararam voto em nome de Deus, sem qualquer justificativa sólida e racional sobre as motivações da sua escolha. Ao analisarmos o discurso de alguns membros da Frente Parlamentar Evangélica podemos também encontrar uma síntese do pensamento deste grupo: a defesa família e contra o aborto, em nome de Deus.

João Campos (PRB/GO), presidente da Frente, declarou seu voto da seguinte forma:

Sr. Presidente, que Deus abençoe o nosso País! Que Deus tenha misericórdia de nossa Nação! Na defesa do Estado Democrático de Direito, contra a corrupção e a impunidade, contra a violência e a insegurança, na defesa da vida e da família, por Goiás, pelo Brasil, por minha família, pela dignidade do povo brasileiro, por esperança, por dias melhores, o meu voto é “sim”, Sr. Presidente¹²².

Do mesmo modo, Marco Feliciano (PSC/SP):

Com a ajuda de Deus, pela minha família, pelo povo brasileiro, pelos evangélicos da Nação toda, pelos meninos do MBL, pelo Vem Pra Rua Brasil — dizendo que o Olavo tem razão, Sr. Presidente, dizendo “tchau” para essa querida e para o PT, Partido das Trevas —, eu voto “sim” ao *impeachment*, Sr. Presidente!¹²³

No senado, Magno Malta (PR/RJ) faz um discurso considerado profético e fundamenta-o dizendo que Dilma cairia devido a sua própria arrogância. O elemento religioso também se faz presente ao afirmar que Aécio, principal concorrente de Dilma

¹²² Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=3&nuSessao=091.2.55.O&nuQuarto=151&nuOrador=1&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=19:00&sgFaseSessao=OD%20%20%20%20%20%20%20%20&Data=17/04/2016&txApelido=ALBERTO%20FRAGA&txEtapa=Com%20reda%C3%A7%C3%A3o%20final>. Acesso em 09/06/2018.

¹²³ Ibid.

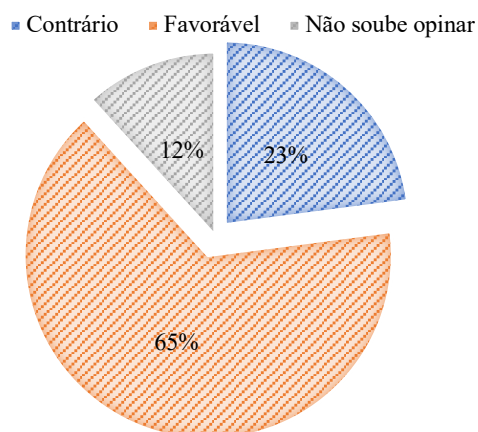
nas eleições anteriores, recebeu um livramento de Deus em não ser eleito, uma vez que teria de fazer reformas e que estas seriam amargas para o povo brasileiro:

Na próxima quarta-feira, Dilma será cassada por Salomão, aquele que escreveu que a arrogância precede a ruína. [...] Vossa excelência não perdeu as eleições, senador Aécio, vossa excelência recebeu um livramento da parte de Deus. [...] O país está quebrado, nós vamos caminhar para dias terríveis, as medidas que terão de ser tomadas para não permitir que este país vá para um buraco, para o fosso, elas serão amargas.¹²⁴

Nesta análise, sobre o voto dos deputados evangélicos integrantes da Frente Parlamentar Evangélica, constatamos que apenas dois dos setenta e sete deputados se posicionaram contra ao processo de *impeachment*: a deputada Benedita da Silva (PT/RJ) justifica sua oposição ao *impeachment* em respeito à *Constituição*, aos votos recebidos na eleição por Dilma Rousseff e pelos pobres e necessitados da nação; o deputado Sérgio Brito (PSD/BA), sem nenhum comentário, apenas declarou o voto contrário.

Percebe-se que, neste ponto, a FPE demonstrou maior consenso, mas devemos ressaltar que este fato também se deu pela conjuntura política do momento e pela expectativa de parte dos eleitores evangélicos que desejavam a saída da presidenta Dilma do Governo. Aqui apresentamos os primeiros dados de nossa pesquisa, realizada na Marcha para Jesus em 2016, na qual, dos 528 entrevistados, 345 declararam ser favoráveis ao *impeachment*.

Gráfico 14 Questão: Você é favorável ao impeachment?

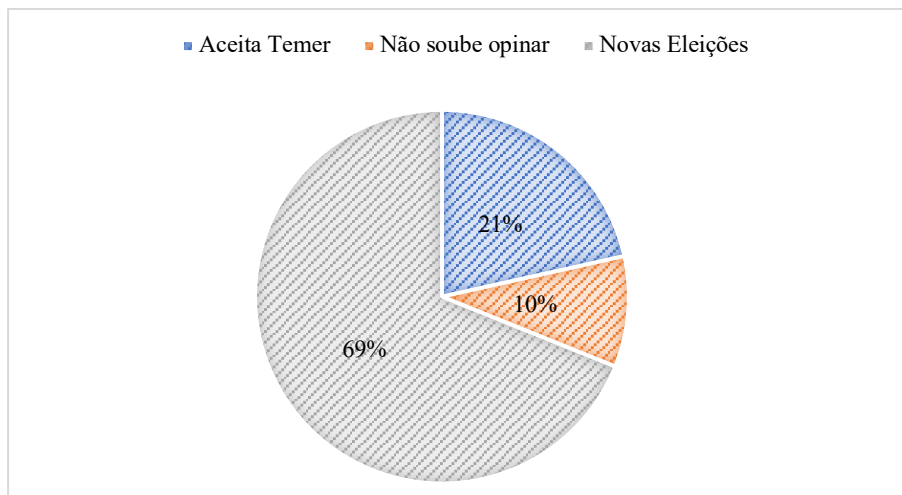


FONTE: Os autor (2019)

¹²⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/impeachment-no-senado-discurso-final-de-magno-malta-pr-es.html>. Acesso em 02/01/2019.

Dos 345 favoráveis, 237 desejavam nova eleição e apenas 74 aceitariam Michel Temer (partido/cargo) como presidente, resultado que demonstra um repúdio até mesmo pelo vice-presidente

Gráfico 15 Questão: Você aceita Temer como presidente ou prefere novas eleições?



FONTE: Os autor (2019)

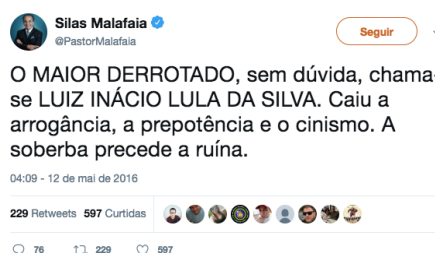
Em uma análise mais detalhada, percebemos que a religião não é algo determinante sobre a questão apresentada aos entrevistados. O maior índice de rejeição ao *impeachment* se concentrou nos membros da IURD (51,14%), mas que, em números absolutos, representam apenas 8 pessoas. Por outro lado, percebemos maior concentração de favoráveis (em percentual e números absolutos) nos membros da Igreja Renascer em Cristo (66,92%) e nas Comunidades Evangélicas Independentes (67,60%), excluindo-se os adventistas que pontuaram 100% de aprovação ao *impeachment*, mas que em números absolutos representam apenas 3 pessoas.

Tabela 6 Favoráveis e contrários ao impeachment por denominação

Denominação	Contrário		Favorável		Não soube opinar	
	n	%	n	%	N	%
Adventista	0	0,00%	3	100,00%	0	0,00%
Assembleia de Deus	13	22,03%	36	61,02%	10	16,95%
Batista	5	21,74%	15	65,22%	3	13,04%
Evangelho Quadrangular	5	27,78%	11	61,11%	2	11,11%
Igreja da Paz	0	0,00%	3	75,00%	1	25,00%
Internacional da Graça	2	20,00%	7	70,00%	1	10,00%
Metodista	0	0,00%	0	0,00%	1	100,00%
Comunidades evangélicas	54	21,60%	169	67,60%	28	11,20%
Presbiteriana	2	28,57%	4	57,14%	1	14,29%
Renascer	31	23,31%	89	66,92%	13	9,77%
Sara Nossa Terra	1	25,00%	3	75,00%	0	0,00%
Universal do Reino de Deus	8	57,14%	5	35,71%	1	7,14%

FONTE: O autor (2019)

Por meio destes dados, constatamos que o perfil dos evangélicos presentes na Marcha para Jesus 2016 vai ao encontro da opinião do restante da população brasileira. De acordo com a pesquisa Datafolha de abril de 2016, com 2.779 entrevistados, 61% desejavam a saída de Dilma e 33% eram contra. Do mesmo modo, uma grande rejeição a Temer também foi constatada, pois 58% desejavam o afastamento do vice-presidente e 79% desejavam novas eleições, caso Dilma e Temer fossem afastados. Portanto, é difícil relacionar a influência exclusiva das lideranças político-religiosas sobre o eleitorado evangélico na questão do *impeachment*, principalmente devido à força sobre a opinião pública de alguns meios de comunicação favoráveis à saída de Dilma. Fato que Dilma sofreu o processo de *impeachment* e foi destituída do cargo. Algo muito comemorado entre as lideranças evangélicas neoconservadoras.

Figura 36 Twitter de Silas Malafaia sobre o impeachment

MALAFAIA, Silas. O maior derrotado, sem dúvida, chama-se Luiz Inácio Lula da Silva [...]. 12/05/2016. Twitter¹²⁵

¹²⁵ Disponível em: <https://twitter.com/pastormalafaia/status/730716518271586305>. Acesso em 08/06/2018.

Com a frase “Que Deus tenha misericórdia dessa nação” Eduardo Cunha encerra a votação, usando novamente expressões religiosas que ecoam no imaginário do fiel brasileiro.

A posse de Michel Temer também foi marcada pela presença evangélica. Logo após seu discurso como presidente em exercício, Temer reuniu-se com as principais lideranças evangélicas, dentre elas destacamos o deputado João Campos (presidente da FPE), deputado Marco Feliciano e líderes religiosos Silas Malafaia e José Wellington (presidente das Igrejas Assembleias de Deus).

Figura 37 Frame da Reunião de Temer com líderes evangélicos após sua posse.



FONTE: Frames do vídeo no Youtube divulgado por João Campos¹²⁶

O deputado João Campos, em vídeo divulgado em seu canal no *Youtube*, apresenta seu discurso para Temer usando trechos bíblicos com uma hermenêutica voltada para a motivação do então presidente. O primeiro versículo foi do livro de *Crônicas* (1Cro 28,20): “Disse Davi a Salomão, seu filho: esforça-te e tem bom ânimo, e faz a obra; não temas, nem te apavores; porque o Senhor Deus, meu Deus, há de ser contigo; não te deixará, nem te desampará, até que acabes toda a obra e todo serviço.¹²⁷”. Tal citação teve seu final alterado, de acordo com as versões bíblicas que consultamos (BJ, NVI, ARC e ARA)¹²⁸, pois todas traduções finalizam o versículo com a frase “[...] até que acabe toda obra do serviço do Senhor.”. Na Bíblia versão *Almeida Revista e Atualizada* (ARA, 1993), a que está idêntica ao que foi pronunciado, o versículo encerra-se desta forma: “[...] até que acabes todas as obras para o serviço da Casa do

¹²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5vCM-1bwIRk>. Acesso em 02/01/2019.

¹²⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5vCM-1bwIRk>. Acesso em 02/01/2019.

¹²⁸ Bíblia de Jerusalém, Nova Versão Internacional, Almeida Revisada e Corrigida, Almeida Revisada e Atualizada.

Senhor” (1Cro 28,20). A supressão das palavras “Casa do Senhor” amplia a sua adaptação ao contexto do discurso, desvinculando o texto original, que provavelmente referia-se à obra da construção do templo de Salomão. Campos encerra sua fala com outro versículo ainda do livro de *Crônicas* (1Cro 28,9-10):

Tu, meu filho Salomão, conhece o Deus de teu pai e serve-o de coração íntegro e alma voluntária; porque o SENHOR esquadrinha todos os corações e penetra todos os desígnios do pensamento. Se o buscares, ele deixará achar-se por ti; se o deixares, ele te rejeitará para sempre. Agora, pois, atende a tudo, porque o SENHOR te escolheu para edificares casa para o santuário; sê forte e faz a obra (1CRO 28,9-10, ARA)

Campos destaca que estes são os conselhos de Davi para Salomão, quando este se tornou rei e, portanto, puderam ser adaptados à posse de Temer. Embora uma exegese possa questionar esta interpretação, as palavras foram aceitas por todos os religiosos que ali estavam diante de um sonoro “amém!” a cada final de versículo. No episódio que chamamos de “A oração para Temer” os “améns” serviram como uma chancela para as autoridades evangélicas, principalmente as da FPE.

3.2) A Frente Parlamentar Evangélica

Primeiramente, antes de escrevermos sobre este grupo, convém apontar que a Bancada Evangélica é um grupo não homogêneo, com interesses suprapartidários e que sofreu alterações ao longo da sua história, desde a sua constituição, em 1986. Também é preciso destacar que, por muitas vezes, utiliza-se o termo “Bancada Evangélica” para designar a presença dos evangélicos na política. Contudo, nem todo evangélico político está de pleno acordo com as pautas da Bancada e, por isso, não faz parte desta articulação suprapartidária. O movimento dos evangélicos na política que ganha destaque na mídia por suas pautas polêmicas e de cunho moral é um movimento neofundamentalista que não pode ser confundido com a presença de todos evangélicos no debate público.

A primeira fase deste grupo pode ser chamada como Bancada Informal, pois ainda não havia diretrizes claras sobre seu funcionamento. Esta fase vai de 1986 até 2003, quando a Bancada foi oficializada como Frente Parlamentar Evangélica. A partir deste ano, em 2003, início da segunda fase, a Bancada elaborou um regimento próprio e a desenvolver reuniões periódicas, mesmo que fossem reuniões puramente religiosas, com a realização de cultos nas dependências do Congresso. Neste período, em nome da pureza

moral da sociedade brasileira, a “Bancada Evangélica” já estabelecia quem seriam os inimigos da tradição moral e, por isso, precisavam ser enfrentados (DANTAS, 2011).

Em 2005, foram estabelecidas, na Câmara dos Deputados, as diretrizes para a criação das Frentes Parlamentares (conhecidas popularmente por “Bancadas”). De acordo com o regulamento, elas seriam associações suprapartidárias com pelo menos um terço de membros do Poder Legislativo Federal, e destinadas a promover o aprimoramento da legislação federal sobre determinado setor da sociedade¹²⁹. São grupos pluripartidários que ultrapassam os interesses e as demandas individuais dos partidos. Por este motivo, em 2015, a Frente Parlamentar Evangélica é oficializada novamente, mas agora dentro dos critérios estabelecidos em 2005 sobre as diretrizes para a formação das Frentes Parlamentares e, ainda, com um regimento formalizado. Observando essa trajetória, percebemos que a Bancada Evangélica, oficialmente, a Frente Parlamentar Evangélica, foi conquistando um amadurecimento sobre o funcionamento das instituições políticas e, conseqüentemente, ampliando seu poder de articulação e influência. Ao analisarmos a FPE, fica explícito que ela também passou a ser um grupo de influência em pautas políticas da esfera moral e, por isso, tornou-se um ambiente propício para articulações neofundamentalistas.

Como já informamos, a bancada surgiu em 1986, após a eleição da Assembleia Constituinte, com uma posição conservadora bem definida e que permanece até hoje (PRANDI; SANTOS, 2017). Para nós, o conservadorismo é a resistência às transformações promovidas pela sociedade moderna e, segundo Hirschman (1992 *apud* Messember 2017), a expansão dos direitos individuais, a secularização e o cosmopolitismo colocam em xeque os pilares da sociedade tradicional: a família, religião e a nação. Por isso, parte deste movimento evangélico engajado na política é reflexo de um grupo que não assimilou a separação dos aspectos da vida pública com as questões da moralidade privada dos indivíduos (PIERUCCI, 1996). Conforme Dantas (2011), na Legislatura de 1987 a 1991, a “Bancada Evangélica” contava com apenas trinta e sete constituintes. Neste período, os pentecostais excluía-se da política por considerá-la terreno de atuação do Diabo. Vale destacar que esta mesma visão também era compartilhada dentro de alguns locais de cultos protestantes, como os batistas por exemplo, principalmente devido ao fato de ser um período de atuação da Teologia da

¹²⁹ Segundo o Ato da Mesa nº 69, de 10/11/2005. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/blog/respostasfrequentes/frentes-parlamentares>. Acesso em 01/09/2018.

Libertação na política, algo que promoveu o afastamento de protestantes no debate político (GONÇALVES, 2008).

Na Legislatura de 1991 a 1995, ocorreu uma queda no número de evangélicos na política, pois foram eleitos vinte e três congressistas e doze suplentes evangélicos. No entanto, Dantas (2011) chama a atenção para um ponto: mesmo diante desta queda, vale destacar que o índice de reeleição dos candidatos evangélicos foi de 65%, sendo ele maior que a média nacional, que era de 53%. O pentecostalismo adotava uma lógica binária, dualista e maniqueísta quando tratava da relação entre religião e política, pois as consideravam dimensões opostas e excludentes (DANTAS, 2011). Contudo, ao longo do tempo, o movimento superou o número de políticos protestantes históricos (batistas, metodistas e presbiterianos), correspondendo a mais de 50% dos deputados evangélicos. As igrejas Assembleia de Deus, que fazem parte do movimento pentecostal, foram as que mais ampliaram sua participação política neste período. Seu projeto foi marcar posição em defesa da família, garantir sua liberdade religiosa e também buscar acesso aos meios de comunicação (FREESTON, 1993).

A partir da década de 90, o movimento neopentecostal passou a ganhar destaque na esfera pública, reflexo de seu próprio crescimento em número de fiéis. Uma nova geração de políticos evangélicos surgiu, fazendo com que este grupo, que até então era marginalizado, assumisse um papel de protagonista no debate público do país (CAMPOS, 2006). É o caso da Igreja Universal do Reino de Deus, que adentrou na lógica político-partidária nas eleições federais e estaduais nesta década (MACHADO, 2006) e adotou uma estratégia de indicar poucos candidatos para evitar a pulverização de votos para o pleito de 1990 (SANCHES, 1999). Desta forma, sua representatividade no debate público por meio da política institucional e da mídia foi ampliada, com a aquisição da Rede Record, em 1989, e a sua reestruturação na década de 90¹³⁰. A representatividade dos evangélicos na Câmara dos Deputados vem aumentando ano após ano. Em sua primeira oficialização, em 2003, consta no Diário Oficial da União¹³¹ que a Bancada foi idealizada e liderada pelo deputado federal Adelor Vieira (PMDB/SC), membro da Igreja Assembleia de Deus de Joinville, Santa Catarina. A princípio, foi composta por 58 congressistas, entre eles três senadores, sendo 23 destes parlamentares membros da Igreja

¹³⁰ Disponível em: <https://blogs.universal.org/bispomacedo/historia-do-bispo/compra-da-record/>. Acesso em 02/09/2018.

¹³¹ Disponível em: https://www.camara.leg.br/internet/deputado/Frente_Parlamentar/53658-integra.pdf. Acesso em 04/06/2017.

Assembleia de Deus. O número de representantes teve uma queda apenas na 53ª Legislatura, justamente devido aos “escândalos das ambulâncias”, em 2006. O caso de corrupção envolvendo as compras de ambulâncias contou com a participação de políticos evangélicos que, de acordo com a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), levaram 58% da propina¹³². Este escândalo abalou, temporariamente, a legitimidade de políticos evangélicos diante de seus seguidores, promovendo até mesmo uma considerável redução no índice de evangélicos reeleitos em 2006 (MARIANO; HOFF; DANTAS, 2006). Sobre o escândalo e as repercussões (ou justificativas para as repercussões) em relação aos parlamentares evangélicos envolvidos, o deputado federal Geraldo Pudim (PMDB-RJ), com mandato de 2006 a 2010, uma importante liderança da FPE, disse em entrevista:

A bancada dos evangélicos estava crescendo no Congresso Nacional e se fortalecendo como um grupo político importante e que influenciava nas decisões do Congresso. Naquele exato momento, explode o escândalo do mensalão e o Brasil todo parou em meio a um processo eleitoral que era a reeleição do Presidente Lula. Na minha concepção, havia uma necessidade, naquele momento, de desfocar a questão do mensalão e surgir um novo fato para que pudesse ganhar a mídia; e naquele momento, surgiu aquela, abre aspas, 46 Religião e Política ‘máfia dos sanguessugas’. E, invariavelmente, quando você tem um trabalho social, e que aqui evangélicos e também vários outros parlamentares que também não são evangélicos têm um trabalho social, mas, invariavelmente, um parlamentar evangélico tinha um trabalho social desenvolvido através das suas igrejas, desenvolvido através das entidades que ele apoia, e aquele ‘sanguessuga com a saúde’ atingiu em cheio a bancada evangélica por causa de emendas parlamentares, usando a obtenção de veículos, ambulâncias, para atender aquelas comunidades. Bem, eu não estou entrando no mérito da questão, mas isso atingiu em cheio a bancada evangélica, e houve uma redução drástica, ou seja, entregaram a bancada evangélica aos leões, naquele exato momento... não havia nenhum tipo de razão da covardia que fizeram, e vários desses parlamentares não conseguiram retornar ao Congresso, proveniente desse escândalo de última hora; pra substituir o escândalo do mensalão, jogaram o escândalo dos sanguessugas, pra desfocar, e aí quem ficou na mídia exposto, acabou a bancada evangélica tendo essa redução drástica por causa do escândalo sanguessugas¹³³

¹³² Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/cpi-dos-sanguessugas-evangelicos-receberam-58-da-propina/>. Acesso em 07/09/2018.

¹³³ Dados coletados na pesquisa “Evangélicos e Doutrina no Ar: uma investigação sobre os evangélicos nas Comissões e Conselhos do Legislativo Nacional”, executada entre os anos de 2007 e 2009 pelo ISER em parceria com a Fundação Ford. Coordenação de Christina Vital e Flávio Wiik. Disponível em www.iser.org.br.

Tabela 7 Representatividade evangélica nas últimas 5 legislaturas

Legislatura	Número de Parlamentares	Ano
Eleitos para a 51 ^a legislatura	44	1999-2003
Eleitos para a 52 ^a legislatura	68	2003-2007
Eleitos para a 53 ^a legislatura	32	2007-2011
Eleitos para a 54 ^a legislatura	63	2011-2015
Eleitos para a 55 ^a legislatura	91	2015-2019
Total nas últimas 5 legislaturas	294	

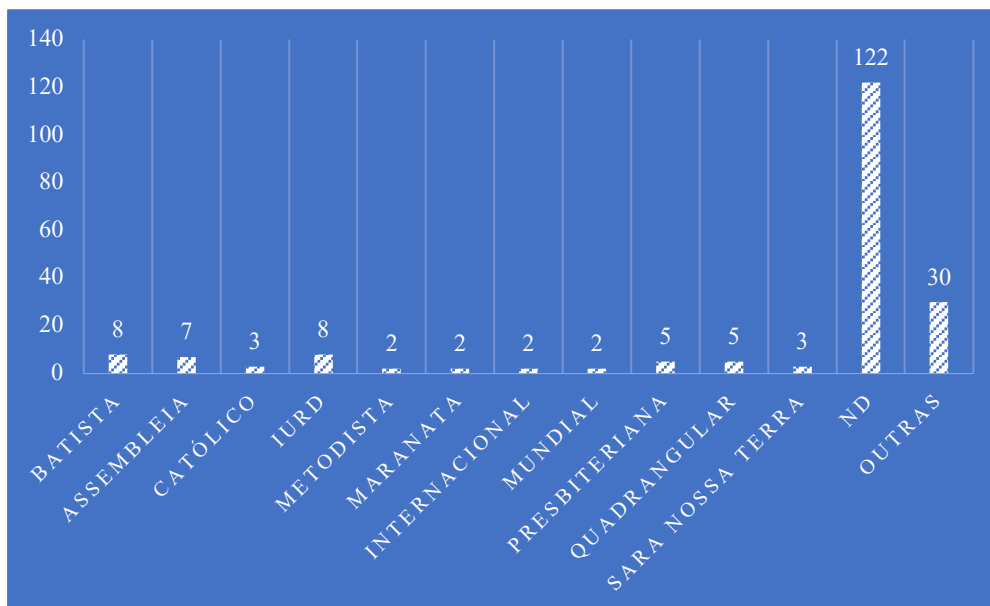
FONTE: CAMPOS (2006) adaptado pelo autor com dados da 55^a **legislatura**

Em 2015, esse cenário altera-se drasticamente, passando para 91 parlamentares declaradamente evangélicos e 198 deputados signatários da FPE. O Congresso Nacional, eleito em 2014, foi considerado um dos mais conservadores da história republicana nacional (DEMIER, 2016). E, paralelamente, a 55^a Legislatura foi um período que superou as legislaturas anteriores em número de evangélicos na política brasileira em âmbito federal¹³⁴. A partir deste ponto, percebemos que a Bancada passa a ser uma organização formal e com objetivos bem definidos. Também identificamos maior articulação de evangélicos com não evangélicos. Algo notável no requerimento de oficialização da FPE diante de seus signatários. Embora 199¹³⁵ deputados sejam signatários da FPE, apenas 74 são declaradamente evangélicos. 124 deputados são católicos ou não declararam, abertamente, uma confissão. A conquista destas assinaturas pode ser considerada como a primeira articulação política dos evangélicos liderada pelo deputado João Campos (PRB/GO), uma vez que, de acordo com o *Ato da Mesa Número 69*, em 2005, as Frentes Parlamentares somente podem ser reconhecidas se contarem com a participação de ao menos um terço de membros do Poder Legislativo Federal. Portanto, unir-se com não evangélicos seria a única forma de constituir a FPE. Destacamos que neste estudo, na tabela anterior, mencionamos a presença de 91 parlamentares na Legislatura em questão¹³⁶. Significa lembrar que a FPE não conseguiu conquistar todos os parlamentares evangélicos em atuação, uma vez que 17 parlamentares evangélicos não participam desta Frente.

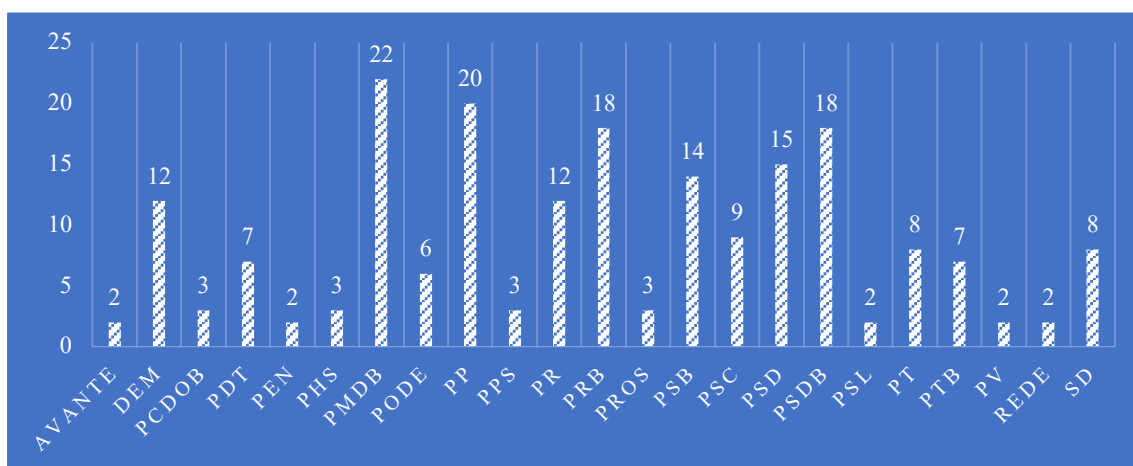
¹³⁴ Conforme citado anteriormente 87 parlamentares evangélicos atuam na 55^a legislatura.

¹³⁵ <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=53658>. Acesso em 10/06/2017.

¹³⁶ <https://congressoemfoco.uol.com.br/legislativo/renovada-bancada-evangelica-chega-com-mais-forca-no-proximo-congresso/>. Acesso em 10/06/2017.

Gráfico 16 Signatários da Frente Parlamentar Evangélica por religião

FONTE: O autor (2019)

Gráfico 17 Signatários da Frente Parlamentar Evangélica por partido

FONTE: O autor (2019)

Embora tenham ocorrido estas alterações no modo de agrupamento da FPE, seu eixo comum permanece o mesmo: a moralidade. Ela se tornou o ponto de encontro dos grupos evangélicos que não separaram ou não aceitaram a divisão entre vida moral privada e vida moral pública (PIERUCCI, 1996). Bruna Dantas (2011), em sua tese de doutoramento, coletou algumas entrevistas que nos auxiliam a compreender qual era a forma e o objetivo de articulação política da Bancada Evangélica. Dentre estas entrevistas, realizadas no ano de 2008, é interessante perceber que a Bancada era um

grupo sem grandes projetos consolidados, mas que monitoravam as demandas das lideranças evangélicas, conforme as palavras do deputado Gilmar Machado(PT/MG):

Todo mundo é de partidos distintos. Basicamente funciona assim: temos uma reunião toda quarta-feira, um culto de oração, a cada quinze dias, uma vigília e reunimos basicamente a cada quinze dias a coordenação da Frente para tirar pautas para a gente poder estar trabalhando [...] Nós trabalhamos na informalidade, nós não somos uma coisa muito organizada. Basicamente, o que fazemos é registrar. Nós fazemos registros, catalogamos, às vezes mandamos correspondências para informar o que está acontecendo. Basicamente é isso. Nós temos também o departamento jurídico que mapeia todos os projetos que dizem respeito à igreja, que nos interessa debater, discutir, pra gente se posicionar [sic]. (DANTAS, 2011, p. 173)

A fala do deputado sobre a “fiscalização” de projetos que possam ir contra aos princípios da igreja vai ao encontro de outras justificativas apresentadas por deputados para adentrar na vida pública. Por exemplo, esta mesma atitude também pode ser observada no depoimento do Deputado Antônio Cruz (PP/MS):

A Frente atua fazendo uma filtragem de todos os projetos que aparecem aqui para ver se eles estão em consonância ou, pelo menos, não agridem a palavra de Deus. Então, nós temos cuidado para que nós não permitamos que sejam aprovados preceitos, leis, decretos que vão entrar em contradição com nossa fé, que é a fé bíblica, que é boa para o mundo, é boa até para quem não acredita. A palavra de Deus é boa até para quem não crer nela assim como água é boa para todo mundo, ou até quem não gosta de beber água e tem que beber, assim é a palavra de Deus. Então, nós atuamos no sentido de preservar para que o país tenha uma conduta legislativa e, sobretudo, executiva que pelo menos se aproxime dos parâmetros bíblicos. Essa é a principal finalidade da Frente Parlamentar Evangélica no Congresso Nacional [sic]. (DANTAS, 2011, p. 174)

Os pentecostais, que por muito tempo insistiram na permanência de seus adeptos longe da política, passaram a fazer propaganda contra partidos e candidatos de esquerda, e elegeram deputados pastores que os procuram, para aumentar suas vantagens e privilégios para as igrejas, que eles consideram discriminadas (PIERUCCI; PRANDI, 1994).

Evidentemente que as ações destes personagens, ligados ao movimento neofundamentalista, podem ser orientadas por sua linha teológica e sua visão de mundo em relação à política, economia e democracia, formando quadros de sentidos bem específicos. Sobre “quadros de sentidos”, destacamos que esta teoria parte do pressuposto que, diante de qualquer acontecimento, a primeira preocupação do indivíduo é interpretar e dar sentido ao fato e, para isso, ele recorre aos quadros de sentido, que são referências

e conhecimentos anteriores utilizados para interpretar o ocorrido (GOFFMAN, 1974 *apud* MARTINO, 2016). Os quadros de sentidos e de referências são transmitidos das mais variadas formas: mídia, família, sociedade, religião, *etc.* E, neste ponto, a religião gera inúmeros quadros de sentido, desde morais cotidianos até mesmo aos escatológicos. Como exemplo destas motivações, pautadas nos quadros de sentidos, podemos observar a fala do deputado evangélico João Campos (PRB/GO) sobre o pleito eleitoral em 2002:

(...) “só pedia, de acordo com a minha fé, a Deus, (...), eu e minha esposa orávamos, e dizíamos: 'Senhor, se tu tem esse propósito disso, na minha vida, coloca no meu coração, coloca no nosso coração, eu e minha esposa, faça com que a gente entenda que existe um propósito para nossa vida nesse sentido e etc. Agora, se tu não tens esse propósito na minha vida, até a porta que está aberta, fecha, em nome de Jesus'. Era uma oração que eu fazia, reservadamente, só eu e minha esposa, e parece que a porta só abria, porque eu resistia tanto à política e a coisa voltava para mim, e mesmo assim eu resistia, eu fazia oração, parecia que a resposta era positiva e, mesmo assim, eu resistia¹³⁷.

O mesmo ocorre no discurso do deputado Marco Feliciano (PSC/SP) em entrevista ao *site Notícia Gospel* sobre sua motivação de entrar na vida pública:

No momento em que percebi a dificuldade de pertencer a um grupo contra o qual se conspira e que sofre preconceitos grosseiros. Ser evangélico neste país é motivo de piada, e isto é um absurdo. No momento em que percebi que existe uma trama conspiratória contra o avanço do movimento evangélico brasileiro; no momento que percebi que, como cidadão, formador de opinião, eu poderia dar uma parcela de ajuda, ainda que pequena, aos nossos sonhos e ao povo que sonha como eu; no momento que vi a bancada evangélica ser atingida por crises, como a CPI das ambulâncias... Depois dessa crise, a bancada evangélica foi dizimada, afinal nenhum crente queria se envolver e defender os que possivelmente escandalizaram a Nação. Todavia, no pleito seguinte, de mais de 60 Deputados Federais, nossos representantes caíram para menos de 20, e então sem poder de voto Projetos de Lei como o PL 122 passaram facilmente pela Câmara Federal, e já tramitam no Senado. Ou seja, deixamos de eleger crentes fortes pra elegermos macumbeiros fortes! Isso me revoltou. Em novembro, quando estourou o último escândalo em Brasília, mais uma vez a mídia quis mostrar que entre os culpados havia um evangélico. Foram dezenas os acusados, mas só sabemos a religião de um evangélico. A mensagem subliminar era para minar a mente do povo evangélico a não votarem nos seus irmãos. Por isso resolvi me tornar um político.¹³⁸

Além destes personagens, muitos outros políticos se posicionam na mídia justificando a participação política por meio de aspectos teológicos e escatológicos,

¹³⁷ Entrevista concedida pelo deputado João Campos. PROJETO TEMÁTICO – FAPESP – nº do processo 12/50987-3.

¹³⁸ Disponível em: <https://noticias.gospelprime.com.br/entrevista-exclusiva-candidato-deputado-federal-pastor-marco-feliciano/>. Acesso em 31/05/2018.

como, por exemplo, o senador Magno Malta (PR/ES) e, com grande destaque, no ano de 2018, o deputado Cabo Daciolo (Patriotas/RJ), também candidato à Presidência da República.

Nestes discursos, percebemos nitidamente elementos religiosos que motivaram a candidatura dos deputados. No caso de João Campos, a divindade deveria convencê-lo a candidatar-se ao dizer: “eu e minha esposa orávamos, e dizíamos: ‘Senhor, se tu tem esse propósito disso, na minha vida, coloca no meu coração, coloca no nosso coração [...]’¹³⁹” (sic.) e para Marco Feliciano foi o preconceito contra os evangélicos que determinou sua candidatura: “No momento em que percebi a dificuldade de pertencer a um grupo contra o qual se conspira e que sofre preconceitos grosseiros”. Magno Malta ainda afirma que “Para quem acha que crente não sabe, crente não pode, que acha que crente não sabe falar a não ser das coisas deles, o diabo se enganou plenamente, porque Deus me deu a graça de servir este país.”¹⁴⁰ e o deputado Cabo Daciolo relata: “Digo sim à família tradicional brasileira, ao patriotismo, ao nacionalismo, ao civismo e ao compromisso com Deus.”¹⁴¹. Diante do exposto, não há dúvidas do elemento religioso como símbolo de uma “chancela divina” para tais candidaturas.

Além do discurso religioso, o apelo por ética na política passou a ser algo recorrente nas igrejas evangélicas (ORO, 2006), portanto, para estes, a participação de líderes evangélicos seria uma forma de “purificar” a política brasileira. Diante destas demandas e motivações, a Bancada Evangélica atuou de forma descentralizada, por muitas vezes, apenas utilizando os espaços públicos para realizar cultos e os tornando uma “confraria de irmãos”, com certo esvaziamento do debate político (DANTAS, 2011).

Foi durante os governos do Partido dos Trabalhadores, principalmente no governo Dilma Rousseff, e com a proposição de pautas progressistas, abordadas mais adiante, que a FPE ganhou destaque novamente e passou a atuar de forma reativa. A promoção da diversidade por meio de garantias jurídicas e políticas públicas, contidas nos discursos progressistas, acabaram por pressionar os próprios discursos conservadores, uma vez que estes são opostos ao progressismo moral, constituindo, entre si, uma relação dialética (BOBBIO, 1994). O ano de 2015 foi marcado por estes conflitos, principalmente em

¹³⁹ Entrevista concedida pelo deputado João Campos. PROJETO TEMÁTICO – FAPESP – nº do processo 12/50987-3.

¹⁴⁰ Transcrição de vídeo transmitido pela Igreja Batista da Lagoinha disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GyP_q6V8L68. Acesso em 31/05/2018.

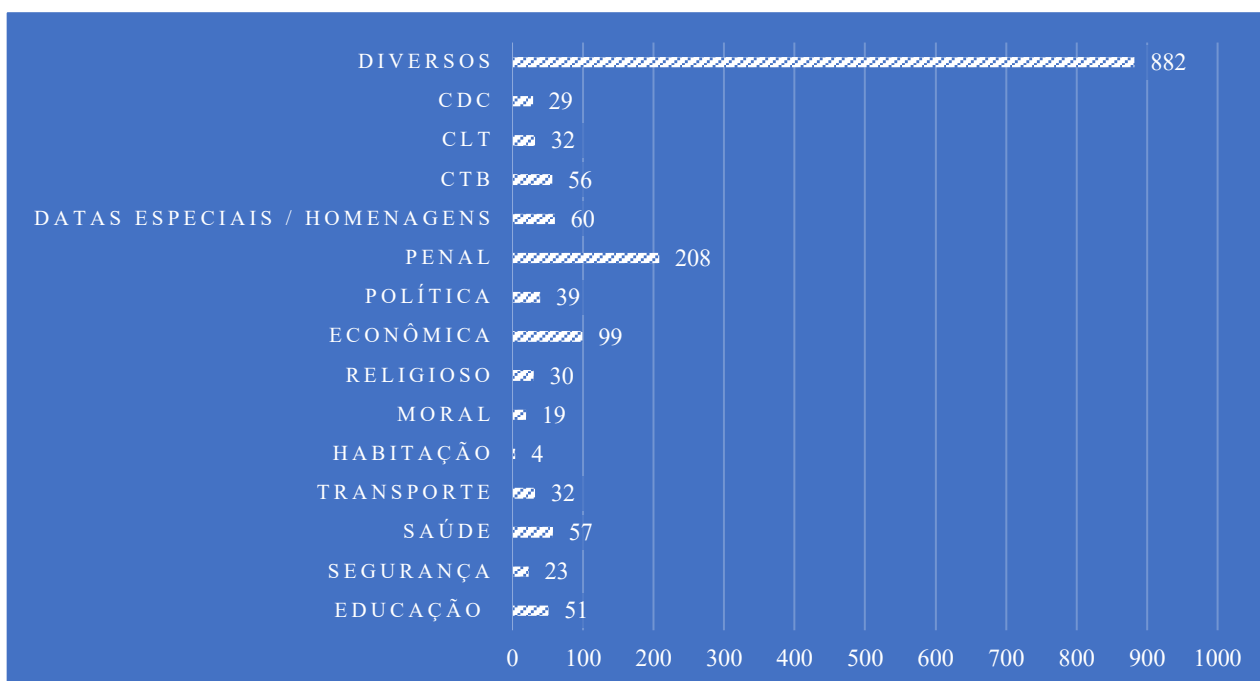
¹⁴¹ Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-08/cabo-daciolo-e-oficializado-candidato-presidencia-pelo-patriota>. Acesso em 31/05/2018.

oposição à reeleição de Dilma Rousseff. Os antigos temores das lideranças evangélicas sobre questões como aborto, homoafetividade, drogas e comunismo, presentes desde a Constituinte (PRANDI; SANTOS, 2015), retornaram neste período, promovendo posições reacionárias ao Governo em vigência e as portarias dos ministérios ligados ao Executivo. Diante deste cenário, nosso intuito foi investigar quais foram os projetos apresentados por parlamentares evangélicos entre janeiro de 2015 até março de 2018.

3.3) Atividade parlamentar da FPE

Para compreendermos a dinâmica da FPE e sua real atuação na Câmara Federal, analisamos todos os Projetos de Lei (PL) e as Propostas de Emenda Constitucional (PEC) protocoladas por 74 parlamentares evangélicos signatários da FPE entre janeiro de 2015 até março de 2018. Ao todo, foram 1.548 PLs e 64 PECs. A seguir apresentamos a divisão dos projetos e das propostas por área de atuação¹⁴²:

Gráfico 18 PL e PEC por área



FONTE: O autor (2019)

¹⁴² Nosso critério para categorização foi o número de propostas com a mesma temática (acima de 10 propostas). Além disso, incluímos categorias que contemplam os direitos fundamentais, independentemente da quantidade de propostas, que são habitação, transporte e saúde. As siglas presentes no gráfico acima são: CDC (Código de Defesa do Consumidor), CTB (Código de Trânsito Brasileiro) e CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas).

É importante destacar que apenas um projeto pode ser contabilizado duas vezes no gráfico ilustrado. Por exemplo: O PL 8150/2017, que criminaliza ofensa ao cristianismo, foi contabilizado como proposta penal e religiosa.

Dentre estes projetos, destacam-se em maior quantidade os de caráter difuso (diversos), que podem contemplar regras no comércio, alterações no Código Civil, regulamentação de profissões, homenagens *etc.* Ao todo foram 882 projetos de autoria da FPE com caráter difuso. Em segundo lugar, 208 propostas na área do sistema penal, propondo aumento de penas, alterações no processo penal e tipificação de crimes. Em terceiro lugar, 99 propostas na área fiscal e econômica, propondo isenções tributárias em algumas situações e novos elementos para dedução no imposto de renda. Portanto, podemos afirmar que as propostas dos evangélicos pertencentes à FPE não são em sua maioria ligadas a questões morais ou religiosas. Em uma análise mais detalhada sobre os PLs e PECs de caráter penal e econômico, identificamos um posicionamento punitivista na área penal e liberal na área econômica, com aumento de penas e redução de impostos. Encontramos poucos, mas não são minorias, os projetos com aspectos morais e religiosos (49 no total) propostos por este grupo. Também não percebemos grande coesão da FPE na tentativa de promover em conjunto algum destes projetos, uma vez que boa parte deles, nestas categorias, não possuíam múltiplas assinaturas.

Uma vez que a apresentação pormenorizada dos Projetos de Lei de cunho moral e religioso demandaria extensa produção textual, decidimos apresentar apenas os quatro políticos da FPE que mais apresentaram PLs e PECs, além das propostas que mais chamaram a atenção por seu aspecto reacionário.

3.3.1) Perfis em destaque

Abaixo, seguem alguns perfis de destaque entre os que mais apresentaram Projetos de Lei em um único tema. Importante ressaltar também que apenas um projeto pode ser contabilizado duas vezes na tabelas abaixo, assim como ocorre no gráfico anterior. Por exemplo: um PL que criminaliza a ofensa contra o cristianismo contará como PL com proposta penal e religiosa.

Em primeiro lugar temos o deputado Cabo Sabino (AVANTE/CE), membro da igreja Assembleia de Deus, com 160 projetos em forma de PL ou PEC.

Figura 38 Foto deputado Cabo Sabino



FONTE: Portal da Câmara dos Deputados

Tabela 8 Projetos por Área – Deputado Cabo Sabino

Tema	PL/PEC	Objetivos
Educação	0	
Segurança	10	Destaque no texto a seguir
Saúde	3	Transparência em informações
Transporte	8	Acessibilidade em transporte público/gratuidade em voos para idosos
Habitação	0	
Moral/Religioso	2	Criação do dia Nacional do Ecumenismo
Fiscal/Econômico	9	Isenções de imposto e deduções no IR
Política	2	Torna o Voto facultativo
Penal	32	Destaque no texto a seguir
Datas especiais/Homenagens	5	Criação do dia Nacional do Ecumenismo/Datas
Código de Trânsito	7	Destaque no texto a seguir
CLT	3	Fim do imposto sindical/Justiça do Trabalho gratuita
Defesa do Consumidor	1	Informações sobre plano de saúde
Diversos	80	

FONTE: O autor (2019)

As propostas na área de segurança contemplam a blindagem de viaturas, reorganização das polícias, novas formas de vigilância, medidas contra o terrorismo e parceria privada na segurança pública. Na área penal, são propostas de aumento de penas, alterações na execução penal, tipificação de crimes e alterações no Código Penal Militar. As propostas no CTB contemplam alterações e regulamentação do destino do valor arrecadado com multas de trânsito, aumento no número de pontos necessários para suspensão da CNH e sobre bloqueios policiais.

Em segundo lugar, o deputado Francisco Floriano (DEM/RJ), membro da igreja Mundial, com 134 projetos.

Figura 39 Foto deputado Francisco Floriano

FONTE: Portal da Câmara dos Deputados

Tabela 9 Projetos por Área – Deputado Francisco Floriano

Tema	PL/PEC	Objetivos
Educação	8	Destaque no texto a seguir
Segurança	1	UPPs
Saúde	11	Destaque no texto a seguir
Transporte	7	Destaque no texto a seguir
Habitação	0	
Moral/Religioso	0	
Fiscal/Econômico	4	Isenções de IPI
Política	2	Alterações no Código Eleitoral
Penal	26	Destaque no texto a seguir
Datas especiais/Homenagens	3	Homenagens à luta esportiva
Código de Trânsito	1	Altera infrações CTB
CLT	3	Licença Paternidade, Maternidade e Aprendiz
Defesa do Consumidor	4	Alimentos vencidos/Responsabilidade de intermediários de pagamentos
Diversos	61	

FONTE: O autor (2019)

As propostas na área de educação contemplam a disponibilidade de reforço escolar, políticas públicas na área de educação para jovens que vivem em áreas de risco (violência) e sobre a preparação para ingresso no Serviço Público na grade curricular do ensino médio da rede pública de ensino. Na área penal, propõe tipificação de novos crimes, alterações no Código Penal e a criação de mecanismos para coibir a violência doméstica contra mulher.

Em terceiro lugar destacamos o deputado Victório Galli (PSC/MT), membro da igreja Assembleia de Deus e eleito com o maior número de votos na cidade de Cuiabá; concentrou esforços para apresentar suas PLs e PECs nas esferas morais e religiosas. Ao todo foram 83 projetos em forma de PL ou PEC. Abertamente aliado de Jair Bolsonaro, Victório também assinou 6 PDCs na área da moral religiosa.

Figura 40 Foto deputado Victório Galli

Fonte: Portal da Câmara dos Deputados

Tabela 10 Projetos por Área – Deputado Victório Galli

Tema	PL/PEC	Objetivo
Educação	1	Proíbe conteúdo sobre orientação sexual
Segurança	1	Normas de Segurança para bancos
Saúde	1	Sobre planos de saúde
Transporte	4	Uber/Uber e táxi para cadeirantes
Habitação	0	
Moral/Religioso	5	Destaque no texto a seguir
Fiscal/Econômico	6	Isenções de impostos e dedução IR
Política	0	
Penal	10	Destaque no texto a seguir
Datas especiais/Homenagens	3	
Código de Trânsito	5	Destaque no texto a seguir
CLT	1	Sobre o peso de carga por trabalhador
Defesa do Consumidor	0	
Diversos	36	

FONTE: O autor (2019)

Os Projetos de Lei na área da moral religiosa versam sobre o uso de banheiro público, o que gera um entrave com o público LGBT, a questão de gênero e diversidade sexual e, ainda, o conteúdo veiculado na TV para o público infantil. Na área penal, busca criminalizar o uso de drogas, criminalizar o preconceito contra fé cristã, criminalizar a apologia ou elogio ao comunismo, aumentar a pena para crimes contra líderes religiosos e tornar o crime de corrupção hediondo. No CTB propõe habilitação para maiores de 16 anos, maior rigidez para acidentes sob efeito de álcool e sobre a sinalização de trânsito.

Por fim, em quarto lugar, temos o deputado Vinícius Carvalho (PRB/SP), com 63 projetos.

Figura 41 Foto deputado Vinícius Carvalho

Fonte: Portal da Câmara dos Deputados

Tabela 11 Projetos por Área – Deputado Vinícius Carvalho

Tema	PL/PEC	Objetivos
Educação	0	
Segurança	0	
Saúde	1	Direitos básicos de acesso ao SUS
Transporte	0	
Habitação	0	
Moral/Religioso	3	Proíbe união poliafetiva/Susta comissões CNDC/LGBT
Fiscal /Econômico	0	
Política	2	Alterações no fundo partidário/Proibição do uso de logotipo de Governo
Penal	16	Destaque no texto a seguir
Datas especiais/ Homenagens	0	
Código de Trânsito	2	Altera infrações CTB
CLT	0	
Defesa do Consumidor	6	Destaque no texto à seguir
Diversos	32	

FONTE: O autor (2019)

As propostas na área penal contemplam alterações no prazo de prisão preventiva, nova classificação de crimes hediondos, aumento de pena de lesão corporal ou ameaça contra professores e a alteração da Lei Maria da Penha para proteger o homem vítima de violência doméstica. Na área da defesa do consumidor contempla o aumento do prazo de garantia de bens duráveis, obrigatoriedade de reposição de peças a longo prazo e o estoque mínimo de produtos para troca imediata de produtos com defeitos.

Embora o próximo caso não faça parte do recorte inicialmente estabelecido, consideramos importante apresentar um demonstrativo consolidado dos seus projetos, por ser um dos deputados da FPE com maior destaque midiático. Pastor Marco Feliciano

(PSC/SP) e (PODE/SP)¹⁴³ é pastor da Catedral do Avivamento, localizada em Orllândia/SP e um dos principais articuladores e ativistas da FPE.

Figura 42 Foto deputado Marco Feliciano



Fonte: Portal da Câmara dos Deputados

Tabela 12 Projetos por Área – Deputado Marco Feliciano

Tema	PL/PEC	Objetivos
Educação	3	Novas disciplinas (ética/finanças)/Suspensão de temas (gênero)
Segurança	1	Equipamentos para viaturas
Saúde	0	
Transporte	0	
Habitação	0	
Moral/Religioso	4	Criação do dia antiaborto/Sobre classificação etária em exposições
Econômica	0	
Política	0	
Penal	3	Destaque no texto a seguir
Datas especiais/Homenagens	3	Criação do dia antiaborto/Homenagem a cidade Sales de Oliveira/Dia Nacional do Albino.
Código de Trânsito	0	
CLT	0	
Defesa do Consumidor	0	
Diversos	10	

FONTE: O autor (2019)

Sobre o PL de classificação etária, trata-se do projeto 3236/2015, reflexo a partir da exposição *Queermuseu* promovida pelo Banco Santander¹⁴⁴. O PL recebeu a seguinte

¹⁴³ A partir de 2018 filiou-se ao partido político Podemos.

¹⁴⁴ A *Queermuseu* foi uma exposição com 223 obras de 84 artistas, como Adriana Varejão, Volpi, Lygia Clark e Leonilson. Com pinturas que remetem ao sentido de não se encaixar nos padrões tradicionais de sexualidade, a exposição ocorreu no mês de agosto de 2017, mas gerou enorme debate devido algumas obras consideradas como ofensivas ao cristianismo (Quadro de Fernando Baril) e que poderiam estimular a homoafetividade em crianças como a obra da artista Bia Leite. A palavra *queer* na língua inglesa significa estranho e era usada pejorativamente para se referir a homossexuais. Contudo tal palavra foi reivindicada por movimentos LGBT ao decorrer do tempo.

justificativa: “Justifica-se, assim, a propositura deste projeto de lei que tem por escopo reagir de forma mais contundente para coibir a proliferação da ideologia de gênero”. Marco Feliciano assinou todas as 7 PDCs que sustentam decretos favoráveis ao público LGBT.

3.3.2) Leis em destaque

Durante esta análise, algumas propostas de leis chamaram-nos a atenção pelo seu caráter reacionário. Por isso destacaremos, dentre estas, algumas apresentadas pela FPE e que melhor representaram a linha de pensamento do neofundamentalismo no Brasil.

3.3.2.1) Em defesa do Homem

Proposta pelo Deputado Vinicius Carvalho (PRB/SP), membro da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), o PL 2030/2015 propõe alterar a Lei Maria da Penha para aplicar as condutas descritas na referida lei também ao homem, quando ele, comprovadamente, sofrer violência doméstica por parte da mulher. O mesmo deputado também propôs o PL 2577/2015, que tipifica a conduta da mulher ao imputar fato ilícito a seu companheiro com a finalidade de obter privilégio na ação da guarda de menores. São projetos que destoam da realidade, uma vez que o feminicídio é algo evidenciado (MENEGHEL; PORTELLA, 2017) e pouco manifestado em sentido contrário. O deputado também propõe projeto que busca proibir o reconhecimento da “União Poliafetiva” formada por mais de um convivente, alterando-se, então, a Lei da União Estável de 1996.

3.3.2.2) Lei do Banheiro

O deputado Victório Galli (PSC/MT), membro da Igreja Assembleia de Deus, por duas vezes propõe, PLS 5686 e 5774 de 2016, a inclusão da prática do uso de banheiro do sexo distinto nas leis de contravenções penais. Mesma proposta do deputado Sóstenes Cavalcante (DEM/RJ), membro da Igreja Assembleia de Deus, por meio do PL 9742/2018. Estes três projetos buscam limitar o uso de banheiros públicos por pessoas

LGBTs de acordo com o gênero com o qual se identificam, uma vez que este debate ganhou força nos últimos anos, inclusive, levando a um caso no STF em 2015¹⁴⁵.

3.3.2.3) Em Defesa da Igreja

Nos itens citados, notamos leis que nitidamente buscam beneficiar as instituições religiosas em sua constituição e permanência. Novamente o deputado Victório Galli destaca-se na proposição de leis com estes aspectos. Ao todo, foram quatro PLs com esse intuito, conforme podemos observar:

Tabela 13 Projetos de Lei que favorecem instituições religiosas evangélicas

PL	Ano	Texto
468	2015	Isenta as igrejas evangélicas e católicas e os templos de qualquer culto da cobrança de impostos sobre as contas de água, luz, telefone e combustíveis.
5662	2016	Inexigibilidade de Alvará de Funcionamento para templos religiosos de qualquer natureza.
4879	2016	Qualifica o homicídio cometido contra líderes eclesiais cristãos, em decorrência do ministério evangelístico, ou em razão dele, bem como incluir o referido delito no rol dos crimes hediondos.
8150	2017	Penaliza qualquer forma ideológica de discriminação ou preconceito à crença cristã no Brasil.

FONTE: O autor (2019)

Além destes projetos, encontramos o PL 6518/2016, apresentado pelo deputado Antônio Bulhões (PRB/SP), membro da IURD, que propõe alterar a Lei 10.098/2000 cuja determinação é sobre a acessibilidade de pessoas com deficiência física e dificuldades na locomoção em mobiliários urbanos e espaços públicos. Conforme o teor do PL, “O projeto de lei em comento objetiva excluir, dessas obrigações, os altares de templos religiosos. Destacamos que, em alguns templos, os altares são ou foram construídos tendo como base réplicas de templos antigos, alguns milenares, já não mais existentes”¹⁴⁶. Nitidamente, percebemos que a intenção deste PL é isentar templos religiosos de adequarem-se à Lei de Acessibilidade, fazendo alusão ao templo de Salomão da IURD, inaugurado em 2014. Por fim, o deputado Jorge Tadeu Madulen (DEM/SP), membro da igreja Internacional da Graça, propõe por meio do PL 1111/2015 isentar as organizações

¹⁴⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/11/relator-no-stf-vota-favor-do-uso-de-banheiro-feminino-por-transexual.html>. Acesso em 09/09/2018.

¹⁴⁶ Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2117723>. Acesso em 09/09/2018.

religiosas da obrigatoriedade do recolhimento de taxa de direito autoral pela execução de música em eventos religiosos. O projeto é apresentado em um período de grande discussão sobre o ECAD (órgão responsável pelo recolhimento e distribuição dos direitos autorais).

Estes são projetos nitidamente de interesse religioso-institucional e não religioso-teológico, promovendo certos benefícios às instituições, como a isenção de impostos, cobranças de taxas e de regras de mobilidade. Foram esses alguns dos Projetos de Lei que mais nos chamaram atenção, pois boa parte deles são reflexos da conjuntura do país.

2.5.2.3) Os decretos legislativos

Foram nos Decretos Legislativos (PDC) que identificamos maior coesão da FPE. Como os PDCs são atos normativos primários, dispõem de força de lei e submetem-se à fiscalização da inconstitucionalidade (CALISSI, 2010). É um documento exclusivo do Legislativo, que tem como objetivo iniciar o processo de criação de um Decreto Legislativo ou de alteração de um decreto existente, incluindo sustar decretos e portarias do Executivo. Ao todo, foram quatorze PDCs apresentados pela FPE e, a seguir, apresentamos nove PDCs assinados individualmente:

Tabela 14 Projetos de Lei que buscam sustar resoluções favoráveis ao público LGBT

PDC	Ano	Deputado	Texto
16	2015	MARCO FELICIANO	Susta a aplicação da Resolução n.º 12, de 16 de janeiro de 2015, da Secretaria de Direitos Humanos, da Presidência da República, que estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais - e todas aquelas que tenham sua <u>identidade de gênero</u> não reconhecida em diferentes espaços sociais - nos sistemas e instituições de ensino, formulando orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização.
17	2015	MARCO FELICIANO	Susta a aplicação da Resolução n.º 11, de 18 de dezembro de 2014, da Secretaria de Direitos Humanos, da Presidência da República, que estabelece os parâmetros para a inclusão dos itens “orientação sexual”, “ <u>identidade de gênero</u> ” e “nome social” nos boletins de ocorrência emitidos pelas autoridades policiais no Brasil.
18	2015	JAIR BOLSONARO	Ficam sustados os efeitos do inteiro teor das Resoluções n.º 11, de 18 de dezembro de 2014, e n.º 12, de 16 de janeiro de 2015, do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e <u>Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais</u> - CNCD/LGBT, da Secretaria de Direitos Humanos, ambas publicadas na Seção 1 do Diário Oficial da União n.º 48, de 12 de março de 2015.
26	2015	EZEQUIEL TEIXEIRA	Susta a aplicação da Resolução n.º 12 de 16 de janeiro de 2015, do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e <u>Promoções dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais</u> e dá outras providências

40	2015	PROFESSOR VICTÓRIO GALLI	Susta a aplicação da Resolução n.º 12, de 16 de janeiro de 2015, da Secretaria de Direitos Humanos, da Presidência da República, que estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de <u>peessoas travestis e transexuais</u> - e todas aquelas que tenham sua <u>identidade de gênero</u> não reconhecida em diferentes espaços sociais - nos sistemas e instituições de ensino, formulando orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização
61	2015	SILAS CÂMARA	Susta os efeitos das Portarias n.º 11, de 18 de dezembro de 2014 e n.º 12 de 16 de janeiro de 2015, do Conselho Nacional de Combate de Combate a Discriminação e <u>Promoções dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais</u> - CNCD/LGBT - da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.
213	2015	PROFESSOR VICTÓRIO GALLI	Susta a Portaria n.º 916, de 9 de setembro de 2015 do Gabinete do Ministro do Ministério da Educação. Explicação: <u>susta a Portaria que institui Comitê de Gênero</u> , de caráter consultivo, no âmbito do Ministério da Educação.
235	2015	MARCO FELICIANO	Susta a aplicação da Portaria n.º 94 de 30 de setembro de 2015, do Ministério da Cultura, que cria o <u>Comitê Técnico de Cultura de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis(LGBT)</u> , no âmbito do Ministério da Cultura.
539	2016	PASTOR EURICO	Susta os efeitos da Resolução n.º 01, de 22 de março de 1999, editada pelo Conselho Federal de Psicologia - CFP. Explicação: susta a Resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) que estabelece normas de atuação para psicólogos em relação à questão de orientação sexual.
639	2017	PROFESSOR VICTÓRIO GALLI	Susta a Resolução n.º 175, de 14 de maio de 2013, do Conselho Nacional de Justiça, que dispõe sobre a habilitação, <u>celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo</u> .

FONTE: O autor (2019)

Nestes projetos já percebemos um movimento reacionário indo de encontro ao movimento LGBT. Mas, como podemos notar, estas propostas não afetam apenas este movimento. Muitos dos direitos a serem tolhidos estão no âmbito das pessoas com orientação sexual e de identidade de gênero que fogem ao considerado correto e normal. Além disso, ainda que essa população seja a mais afetada, podemos afirmar, que as consequências desses processos de desumanização afetam a sociedade como um todo e não apenas uma ou outra minoria social, pois todos esses decretos tinham como objetivo sustar resoluções e portarias que garantiriam direitos estavam garantidos às pessoas LGBTs. Abaixo podemos observar os PDCs que possuem múltiplas assinaturas e que demonstram os momentos de coesão e articulação da FPE, no mesmo sentido das PDCs apresentadas anteriormente:

Tabela 15 Decretos Legislativos que buscam sustar resoluções favoráveis ao público LGBT

PDC	Ano	Signatários	Texto
30	2015	27 deputados	Susta a Resolução nº 12, de 16 de janeiro de 2015, do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoções dos Direitos de Lésbicas, Gays, Travestis e Transexuais - CNDC/LGBT, que "Estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais - e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais - nos sistemas e instituições de ensino, formulando orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização."
122	2015	15 deputados	Para sustar os efeitos da inclusão da ideologia de gênero no Documento Final do Conae- 2014, assinado e apresentado pelo Fórum Nacional de Educação.
214	2015	22 deputados	Susta a Portaria nº 916, de 9 de setembro de 2015, do Ministério da Educação, que "Institui Comitê de Gênero, de caráter consultivo, no âmbito do Ministério da Educação".
395	2016	15 deputados	Susta o Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016, que "Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional."

FONTE: O autor (2019)

O PDC 30/2015, que garante o uso do nome social em instituições de ensino, concentrou maiores números de assinaturas entre todas as propostas da FPE. Projeto proposto dois meses após à resolução que garantia esse direito. No mesmo ano, o projeto foi recebido pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) e ainda aguarda um parecer da Comissão.

3.4) O Discurso e a Justificativa

De acordo com Bobbio (2000), a diferença fundamental entre o religioso e o revolucionário é que o religioso visa à transformação da sociedade por meio da renovação do homem, enquanto o revolucionário visa a transformação do homem por meio da renovação da sociedade. Neste mesmo sentido, partimos do pressuposto que o neofundamentalismo acredita que a mudança da sociedade depende do indivíduo, mas este deve transformar-se primeiramente na esfera moral. Os grupos neoconservadores e neofundamentalistas defendem a ideia que a moralidade é o principal ponto da decadência humana e dos problemas sociais. Pautados em uma *realidade máxima* (CROATTO, 2010) a defesa da moralidade, por meio da política dos costumes, passa a ser uma defesa da própria igreja. Neste sentido, a FPE busca intermediar a fé tradicional e o messianismo político (GIRARDET, 1987) na pessoa do político-profeta (PREUSS, 2015), oferecendo caminhos na promessa de restaurar a autonomia perdida e concluir a esperança de um povo (In: WEBER, 1991; PEREIRA, 1976). Os messias (profetas) políticos operam um discurso maniqueísta nas duplicidades do bem e mal, esperança e medo, que não ***se

apresentam de forma transcendental, mas que se materializam na denominação de um inimigo em comum, como os movimentos LGBTs, considerados destruidores da família tradicional. Embora esse último seja apenas uma construção ideológica, segundo o IBGE (2015) 1 milhão de famílias, no Brasil, são formadas por mães solteiras em um período de dez anos. Com a espetacularização desta luta simbólica, cria-se um comportamento hipnótico (DEBORD, 1997), que desperta motivações desconexas com a realidade dos fatos e da lei. É o caso da interpretação equivocada sobre a Lei Maria da Penha e a lei sobre o uso do nome social que apresentamos aqui. O discurso da FPE une o pensamento político, religioso e ideológico e não explica ou descreve as realidades sobre as demandas dos movimentos LGBTs fazerem parte de sua sustentação como ideologia, pois, se assim o fizessem, a própria ideologia da FPE se autodestruiria, pois:

O discurso ideológico se sustenta, justamente, porque não pode dizer até o fim aquilo que pretende dizer. Se o disser, se preencher todas as lacunas, ele se autodestrói como ideologia. A força do discurso ideológico provém de uma lógica que poderíamos chamar de lógica da lacuna, lógica do branco. (CHAUÍ, 1981, p. 22)

Uma das ideologias que identificamos por meio deste estudo é a de que os movimentos LGBTs são um perigo para nossa sociedade. Evidentemente, este discurso evidencia-se na mídia e nos pronunciamentos de algumas lideranças neofundamentalistas, descritos por Maranhão (2015) em seu artigo *É pra baixar o porrete*, iniciado com a frase do Pastor Everaldo. Para exemplificar um destes discursos, podemos citar uma postagem do *Twitter* do Pastor Silas Malafaia, de setembro de 2014, onde ele afirma: “O ativismo gay quer acabar com a comemoração do dia dos pais e das mães nas escolas. O maior financiador deles é o gov dilma, vergonha [sic.]”¹⁴⁷

Para o público, tal sensação de perigo criada por esta ideologia faz parte também da elaboração de uma cultura do medo que já abordamos anteriormente. Retomando a afirmação de Glassner (2003), como os medos geralmente estão concentrados em fatos que não deveriam provocar o medo, do mesmo modo cria-se um temor sobre aquilo que é apenas uma demanda social sem prejuízo efetivo sobre os direitos fundamentais do outro. Contudo, quando o medo se instala, favorece diversos jogos de interesses em muitos setores, tornando-se uma estratégia de poder para um grupo que deseja ser

¹⁴⁷ Disponível em: <https://twitter.com/pastormalafaia/status/510442698483175424>. Acesso em 08/09/2018.

dominante. De fato, compreendemos que “O medo torna o governante, a pretexto de proteger seus súditos de ameaças externas ou internas, absoluto em seu poder.” (KEHL, 2007, p.95). Ao falarmos sobre alguns personagens da FPE, percebemos que estes medos são interpretações de uma realidade articulada com o sagrado, com fantasias e inseguranças. E, portanto, a insegurança e o discurso escatológico fazem parte das estratégias de ação de alguns membros da Bancada materializando-se em projetos no Legislativo, com a intenção de defender os bons costumes e a família, mas, que na verdade, limitam-se à defesa de uma fé. O que foi exposto no capítulo dois, sobre a cultura do medo e os aspectos escatológicos do neopentecostalismo, apoiam e fundamentam de maneira abstrata as articulações da FPE e a justificativa dos seus projetos.

Essa tática da FPE não é algo novo, uma vez que a Legislatura de 2003 a 2007 foi notícia nos principais jornais, especialmente porque muitos dos seus integrantes dedicaram-se à “guerra” contra o “movimento *gay*” (DANTAS, 2011), impedindo a aprovação de projetos de lei como a regulamentação da união civil entre pessoas do mesmo sexo. Percebe-se que a atuação da Bancada Evangélica está direcionada à pequena política do discurso anticorrupção e antigays (DEMIER, 2016). Observamos que o discurso político da Bancada Evangélica é atravessado pelo imaginário da tradição que, conforme Charaudeau (2006 *apud* Dantas 2011), é uma reivindicação ao retorno das origens e a manutenção do *status quo*. Diante disso, percebemos que a atuação destas lideranças é próxima ao que Bourdieu (1996) chamava de profissionais da produção simbólica, que se enfrentam em lutas com objetivo de impor os princípios considerados legítimos de visão e de divisão do mundo natural e do mundo social.

Nos últimos anos foram experimentados muitos avanços em tornos dos direitos das mulheres e da população LGBT. Isso ocorreu, em especial, a partir dos governos do Partido dos Trabalhadores, com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2002-2010) e a presidenta Dilma Rousseff (2011-2016). Neste período, foram criadas secretarias de Direitos Humanos e Minorias e de Políticas para Mulheres. Diversos direitos foram conquistados pela população LGBT, como por exemplo: a adoção de crianças por casais do mesmo sexo; o uso do nome social (nome pelo qual travestis e transexuais querem ser chamados); a inclusão do companheiro ou companheira na declaração do Imposto de Renda e o recebimento de pensão do INSS (CUNHA, 2017). Contudo, conforme já exploramos, existe uma incompreensão, proposital ou não, por parte dos neoconservadores e neofundamentalistas sobre esses direitos. Conforme comenta Peierucci (1990), mesmo após mais de 200 anos da Declaração dos Direitos Humanos, o

discurso de igualdade e justiça social, seja ela por meio revolucionário ou por meio da lei, provoca o discurso reacionário de acusação e vozes ferozes.

Evidentemente que a política não é um espaço pleno de debates racionais. Elementos irracionais estão presentes em todo o campo político, por isso, há de existir uma disputa de valores (MIGUEL, 2004, p. 403). Porém, percebemos que a FPE, embora possua projetos em outras áreas como saúde e habitação, foca-se no discurso do senso comum, na política de corredor e na elaboração de intrigas. Ao contrário da grande política, que de acordo com Gramsci (2000) se preocupa com as estruturas sociais vigentes, a FPE atua na pequena política, que compreende as questões parciais e cotidianas que se apresentam no interior de uma estrutura já vigente em decorrência de lutas pela predominância entre os diversos atores de uma mesma classe política.

Por isso, podemos dizer que a dualidade e o debate, elementos fundamentais para o processo decisório, passaram a contemplar a pequena política, envolvendo a moralidade do cidadão e deixando de lado questões estruturais. O neofundamentalismo acentua a alteração do debate político e promove o que chamamos da luta do bem contra o mal.

O que está acontecendo na atualidade não é a desapareção do político em sua dimensão conflitual, mas algo diferente. O que ocorre é que atualmente o político se expressa num registro moral. Em outras palavras, ainda consiste numa relação de diferença do tipo nós/eles, mas esta relação, ao invés de ser definida mediante as categorias políticas, se estabelece agora em termos morais. No lugar de uma luta entre “esquerda e direita” nós enfrentamos uma luta entre “bem e mal”. (MOUFFE, *apud* BRUNATELLI; LAHUERDA, 2014, pp. 67-68)

Uma das características marcantes no neofundamentalismo brasileiro é que esta luta é promovida não somente na política institucional, pois ela passou a estar presente em diversas esferas da vida pública. Com isso, o campo de batalha deste movimento é amplo no mesmo sentido. As articulações religiosas intraeclesiais, que se limitavam ao púlpito e parlamento, também passaram a ser realizadas no ambiente secular e, ainda, a inserção da religião na mídia contribuíram consideravelmente para que isso acontecesse. Portanto, compreender a relação da FPE com a mídia nos permitirá compreender como esses personagens religiosos apresentam-se aos crentes e aos não crentes que os seguem, e como conquistam a simpatia destes.

4) A PRESENÇA DO NEOFUNDAMENTALISMO NA MÍDIA

Os estudos sobre mídia e religião se iniciaram na década de 60 e ganharam maior destaque após o ano 2000 (MARTINO, 2016). Os estudos sobre religião e mídia demandam, sobretudo, um empreendimento interdisciplinar. Nos últimos quinze anos, as pesquisas em religião e mídia têm reunido estudiosos de diversas disciplinas, incluindo, mas não se limitando a algumas delas, como: antropologia, história da arte, ciências da religião e comunicação. Todas com objetivo de comparar e discutir o lugar ocupado pela religião e sua reorganização sobre o seu espaço em todo o mundo (STOLOW, 2014).

Tabela 16 Estudos sobre religião e mídia

Perspectiva	Recorte Teórico	Objeto de Estudo	Conceito de Mídia	Conceito de Religião	Autores
Estudos Sociológicos	Sociologia da religião	Instituições religiosas	Instrumental	Marxista Weberiano	Antonio Gouvêa Mendonça Ricardo Mariano
Comunicação de Massa	Sociologia Teoria crítica	Denominações específicas, religiosidades	Indústria cultural	Religiões, religiosidades populares	Assman; Ortiz;
Ambiente Midiático	Teoria da comunicação Teoria crítica	Inserções entre mídia(s) e religiões	Indústria cultural Ambiente midiático	Institucional Religiões organizadas	Martino; Magali Cunha; Leonildo Campos; Maria Cristina Gobbi
Mídias Digitais/Mediatização da Sociedade	Dispositivos Mediatização Teorias da imagem	Denominações específicas, religiosidades	Processos interacionais, dispositivos técnicos	Institucional Religiosidades	Jorge Miklos; Fausto Neto; Gasparetto; Hjarvard

FONTE: MARTINO (2016, p.26). Adaptado pelo autor.

Esses estudiosos da temática entre religião e mídia forneceram contribuições consideráveis para a crítica da teoria da secularização (STOLOW, 2014), pois demonstram as novas formas de religião inseridas na sociedade do espetáculo e nos meios de comunicação.

Com o avanço das tecnologias contemporâneas de comunicação, com o novo modo de produção, com as diversas ferramentas de *marketing* e com o entretenimento midiático, a sociedade contemporânea contempla diariamente o fenômeno da espetacularização. E por espetáculo partimos da definição de Guy Debord: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediadas por imagens.” (DEBORD, 1997, p. 14). O espetáculo ultrapassa uma simples representação

e passa a gerar novas formas de relações sociais e de visões da realidade. Por este motivo, diversas instituições passaram a utilizar a espetacularização como forma de convencimento, seja para consumo ou para difusão de uma forma de pensamento, sendo assim, a religião também se apropriou destes meios para levar sua mensagem. Ao contrário do previsto na era moderna sobre o fim da religião, hoje fala-se sobre o retorno da mesma ao debate público e sobre a sua aparição de maneiras particulares (STOLOW; BOUTROS, 2015), inclusive sua presença na mídia.

Embora fosse mais marcante a presença evangélica no espaço público após a *Constituinte* (1988), antes disso, os evangélicos estavam presentes no espaço público através da mídia radiofônica (1940, Igreja Adventista dos Santos dos Últimos Dias) e, depois, televisiva (1960, Igreja Adventista dos Santos dos Últimos Dias), já disputando espaço com os católicos. De acordo com Campos (2008), há alguns exemplos de sucesso comunicativo neste período. Como, por exemplo, nos anos 1950, surgiu a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo com o seu programa *A voz do Brasil para Cristo*, dirigido por Manoel de Mello. Em 1962, a Igreja pentecostal Deus é Amor, dirigida pelo missionário David M. Miranda, lança o programa radiofônico chamado *A voz da libertação*, ainda ativo nos dias atuais. Também no início dos anos 1960, no Rio de Janeiro, foi fundada a Igreja Pentecostal de Nova Vida (1961), pelo canadense Walter Robert McAlister (1931–1993). Segundo Campos (2008), a organização dessa nova igreja deu-se após o sucesso do programa *A voz da nova vida* nas rádios Copacabana, Mayrink Veiga e Guanabara. Até a década de 1980 eram os pastores estadunidenses os mais populares entre o público evangélico nacional (VITAL; LOPES, 2012).

Foi nesse cenário, em especial no Brasil pós-1980, que pentecostais começaram a se fazer presentes na mídia com mais frequência. Primeiro, comprando espaços nas emissoras de rádio; depois, comprando horários nas madrugadas das emissoras de televisão, em períodos considerados “horas mortas”. Depois dessa presença tímida nas “madrugadas com Deus” veio a compra de emissoras e a ocupação de horários nobres. Por isso é fácil compreender a euforia que a ocupação de um horário nobre na *TV Bandeirantes* causou no Missionário Romildo Ribeiro Soares. A Universal também ocupa tempo no horário nobre na *TV Gazeta* de São Paulo (CAMPOS, 2008, p. 13).

Inspirados em Billy Graham surge, no Brasil, na década de 80, alguns televangelistas com programas de destaque, como, por exemplo: Silas Malafaia, em 1982 (FONTELES, 2010); Carlos Apolinário, em 1990, e já na vida política desde o ano de 1982, como deputado pelo Estado de São Paulo e, por fim, Valnice Milhomens, em 1994.

Estes tele-evangelistas já atraíam grande público no país, no entanto, os discursos veiculados estavam focados no proselitismo e ainda presos à mensagem da cruz. Mais tardiamente, o catolicismo brasileiro também se inseriu na forma midiática de transmissão da fé cristã. Na década de 90, surgem as emissoras *Canção Nova*, *Rede Vida* e *TV Aparecida* (MARTINO, 2016). Período também do surgimento dos padres cantores, como Marcelo Rossi na década de 90 e Fábio de Melo em 2005.

Além do catolicismo adentrando a lógica midiática na década de 90, é neste período que, como já informamos, cresce mais aceleradamente o movimento neopentecostal. Na medida em que o pentecostalismo se expandia pelas camadas pobres, urbanas, operárias e menos escolarizadas, foi incorporando também a oralidade, a literalidade e a visualidade qualidades estas próprias dos meios de comunicação de massa. Por exemplo, na televisão estão à venda tanto livros dos tele-evangelistas quanto seus CDs ou DVDs; um dos livros de Edir Macedo de combate aos cultos afro-brasileiros vendeu mais de três milhões de exemplares (CAMPOS, 2008, p. 10).

Atualmente, algumas igrejas evangélicas dispõem de grande aparato midiático: canais de TV, horários em outros canais, editoras, gravadoras, filmes, *etc.* Além disso, promovem *shows* evangélicos que são grandes espetáculos e centros de experiências religiosas. Como toda instituição – produtiva ou financeira – que busca o lucro, depende de uma boa campanha de *marketing*, e isso não é diferente nas religiões evangélicas, que se imbricaram nas novas tecnologias para promover o seu proselitismo, maximizar sua *membresia* e sua arrecadação de receitas. Como exemplo disso, há vários pastores tele-evangelistas em diversos horários e canais no Brasil, dos quais podemos destacar os pastores Silas Malafaia, Valdemiro Santiago e R. R Soares. Todos partem do mesmo ponto: a utilização do espetáculo para o proselitismo e para promover campanhas de arrecadação para a manutenção da instituição religiosa.

Tabela 17 Inserção de igrejas evangélica na mídia por meio de emissoras próprias e filiadas

Rede ou Emissora	Emissoras próprias	Emissoras afiliadas	Repetidoras ou retransmissoras	Data de fundação	Observações
Rede Record de Televisão (IURD)	12	82	Não anotadas	1953	Transmite via satélite – Record Internacional 9 canais exclusivos

Rede Família (IURD)	03		66		Canal com programação religiosa
Record News (IURD)	24	101	167	2007	Canal de notícias laico
RIT - Rede Internacional de Televisão (Internacional da Graça) – IIGD	08	01	170	1999	Transmite pelo satélite HotBird 8
Rede Boas Novas (Assembleia de Deus)	03		82	1993	Cobre 100 cidades, inclusive grande parte da Amazônia
Rede Gospel (Igreja Renascer)	01		03	1996	Via Satélite NSS 806 (rede de rádio com 53 emissoras)
Rede Gênesis de TV (Sara Nossa Terra)	08	175	09	1997	TV a cabo (175) UHF e VHR
Enlace Juvenil (ligada a um grupo pentecostal da Costa Rica), de Belo Horizonte.	01			2007	Canal 57 UHF
TV Setorial (Sistema Adventista de Comunicação), de Pindamonhangaba	02			1990 (como TV Educativa)	2006 se torna parte do S.A.C.
TV Novo Tempo (Sistema Adventista de Comunicação)	01			1996	Canal 141 na Sky
Rede Super de Televisão (Batista da Lagoinha)	01			2002	Transmite via parabólica, pelo satélite B-3

FONTE: CAMPOS (2008, p.16-17)

O uso da televisão e das imagens também alterou fortemente as relações da religião com o mundo e o seu público. Giovanni Sartori (2001), em sua obra *Homos Videns*, abordou a transição da forma de linguagem da sociedade, pois as imagens voltaram a ser a *paideia*, ganhando uma expressividade além da própria realidade, ou seja, a imagem passou a ser fundamental para a linguagem. Da mesma forma, as religiões que antes se atentavam à leitura do texto, neste caso a *Bíblia*, contemporaneamente passaram a valorizar os programas de televisão evangélicos, que disseminam diversas formas de conteúdos ilustrativos a respeito da própria religião e a construção de uma visão de mundo. A Igreja Universal do Reino de Deus, por meio da *Rede Record* de televisão, é um grande exemplo disso, pois suas séries e telenovelas a todo o momento reforçam a mensagem religiosa que antes estava presente exclusivamente no texto bíblico. Por este motivo, tornou-se fundamental compreender a relação da religião com a mídia, uma vez que, ambas se influenciam e disseminam novas tendências:

O fato é que as maiores questões e tendências religiosas que são tão importantes hoje não podem ser plenamente abordadas e compreendidas sem atenção às mídias. Na verdade, tais tendências estão enraizadas nas mídias de importantes formas. As mídias são uma fonte de informação sobre as religiões, sobre as tendências religiosas e sobre as ideias religiosas. (HOOVER, 2014, pp. 45-46)

Como já afirmou Gouveia (2005), se a instituição religiosa garante que todos os objetos e ritos consagrados - ou seja, seus dogmas - não sofram quaisquer modificações estruturais, tanto na forma quanto no significado ou aparência, a televisão pode mesclar os acontecimentos da vida moderna aos conteúdos moralizantes do pentecostalismo e, assim, divulgam e legitimam as novas relações do sagrado pentecostal. Surge, então, o conceito de midiaticização da religião, que se inicia exclusivamente para um projeto de proselitismo alinhado à mensagem da cruz. Porém, atualmente desempenha outros papéis, pois passou a abordar várias esferas da vida, que vão desde o entretenimento até ao debate político. Com isso, a própria missão da religião se altera, levando seus fiéis a aventurarem-se em outras pautas que não necessariamente são religiosas. Segundo Martino (2016), foi o processo de midiaticização da religião um dos fatores que promoveram sua atuação no espaço público. Dentro do ambiente midiático, algumas denominações encontraram uma forma de expor os seus valores e defender as suas posições no debate público.

A midiática da religião neopentecostal e do movimento neofundamentalista foi capaz de difundir com maior amplitude alguns princípios, promovendo uma visão mundo de acordo com certa particularidade que, atualmente, são plenamente compatíveis com o conservadorismo e o neoconservadorismo. Assim como os demais setores que se apropriaram da mídia, a espetacularização tornou-se um dos principais instrumentos de proselitismo. Evidentemente, a midiática demanda um alto custo para instituições religiosas e, por este motivo, a lógica da arrecadação financeira para manutenção de sua estrutura apropriou-se da própria mídia para a sua retroalimentação. Por meio da veiculação de cultos nas mídias é possível ampliar o proselitismo e também aumentar a arrecadação financeira necessária. Não há problemas em promover este apelo arrecadatório, pois os grupos neopentecostais assimilam com facilidade as constantes inovações tecnológicas, os valores da cultura de consumo e a ideologia do mundo capitalista, almejando alcançar poder econômico, prestígio político e reconhecimento social (DANTAS, 2011). Esta adaptação entre mídia e mercado também demandou a profissionalização das instituições religiosas:

Com o crescimento do rebanho, a atividade midiática da igreja não poderia ficar restrita ao seu ambiente doméstico, e principalmente, não poderia continuar a veicular um programa visualmente precário. Os padrões mercadológicos da indústria cultural foram reestabelecidos e, para que estes padrões fossem atendidos, princípios e regras de racionalidade econômica tiveram que ser adotados, favorecendo o crescimento do ambiente midiático das igrejas através da profissionalização. (FONTELES, 2010, p. 12)

Para atingir a esfera pública a religião deve lidar com a lógica midiática, que por sua vez, está relacionada com as premissas da modernidade e a ordem capitalista. A religião deve se render à racionalidade desta esfera (MARTINO, 2016). Temos, então, um ciclo mercadológico da religião como produto midiático que necessita levar sua mensagem religiosa, conquistar cada vez mais fiéis e, conseqüentemente, mais contribuintes de financiamento. Por este motivo, o sucesso financeiro do crente é de extrema importância para instituição religiosa, pois através dos resultados econômicos da vida privada de seus membros é que a instituição poderá ampliar seus horizontes.

Com programações heterogêneas, as igrejas, em tela, atraem para a televisão e templos um grande contingente de consumidores do espetáculo da fé. Para tanto, produzem programas próximos ao estilo o qual Beylot *apud* Gouveia (2005) destaca como *reality show* ou televisão verdade, onde a conversão e o cotidiano do fiel são apresentados como autênticos e verdadeiros, fazendo com que o receptor aproxime-se das

propostas de conversão. Os constantes testemunhos veiculados pela mídia e até mesmo o slogan “Eu sou a Universal”¹⁴⁸, desenvolvido pela IURD, provam essa ideia de vida real e ressignificada a partir da conversão. Além disso, programas como *Palavra da fé*, *Fala que eu te escuto* (IURD) e *De bem com a vida* (Renascença) “[...] visam fazer com que o receptor, pela emoção, se aproxime e se identifique com os fatos narrados em estado de simulação.” (GOUVEIA, 2005, p. 4).

Especificamente no caso da IURD, seus programas também buscam apresentar como verdadeiras e corretas as relações tradicionais da família e, principalmente, cristalizar o papel da mulher cristã no mundo, obviamente um papel dentro dos moldes da sociedade patriarcal. O programa televisivo *The Love School*, analisado por Costa (2015), é um exemplo deste ideal de construção da família cristã:

A apresentadora do programa *The Love School* constrói, por meio da sua fala, o ideal de mulher reconhecido e aceito pelas doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus. Ela reproduz, interpreta e atualiza a fala de Deus quando se coloca como a mulher virtuosa, cujos ensinamentos bíblicos estão claros no livro de Provérbios 31. ‘Mulher virtuosa, quem a achará? O seu valor em muito ultrapassa os das mais finas joias! O seu marido tem plena confiança nela, e a miséria jamais chegará à sua casa [...]’(COSTA, 2015, p. 14)

Neste aspecto, a comunicação religiosa também cria determinadas hierarquias simbólicas com esquemas de ação que mantêm certa relação de poder (RUDIGER, 2011). Por seus instrumentos midiáticos a religião também busca legitimar a dominação entre os sexos e a dominação espiritual, criando um sentimento de que esses processos são naturais, não havendo nada de errado nestas relações, mesmo que desiguais (COSTA, 2015). Portanto, a midiaticização da religião não se restringe à divulgação da mensagem da cruz e do chamado à conversão, mas também busca a manutenção dos valores conservadores de origem judaico-cristã na sociedade, inclusive fornecendo programas exclusivos que abordam temas como comportamento, relacionamentos e saúde. A *Rede Record*, *TV Novo Tempo* e *RIT TV* são alguns exemplos destes canais televisivos que ofertam praticamente tudo o que um canal de TV secular pode oferecer, tais como *shows*, *talk shows*, jornalismo, filmes, educação e curiosidades. Obviamente, tudo isso dentro da cosmovisão religiosa. Mas a questão religiosa não se deteve apenas entre as mídias religiosas, uma vez que debates sobre estado laico, ensino religioso e o respeito a

¹⁴⁸ Campanha que traz depoimentos de fiéis que mudaram de vida a partir de seu encontro com a IURD. Exemplo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=puk0aiWEAug>. Acesso em 15/03/2018.

diferentes crenças ganharam espaço dentro da mídia (MARTINO, 2016). Sendo que alguns dos nossos personagens estudados (Silas Malafaia, Marco Feliciano e Magno Malta) foram, por diversas vezes, chamados pela mídia secular para debates e entrevistas.

Assim como a videopolítica promoveu uma radical transformação na maneira de ser político e de conduzir a política (SARTORI, 2001), a midiaticização da religião também transformou as igrejas em termos econômicos e políticos, maximizando sua atuação na captação de capital simbólico, sendo este passível de ser convertido em outros tipos de capital, como o capital político de viés conservador (MARTINO, 2016). Segundo Magali Cunha (2015), historicamente, a mídia no Brasil tem um alinhamento com valores e políticas conservadoras, e isso devido ao perfil dos seus proprietários, pelo menos na última década. Para a autora isso fica comprovado especialmente na cobertura noticiosa, que tem dado abertura aos comentaristas que discursam alinhadamente ao pensamento conservador, como, por exemplo: Arnaldo Jabour, Alexandre Garcia e Merval Pereira, nas *Organizações Globo*; Reinaldo Azevedo, na revista *Veja*; José Luiz Datena e Boris Casoy, no *Grupo Bandeirantes*; Marcelo Rezende, na *Rede Record*; Luiz Pondé, na *TV Cultura* e, finalmente, Rachel Sheherazade, no *SBT*. No entanto, mesmo diante deste cenário, o fato das emissoras de TV, em especial a *Rede Globo*, oferecerem filmes e novelas com conteúdos considerados para o neofundamentalismo como ofensivos à moral cristã, anula para as lideranças evangélicas, este aspecto conservador da mídia e a torna, no imaginário, a TV como um instrumento do marxismo cultural e que busca o fim da família e dos princípios judaico-cristãos. Filmes estadunidenses da clássica indústria cinematográfica de *Hollywood*, que eram acima de tudo patriotas e promoviam a versão americana dos sólidos valores da família (HOBSBAWM, 1995), foram substituídos por uma nova linguagem mais liberal e contestatória aos moldes anteriores de família. Do mesmo modo que sofreram resistência nos Estados Unidos, ao chegarem ao Brasil passaram por um processo semelhante, e por isso, mesmo diante da midiaticização da religião, a TV, em si, sempre foi algo visto com desconfiança por religiosos. Surge, então, a batalha do movimento neoconservador e neofundamentalista com a mídia tradicional brasileira, promovendo também novas formas de interação e comunicação que fogem da estrutura tradicional de comunicação, como, por exemplo, a *internet*, que neste caso exerce um grande poder.

Ao falarmos sobre midiaticização da religião, devemos levar em conta que, assim como as mídias tradicionais adentraram no mundo virtual da *internet*, a religião midiática foi no mesmo sentido. De modo geral, por conta do relativo curto tempo deste novo

modelo de comunicação, é possível dizer que temos poucas referências e estudos acadêmicos (TERRA, 2012). No aspecto religioso, Magali Cunha (2017) apresenta um estudo detalhado que fundamenta a necessidade de também compreender o fenômeno religioso por meio das redes sociais, principalmente devido à liberdade e o grande alcance proporcionado pelas redes sociais.

No mundo digital, o internauta amador passou a ocupar espaços antes privilegiados por grandes grupos (KARHAWI, 2017). Semelhantemente, as religiões perceberam que a *internet* é um espaço apropriado para combater as mídias tradicionais em seus produtos midiáticos e de disseminar suas ideias. É o que aponta Magali Cunha (2017), pois segundo a autora, o que se pode observar no atual contexto do reacionarismo movido pelo neofundamentalismo evangélico é o desenvolvimento de processos comunicacionais midiáticos como armas em guerra contra os inimigos da família, sendo as mídias sociais um ambiente fértil para esse fim. Temos, então, uma outra fase do processo de midiaticização da religião: das telas para as redes e do proselitismo para o combate.

Ao longo dos anos 2000, a *internet* tornou-se mais acessível ao brasileiro e a partir deste momento as igrejas também perceberam o potencial desta ferramenta como meio de expansão da fé e de criação de comunidades virtuais de temas religiosos. Por exemplo, com o objetivo de atingir novos públicos, a IURD e a Renascer abriram mão de alguns programas direcionados para a televisão e iniciaram a formação de comunidades pentecostais brasileiras de caráter virtual. Em geral, boa parte das grandes instituições neopentecostais abraçou essa ideia e formou novas comunidades eletrônicas, preenchendo a lacuna entre a comunidade real, territorializada e a comunidade televisiva (GOUVEIA, 2005). Essa nova forma de se praticar o sagrado, além dos programas serem gravados e transmitidos *online*, cria também um ponto de partida para novas formas da prática religiosa e novas relações do indivíduo com as forças não humanas e/ou os deuses (STOLOW, 2014), de modo que “O espetáculo e a visibilidade midiática, facilitada pela tecnologia digital, fazem parte desse novo cenário de constituição dos sujeitos e de suas práticas.” (KARHAWI, 2017, p. 101)

A passagem do proselitismo para o combate, presente nas redes sociais, foi possível devido ao baixo custo da produção de conteúdo e do grande alcance das redes sociais de forma orgânica. Além disso, a liberdade de criar seu próprio conteúdo favorece o religioso entrar em temas que não seriam possíveis em um canal de TV aberta. Por exemplo, o pastor Silas Malafaia possui o canal *Vitória em Cristo* na TV aberta, mas seus

discursos se limitam ao apelo para a conversão e a contribuição financeira do espectador. Por outro lado, nas redes sociais, o pastor recebe uma roupagem de comentarista político e com forte combate contra as pautas progressistas e os partidos de esquerda. Não somente o pastor Silas, mas outros pastores, por meio das redes sociais, alcançaram esse *status* de formadores de opinião, levando o debate religioso aos conflitos sociais e políticos religiosamente codificados (STOLOW, 2014). Por isso, é possível partir da ideia que a presença de elementos religiosos no espaço público está ligada, de alguma forma, à inserção de algumas igrejas no ambiente midiático, pois a partir deste ambiente podem atingir outras esferas de ressonância (MARTINO, 2012), como, por exemplo, o público conservador. Além disso, a religião midiaticizada com matriz neofundamentalista é capaz de vincular problemas do espaço público ao religioso, sendo o contrário também verdadeiro. Então, o discurso político-religioso parece ser mais fácil para quem tem maior articulação na lógica da mídia (MARTINO, 2016).

Em nosso estudo, especificamente sobre o neofundamentalismo, buscamos compreender quais são os temas e as táticas do grupo no ambiente midiático. E, assim como Magali Cunha (2017), percebemos que as redes sociais são um campo fértil para realizar tal análise. É diante das redes que o neofundamentalismo se articula, e o seu linguajar, por muitas vezes, moral, acaba agradando também o público não religioso, mas conservador nos costumes. Com isso, o poder religioso se amplia drasticamente. Se antes, para que alguém ouvisse um pastor era necessário convencer uma pessoa a ir à igreja ou acessar algum conteúdo religioso, hoje, o discurso aparentemente secular dos líderes evangélicos, mas com um tom extremamente conservador, alcança praticamente sem limites diversas pessoas não ligadas à religião. O discurso conservador é o ponto de convergência entre o neofundamentalismo e uma sociedade conservadora. E sabendo disso, líderes evangélicos engajam-se nas redes com esse discurso, na busca de influenciar a sociedade nas decisões políticas e nas construções cognitivas sobre a realidade. Por isso dedicaremos o subcapítulo a seguir justamente sobre os discursos e a presença do neofundamentalismo nas redes sociais.

Ao falarmos sobre o discurso religioso veiculado na mídia, temos então uma esfera mais complexa, pois a religião por si só atua em um imaginário e uma cosmovisão muito distante dos fatos concretos. Os conceitos sobre o que é divino e o que é diabólico ou sobre o que é céu e inferno estão no plano da abstração e são polissêmicos, o que permite facilmente a manipulação dos conceitos para a interpretação de uma dada realidade. Por este motivo, o discurso religioso pode divinizar ou demonizar ações da

esfera pública facilmente. Entretanto, para que ela atue fortemente nesta esfera e atinja maior público, a mesma deve adotar uma linguagem universal do secular (STOLOW; BOUTROS, 2015).

Embora a religião não possa representar o pensamento de toda uma sociedade, ela pode representar um grupo específico que buscará seus interesses no espaço público (MARTINO, 2016). Com isso, o discurso religioso se apresenta travestido de secular, atuando em questões que permitem um maior consenso entre os membros da sociedade independente de seu credo. Por isso, o discurso moral é a pauta principal do discurso neoconservador, pois, além de satisfazer os princípios religiosos, também vai ao encontro da sociedade conservadora laica. Evidentemente, este apelo religioso de viés moralista está direcionado ao eleitor conservador, uma vez que este é mais sensível a uma interpelação de caráter religioso (PIERUCCI, 2011).

A capacidade “[...] do poder das palavras e das imagens que invocam [...]” (LEN BON, 1995, *apud* LACLAU, 2006, p. 38) depende justamente de outro fator, da capacidade de interpretação do receptor da informação que, por sua vez, está restrito aos quadros de sentidos defendido por Goffman (1974, *apud* Martino 2016). De acordo com essa teoria o indivíduo, ao ver-se em uma determinada situação, atribuirá sentido a esta de acordo com os quadros de sentido por ele já pressupostos. Diante de qualquer acontecimento, a primeira preocupação do indivíduo é interpretar e dar sentido ao fato e, para isso, o mesmo recorre aos quadros de sentido, que são referenciais e conhecimentos anteriores que serão utilizados para interpretar o ocorrido. Os quadros de referenciais são transmitidos das mais variadas formas: mídia, família, sociedade, religião *etc.* Uma vez que a religião atua justamente na polissemia e na abstração ela é capaz de criar inúmeros quadros de sentido, desde morais cotidianas até escatológicas. Esse enquadramento tem consequências práticas, sendo difícil mapear ou prever até onde irão (MARTINO, 2016).

Por meio da mídia digital cria-se uma aliança vantajosa entre

“[...] a extrema direita da mídia policial e com a extrema direita evangélica, esta igualmente midiática (linhagens estas da extrema direita que também se fazem representar no parlamento). Isto sem contar seus antigos vasos comunicantes com a extrema direita tradicionalista e patriarcal.” (PIERUCCI, 1987, p. 43).

Uma aliança que vem reafirmar os pilares da sociedade tradicional: a família, a religião e a nação. Conforme Hirschman (1992 *apud* Messenberg, 2017), essa tríade está fortemente entrelaçada ao discurso dos formadores de opinião da direita, assim:

[...] o poder ideológico funda-se sobre a influência que as ideias formuladas de um determinado modo, emitidas em determinadas circunstâncias, por uma pessoa investida de determinada autoridade, difundidas através de determinados procedimentos, tem sobre a conduta dos consociados: desse tipo de condicionamento nasce a importância social de cada grupo organizado daqueles que sabem, dos sábios, sejam eles sacerdotes em sociedades arcaicas. (BOBBIO, 2000, p. 162).

É neste aspecto, a saber, o da autoridade sacerdotal atrelada ao instrumento midiático, que apresentaremos, no próximo subcapítulo, os discursos de alguns evangélicos considerados formadores de opinião no âmbito religioso. Contudo, convém aqui destacar que, para nós, a midiatização da religião foi um dos grandes propulsores do neofundamentalismo no Brasil, principalmente a sua inserção nas redes sociais diante de temas polêmicos e de grande repercussão nas mídias tradicionais, como TV e rádio, assim como nas mídias *online*.

4.1) Neofundamentalismo como Influenciadores Digitais¹⁴⁹

Nos últimos anos, principalmente com o aumento da disponibilidade de acesso por meio da banda larga, a *internet* tornou-se um dos principais meios de comunicação e de informação para a sociedade brasileira. Além disso, este avanço junto às novas ferramentas permitiu ao usuário de *internet* produzir seu próprio conteúdo com baixo custo e amplo acesso. Diante desta nova realidade, algumas religiões, que já haviam passado pelo processo de midiatização tradicional, por meio do rádio e TV, também passaram a utilizar a *internet* como ferramenta de proselitismo e de comunhão¹⁵⁰, por meio da transmissão de cultos ao vivo e cultos produzidos exclusivamente para *internet*. É o caso da *TV IURD* e do programa *Vitória em Cristo*, do pastor Silas Malafaia. Entretanto, alguns personagens evangélicos foram além de uma mensagem puramente religiosa e proselitista, lançando-se também a opinar sobre política, sociedade e economia. Dentre estes, destacamos os pastores Silas Malafaia e o pastor Marco Feliciano. A escolha destes personagens deu-se, principalmente, por se enquadrarem em nosso objeto de estudo como pastores midiáticos com publicações religiosas e seculares.

¹⁴⁹ Parte deste estudo foi publicado nos anais da Intercom de 2018. In: ORTUNES, Leandro. **Pastores Midiáticos: Influenciadores digitais ou apenas pastores?** In: anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Joinville, 2018, n.p.

¹⁵⁰ Referimo-nos aqui o termo comunhão para o ato de estar conectado aos cultos (com cantos, orações e sermões) por meio da *internet*.

São pastores que provocam polêmicas diante das pautas identitárias, levando o debate sobre o moralismo cristão ao espaço público, alcançando repercussão nas mídias tradicionais, como programas da TV aberta e rádio¹⁵¹. No entanto, é na *internet* que eles se articulam e posicionam de forma mais livre, uma vez que as produções têm um conteúdo independente. Por isso, analisaremos quais são os pronunciamentos mais visualizados destes pastores no *Youtube* e, ainda, qual o nível de alcance destes no público evangélico.

O mundo digital não apenas revolucionou a forma de comunicação entre as pessoas, mas também promoveu impactos significativos na maneira de divulgar noticiários, produtos e serviços. Se antes tínhamos uma forma de comunicação com interatividade limitada entre transmissor e receptor, agora a interconectividade permite a troca de informação e certa personalização entre estes agentes. Na tabela abaixo, desenvolvida por Abidin (2015 *apud* Karhawi, 2017), podemos perceber a diferença entre as antigas tecnologias, como a TV e o rádio, e as novas mídias digitais:

Tabela 18 Interação e conectividade entre Rádio e TV e Mídias Sociais

ELEMENTO	INTERAÇÕES PARASSOCIAIS	INTERCONECTIVIDADE PERCEBIDA
MEIO	Tecnologias de rádio e TV	Plataformas de mídias sociais digitais
ESTRATÉGIA PRIMÁRIA	Teatral	Relações Íntimas
ORGANIZAÇÃO DOS ATORES	Hierárquica	Horizontal
AUTORIDADE DE DISSEMINAÇÃO	Broadcast	Interativa
FLUXO DE DIÁLOGO	Unidirecional	Bidirecional
ESTRUTURA CONVERSACIONAL	Um para muitos	Um para um Um para muitos

FONTE: ABIDIN (2015, p. *apud* KARHAWI, 2017, p. 103)

Destacamos uma destas diferenças dada a sua importância para este estudo: a Estratégia Primária de Comunicação. Enquanto a TV e o rádio utilizam-se de uma performance teatral para alcançar o público, as plataformas digitais permitem maior personalização do conteúdo, promovendo um sentimento de relações mais próximas entre o promotor e o receptor. Ao contrário da TV e do rádio, que forneciam ao espectador um

¹⁵¹ Silas Malafaia já foi convocado diversas vezes para se pronunciar na câmara dos deputados e na TV aberta. Do mesmo modo, Marco Feliciano participou de programas televisivos.

conteúdo generalista sem grande diferenciação, a *internet*, por sua vez, fornece produtos na medida (SARTORI, 2001). A nova realidade também permite que o internauta amador ocupe espaços antes exclusivos aos grandes meios de comunicação. Portanto, o amadorismo virtual transformou-se em profissão (KARHAWI, 2017). Nesta nova forma de comunicação e informação “Cada um de nós pode ser um canal de mídia: um produtor, criador, compositor, montador, apresentador, remixador ou apenas um difusor dos seus próprios conteúdos.” (TERRA, 2012, p. 76). Neste cenário, surgiram os jornais independentes, as comunidades *online*, os *youtubers* e os que, por meio destas tecnologias, tornaram-se influenciadores digitais em outros tipos de redes sociais. Formadores de opinião na *internet*, gradativamente, receberam o nome de influenciadores digitais. De acordo com Almeida *et al.* (2018) eles são usuários com habilidades para influenciar outros usuários. Podem ser perfis de notícias, celebridades ou figuras públicas em geral que selecionam conteúdos para recomendar a seus seguidores. Além disso, buscam criar tendências de moda, consumo e comportamento. Por meio de vídeos, fotos ou textos, estes perfis se articulam na tentativa de angariar mais seguidores e consequentemente gerar mais receita. Evidentemente, nem todo gerador de conteúdo pode ser chamado de influenciador digital, pois esta nomenclatura é destinada aos que possuem grande número de seguidores, que, de fato, conseguem estabelecer um mínimo consenso e alinhamento das suas ideias com as de seus seguidores em um processo *up-down*. Já as comunidades virtuais são constituídas por grupos de pessoas com interesses comuns. Coutinho (2007) destaca que as primeiras comunidades *online* baseavam-se, principalmente, na interação por meio de textos e já demonstravam grande capacidade de influenciar o comportamento de um indivíduo.

Atualmente, a influência destas comunidades expande-se em grupos de discussão e páginas do *Facebook*, promovendo grande interação através de comentários e compartilhamentos na rede. Estes são os dois tipos de geradores de conteúdo com maior destaque na mídia. Certas religiões, potencializadas pelas relações com a mídia, também ganharam força nas redes sociais, e alguns líderes religiosos vêm se aproveitando deste cenário e se laçam dentro do debate político, posicionando-se com suas perspectivas e pontos de vista (MARTINO, 2016). As redes sociais passaram a ser um instrumento eficaz para difusão da visão religiosa e um contraponto aos conteúdos veiculados nos canais de TV. Não é difícil encontrar vídeos e páginas do *Facebook* que se dedicam a contrapor-se e a criticar os meios de comunicação tradicionais. Com isso, alguns grupos ganharam voz, transpondo o debate dos púlpitos para as redes sociais. Críticas de pastores

sobre as novelas da *Rede Globo*, filmes e *reality shows* estão disponibilizados publicamente. Essa liberdade de criação de conteúdo permitiu a religião a lançar-se em duas frentes de “batalha” nas redes sociais: o proselitismo e a defesa da fé. Evidentemente, esta liberdade de criação e compartilhamento de conteúdo também têm gerado impactos negativos, por meio de *fake news* e polarizações extremistas. Além disso, Sartori (2001) comenta que a *internet* promove analfabetos culturais que esquecem rapidamente o pouco que foram obrigados a aprender na escola. Portanto, matariam seu tempo na *internet* sem grandes reflexões sobre o conteúdo visualizado. Este pensamento de Sartori, embora possa ser questionado, principalmente sobre o termo utilizado (analfabetos culturais), pode-se evidenciar nos dias atuais diante de diversas páginas, *sites* e *blogs* com mensagens que contrariam ao que já foi transmitido como verdade através da educação formal. Debates sobre a Terra ser plana, sobre o nazismo ser de esquerda, sobre teorias da conspiração apocalípticas, a guerra contra os meios de comunicação e a educação formal são exemplos de como a *internet* também é capaz de promover um conteúdo duvidoso a ser assimilado como verdade. Alguns discursos são baseados na pós-verdade, quando o indivíduo com uma narrativa de cunho emocional busca cativar seu público e criar uma atmosfera de desconfiança e insegurança. Este ponto também é válido para páginas e *youtubers* religiosos e o nosso objetivo é demonstrar isso nos tópicos a seguir. Por conta do pouco tempo desta nova forma de comunicação digital, principalmente acerca das redes sociais, poucos estudos buscam analisar o conteúdo gerado pelos usuários (TERRA, 2012). Na área de comunicação, encontramos algumas pesquisas, porém, todas voltadas ao *marketing* digital e à comunicação corporativa, uma vez que o comportamento do internauta nas redes sociais fornece um bom elemento para campanhas publicitárias. No entanto, acreditamos que o comportamento do internauta é de grande importância para compreender o pensamento político, moral e religioso de certos grupos. Martinho (2016) aponta que os momentos de eleições são um dos melhores momentos para analisar a relação entre mídia, religião e política. Contudo, percebemos que todos os conteúdos produzidos por nosso objeto de estudo em relação às eleições anteriores foram excluídos, tornando inviável um estudo com este recorte específico. Por isso, procuramos compreender quais são os temas promovidos por estes personagens com maior impacto nas redes e, ainda, se estes pastores possuem mesmo representatividade entre os seus fiéis.

4.2) O Discurso religioso

De acordo com Bourdieu (1989) o campo religioso é um espaço de luta pela imposição da definição legítima sobre o que é religioso e da prática religiosa. Em um ambiente plural enfrentamentos se tornam maiores, envolvendo disputas sobre essa legitimidade entre as próprias religiões. Não podemos afirmar que o discurso que apresentaremos a seguir é um discurso único e válido para todas religiões, muito menos para todos evangélicos, mas são posicionamentos específicos que nos chamaram atenção e que pretendemos analisar se isso realmente faz parte deste tipo de luta simbólica descrita por Bourdieu.

Essa luta simbólica é liderada, principalmente, por pastores notórios, com boa articulação midiática, notável retórica e com base religiosa relevante expressa em número de fiéis e templos. E, uma vez que o posicionamento destes pastores neofundamentalistas vai além do discurso religioso, os mesmos passaram a ser formadores de opinião. Lembrando que formadores de opinião são emissores legitimados pelo meio social receptor. São personagens autorizados por um público a se pronunciarem perante diversos assuntos de interesse, sendo eles da vida cotidiana e da política (MESSENERG, 2017). A seguir, demonstraremos dois pastores que fazem parte do movimento neofundamentalista e estão presentes nas redes sociais manifestando-se como formadores de opinião.

4.2.1) Pastor Silas Malafaia

Silas Malafaia, nascido em 1958, na cidade de Rio de Janeiro, é pastor das igrejas Assembleia de Deus Vitória em Cristo, uma ramificação das Assembleias de Deus pentecostais presentes no Brasil. Pastor Silas é conferencista e destacou-se já na década de 80 como tele-evangelistas. De acordo com o *site* oficial da igreja¹⁵² liderada por Malafaia, são 35 mil os membros que frequentam os cultos em nove estados brasileiros. Malafaia ganhou destaque midiático ao envolver-se em debates sobre a homossexualidade e, sempre enérgico em suas falas, é categórico ao afirmar que a homossexualidade é pecado e uma condição reversível. Malafaia também se envolve nas

¹⁵² Disponível em: <https://www.advec.org/>. Acesso em 23/03/2018.

mesmas polêmicas que Marco Feliciano. Seu enfrentamento contra o público LGBT é constante em suas falas. Em 2013, em entrevista ao programa televisivo *De frente com Gabi*, Silas sugere que a psicanálise pode auxiliar na mudança de pessoas em relacionamentos homoafetivos para relações heteroafetivas. Algo que acabou recebendo o nome de “cura gay”, o que foi criticado pelo próprio pastor.

Na esfera política, como Malafaia não se lança como candidato, mas sempre busca defender o voto em algum candidato que seja o maior concorrente do governo petista. Já demonstramos sua resistência em relação à candidata Marina Silva, sendo que, por ser evangélica, poderia possuir mais afinidades com o pastor. Contudo, Malafaia justifica o ato de não votar ao desqualificar a fé de Marina. Em 2014, somente em caso de um eventual segundo turno é que Marina poderia receber seu apoio, mas, até então, mantinha-se aliado ao candidato pastor Everaldo (VITAL; LOPES; LUI, 2017). A lógica de Malafaia sempre foi buscar emplacar um presidente evangélico, mas, antes disso, retirar o PT do governo foi algo primordial. Diante disso, no segundo turno de 2014, Malafaia fez campanha intensa para Aécio Neves e, depois, tornou-se defensor do *impeachment* como descrito anteriormente. Abaixo, apresentamos uma análise sobre os 30 vídeos mais visualizados veiculados no *Youtube* com a presença do pastor, sendo 15 em canal próprio e 15 em outros canais:

Tabela 19 Discurso do Pastor Silas Malafaia em outros canais do Youtube

Data	Título	Visualizações	Tema	Tipo	Veículo/Canal (original)
04/02/2013	Silas Malafaia de Frente com Gabi	7.106.470	Homofobia, homossexualidade, revista <i>Forbes</i> , teologia da prosperidade, dízimo.	Entrevista	SBT
02/04/2014	The Noite (31/03/14) - Silas Malafaia - Exclusivo	5.152.803	Política, sexualidade, <i>Forbes</i> , teologia da prosperidade, homossexualidade, oratória, dízimo.	Entrevista	SBT
13/10/2010	Ratinho provoca e Silas Malafaia cutuca geral	4.770.198	Homossexualidade, Marina Silva, aborto, dízimo, Kassab fecha igreja.	Entrevista	SBT
22/02/2012	Silas Malafaia x Travesti Rosana Star. Debate Sobre Lei do Homossexualismo (PL 122)	2.691.366	PL122, preconceito, homofobia, homossexualidade.	Debate	SBT
02/08/2010	Pr. Silas Malafaia detona	2.128.035	Teologia da prosperidade,	Debate	Globo

	com o ateu Daniel Sottomaio		preconceito, evangelho.		
30/12/2011	Briga feia pr. Silas Malafaia x Claudio nascimento - rádio globo - homofobia	1.952.829	Homofobia, PL 122, intolerância.	Debate	Rádio Globo
23/09/2011	Edir Macedo X Silas Malafaia	1.736.103	Igreja Universal, Edir Macedo, cair, línguas, endemoniado.	Comentário	Canal próprio (Youtube)
25/03/2010	Silas Malafaia x travesti Rosana Star	1.712.475	PL122, preconceito, homofobia, homossexualidade.	Debate	SBT
10/06/2007	Deus está no controle / Pastor Silas Malafaia	1.571.210	Livro de Isaías, Deus está no controle, predestinação.	Pregação	DVD/Fita
02/02/2007	Pastor Silas Malafaia - vencendo batalhas	1.561.717	Livro de Samuel, Batalhas, Davi e Golias.	Pregação	DVD/Fita
22/09/2017	O dia que Silas Malafaia foi se meter com o Bolsonaro!!! Confira!!!	1.457.029	Esquerda radical, Direita radical, oração, próximo presidente.	Comentário	Canal próprio (Youtube)
01/04/2014	Pastor Silas Malafaia: Aprendendo a esperar em Deus	1.441.614	Livro de Salmos, aguardar, esperar em Deus.	Pregação	DVD/Fita
28/07/2014	Silas Malafaia e Jean Wyllys - parte 02 completo	1.440.210	Conselho de seguridade social e família, Conselho Federal de Psicologia, sexualidade, cura gay.	Debate	TV Câmara
01/12/2012	Jean Wyllys e Silas Malafaia se enfrentam ao vivo em Audiência Pública	1.407.647	Conselho Federal de Psicologia, sexualidade, homofobia, cura gay.	Debate	TV Câmara
23/04/2013	Jean Wyllys e Silas Malafaia se enfrentam ao vivo em Audiência completo	1.315.494	Conselho Federal de Psicologia, sexualidade, homofobia, cura gay.	Debate	TV Câmara

FONTE: ORTUNES (2018, n.p.)

Tabela 20 Discurso do Pastor Silas Malafaia em canal próprio do Youtube

Data	Título	Visualizações	Temas	Tipo
19/06/2015	Resposta do Pr. Silas ao Jornalista Boechat Ouça o Áudio em que o Jornalista Xinga o Pastor	1.597.822	Intolerância, parada gay, Boechat.	Comentário
01/04/2014	Pastor Silas Malafaia: Aprendendo a esperar em Deus	1.441.616	Livro de Salmos, aguardar, esperar em Deus.	Pregação
22/05/2015	Pr. Silas Malafaia Responde a Ironia de Lula Contra Pastores	1.355.919	Lula, Diabo, Mensalão, PT, mentira.	Comentário
08/01/2016	Pastor Silas Malafaia: Onde Nós Estamos Errando	904.327	Livro de Atos, ensinar, pornografia, ideologia de gênero, relacionamento, amor.	Pregação
01/04/2014	Pr. Silas Malafaia: Você precisa Ser determinado	813.457	Livro de Daniel, decisão, escolhas.	Pregação
02/06/2015	Pr. Silas Malafaia Critica Propagandas que Incentivam o Homossexualismo	619.300	Liberdade de expressão, homossexualidade, propagandas.	Comentário
16/12/2016	Pr. Silas Malafaia: Minha defesa das acusações falsas contra mim.	610.048	Condução coercitiva, oferta.	Comentário sobre sua condução coercitiva.
22/07/2015	Pastor Silas Malafaia Comenta: Novela da Globo x Novela da Record	494.063	Homossexualidade, ideologia de gênero, novela.	Comentário
20/04/2015	Pastor Silas Malafaia comenta participação no 'Na Moral' da Rede Globo	486.827	Bastidores da Globo, parcialidade, debate democrático.	Comentário
08/06/2015	O Boticário, Parada Gay e PT; Pr. Silas Malafaia Comenta	466.161	Propaganda, intolerância, Parada Gay, homossexualidade, símbolos religiosos, ativismo gay.	Comentário
15/03/2017	Pr. Silas Malafaia- Uma Resposta a Felipe Neto, o garoto do cabelo cor de rosa.	446.027	Felipe Neto, erotização, liberdade de expressão, obra social.	Comentário
07/12/2017	Pastor Silas comenta: Por que Jerusalém é a eterna e indivisível capital do estado de Israel!	383.854	Jerusalém, Capital, ONU, Palestinos.	Comentário
20/03/2015	AVEC Missão	366.023		Institucional
22/12/2015	Um Alerta de Arrepiar Sobre os Evangélicos e a Internet	352.120	Internet, sensualidade, traição.	Pregação
26/02/2016	Programa Vitória em Cristo - Entrevista com o Procurador da República Guilherme Schelb	278.287	Educação, erotização, sexualidade, ideologia de gênero, mudança de sexo.	Entrevista

FONTE: ORTUNES (2018, n.p.)

sua carreira foi em março de 2013, quando, já conhecido por sua oposição às pautas LGBTs, assumiu a presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara. No período em que esteve à frente da CDHM sofreu forte oposição de parlamentares contrários ao seu mandato, além de diversos protestos de organizações que atuam na defesa dos direitos humanos e, por isso, boa parte de seus projetos foram arquivados (GONÇALVES, 2017). Feliciano é ativo nas redes sociais, *Facebook* e *Youtube*, além de escrever artigos para o blog evangélico *PlenoNews*.

Do mesmo modo que analisamos os vídeos relacionados ao pastor Silas Malafaia, apresentamos o resultado de nossa pesquisa em relação ao deputado Marco Feliciano.

Tabela 22 Discurso do Pastor/Deputado Marco Feliciano em outros canais do Youtube

Data	Título	Visualizações	Tema	Tipo	Veículo/Canal (original)
05/07/2016	Felipe neto e Marco Feliciano - debate	6.695.885	Homossexualismo, Jesus Cristo, ideologia de gênero, igreja e impostos.	Debate	Canal Felipe Neto (Youtube)
28/06/2016	Pastor Marco Feliciano liga no Pânico e briga com Gregório Duvivier Pânico	2.998.569	Duvivier, PT, humor, oferta, Lei Rouanet.	Debate	Pânico Jovem Pan
29/03/2016	Marco Feliciano detona Thammy: 'Você nasceu mulher e vai ser mulher para sempre'	2.678.046	Thammy, homossexualismo, mastectomia.	Entrevista	Rede TV
19/10/2017	Marco Feliciano discursava quando Jean Willys foi querer ser engraçado	2.591.005	Respeito a família, novela, <i>Rede Globo</i> .	Pronunciamento	TV Câmara
18/04/2013	Marco Feliciano deixa Amaury Jr. sem resposta	2.092.138	Prostituição, família.	Entrevista	TV Bandeirantes
07/03/2015	Marco Feliciano e Thammy Gretchen programa Raul Gil	2.057.678	Parlamento, homossexualismo, evolucionismo, corrupção.	Entrevista	SBT
19/02/2012	Pr. Marco Feliciano pede a senha do cartão de crédito de fiel (Assembleia de Deus)	1.891.518	Pedido de oferta.	Pregação	Youtube
13/09/2017	Marco Feliciano faz Jean Wyllys perder o Controle	1.737.043	Exposição <i>Queermuseu</i> , Santander, pedofilia, sexualidade.	Pronunciamento	TV Câmara
31/01/2013	Pastor Marco Feliciano - Dia da Provação - (COMPLETO)	1.647.903	Livro do Apocalipse, provação, milagres.	Pregação	Youtube
07/03/2015	HD] Thammy Gretchen se irrita, briga com Marco Feliciano e abandona o palco do Raul Gil	1.608.758	Ódio.	Entrevista	SBT
31/10/2010	Marco Feliciano foi na igreja universal pedir oração	1.482.306	Voto, <i>Programa IURD</i> , oferta.	Áudio de Pregação	Desconhecido
27/07/2011	Pr. Marco Feliciano - Quando Deus Escolhe Alguém	1.464.642	Livro de Mateus, escolha de Deus.	Pregação	Desconhecido
12/05/2011	O Dia da Provação (Pr. Marco Feliciano)	1.446.107	Provação, milagres.	Pregação	Desconhecido
14/09/2013	Pr. Marco Feliciano - "Íntimos de Deus"	1.382.998	Jesus e oferta, pregação de Jesus.	Pregação	Desconhecido

21/02/2017	Eduardo Bolsonaro desmascara 'presidenta' da UBES feat. Marco Feliciano Escola Sem Partido	1.338.799	Escola Sem Partido, CPI para UNE.	Pronunciamento	TV Câmara
------------	--	-----------	-----------------------------------	----------------	-----------

FONTE: ORTUNES (2018, n.p.)

Tabela 23 Discurso do Pastor/Deputado Marco Feliciano no canal próprio do youtube

Data	Título	Visualizações	Assunto	Tipo
28/09/2011	Pastor Marco Feliciano responde ao Bispo Edir Macedo	1.817.070	Resposta ao Edir Macedo, macumba.	Pregação
06/08/2016	Feliciano quebra o silêncio!	364.828	Acusação de assédio.	Depoimento
26/01/2018	Globo lixo bbb, agora é a vez do incesto?	237.326	BBB, TV Globo, Lenin, incesto.	Comentário
30/06/2014	Revelação Bombástica Pr. Marco Feliciano	213.360	Educação, BBB, família, MST, ideologia de gênero, homossexualismo.	Pronunciamento
23/02/2018	Alerta: o que está por trás da ascensão de pablo vittar?	198.431	Mídia, ideologia de gênero, homossexualismo, bancada evangélica, BBB.	Comentário
13/07/2011	Pr. Marco Feliciano, Línguas de Fogo, nosso legado pentecostal	164.015	Livro de Coríntios, falar em línguas.	Pregação
25/01/2018	Por que lula tem que ser preso? Eu respondo!	157.810	Lula, prisão, lavagem de dinheiro.	Comentário
18/04/2018	Feliciano diz que pt precisa explicar declaração de gleisi!	146.645	Pronunciamento Gleisi ao mundo árabe.	Comentário
14/05/2016	Sobre a marcha para satanás 2016... Pr. Marco Feliciano	141.024	Marcha de Satanás, volta de Jesus.	Comentário
03/03/2016	Veja a Reação de um PETISTA Diante da VERDADE! - Dep. Pr. Marco Feliciano	103.361	PT, corrupção, protestos, PCC.	Pronunciamento
22/10/2015	Até quando terá pena de Saul, Pronunciamento Dep. Federal Pastor Marco Feliciano	98.747	Novos parlamentares, homossexualismo, comunismo, nação de Davi.	Pronunciamento
17/10/2017	A glória da segunda casa Pr. Marco Feliciano	97.648	Livro de Neemias, Império Otomano.	Pregação
06/04/2011	Pr. Marco Feliciano, Além do Rio Azul	96.277		Música
20/09/2011	Pr. Marco Feliciano, A Cura Divina	89.958	Livro de Isaías, cura, macumba.	Pregação
31/03/2011	Pr. Marco Feliciano, A história de um Engraxate!	82.391	Feliciano engraxate.	Pregação

FONTE: ORTUNES (2018, n.p.)

diante da polêmica promovida em seus debates, fato que promove até mesmo convites para pronunciarem-se na TV aberta, como Marco Feliciano no programa *SuperPop* da Rede TV e Silas Malafaia no *Programa do Ratinho* do SBT.

Neste ponto, outros autores já identificaram que a religião, para produzir intervenções na esfera pública, só o pode por meio da adoção de uma linguagem universal do secular (STOLOW; BOUTROS, 2015). E exatamente esta é a forma utilizada por esses pastores para alcançar maior público, pois utilizam uma linguagem secular, sem o apelo dos fundamentos teológicos, de modo a conquistar não só religiosos, mas qualquer cidadão conservador no aspecto moral.

Como já mencionamos, a primeira preocupação do indivíduo diante de um acontecimento é interpretar e dar sentido ao fato e, para isso, o mesmo recorre aos quadros de sentido, que são referenciais e conhecimentos anteriores que serão utilizados para interpretar o ocorrido GOFFMAN (1974 *apud* MARTINO, 2016). O enquadramento tem consequências práticas, sendo difícil mapear ou prever o seu alcance (MARTINO, 2016). Em nosso estudo, identificamos que há uma tentativa, por parte destes pastores, de construir um quadro simplista de interpretação e de sentido sobre este assunto. Os líderes convocam o espectador para um diálogo, assumindo um papel de “tutor”. Como exemplo, o pastor Silas Malafaia divulgou em seu *site* cinco argumentos que justificariam a imbricação entre religião e política no mundo contemporâneo. O primeiro deles remete à passagem bíblica na qual Jesus vaticina “Dai a César o que é de César e dai a Deus o que é de Deus”. Na leitura atualizada por Malafaia em tempos de eleição, esse versículo teria servido para mostrar o compromisso dos cristãos com a cidadania, com o respeito às leis e às normas terrenas, assim como o respeito àquelas celestiais. Esta razão é igualmente mobilizada no segundo argumento defendido por Malafaia, no qual faz remissão ao texto bíblico “[...] portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra [...]” para, novamente, ratificar o entendimento do cristão a respeito da necessidade de se cumprir o que chamam de lei dos homens e a lei de Deus (VITAL; LOPES, 2012).

Além disso, o moralismo é um campo semântico fértil e assim explorado por esses formadores de opinião, o que envolve ideias de cunho claramente conservador (MESSENBURG, 2017). Por exemplo, a forma com que o termo “homossexualismo”¹⁵⁴

¹⁵⁴ Importante destacar que mantivemos a palavra homossexualismo pelo fato de ser o termo utilizado por neofundamentalistas. Compreendemos que há outras nomenclaturas mais apropriadas, mas preferimos manter a originalidade do termo aos que assim o utilizam.

é apresentada sempre denota um tom de ameaça e batalha. Instaure-se a promoção de um duelo entre bem e mal ou entre sagrado e profano. Além disso, palavras vagas com grandes possibilidades de interpretação são utilizadas para complementar esta luta, como por exemplo, ditadura *gay*, ideologia de gênero e ativismo *gay*. Neste jogo de palavras, de complexa compreensão, a solução é simplificada para o espectador por meio das propostas dos pastores. Laclau (2006) demonstra o poder da narrativa na conquista de adeptos aos movimentos de massa, sendo o nosso objeto de estudo semelhante aos casos propostos pelo autor:

El poder de las palabras está unido a las imágenes que evocan, y es totalmente independiente de sus significados reales. Las palabras cuyo sentido está menos definido son en algunos casos las que ejercen mayor influencia. Tal es el caso, por ejemplo, de los términos democracia, socialismo, igualdad, libertad, etc., cuyo significado es tan vago que ni siquiera grandes volúmenes son suficientes para definirlos con precisión. Sin embargo, es cierto que un verdadero poder mágico está unido a estas breves sílabas, como si ellas contuvieran la solución de todos los problemas. Ellas sintetizan las más diversas aspiraciones inconscientes y la esperanza de su realización (LE BON, 1995 *apud* LACLAU, 2006, p. 38)

Ademais, homossexualidade é um grande tabu no meio evangélico, e não muito diferente para o restante da população brasileira. Neste sentido, tais pastores, na defesa de sua fé, polemizam as questões e ganham destaque midiático. Por isso, não podemos atribuir que o destaque midiático de tais pastores esteja limitado ao público evangélico, mas sim a uma população conservadora e que, por muitas vezes, não possui compreensão total sobre esta questão. Percebemos que o debate sobre a homossexualidade é nivelado no sentido mais raso de explicação, levando o espectador a interpretações equivocadas sobre o tema. Por exemplo, boatos que pastores seriam obrigados a realizar casamento homoafetivo em suas igrejas se tornaram corriqueiros no meio religioso. Também a questão da ideologia de gênero e o termo “ditadura *gay*” leva o fiel a compreender que há uma imposição da prática homoafetiva na sociedade, principalmente ao insinuar que estão forçando crianças a ser ou tornarem-se *gays*.

Por isso, não há dúvidas que o discurso religioso potencializado pela mídia promove com grande força a religião no debate público (MARTINO, 2016). E o neofundamentalismo encontrou na própria mídia virtual um meio de atuação e quebra da hegemonia nos meios de comunicação tradicionais. Contudo, conforme observamos anteriormente, os discursos dos pastores que analisamos utilizam-se de uma confusão dos termos, baseados em uma realidade fragmentada para promover seus ideais na sociedade.

Diante do volume de informações desconexas apresentadas por esses atores, as pessoas buscam em suas mensagens respostas simples e práticas aos problemas expostos, sem que haja necessidade de reflexão. O discurso neoconservador aproveita-se da confusão dos termos e fatos para promover respostas simplistas que beneficiam a si mesmos. Com isso, o debate sobre os direitos das populações LGBTs e outras minorias, assim como o debate sobre esquerda e direita e, ainda, outras pautas progressistas ou de políticas públicas são apresentados de forma rasa e confusa, sendo esses temas algo a ser combatido pelo neoconservadorismo.

5) Evangélicos em Marcha: retratos de uma realidade plural e fragmentada

Na tentativa de identificar se os posicionamentos das lideranças neofundamentalistas e neoconservadoras atingem a base, foi realizada uma pesquisa de campo durante três anos consecutivos.

Uma vez que os sujeitos a serem estudados são evangélicos, procuramos reunir um recorte significativo e, por isso, a Marcha para Jesus que ocorre em São Paulo serviu como alvo de estudo, já que neste evento, encontraríamos uma das maiores concentrações de evangélicos em um único dia.

Ao todo foram entrevistadas 528 pessoas em 2016, 424 em 2017 e 423 em 2018. As entrevistas ocorreram entre 9h e 11h em diversos pontos da marcha, para evitar maior concentração de segmentos religiosos, pois é comum grupos de determinada linha religiosa se unirem no mesmo espaço, como por exemplo, ao redor dos trios elétricos que a denominação deles patrocinaram, por isso, se limitar em apenas um ponto específico do evento, poderia comprometer a aleatoriedade e a diversidade da pesquisa.

A Marcha para Jesus é um evento interdenominacional promovido nas principais cidades do país, sendo realizada em São Paulo, com maior concentração de fiéis e composta por um seleto corpo de artistas do mundo gospel. Desde 2009 o calendário de realização do evento está de acordo com a lei n.º 12.025, que institui o Dia Nacional da Marcha para Jesus, a ser comemorado, anualmente, no primeiro sábado subsequente aos sessenta dias após o domingo de Páscoa. Na cidade de São Paulo, o evento já contava com a lei n.º 12.195 de 1996 e, atualmente, com a lei n.º 14.485, de 2007.

Nosso objetivo foi o de conhecer a opinião entre evangélicos frente aos temas de grande destaque na pauta neofundamentalista. Além disso, partimos da ideia que compreender a opinião dos evangélicos é compreender uma parcela significativa da opinião pública brasileira, principalmente devido ao fato de que essa opinião é dita pública não só porque pertence ao público, mas porque aborda assuntos de interesse público, assuntos da *res publica*, o que engloba o interesse geral e o bem comum (SARTORI, 2001).

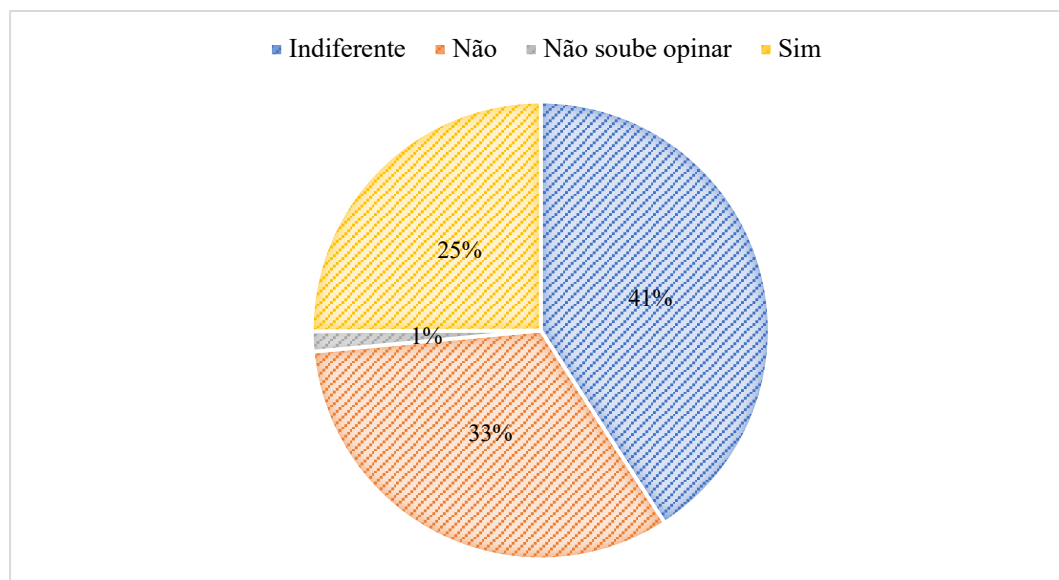
O diferencial de uma opinião pública geral do nosso objeto de pesquisa é que a religião é composta por um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens (GEERTZ, 1989). Sabemos que a sociedade brasileira possui predominantemente valores cristãos em relação a sua cosmovisão de transcendência. Consequentemente, estar vinculado à crença

de que existe algo maior que rege o universo, chamado de Deus pelos cristãos, é inevitável. Este dogma possui impactos consideráveis no cenário político.

Os observadores da cena eleitoral brasileira sabem muito bem que neste País pode ser fatal para um candidato, perante um eleitorado de massa como o nosso, declarar que não acredita em Deus, ou simplesmente vacilar nesta matéria. (PIERUCCI; PRANDI, 1994, p. 33).

Compreendemos que “[...] levantamentos sobre opinião pública podem ser compostos de respostas fracas, voláteis, inventadas e de efeito reflexivo.” (SARTORI, 2001, p. 59), principalmente para garantir o sentimento de pertença ao grupo. Certos mecanismos psicológicos explicam a tendência geral na maioria dos indivíduos de evitar a marginalização e o isolamento para se juntar à corrente principal da apreciação, simpatia, popularidade e respeito (MONZÓN, 1990). Contudo, tais pesquisas permitem-nos ao menos identificar certos pontos de coesão e dispersão de pensamentos diante de uma questão exposta. E mesmo cientes desta crítica de Sartori (2001), partimos da hipótese que a opinião pública chega a ser um elemento fundamental da teoria política (ALONSO, 1990).

Conhecer a opinião pública evangélica e suas expectativas, pode ser determinante para uma campanha política. Por exemplo, no pleito eleitoral para a Prefeitura de São Paulo, em 1985, Fernando Henrique Cardoso pode ter perdido a eleição por ter hesitado em responder para jornalistas, se acreditava em Deus ou não. (PIERUCCI; PRANDI, 1994). Esta ideia faz todo sentido se a comparamos com a pesquisa realizada pelo IBOPE (2018) e encomendada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). Em uma amostragem com dois mil entrevistados em 127 municípios, 79% deles acreditam ser importante que o Presidente da República acredite em Deus e 29% acreditam ser importante que ele seja da mesma religião que o entrevistado. Esse é um dado muito importante, de modo que procuramos verificar se, entre os evangélicos, ocorre algo similar. Contudo, nossa pesquisa, em 2018, partiu da pergunta: Você prefere que o próximo presidente seja evangélico? E, nesta questão, 33% não preferem um candidato evangélico e 41% acreditam que isso é indiferente.

Gráfico 19. Você prefere que o próximo presidente seja evangélico?

Fonte: O autor (2019)

Com isso, percebemos que o antigo sonho dos evangélicos, descrito por Campos (2006), isto é, o de eleger um presidente da mesma fé, não é um consenso na base religiosa. Embora a população exprima a opinião pública de que acreditar em Deus é algo importante ao se avaliar um candidato, isso fica restrito a uma opinião e não a um dogma. Algo natural, uma vez que opiniões públicas são convicções fracas, ao contrário das crenças, que são profundas e duradouras (SARTORI, 2001).

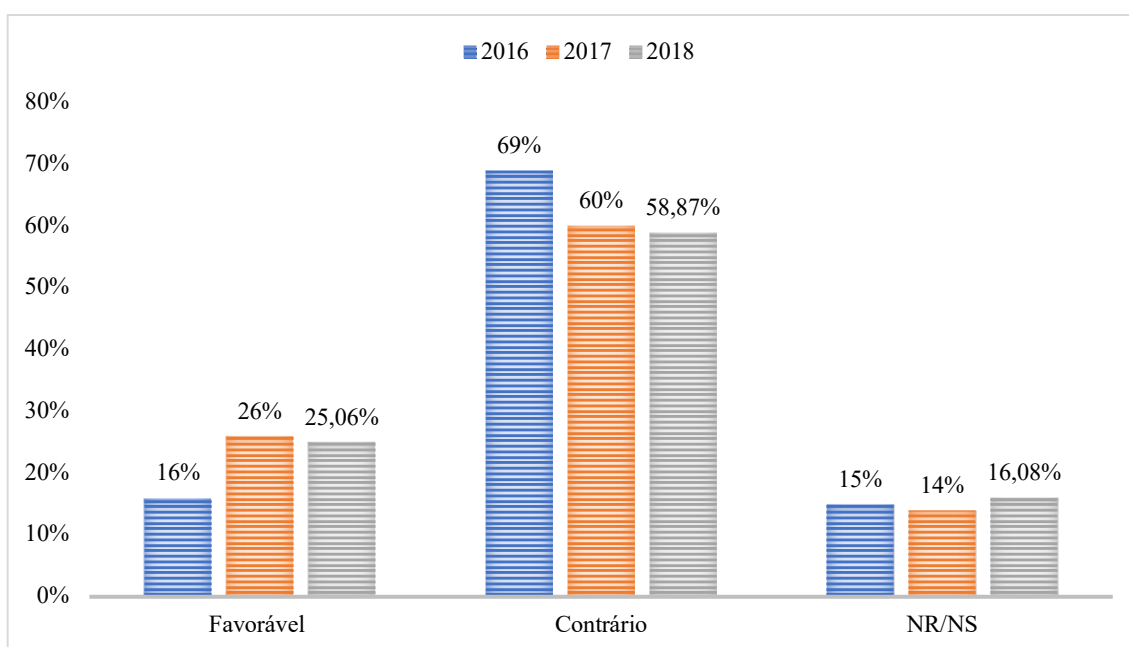
5.1) Pesquisa de campo na Marcha para Jesus

Ainda sobre estas questões relacionadas ao pensamento conservador envolvendo dogmas da religião, durante as três Marchas para Jesus buscamos identificar como a base religiosa pensa sobre o tema do aborto. Durante esse trabalho, ficou nítido que há uma uniformidade entre os neoconservadores na defesa da proibição e da criminalização do aborto, independente da circunstância em que isso venha a ocorrer. Até mesmo a lei 12.845, de 2013, já mencionada, que busca atender a mulheres vítimas de violência sexual, foi considerada como um incentivo ao ato de abortar.

O resultado foi que, ao longo dos anos, as opiniões favoráveis ao aborto diante quaisquer circunstâncias aumentaram de 6% em 2016 para 12%, em 2017 e, ainda, 13% em 2018. Conseqüentemente, os contrários ao aborto tiveram um pico de 50% em 2017,

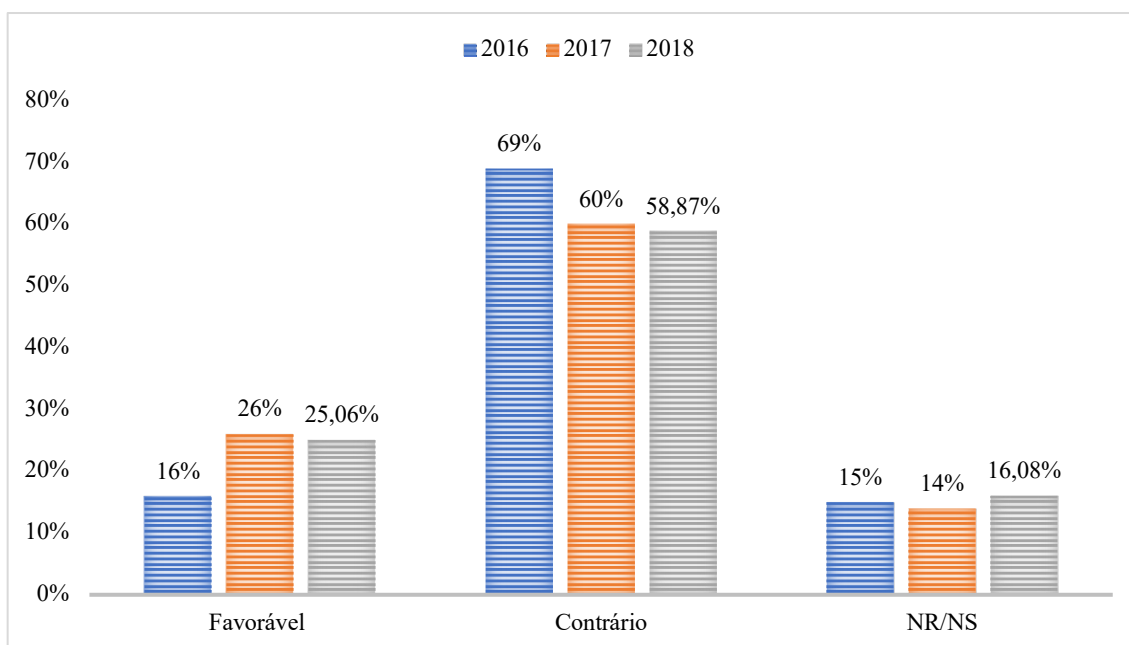
mas uma queda relativa, em 2018, para 46,60%. Somadas as categorias favoráveis em todos os casos e favoráveis nos casos previstos em lei temos mais de 45% dos presentes na Marcha que não condenam o aborto. A opinião dos que são favoráveis em todos os casos está mais concentrada entre os jovens de 16 a 24 anos de idade.

Gráfico 20. Descriminalização do aborto



Fonte: O autor (2019)

O segundo tema mais presente nas pautas morais do neofundamentalismo que abordamos neste trabalho diz respeito à questão do casamento entre pessoas do mesmo sexo. As demandas do público LGBT são o principal ponto de oposição da FPE e de outras lideranças religiosas. Vale retomar atenção ao que apresentamos em nosso estudo sobre os temas com maior repercussão veiculados no *Youtube* pelos pastores Marcos Feliciano e Silas Malafaia. Ambos os personagens ganharam visibilidade justamente fazendo críticas a este tipo de relacionamento e às pautas em debate que garantiriam os direitos deste público. Contudo, percebemos que, ainda assim, existe uma pequena abertura ao tema e aceitação deste tipo de relação em 25% dos entrevistados em 2018, 26% em 2017 e 16% em 2015. Boa parte dos entrevistados ainda é contra a união homoafetiva.

Gráfico 21. Sobre a união homoafetiva

Fonte: O autor (2019)

Sobre esta questão também convém destacar que há uma incompreensão sobre a diferença entre uma união civil com direitos garantidos e a união religiosa. Está presente em parte do imaginário evangélico a ideia de que com leis que garantissem esse tipo de casamento as igrejas estariam obrigadas a realizar tal cerimônia sob pena caso recusassem. De tempos em tempos isso é espalhado em diversas formas e, mais atualmente, as *fakenews* atribuíram isso ao deputado federal Jean Wyllys (PSOL/RJ), algo desmentido pelo site *GI* (2018)¹⁵⁵ e, também, a Fernando Haddad, conforme reportagem do *Estadão* (2018)¹⁵⁶. Porém, antes deste período, já era presente o temor da obrigação das igrejas em realizar a cerimônia, tomando maior proporção em 2011, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu esta forma de união¹⁵⁷. A reação da FPE foi imediata e culminou no projeto de lei n.º 1.411 do mesmo ano, de autoria do deputado Washington Reis (PMDB/RJ), membro da igreja Assembleia de Deus, que garante “[...] à manifestação do pensamento decorrente de ato de fé, que em razão da liberdade religiosa não obriga qualquer organização religiosa a efetuar casamento religioso em desacordo com suas crenças.” (CÂMARA, Projeto de Lei 1.411/11). O PL foi aprovado

¹⁵⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/02/e-fake-que-jean-wyllys-declarou-que-pretende-criar-lei-para-obrigar-casamento-gay-em-igrejas.ghtml>. Acesso em 03/04/2019.

¹⁵⁶ Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/e-falsa-afirmacao-de-que-haddad-apoia-lei-que-obriga-igrejas-a-casar-homossexuais/>. Acesso em 03/04/2019.

¹⁵⁷ Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=178931>. Acesso em 04/05/2018.

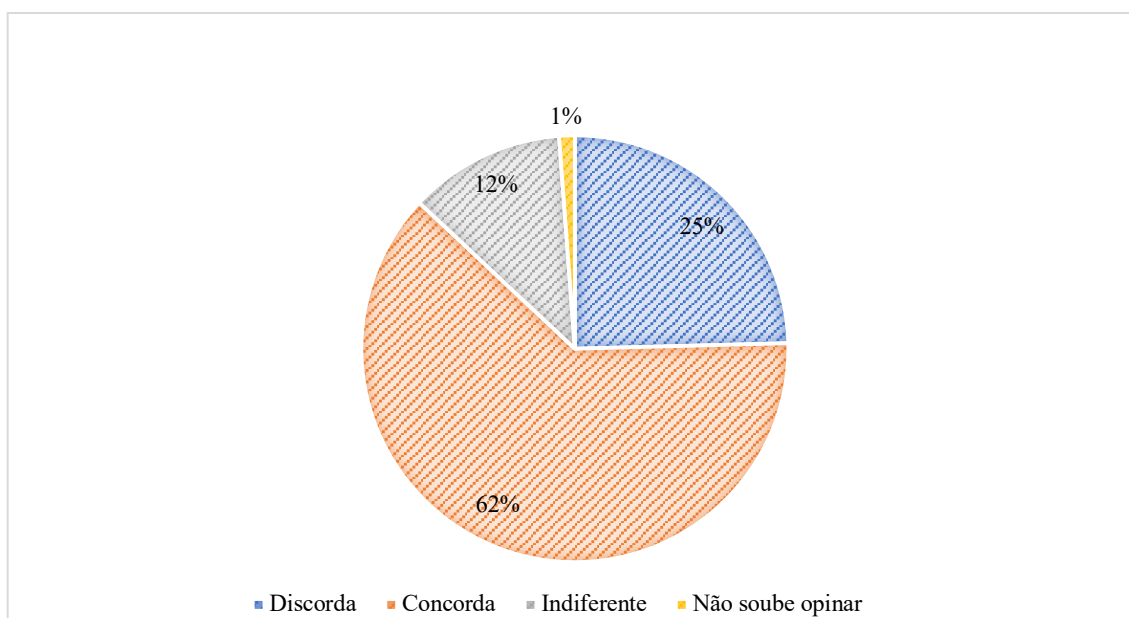
em 2013 pela Comissão de Direitos Humanos¹⁵⁸ e arquivado nos temas do artigo 105 da Câmara dos Deputados em 2019, devido à nova legislatura.

Com isso, percebe-se que há um clima de muita tensão em relação a esse tema. E diante deste contexto, alguns pastores, como Marco Feliciano e Silas Malafaia, por exemplo, buscam promover um sentimento de perigo iminente, acirrando uma batalha baseada em emoções. McDougall (1920 *apud* Laclau, 2006) explica que é possível uma rápida disseminação de uma mesma emoção nas multidões por meio do que ele chama de o princípio da indução direta da emoção. Esse princípio parte da ideia que o pânico experimentado por um grupo de indivíduos quando confrontado com o perigo iminente gera maior coesão entre os membros, mesmo que o perigo real afete apenas poucos indivíduos. Portanto, uma resposta solidária do grupo de homens ou de animais, neste contexto, é a formação de uma multidão presa ao medo. Com isso, podemos partir da hipótese de que a rejeição da união homoafetiva está relacionada ao medo dos indivíduos diante do que é exposto e compartilhado, evidentemente, com o objetivo de promover o pânico nos fiéis. Isso ocorre do mesmo modo ao retratarmos a rejeição a Lula nas décadas de 80 e 90 diante da possível ameaça do fechamento de igrejas caso ganhasse as eleições. Por outro lado, a questão da descriminalização do aborto e das drogas, dado o seu caráter estrito ao comportamento e ação do indivíduo, não há como estabelecer relações de perigos futuros à estrutura eclesial. Conseqüentemente, há uma maior tolerância por parte dos fiéis sobre estas pautas. Ao analisarmos estes aspectos, percebemos que o pensamento conservador é presente entre evangélicos, mas não do modo como as lideranças buscam disseminar em seus pronunciamentos e ao tentar construir uma representação do povo evangélico baseado em suas convicções próprias.

Exclusivamente na pesquisa de 2018, por ser o ano da aprovação o *Estatuto da Família* inserimos a seguinte pergunta “O conceito de Família deve ser exclusivo a união entre homem e mulher?”. Diante deste questionamento, encontramos certa resistência do público em reconhecer novas formas de estrutura familiar.

¹⁵⁸ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/454910-DIREITOS-HUMANOS-APROVA-PROJETO-QUE-DESOBRIGA-IGREJAS-DE-CASAR-HOMOSSEXUAIS.html>. Acesso em 05/05/2018.

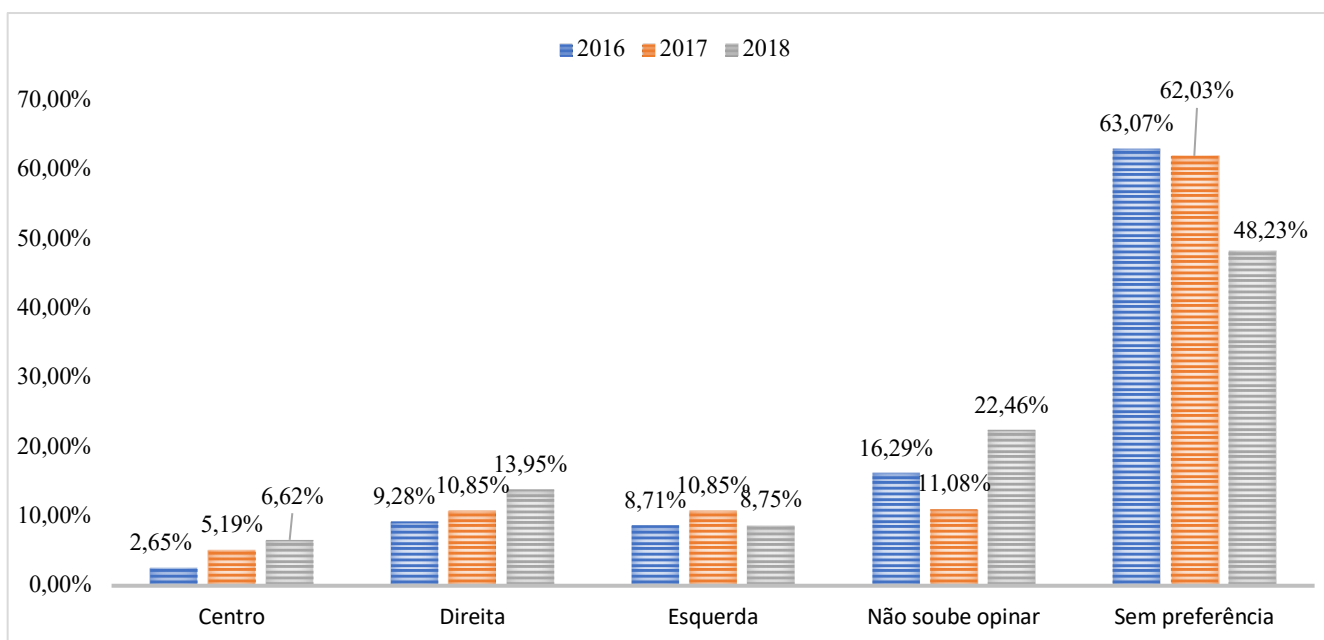
Gráfico 22. Questão: o conceito de Família deve ser exclusivo a união entre homem e mulher?



Fonte: O autor (2019)

Outro eixo que buscamos investigar nestes anos de pesquisa é sobre a preferência político partidária dos entrevistados. Singer (1994) descreve que a maior parte do eleitorado não possui uma referência lógica e estruturada sobre os programas de atuação na política dos partidos, as imagens servem como facilitadoras do discurso, e promovem a adesão do eleitorado a certos partidos. Nas últimas eleições as imagens da disputa eleitoral estiveram fortemente atreladas no âmbito da polarização esquerda x direita, sendo isso um atalho mental ao eleitor para criar algum grau de identificação. Por este motivo, nos três anos perguntamos sobre a preferência do espectro político dos entrevistados.

Gráfico 23. Preferência por espectro político



Fonte: O autor (2019)

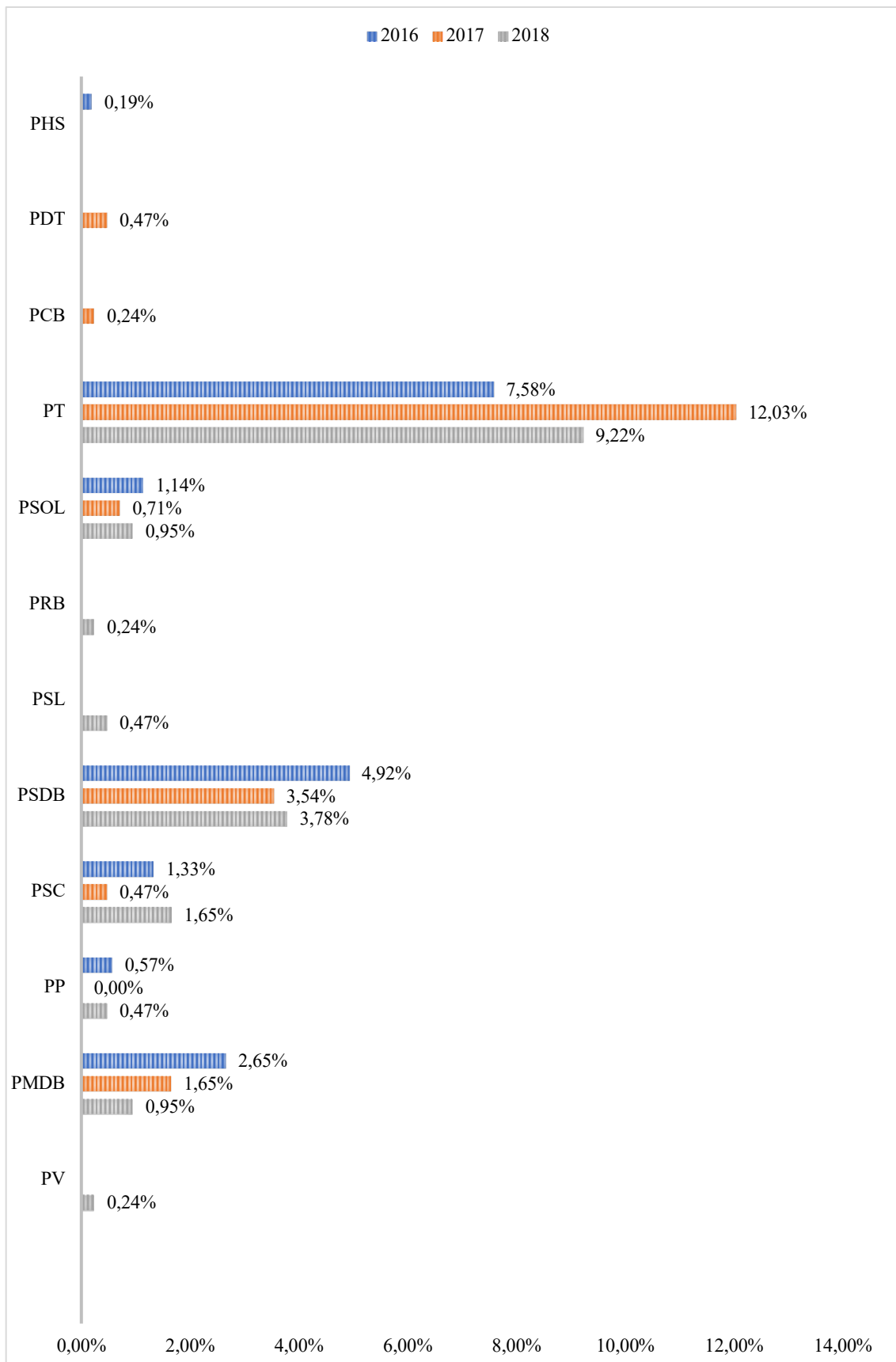
A não preferência por espectros políticos predominou em todos os anos de pesquisa, mas com considerável queda em 2018. Embora Direita e Esquerda não sejam conceitos absolutos, mas sim conceitos relativos de *lugares do espaço político* (BOBBIO, 2011, p. 107), há uma certa identificação com esses polos entre os entrevistados. A identificação com a direita cresceu ao decorrer dos anos pesquisados, de 9,28%, em 2016 para 13,95%, em 2018. Contudo, mesmo diante desta crescente não identificamos impactos diretos na opinião do público em relação às pautas que geralmente estão alinhadas às esquerdas. Como demonstramos anteriormente, durante os anos de pesquisa houve uma redução da defesa das pautas conservadoras em relação ao relacionamento homoafetivo e ao aborto. Por isso, essa adesão à direita também pode ser reflexo da própria conjuntura da época e do estranhamento aos movimentos de esquerda, que são muito vinculados à imagem do PT. Os rótulos que os partidos carregam apresentam um vago pacote de políticas e programas (SARTORI, 1982 *apud* SINGER, 1994) que geram uma fixação por essa imagem. Portanto, o público evangélico pode estar ao mesmo tempo aberto a pautas progressistas, mas repudia os movimentos de esquerda por estarem vinculados à imagem negativa construídas a eles. É uma forma de simplificação da dicotomia cujos polos são necessariamente imprecisos (LACLAU, 2006). A

incompreensão do eleitorado sobre esta abstração da polarização política pode promover tal aparente divergência.

Evidenciamos também o crescimento dos que se identificam com o centro. Contudo, a definição de centro também possui um problema que pode levar à incompreensão do público sobre o tema, devido a maior abrangência do conceito. Conforme Bobbio (2011), na centro-esquerda podem estar as doutrinas e movimentos igualitários e libertários as quais chamamos de socialismo libertário e contempla todos os partidos social-democratas, mesmo que pensem em diferentes práxis políticas. Na centro-direita, doutrinas e movimentos libertários e não igualitários, o que inclui os partidos conservadores, da direita reacionária. Portanto, definir-se como centro pode ser uma forma de atenuar a identificação entre os dois polos: Esquerda e Direita.

Uma vez que analisar o espectro político nos leva a estes problemas, buscamos compreender se há alguma preferência partidária entre os entrevistados.

Gráfico 24. Preferência Partidária

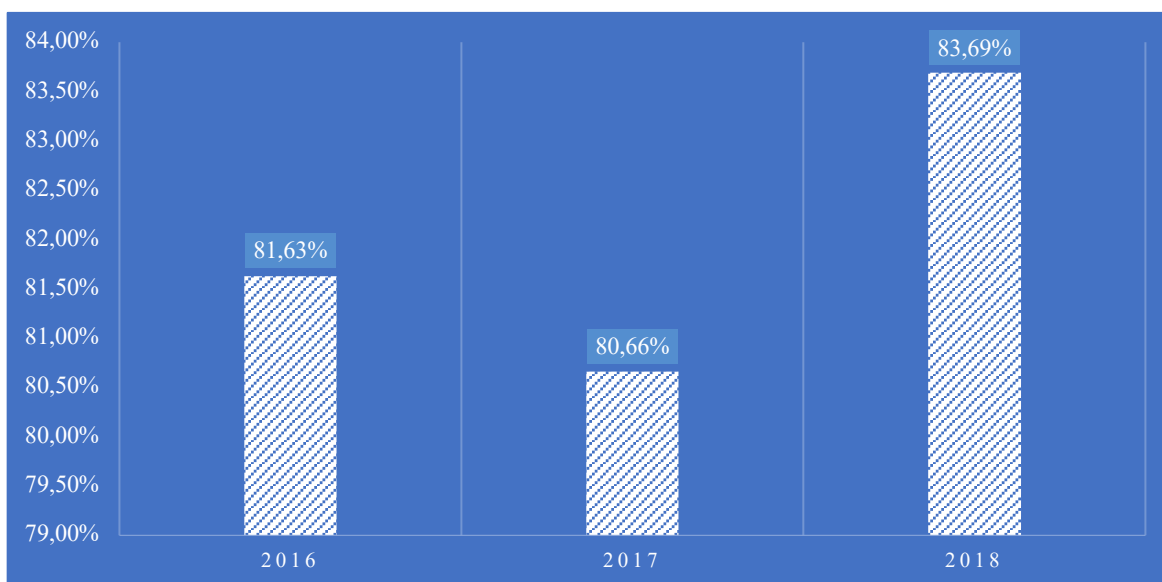


Fonte: O autor (2019)

Entre os partidos, o PT se destaca com a maior identificação, sendo 2017 o ano com o maior índice: 12,03%. Em segundo lugar, nos três anos consecutivos temos o PSDB e, em terceiro lugar, o PMDB. O PRB, partido ligado à religião e a FPE não pontuou nos dois primeiros e, no terceiro ano, marcou apenas 0,25%. O motivo de tal fato pode ser pela IURD não ser uma igreja que adere formalmente a Marcha para Jesus.

Nos três anos, a maior parte dos entrevistados responderam não possuírem preferência partidária, um indício claro da desconfiança frente ao sistema político-partidário no Brasil. No período destas entrevistas, os movimentos antipartidários já haviam se consolidado nas redes sociais e nas manifestações de rua. Desconfiança poderia ser entendida como “[...] a extensão da hostilidade que partidos enfrentam na sociedade num determinado momento, podendo ser mitigada a partir de uma avaliação positiva de sua performance”. (LAZZARI, 2017, p. 354). Essa desconfiança não é algo exclusivo dos evangélicos, pois diversos estudos como os de Lazzari (2017) e Baquero; Castro; Ranincheski (2016) apontam esse fenômeno de forma geral na sociedade brasileira.

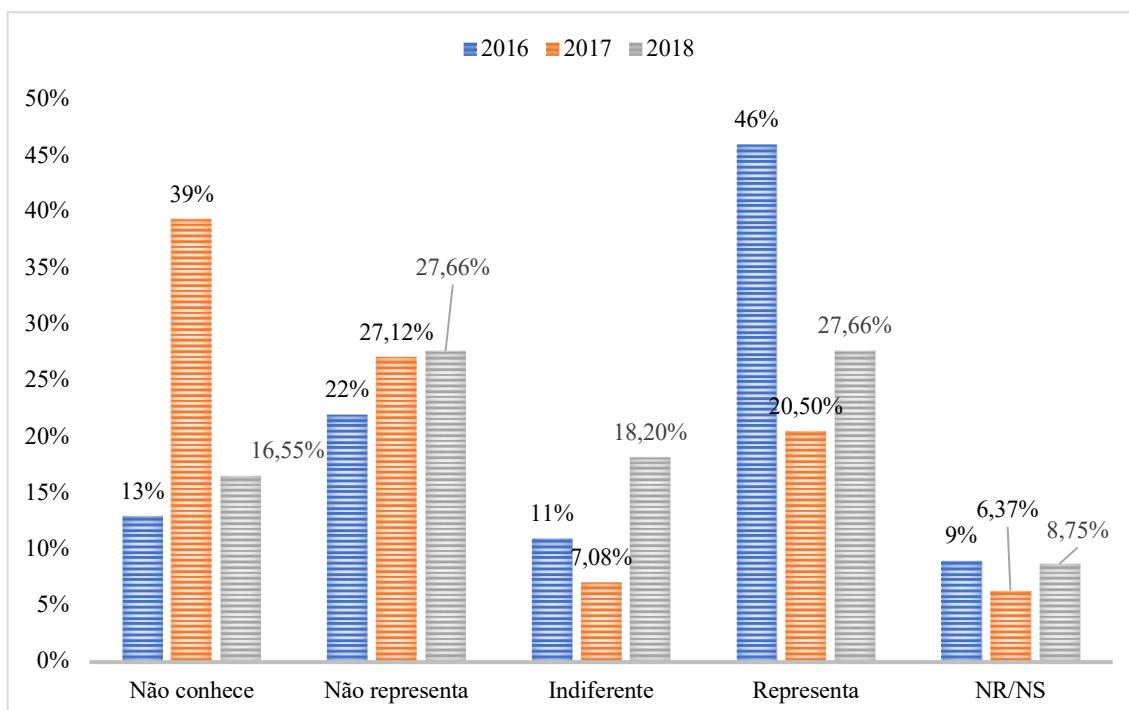
Gráfico 25. Entrevistados sem preferência partidária



Fonte: O autor (2019)

Ao longo do nosso trabalho, apresentamos as transformações e as frentes de atuação da FPE. Sua exposição midiática e o envolvimento em pautas polêmicas fizeram-na parte do nosso objeto de estudo. Contudo, isso nos levou à questão sobre se, de fato, a FPE representa seus fiéis. Por este motivo, nos três anos da pesquisa buscamos mensurar este aspecto.

Gráfico 26. Representatividade da Bancada Evangélica



Fonte: O autor (2019)

No decorrer da pesquisa, percebemos que o grau de representante da FPE decresce e, por outro lado, sua rejeição aumenta de 22%, em 2016 para 27,66% em 2018. No ano de 2017, a maior parte dos entrevistados (39%) não conhecia a FPE. Portanto, a identificação do público com as lideranças religiosas que entram na esfera política é fraca ou até mesmo inexistente. Mesmo diante da exposição midiática da bancada, uma parcela considerável dos fiéis entrevistados não a conhece. Além disso, devemos destacar a incompreensão e a generalidade provocada pelo termo na opinião pública. Conforme descrevemos anteriormente, por muitas vezes, a bancada evangélica é confundida como a simples participação de evangélicas ou evangélicos na política. Contudo, grande divergência há neste grupo, por este motivo, é importante separar a bancada formalizada chamada de Frente Parlamentar Evangélica dos evangélicos que atuam na política.

Já que os termos “bancada” e “frente parlamentar” podem ser incompreensíveis aos entrevistados, buscamos avaliar personagens específicos, aqueles que fazem parte do nosso objeto de estudo e que, certamente, são conhecidos pelo público evangélico e, portanto, permitindo um recorte mais específico e menos abstrato para aferirmos o grau de representatividade. Escolhemos Silas Malafaia como líder religioso e Marco Feliciano como líder político-religioso. Logo na pesquisa de 2016 percebemos que há uma identificação de representatividade dos personagens citados para com os presentes no evento. Silas Malafaia destacou-se com 58,6%, somando as categorias representa e representa muito, sendo ele o que mais representava os fiéis na categoria pastores e líderes religiosos. Do mesmo modo, 40,8% dos entrevistados se sentiam representados por Marco Feliciano destacando-o, com isso, em nossa pesquisa, como o líder político-religioso que mais representava os entrevistados.

Em 2016, após divulgação destes dados no portal da Universidade Metodista, o próprio pastor Marco Feliciano fez uso dos dados para se afirmar como representante dos evangélicos¹⁵⁹.

Figura 45 Post de Marco Feliciano sobre nossa pesquisa



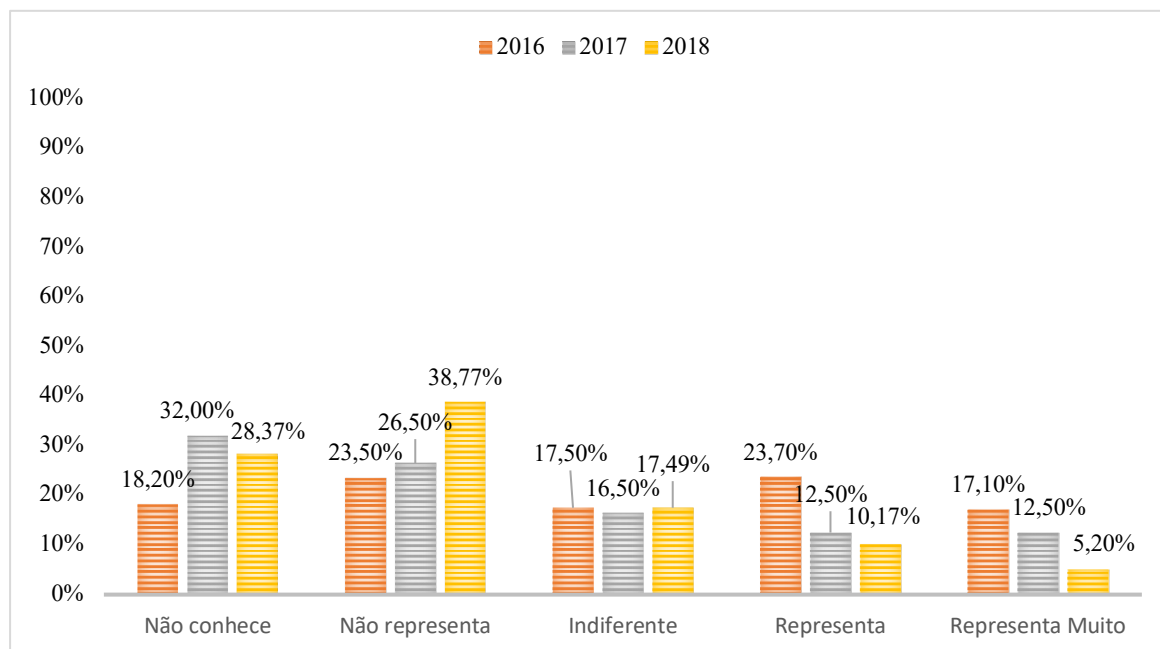
FELICIANO. Marco. Feliciano e Malafaia são os que mais representam evangélicos. Facebook¹⁶⁰

¹⁵⁹ Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/feliciano-malafaia-representam-evangelicos/> Acesso em 01/06/2018.

¹⁶⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/PastorMarcoFeliciano/posts/841848392621848>. Acesso em 01/06/2018.

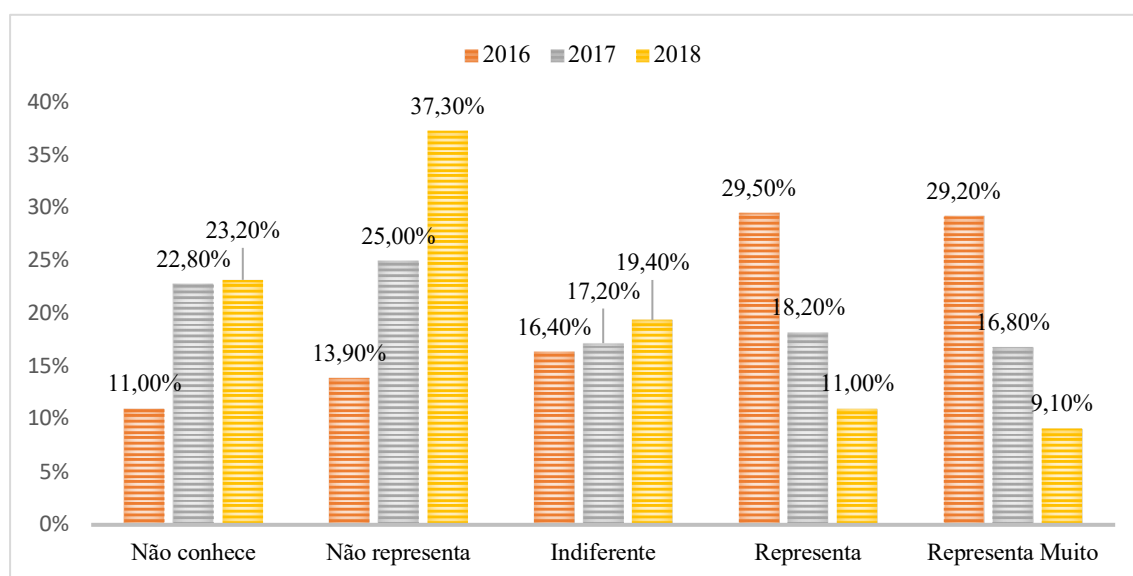
Entretanto, ao longo dos anos, de acordo com nossa pesquisa, a representatividade de ambos caiu consideravelmente.

Gráfico 27. Representatividade de Marco Feliciano



Fonte: (O autor, 2018).

Gráfico 28 Representatividade de Silas Malafaia



Fonte: (O autor, 2018)

É difícil identificar com precisão as motivações que levaram à queda da representatividade destes líderes, mas partimos de algumas hipóteses. Neste período alguns fatos podem ter contribuído para isso. Em 2016, o escândalo envolvendo Marco Feliciano e Patrícia Lelis em um possível caso extraconjugal gerou grande debate nas redes sociais, levando o pastor a se pronunciar sobre o fato ao lado de sua esposa. Em 2018, o episódio da Operação Timóteo que indiciou Silas Malafaia por supostamente ter cedido contas bancárias da igreja para lavagem de dinheiro. Todos os casos tiveram grandes repercussões e podem ter colaborado para a queda da representatividade dos líderes. Independente das motivações desta queda, o que se evidencia em nossa pesquisa é que o eleitorado evangélico não é homogêneo e muito menos toma para si a figura de um líder como grande e única referência para fins políticos.

Evidentemente, parte dos fiéis pode se identificar com esses personagens e definir o seu voto a partir das ideais difundidas por eles, uma vez que encontramos números consideráveis de pessoas afirmando que ambos os representam muito, além de identificarmos um grande número de seguidores deles nas redes sociais. Porém, a força destes líderes isoladamente não é o suficiente para decisões eleitorais. Por exemplo: embora a maioria da FPE seja contrária ao governo petista e apenas dois deputados fossem contra o *impeachment* de Dilma, percebemos que parte do eleitorado evangélico se identifica com Lula e com o PT. Sobre a identificação partidária, já anteriormente mencionado, destacando o predomínio da não identificação partidária mas, entre os que se identificam com algum partido, em sua maioria, preferem o PT. Do mesmo modo, na pesquisa de 2018, Lula se destacava entre com 20,06 % das intenções de voto contra 15,6% das intenções em Jair Bolsonaro (PSL/RJ). Segundo dados de nossa pesquisa, Lula e Bolsonaro possuíam um possível eleitor com características semelhantes, na segmentação por renda. O ex-presidente concentrava as intenções de votos entre desempregados (21,18%) e pessoas que ganham até dois salários mínimos (21,18%). O deputado, entre pessoas que ganham até dois (25,76%) e de dois a três salários mínimos (16,67%). No recorte denominacional, ambos se destacam entre pentecostais e neopentecostais. Em comparativo com uma disputa eleitoral sem a participação de Lula, Bolsonaro marcou o primeiro lugar das intenções com 17,49% e Marina, em segundo lugar, com 9,46%. Um dado que nos chamou atenção foi o da pulverização dos votos de Lula em caso de sua não participação nas eleições, inclusive, quatro entrevistados, possíveis eleitores do ex-presidente declararam direcionar o voto para o deputado, caso Lula não participasse. Diante destes dados, percebemos a complexidade da decisão de

voto e, principalmente, compreendemos que não há um voto evangélico, de fato. Além disso, as lideranças que estudamos também não possuem poder do convencimento pleno em questões políticas. Embora Marco Feliciano, Silas Malafaia e a FPE combatessem constantemente Lula e o PT, identificamos que não há impacto significativo na opinião pública entre os evangélicos.

Diante destes dados, percebemos que há um descolamento entre o que é disseminado por lideranças e assimilado pela base evangélica. O cidadão evangélico, embora possua suas crenças alinhadas a determinada matriz de fé, é capaz de adaptar e fazer seus próprios julgamentos em determinadas pautas, principalmente ao tocar assuntos da esfera pública. É o que Berger (2017) apresenta ao dizer que seria um erro acreditar que a sociedade está dividida entre fundamentalistas e relativistas, pois a maior parte das pessoas não está preocupada com esta reflexão muito menos com uma teorização sobre esse tema. Ainda de acordo com o autor, o pluralismo religioso e de ideias altera a relação entre o leigo e o clero. A elite religiosa sem o poder de coerção, como era possível antes, abre espaço para questionamentos por parte dos fiéis e o desenvolvimento de novas interpretações e práticas. Conseqüentemente, as indicações de candidatos, por parte da igreja, podem não ser levadas em conta em determinados seguimentos religiosos.

Podemos considerar o eleitor evangélico semelhante ao perfil dos demais eleitores do país, tendo em vista que outras pesquisas eleitorais de 2018 também identificaram Lula como candidato com maior intenção de voto, mesmo em um cenário conturbado, envolvendo os escândalos de corrupção atribuídos ao PT e a prisão do ex-presidente. Em agosto de 2018 Lula liderava com 39% das intenções de voto, enquanto Bolsonaro, apenas 19% (IBOPE, 2018).

Preocupados em identificar mais precisamente sobre a existência do voto evangélico, resgatamos um estudo produzido por Chicarino, Martinho e Ortunes (2017) sobre as eleições de 2014, na qual Marco Feliciano foi eleito com 398.087 votos, sendo o terceiro candidato mais votado no Estado de São Paulo. De acordo com essa pesquisa, por meio dos dados do TSE, destacamos as zonas eleitorais que tiveram acima de três mil votos, e foram elas: São Mateus/São Paulo (3.619), Franco da Rocha (3.392), Itaim Paulista/São Paulo (3.401), Orlandia (3.359), Brasilândia/São Paulo (3.277), Parelheiros/São Paulo (3.114) e São Sebastião (3.045). O maior número de votos está concentrado na cidade de São Paulo e, se somadas as zonas eleitorais do município, Feliciano obteve ao todo 90.982 votos, o que equivale a 22% do total de votos

conquistados neste pleito. Vale destacar que São Paulo é a cidade com maior número de assembleianos, com 533.362 residentes (IBGE, 2010). Na cidade de Orlandia, onde o deputado pontua com 3.359 votos, está localizada a igreja Catedral do Avivamento, presidida por Marco Feliciano e que também faz parte da associação das igrejas Assembleias de Deus. As cidades de Franco da Rocha e São Sebastião também se destacaram no número de votos. Embora, de acordo com o IBGE (2010), essas cidades não possuam expressividade numérica no número de fiéis evangélicos, outros fatores como alianças locais ou coesão de voto em igrejas podem ter colaborado com o destaque do pastor. Por isso, percebemos que o fator da regionalidade está ligado aos votos do pastor, principalmente se levarmos em conta a segunda cidade em número de votos, Orlandia, que é a sede de seu ministério pastoral. Neste caso, há uma relação entre a religião e o local da presença do candidato. Mesmo articulando-se pelas redes sociais e fazendo campanhas por todo estado de São Paulo, Feliciano não alcança números expressivos de votos em outras regiões com presença evangélica significativa, como, por exemplo, as três cidades com maior número de eleitores evangélicos depois de São Paulo: Guarulhos, com 346.516, Campinas, com 273.812 e Osasco, com 187.638.

Em complemento a esta pesquisa, analisamos os resultados por zonas eleitorais do pleito de 2018. Desta vez, Feliciano teve maior número de votos na cidade de São Paulo (12.587), em segundo lugar Orlandia com 4.577 e, em terceiro, Itapevi com 1.725 votos. Percebemos uma queda considerável no número de votos do deputado no município de São Paulo. Itapevi destacou-se em terceiro lugar e, durante o desenvolvimento deste trabalho, já tínhamos identificado a presença de Marco Feliciano nesta cidade, diante da divulgação de dois cultos com a presença do mesmo como pregador.

Figura 46 Post de Marco Feliciano sobre culto em Itapevi



FELICIANO, Marco. Culto de Avivamento. 25/09/2018. Facebook¹⁶¹

Portanto, neste caso, o voto em Feliciano depende, também, da sua presença nas cidades, o que se dá por meio de cultos. Fé e regionalismo podem ter contribuído para as duas eleições do pastor, mas não temos subsídios claros para afirmar que somente a fé e as redes sociais fornecem a mesma força eleitoral ao candidato.

Após essas análises consideramos que há um alinhamento entre os evangélicos com o pensamento conservador, mas não há uma estreita relação entre a base religiosa e o neofundamentalismo, muito menos um papel decisivo por parte das lideranças evangélicas na disputa eleitoral. O público evangélico, por corresponder a uma parcela considerável da população brasileira, certamente é um grupo importante para o pleito eleitoral, porém, não podemos afirmar o mesmo ao relacionarmos as lideranças que estudamos. E, por este motivo, os pastores midiáticos esforçam-se em seus discursos chauvinistas para ganhar maior apoio desta base que não se identifica com eles.

¹⁶¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/PastorMarcoFeliciano/posts/assessoriaculto-de-avivamento-aqui-na-igreja-apost%C3%B3lica-fidelidade-crist%C3%A3-em-ita/1385199751620040/>. Acesso em 19/03/2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esse trabalho de pesquisa foi possível identificar diversas transformações na relação entre religião e política, tornando evidente a necessidade de estudos que apontem os possíveis desdobramentos dessas ações. Muitos pontos que buscamos compreender e analisamos por meio de referencial teórico, análise das mídias e pesquisa em campo, despertaram em nós novas reflexões, pois os resultados obtidos destoaram da ideia inicial de homogeneidade do perfil evangélico e de grande influência dos líderes sobre a base religiosa. Desses resultados destacamos que a base religiosa possui uma abertura maior às demandas de pautas identitárias e a sua não identificação da mesma com as lideranças com as quais pensávamos haver grande índice de representatividade. Estes resultados tornam o movimento religioso no Brasil muito mais complexo de se compreender e também nos faz estabelecer novas relações sobre a pluralidade de pensamento no meio evangélico. Por outro lado, tornou-se claro em nossa pesquisa que as demandas estipuladas pelas lideranças religiosas neofundamentalistas conseguem alcançar a política institucional por meio da ampliação de deputados e senadores alinhados a esta forma de pensamento. Contudo, evidenciamos a fragilidade da FPE em aprovar tais medidas e de se articular na busca por votos que garantam a efetivação de seus objetivos. Com isso, resta à FPE, por meio de PDCs, rechaçar as demandas de pautas identitárias aprovadas no Congresso. Isso torna esta bancada mais reativa do que proativa, sendo ela um freio para as pautas consideradas progressistas ou esquerdistas, como são classificadas por eles. Embora a FPE afirme possuir grande adesão por parte dos parlamentares e suas expressivas 199 assinaturas no documento de sua constituição, no ano de 2015, não encontramos indícios de uma forte articulação para implementação de um projeto único cristão que busque uma hegemonia de princípios. Boa parte dos projetos com aspectos morais são isolados e não conseguem expressividade em número de apoiadores. Por isso, o ponto de atenção sobre a articulação deste grupo reside estritamente no seu caráter limitador de pautas que fazem parte de uma sociedade laica e que busca promover políticas públicas e direitos fundamentais às minorias presentes na sociedade.

Por isso, não há dúvidas que o neoconservadorismo e o neofundamentalismo são movimentos reacionários antiprogressistas que surgiram em períodos específicos, criando um fluxo contrário às pautas relativistas, identitárias e libertárias em seu sentido moral. Contudo, essa reação recebe uma roupagem nova a cada aparição e de acordo com cada grupo com que surge. Em nosso estudo, identificamos as particularidades do movimento

neofundamentalista e o que o torna algo novo diante de outras manifestações reacionárias que já estiveram presentes no Brasil.

Durante essa pesquisa a FPE ganhou força e, em 2018, por meio de um alinhamento estreito com o Planalto ampliou o número de membros, compondo-se, hodiernamente, por 7 senadores e 84 deputados. Embora esteja fora do nosso escopo, convém destacar que as articulações da FPE podem se alterar neste novo cenário, a saber, um governo conservador inclusive influenciado por Olavo de Carvalho, autor que citamos neste trabalho como uma voz reacionária que ganhou destaque midiático nos últimos anos. Na marcha para Jesus em 2019, o próprio presidente em exercício esteve presente, um sinal claro de alinhamento e identificação com as lideranças religiosas neopentecostais, principalmente a igreja Renascer em Cristo, idealizadora do evento. Do mesmo modo, a rede Record de televisão e seu presidente Edir Macedo, bispo da igreja Universal do Reino de Deus, se aproxima do planalto por meio de reportagens exclusivas que beneficiam a imagem do presidente e ao mesmo tempo recebeu um aumento de 63% na verba de publicidades governamentais. Somente nestes dois exemplos, temos duas grandes igrejas que demonstram nitidamente sua adesão e apoio ao novo governo. Mesmo diante do grande enigma sobre a religiosidade do então presidente, se é católico ou evangélico, percebemos que ele é capaz de promover o que foi chamado por Humberto Ramos de Oliveira de ecumenismo beligerante¹⁶²: A união da fé cristã entre católicos e evangélicos no combate aos movimentos de esquerda e do liberalismo moral.

O grande dilema da relação entre política e religião permanece em aberto: até que ponto essas esferas possuem legitimidade para se influenciarem? Se, por um lado, o Estado laico deve assegurar a liberdade de crença da população e não instrumentalizar a religião para fins políticos, por outro lado, a religião diante de sua liberdade pode se articular em defesa de seus valores e participar do jogo decisório da esfera pública. Porém, quando se ultrapassa esse tênue limite da laicidade, algo que já é difícil mensurar, é que temos os conflitos ideológicos e institucionais instalados na política. Consequentemente, o risco da limitação da liberdade de outros se amplia na mesma medida em que os princípios morais religiosos alargam-se.

Em suma, buscamos apresentar neste estudo um fragmento desta realidade extremamente plural que é o fenômeno religioso e os movimentos conservadores. E sabemos o poder de influência que conseguem exercer sobre a sociedade em

¹⁶² Ideia do autor presente no prelo de sua tese de doutoramento.

determinados períodos, principalmente quando se apropriam da política institucional. A grande questão é que o conservadorismo ou neoconservadorismo, no Brasil, está muito distante de suas matrizes ideológicas, pois baseia-se em um esvaziamento intelectual, promovendo intolerância e incompreensão sobre assuntos sensíveis e polissêmicos na sociedade brasileira. A busca pela reescrita da história e o anticientificismo são marcas presentes em um grupo que atualmente ocupa posições estratégicas do governo e que conquistou suas cadeiras justamente por combater os valores republicanos e ideais de liberdade, da educação, da defesa do meio ambiente, da democracia e dos direitos humanos. Enfim, esperamos ter contribuído de alguma forma sobre o debate entre religião e política na contemporaneidade brasileira e que novas ações possam equilibrar essa relação em busca do aperfeiçoamento da democracia e do debate político no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Gedeon. **Presença Evangélica no Brasil atual: remédio ou veneno?**. Observatório da Religião, v. 2, 2015, pp. 130-152.
- ALMEIDA, Adroaldo José Silva. **“Pelo Senhor, marchamos”**: Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016.
- ALMEIDA, Marcos Inácio; COELHO, Severo de Ricardo Limongi F.; CAMILO-JUNIOR, Celso Gonçalves; GODOY, Rafaella Martins Feitosa. **Quem Lidera sua Opinião? Influência dos Formadores de Opinião Digitais no Engajamento**. Revista de administração contemporânea. v.22, n1, Curitiba, Jan./Feb., 2018, pp.116-136
- ALMEIDA, Ronaldo de. **Os deuses do parlamento**. In: Novos estudos, CEBRAP, São Paulo, especial, Junho 2017, pp.71-79.
- ALONSO, Alejandro Muñoz. Génesis y aparición del concepto de opinión pública. In: ALONSO, Alejandro Muñoz; MANZÓN, Candido; ROSPIR, Juan Ignacio; DADER, José Luiz. **Opinión Pública y Comunicación Política**. Madrid: Eudema Universidad, 1990.
- ALONSO, Leandro Seawright. **Messianismo Protestante: a resposta de deus no golpe civil- militar de 1964**. In: Mnemosine Revista. Programa de Pós-graduação em História/UFCG Vol. 5 – nº Especial 2014. Campina Grande: PPGH, 2014, p. 148-165.
- ALVES, Rubem. **Dogmatismo e tolerância**. São Paulo: Paulinas, 1982.
 _____ . **Protestantismo e Repressão**. São Paulo: Ática, 1972.
- ARAÚJO, João Dias de. **Inquisição sem fogueiras: vinte anos de história da igreja presbiteriana do Brasil: 1954-1974**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010
- ARCARY, Valerio. **Acabou o Amor: A ruína do Lulismo e os dilemas da oposição de esquerda**. In: DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane. A onda conservadora: Ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.
- ARENDDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- AUGUSTO, André Guimarães. **O que está em jogo no “Mais Mises, Menos Marx”**. In: DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane. A onda conservadora: Ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.
- AVERBUG, André. **Abertura e integração comercial brasileira na década de 90**. Brasília: BNDS, 1999.

BAQUERO, Marcello; CASTRO, Henrique C. de; RANINCHESKI, Sônia M. **(Des)confiança nas instituições e partidos políticos na constituição de uma democracia inercial no Brasil: o caso das eleições de 2014.** In: Política & Sociedade, Florianópolis, v.15, n.32, Jan./Abr. de 2016, pp. 9-38.

BAQUERO, Marcelo. **O desencanto com a democracia: análise do comportamento eleitoral dos gaúchos nas eleições de 1994.** In: Opinião Pública, Campinas, vol. II, nº 2, Dezembro, 1994, p. 73-94.

BELLOTTI, Karina K.; CUNHA, Magali N. (orgs.). **Mídia, Religião e Cultura: Percepções e tendências em perspectiva global.** Curitiba: Editora Prismas, 2016.

BENJAMIN, Walter. **Capitalismo como Religião.** Tradução de Jander de Melo Marques Araújo. In: Revista Garrafa, n.23, janeiro-abril, 2011, n.p.

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista.** Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

_____. Una gloria remota. **Avere fede nell'epoca del pluralismo.** Bologna. Il Mulino, 1994.

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido A Orientação do Homem Moderno.** Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

BIANCHI, Alvaro. **A Guerra que estamos perdendo.** In: DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane. A onda conservadora: Ensaio sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

BINDE, João Luis; COUTO, André Valente; FILHO, José Vinicius da Costa; RODRIGUES, Ivo Assunção. **Evangélicos e a Ditadura no Brasil: A família evangélica contra o comunismo.** Trabajo preparado para su presentación en el 9º Congreso Latinoamericano de Ciencia Política, organizado por la Asociación Latinoamericana de Ciencia Política (ALACIP). Montevideo, 26 al 28 de julio de 2017.

BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda: Razões e significados de uma distinção política.** 3ª edição. São Paulo: UNESP, 2011.

_____. **Teoria Geral da Política: A filosofia política e as lições dos clássicos.** Rio de Janeiro: Campos, 2000.

BONZATTO, Eduardo; ORTUNES, Leandro. **Fundamentalismos: Entre a Casa da Paz e a Casa da Guerra.** In: Revista de Estudos de Religião/PLURA, v.6, n.1, 2015, pp.5 -21.

BORBA, Felipe; VEIGA, Luciana Fernandes; MARTINS, Flávia Bozza. **Os condicionantes da aceitação e da rejeição à propaganda negativa na eleição presidencial de 2014.** Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 25, Janeiro de 2018, p. 205-236.

BORGES, André; VIDIGAL, Robert. **Do lulismo ao antipetismo?** Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. **Opinião Pública**, Campinas, v. 24, n. 1, Apr. 2018, pp. 53-89

BOTELHO, André; NUNES, Gabriela. **Revisão do Pensamento Conservador: Ideias e política no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1986

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGUINI, Katya Mitsuko Zukim. **Juventude e Pensamento Conservador**. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje**. In: Estudos Avançados, n.18, v.52, 2004, pp. 261-288.

BRUNATELLI, Gabriel Henrique; LAHUERDA, Milton. **O Neopentecostalismo e os dilemas da modernidade periférica sob o signo do novo desenvolvimentismo brasileiro**. In: Revista Brasileira de Ciência Política. Brasília, n. 14, maio agosto de 2014, p.58-82.

BUENO, Roberto. **O autoritarismo brasileiro e as vias conservadoras em Francisco Campos, Oliveira Viana e o Estado Novo**. In: RIL Brasília a. 53, n.210 abr./jun., 2016 p. 25-41.

BURITY, Joanildo A. **Religião e Política na Fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica**. Revista de Estudos da Religião – REVER, São Paulo, nº. 04, ano 01, 2001, n.p.

BURITY, Joanildo. **Fé na Revolução. Protestantismo e o discurso revolucionário Brasileiro (1961-1964)**. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. São Paulo: Edipro, 2014.

_____. Reflexões sobre as causas do descontentamento atual. In: WEFFORT, F. (org.) – **Os clássicos da política**. Editora Ática, São Paulo, 1991.

_____. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo**. São Paulo: Editora Unicamp, 2013.

CALISSI, Jamile G. **Um estudo sobre os Decretos Legislativos: Procedimento, Tratados Internacionais Comuns e Controle de Constitucionalidade**. In: Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Franca. v.3, n.1, 2010, pp. 1-17.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Evangélicos e mídia no Brasil - uma história de acertos e desacertos**. REVER (PUCSP), v. 4, pp. 1-26, 2008.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Os políticos de Cristo: uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil.** Texto preparado para o GT Religião e Sociedade, XXVI ANPOCS, Caxambu, outubro de 2002.

CANEL, María José; SANDERS, Karen. **El poder de los medios en los escándalos políticos: la fuerza simbólica de la noticia icono.** Anàlisi, Barcelona, n. 32, p. 163-178. 2005.

CARVALHO, José Murilo de. **Fortuna e virtù no golpe de 1964.** Estudos Avançados São Paulo, v. 28, n. 80, abr., 2014, pp. 07-16.

CARVALHO, Olavo de. **O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota.** São Paulo: Record, 2013.

CARVALHO, Talyta. **Leo Strauss: Uma introdução à sua filosofia política.** São Paulo: É realizações, 2015.

CASANOVA, José. **O Problema da Religião e as Ansiedades da Democracia Secular Europeia.** Traduzido por Leila Cristina de Melo Darin. Revista de Estudos da Religião (REVER), dezembro, 2010, pp. 1-16.

_____. **Public Religion in The Modern World.** Chicago: The Chicago University Press, 1994.

_____. **Religiones públicas en un mundo global.** In: Iglesia viva: revista de pensamiento cristiano, n. 218, 2004, pp. 69-92.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHAIA, Vera; M. BRUGNAGO, Fabrício. **A nova polarização política nas eleições de 2014: Radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook.** Revista Aurora, São Paulo, V.7, n.21, 2014, pp. 99-129.

CHAIA, Vera. Eleições no Brasil: o medo como estratégia política. In: Antonio Albino Canelas Rubim (org.), **Eleições presidenciais em 2002 no Brasil: ensaios sobre mídia, cultura e política.** São Paulo: Hacker Editores, 2004.

CHAIA, Vera. **Lideranças Políticas e Cinema: a imagem construída de alguns presidentes brasileiros.** Revista USP, n. 90, 30 ago., 2011, p. 102-119.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

CIOCCARI, Deysi. **Do PFL ao DEM: uma análise das bancadas.** Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Ciências Sociais. São Paulo: PUCSP, 2016.

CIPRIANI, Roberto. A religião no espaço público. In: **A religião no espaço público: atores e objetos.** Ari Pedro Oro, Carlos Alberto Steil, Roberto Cipriani, Emerson Giumbelli (org.) São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

COIMBRA, Cecília; NASCIMENTO, Maria Livia. **Jovens Pobres: O mito da periculosidade**. In FRAGA, Paulo Cesar Pontes; IUIANELLI, Jorge Atílio Silva (orgs.) *Jovens em tempo real*. DP&A: Rio de Janeiro, 2003. p.19-37.

COSTA, Patrícia Garcia. **Análise de discurso em questão: a construção do ethos feminino no programa televisivo The Love School**. In: Anais do X Eclesiocom. Volume 3, Número 1. São Bernardo: UMESP, 2015.

COUTINHO, João Pereira; PONDÉ, Luiz Felipe; ROSENFELD. **Por que Virei à Direita**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.

COUTINHO, João Pereira. **As ideias conservadoras: explicadas a revolucionários e reacionários**. São Paulo: Três Letras, 2014.

COUTINHO, Marcelo. **Marketing e comunidades digitais: do discurso ao diálogo**. In: Revista ESPM, março/abril, 2007, pp. 28-39.

CROATTO, Severino. **As linguagens da experiência religiosa**. São Paulo: Paulinas, 2010.

CRUZ, Marcelo Pereira da. **A Igreja Universal do Reino de Deus no "jogo do poder": a aliança com o Partido dos Trabalhadores nas eleições presidenciais de 2002**. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Ciências da Religião. São Paulo: PUC-SP, 2009.

CUNHA, Magali do Nascimento. “É preciso salvar a família”: gênero, religião e política no contexto do neoconservadorismo evangélico nas mídias no Brasil. In: VITAL, Christina da Cunha; *et al.* **Religião e Política: medos sociais, extremismo religioso e as eleições 2014**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll: Instituto de Estudos da Religião, 2017.

_____. **“O Caso Marco Feliciano” como paradigma para os estudos em mídia, religião e política no Brasil**. In: Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2015, pp.1-15.

_____. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

_____. **Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: A perspectiva das mediações culturais e comunicacionais**. In: Revista Famecos, Porto Alegre, v. 23, n. 2, mai./ago, 2016, n.p.

DADER, José Luiz. **Opinión Pública y Comunicación Política**. Madrid: Eudema Universidad, 1990.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Religião e Política: análise dos possíveis intercâmbios e atravessamentos entre esferas supostamente antagônicas**. Revista Nures, Ano IX, Número 23, janeiro-abril de 2013, pp.1-11.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. **Religião e Política: Ideologia e ação da “Bancada Evangélica” na Câmara Federal.** Tese de doutoramento apresentado ao programa de pós-graduação em Psicologia Social. São Paulo: PUC-SP, 2011.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**, 4^a Edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo.** São Paulo: Editora Contraponto, 1997.

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C.L.. **Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques.** Revista Media & Jornalismo, Lisboa, v. 18, n. 32, abr., 2018, p. 155-169.

DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano.** São Paulo: Contexto, 2004.

DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane. **A onda conservadora: Ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil.** Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

DUBIEL, Helmut. **¿Qué es neoconservadurismo?** Barcelona: Anthropos, 1993.

EISENBERG, José. **O político do medo e o medo da política.** In: Lua Nova [online]. 2005, n.64, pp.49-60.

FELICIANO, Marco. **Porque Me Tornei Parlamentar.** Rio de Janeiro: MK Editora, 2018.

FINGUERUT, Ariel. Formação, crescimento e apogeu da direita cristã nos Estados Unidos. In: SILVA; DUPAS (org.). **Uma Nação com Alma de Igreja.** São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FOERSTER, Norbert Hans Christoph. **Poder e política na Congregação Cristã no Brasil: um pentecostalismo na contramão.** In: Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião – UFRGS, Porto Alegre, v. 8, n. 8, 2006, pp. 121-138.

FONTELES, Heinrich Araújo. **A ascensão da mídia evangélica – uma (mútua) interferência política, econômica e tecnológica.** In: Revista Eletrônica Polidisciplinar Vãos, v. 02, p. 01-14, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista.** Cadernos de Subjetividade. V. 1, N. 1 (1993), p.197-200.

FRESTON, Paul, 1993. **Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment.** Tese de Doutorado apresentando ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, IFCH-UNICAMP, 1993.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. Em: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRESTON, Paul. **Pentecostalism in Brazil: a brief history**. Religion, Abingdon: Taylor & Francis, n. 2, v. 25, 1995, pp.119-133.

FREUD, Sigmund. **Uma dificuldade no caminho da Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GALLEGO, Esther Solano. **Fatores da Crise, Corrupção e Saídas**. Ponto e Vírgula - PUC SP, n. 19, Primeiro Semestre de 2016, pp. 126-139.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, RJ: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GLASSNER, Barry. **Cultura do Medo: por que tememos cada vez mais o que deveríamos temer cada vez menos**. São Paulo: Editora Francis, 2003.

GONÇALVES, ALONSO. Batistas na política. Disponível em: http://www.batistas.com/portalanterior/index.php?option=com_content&view=article&id=327&Itemid=68. Acesso em 10/01/2019.

GONÇALVES, Rafael Bruno. **A atuação de Marco Feliciano na comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM)**. In: Mandrágora, v.23. n. 2, 2017, pp. 205-245.

GORENDER, Jacob. **A sociedade cindida**. Estudos Avançados, v.28, n.80, 2014, pp. 17-26.

GOUVEIA, Eliane Hojaij. **Entre o Templo e a Televisão: Comunidades Eletrônicas de Consolo**. Revista Nures, n.1, 2005, pp. 1-16.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Carcere**. Volume 3. 2ª edição São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GRYNSZPAN, Mario. CPDOC FGV – **A questão agrária no governo Jango**. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidencia>

GUILLEN, Fernando. **7 Montes**. Contagem: Gráfica Del Rey, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **A terceira via entre laicismo e radicalismo religioso**. Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 2008.

_____. **Fé e Saber**. São Paulo: Editora UNESP, 2013

_____. **Religion in the Public Sphere**. European Journal of Philosophy, 14, 2006, pp.1-25.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2007.

HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOOVER, Stewart. **Mídia e religião: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático**. Comunicação & Sociedade: São Bernardo do Campo, v. 35, n. 2, p. 41-68, jan./jun. 2014.

HOOVER, Stewart. Mídia e Religião: Premissas e implicações para os campos acadêmicos e midiáticos. In: BELLOTTI, Karina K.; CUNHA, Magali N. (orgs.). **Mídia, Religião e Cultura: Percepções e tendências em perspectiva global**. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

HUNTINGTON, Samuel P. **Choque de Civilizações**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

KARHAWI, Issaaf. **Na tela da TV e do Computador: As celebridades youtubers**. In: SAAD, Elizabeth; SILVEIRA, Stefanie C. Tendências em Comunicação Digital. São Paulo: ECA/USP, 2017.

KAYSEL, A. **Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras**. In: CRUZ, S., KAYSEL, A. e CODAS, G. (orgs.). Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2015, n.p.

KEHL, Maria Rita. Elogio do medo. In: NOVAES, Adauto. **Ensaios sobre o Medo**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

KGATLA, Mookgo Solomon. **The influence of Azusa Street Revival in the early developments of the Apostolic Faith Mission of South Africa**. In: Missionalia (Online) v.44, n.3, Pretoria, 2016, n.p.

KINZO, M.D.G. – **Burke: a continuidade contra a ruptura**. In: WEFFORT, F. (org.) – Os clássicos da política. Editora Ática: São Paulo, 1991.

KIRK, Russel. **A Política da Prudência**. São Paulo: É realizações, 2014.

KLEIN, A. **Imagens de Culto e Imagens da Mídia**. Porto Alegre, Sulina, 2007.

KRAUTHAMER, Charles. **The Reagan Doctrine**. 1985. Fonte: TIME. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,964873,00.html>>. Acesso em 21/03/2011.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e Estratégia Socialista: Por uma política democrática radical**. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPQ, 2015.

LACLAU, Ernesto. **La Razón Populista**. 2ª ed. México: FCE, 2006.

LAMOUNIER, Bolívar. **Formação de um pensamento autoritário na primeira república**. In: FAUSTO, B. (org.) História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III. Rio de Janeiro: Bertrand, 1977.

LANZA, Fábio. **O Regime Militar no discurso-memória da Igreja Católica na região metropolitana de São Paulo (1964-1985)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de História, Direito e Serviço Social. UNESP, Franca, 2001.

LAZZARI, Eduardo Alves. **Explicações assimétricas para a desconfiança em partidos políticos no Brasil**. Opinião Publica, Campinas, v. 23, n. 2, Aug., 2017, p. 334-360.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. **"Trabalho", "mudança de vida" e "prosperidade" entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus**. In: Religião e sociedade, v.27, n.1, Rio de Janeiro, Julho de 2007, n. 1, pp. 132-155.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. **Trabalho”, “mudança de vida” e “prosperidade” entre fiéis da igreja Universal do Reino de Deus**. Revista de Religião e Sociologia. v.27, nº1, Rio de Janeiro, Julho 2007, pp. 132-155.

LIMONGI, Maria Isabel. A racionalização do medo na política. In: NOVAES, Adauto. **Ensaio sobre o Medo**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

LOFFREDO, Ana Maria. **Parábolas freudianas: as narcísicas feridas e o arqueólogo**. Jornal de Psicanálise v.39 n.70, São Paulo, jun., 2006, pp. 289-308.

LÖWY, Michael. **A teologia da Libertação acabou?** Teoria e Debate, a.9, n. 31, São Paulo, abr.jul., 1996.

LÖWY, Michael. **Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil**. Serviço Social & Sociedade, nº 124, São Paulo, Dez 2015, pp. 652-664.

LÖWY, Michael. **Marxismo e Teologia da Libertação**. Trad. M. V. Baptista, São Paulo: Cortez, 1991.

MACEDO, Edir; OLIVEIRA, Carlos. **Plano de poder: Deus, os Cristãos e a Política**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2008.

MACHADO, Maria das Dores C. **Política e Religião: Participação dos evangélicos nas eleições**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MACHADO, Maria das Dores Campos (orgs.). **Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil**. Recife: Massangana, 2006.

MAINWARING, Scoot; MENEGUELLO, Raquel; POWER, Timothy. **Partidos conservadores no Brasil contemporâneo – quais são, o que defendem, quais são suas bases**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MARANHÃO, Eduardo Meinberg A. **“É prá baixar o porrete!” Notas iniciais sobre discursos punitivos / discriminatórios acerca das homossexualidades e transgeneridades**. São Bernardo do Campo: Mandrágora, v.21 n. 21, 2015, pp. 47-84.

MARDONES, José Maria. **Capitalismo y Religión: La religión política neoconservadora**. Santander: Editorial Sal Terrae, 1991.

MARIANO, Ricardo; HOFF, Márcio; DANTAS, Souza de Y. Toty. **Evangélicos sanguessugas, presidenciáveis e candidatos gaúchos: a disputa pelo voto dos religiosos**. Debates do NER, v. 7, n. 10, jul./dez, 2006, pp. 65-78.

MARIANO, Ricardo. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal**. Estudos avançados, 2004, v.18, n.52, pp. 121-138.

_____. **Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010**. Debates do NER, Porto Alegre, n. 24, v. 2, 2013, pp. 119-137.

_____. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. **Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando**. Dissertação de mestrado apresentado ao programa de Sociologia da Universidade de São Paulo, USP, 1995.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **A religião midiaticizada nas fronteiras entre público e privado: uma abordagem teórico crítica**. Rio de Janeiro: Revista Ciberlegenda, n.26, 2012, pp.111-122.

_____. **Mídia, Religião e Sociedade: Das palavras às redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2016.

MEARSHEIMER, John. **Hans Morgenthau and the Iraq War: realism versus neo-conservatism [online]**. London: OpenDemocracy, 2005. Disponível em: http://www.opendemocracy.net/democracy-americanpower/morgenthau_2522.jsp. Acesso em 21/06/2016.

MENDES, Ricardo Antonio Souza. **Marchando com a família, com Deus e pela liberdade: o "13 de Março" das direitas**. Varia história, Belo Horizonte , v. 21, n. 33, 2005, pp. 234-249.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O Celeste Porvir: a Inserção do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2008.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Um panorama do protestantismo Brasileiro atual. In: LANDIM, Leilah (org.). **Sinais dos tempos: diversidade religiosa no Brasil**. Rio de Janeiro. Instituto de Estudo da Religião- ISER. 1990.

MENDONÇA, Daniel de. **A batalha discursiva dos deputados federais em março de 1964**. História (online), vol.29, n.2, 2010, pp.173-205.

MERCADANTE, Paulo. **A consciência conservadora no Brasil**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

MESSEMBERG, Débora. **A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros.** Sociedade e Estado. V.32, n.3, Brasília, Sept./Dec., 2017, pp. 621-647.

MIGUEL, Luís Felipe. **O Mito Político.** In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (Org.) Comunicação Política: Conceitos e Abordagens. Salvador: Edufba, 2004.

MILLS, David. Cold War in a Cold Land: Fighting Communism on the Northern Plains. University of Oklahoma Press, 2015.

MONZÓN, Candido. **La espiral del silencio y la hipótesis del distanciamiento social.** In: Opinión Pública y Comunicación política. Madri: Eudema, 1990.

MORETTO, Marcio; SOLANO, Esther; ORTELLADO, Pablo; ORTUNES, Leandro. **A Agenda política e as “guerras culturais” para evangélicos e católicos.** Análise: Friedrich Ebert Stiftung Brasil. n.41, 2018.

MOUFFE, Chantal. Religião, democracia e cidadania. In.: BURITY, Joanildo; ORLANDI, Eny. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** Campinas: Pontes, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia e a Ciência.** São Paulo: Martin Claret, 2011.

NISBET, Robert. **Conservadurismo.** Madrid: Alianza Editorial, 1986.

NUMBERS, Ronald L. & STENHOUSE, John. **Disseminating darwinism: the role of place, race, religion, and gender.** 2nd ed. New York: Cambridge University Press, 2001.

OLIVEIRA, Renata A; AYRES, Carla S; HANSEN, Jaqueline Resmini; BORBA Julian. **Política e juventude: participação política dos jovens do Sul do Brasil.** Revista Debates, Porto Alegre, v. 10, n. 3, set/dez, 2016, p. 189-222.

ORNELAS, Cesar Vinícius Alves. **A sedução da intolerância: fundamentalismo e fundamentalismos de um século em construção.** São Paulo: Religião e Cultura. 2002.

ORO, Ivo Pedro. **O outro é o demônio: Uma análise sociológica do fundamentalismo.** São Paulo: Paulus, 1996.

ORTUNES, Leandro; CHICARINO, Tatiane.; MARTINHO, Silvana. **Eleições e Religião: o pensamento conservador e o discurso do medo no período pré-eleitoral de 2014.** Trabalho apresentada no VI congresso ALICE, Bogotá, 2017.

ORTUNES, Leandro; MARTINHO, Silvana; CHAIA, Vera. **Lideranças políticas no Brasil: da Teologia da Libertação ao Neofundamentalismo.** In: Revista Brasileira de Ciência Política, 2019, n.28, pp.195-232.

ORTUNES, Leandro. O Neoconservadorismo no Brasil: Mobilização e representação na mídia. In: BELLOTTI, Karina K.; CUNHA, Magali N. (orgs.). **Mídia, Religião e Cultura: Percepções e tendências em perspectiva global.** Curitiba: Editora Prismas, 2016.

ORTUNES, Leandro. **Pastores Midiáticos: Influenciadores digitais ou apenas pastores?** In: anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, Joinville, 2018, n.p.

_____. **Religião e o discurso político neoconservador nos Estados Unidos.** Revista Espaço acadêmico (UEM). v. 12, n. 141, 2013, pp. 82-89.

PIERUCCI, Antônio F.; MARIANO, Ricardo. **O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor.** In: Novos Estudos Cebrap, 34, p. 92-106, Novembro, 1992.

PIERUCCI, Antônio F. **As Bases da Nova Direita.** In: Novos Estudos. N.19, dezembro, 1987, pp.27-45.

_____. **Ciladas da diferença.** In: Tempo social. vol.2 no.2 São Paulo jul./dez. 1990, pp.8-33.

_____. **De olho na modernidade religiosa.** Tempo social. vol.20 no.2 São Paulo Nov. 2008, pp.9-16.

PIERUCCI, Antônio F.; PRANDI, J. R. **Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994.** *Opinião Pública*, n.3, v.1, p. 20-43, Junho, 1995.

PIERUCCI, Antônio F.; PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil.** São Paulo: Hucitec, 1996.

PIERUCCI, Antônio F.; PRANDI, Reginaldo. **Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994.** In: *Opinião Pública*, Campinas, vol. III, nº 1, Maio, 1995, p.32-63.

PINHEIRO, Letícia. **A Política Externa Independente.** CPDOC FGV, *Disponível em:* http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/A_politica_externa_independente Acesso em 07/10/2015.

PRANDI, Reginaldo; CARNEIRO, João Luiz. **Em Nome do Pai: Justificativas do voto dos deputados federais evangélicos e não evangélicos na abertura do impeachment de Dilma Rousseff.** In: *Revista brasileira de Ciências Sociais*, v.33, n.96, 2017.

PREUSS, Larissa Pothin. **As telere religiões no teleespaço público: O programa Vitória em Cristo e a estratégia de mesclar evangelização e pregação política.** Dissertação de mestrado defendida na Escola de Comunicação e Artes ECA-USP. São Paulo, 2015.

REAGAN, Ronald. **A City Upon A Hill.** In: Reagan 2020 US. Disponível em: http://reagan2020.us/speeches/City_Upon_A_Hill.asp. Acesso em: 03/02/2012.

REAGAN, Ronald. In: Klausner, Manuel. **Inside Ronald Reagan: Interview**, jul, 1975. Disponível em: <http://reason.com/archives/1975/07/01/inside-ronald-reagan>.

RENDERS, Helmut. **O Evangelho Social, uma força determinante entre mulheres da Igreja Metodista Episcopal, Sul, entre 1895 e 1965?** [Resenha]. *Estudos de Religião*, v. 28, n. 1, jan./jun, 2014, pp.221-226.

RIBEIRO, Renato Janine. **Extrema-direita avança com ódio aos direitos humanos, diz filósofo**. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/roldao-arruda/extrema-direita-avanca-com-odio-aos-direitos-humanos-diz-filosofo/>. Acesso em: 16/04/2016.

ROCHAMONTE, Catarina. **Como a cultura progressista está destruindo as legítimas aspirações das mulheres**. Disponível em: <https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2883>. Acesso em 15/06/2019.

RUDIGER, Francisco. **As teorias da comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SANCHES, Nilton Antônio . **O significado do voto: um estudo do comportamento eleitoral nas eleições municipais de 1996**. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC-SP, 1999.

SANTOMAURO, F. **A USIA no Brasil de 1953 a 1964**. In: A atuação política da Agência de Informação dos Estados Unidos no Brasil (1953-1964). São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

SARTORI, Giovanni. **Homo Videns: Televisão e pós-pensamento**. Bauru: Edusc, 2001.

SCHMIDT, Saraí Patricia. **Ter atitude: Escolhas de uma juventude líquida**. Tese de doutoramento apresentada ao programa pós-graduação em educação da UFRGS. Porto Alegre, 2006.

SIEPIERSKI, Paulo D. **Pós-pentecostalismo e a política no Brasil**. Estudos Teológicos, v.37, n.1, p.47-61, 1997.

SILVA, Antonio Ozaí da. **O Pensamento Conservador**. Revista Espaço acadêmica, n.107, abril de 2010, pp.53-55.

SILVA, Carlos Eduardo Lins. **Do alto da Colina: Religião e política na história dos Estados Unidos**. In: SILVA; DUPAS (org.). **Uma Nação com Alma de Igreja**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

SILVA, Elizete da Silva. **Os batistas e o governo militar: Deus salve a pátria**. In.: MNEMOSINE – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFCG. O Protestantismo e o Regime Militar no Brasil: perspectiva. V. 5, 2014, n.p.

SINGER, André. **Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro**. São Paulo: EdUsp, 1994.

SOARES, Romildo Ribeiro. **Como tomar posse da Bênção**. São Paulo: Graça Editorial, 1997.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. **O conservadorismo moderno: esboço para uma aproximação**. Serviço Social [online], 2015, n.122, pp.199-223.

SOUZA, Jamerson Murilo. Anunciação. **Edmund Burke e a gênese conservadorismo**. Serviço Social & Sociedade, nº126, São Paulo, Abr./Jun., 2016, pp. 360-377.

SOUZA, Regina Magalhães. **Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz.** Revista. Brasileira Adolescência e Conflitualidade, n.1, 2009, 1-28.

SOUZA, Silas de. **Presbiterianismo no Brasil.** In: SILVA, Elizete, SANTOS, Lyndon de Araújo, ALMEIDA, Vasni de (orgs.). “Fiel é a palavra”: leituras históricas dos evangélicos protestantes. Feira de Santana: UEFS, 2011.

STEINFELS, Peter. **The Neoconservatives: The Origins of a Movement: With a New Foreword, From Dissent to Political Power.** New York: Simon & Schuster, 2013.

STOLOW, Jeremy; BOUTROS, Alexandra. **Visible/Invisible: Religion, Media, and the Public Sphere.** Canadian Journal of Communication, v. 40, 2015.

STOLOW, Jeremy. **Religião e Mídia: notas sobre pesquisas e direções futuras para um estudo interdisciplinar.** Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, pp. 146-160, 2014.

TEIXEIRA, Faustino. O Fundamentalismo em tempos de pluralismo religioso. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias (Orgs.). **O Futuro da Religião na Sociedade Global.** São Paulo: Paulinas, 2008.

TELLES, Helcimara. **A Direita Vai às Ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protesto antigoverno.** Ponto e Vírgula - PUC SP – n.19, Primeiro Semestre de 2016, p. 97-125.

TERRA, Carolina Frazon. **Como identificar o usuário-mídia, o formador de opinião online no ambiente das mídias sociais.** In: Revista Internacional de Relaciones Públicas, nº 4, V. II, 2012, pp. 73-96.

THOMPSON, J. B. 1998 **A mídia e a modernidade – Uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Vozes, 1998.

TURNER, John G. **Bill Bright & Campus Crusade for Christ: the renewal of evangelicalism in Postwar America.** North Carolina: The University of North Carolina Press, 2008, p. 8-9.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. **Fundamentalismos: Matrizes, Presença e Inquietações** Temas do Ensino Religioso. São Paulo: Paulinas, 2008.

VISCONTI, Harumi. **Pode Tudo: Discurso de Ódio e Anti-petismo.** Documentário 38 minutos.

VITAL DA CUNHA, Christina; LOPES, Paulo Victor Leite. **Religião e política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil.** Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll/ISER, 2012.

VITAL DA CUNHA, Christina da Cunha; LOPES, Paulo Victor Leite; LUI, Janayna. **Religião e Política: medos sociais, extremismo religioso e as eleições 2014.** Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll: Instituto de Estudos da Religião, 2017.

WATCHTOWER BIBLE AND TRACT SOCIETY OF NEW YORK, INC. **Poderá Viver Para Sempre no Paraíso na Terra.** Cesário Lange: Sociedade Torre de Vigias, 1983.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. A Política como Vocação. In: **Ensaio de Sociologia.** Rio de Janeiro: LTC, 2010.

_____. A psicologia Social das Religiões Mundiais. In: **Ensaio de Sociologia.** Rio de Janeiro: LTC, 2010.

_____. **Metodologia das Ciências Sociais, parte 2. 3.** ed. São Paulo: Cortez; Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

WOLF, Mario. **Teoria das Comunicações. Mass media: contextos e paradigmas.** Novas tendências Efeitos a longo prazo O newsmaking. 5ª edição. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

ZABATIERO, Júlio Paulo T. **Hermenêutica fundamentalista: uma estética do interpretar.** In: Estudos de Religião, Ano XXII, n. 35, jul/dez, 2008, pp. 14-27.